



ESTATÍSTICAS  
AGRÍCOLAS  
2022





# FICHA TÉCNICA

## TÍTULO |

Estatísticas Agrícolas - 2022

## EDITOR |

Instituto Nacional de Estatística, I. P.

Av. António José de Almeida

1000-043 Lisboa

Portugal

Telefone: 21 842 61 00 | Fax: 21 845 40 84

## PRESIDENTE DO CONSELHO DIRETIVO |

Francisco Lima

## DESIGN E COMPOSIÇÃO |

Instituto Nacional de Estatística, I. P.

## Publicação periódica|

Anual

Agricultura, floresta e pescas | Agricultura, floresta e pescas

## Edição digital |

ISSN 0079-4139

ISBN 978-989-25-0647-0

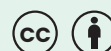


 Apoio | ao utilizador

**218 440 695**

O INE, I.P. na Internet

[www.ine.pt](http://www.ine.pt)



# INTRODUÇÃO

O Instituto Nacional de Estatística (INE) apresenta a edição de 2022 das “Estatísticas Agrícolas”, um retrato atual e abrangente da agricultura nacional, reportando-se a informação ao último período temporal disponível. A publicação está organizada em 12 capítulos, constando no final de cada um, sempre que disponível, os links para os respetivos indicadores do portal.

O INE tem vindo a desenvolver esforços no sentido da apropriação de dados administrativos para a produção de estatísticas oficiais, com o objetivo de reduzir os custos e a carga sobre os respondentes.

O INE agradece a todos os que contribuíram para a elaboração desta publicação, em especial aos agricultores, associações de produtores e às empresas que responderam aos inquéritos, bem como ao Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral do Ministério da Agricultura e da Alimentação (GPP), à Direção Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV), ao Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), ao Instituto da Vinha e do Vinho (IVV), à Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), às Direções Regionais de Agricultura e Pescas (DRAP), ao Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA), à Direção Regional de Estatística da Madeira (DREM) e a todas as outras entidades que facultaram informação em tempo oportuno.

Acreditando que a crítica construtiva serve de estímulo para o aperfeiçoamento e a melhoria da qualidade da informação estatística, o INE agradece todas as sugestões formuladas pelos utilizadores que possam contribuir para a valorização da informação sobre o setor agrícola.

julho de 2023

## INTRODUCTION

Statistics Portugal presents the 2022 compendium of “Agriculture Statistics” edition, reporting the information to the last available reference period and a wide scope of data concerning national agriculture activity. The publication is organized into 12 chapters, with links to the Statistics Portugal web portal indicators at the end of each one, whenever available.

Statistics Portugal has been developing efforts towards the use of administrative data to produce official statistics, to reduce the costs and the burden on respondents.

Statistics Portugal would like to thank all entities that have contributed to this publication and acknowledge particularly the survey respondents, as well as the following entities: Office of Planning, Policies and General Administration of Ministry of Agriculture and food, Institute for Nature Conservation and Forestry, General Directorate of Food and Veterinary, Wine and Vineyard Institute, General Directorate of Agriculture and Rural Development, Regional Directorates of Agriculture and Fisheries, Azores Regional Statistical Service, Madeira Regional Statistical Directorate, and to all the other entities that supplied information on time.

Believing that constructive criticism serves as a stimulus for improving the quality of statistical information, Statistics Portugal welcomes all comments and suggestions from users, which will play a role in improving future information for the agricultural sector.

July 2023

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO/INTRODUCTION	3
SUMÁRIO EXECUTIVO/EXECUTIVE SUMMARY	5
SINAIS CONVENCIONAIS/SIGLAS	17
1 - PRODUÇÃO VEGETAL	19
2 - PRODUÇÃO ANIMAL	42
3 - PRODUÇÃO FLORESTAL	53
4 - AGRICULTURA E AMBIENTE	71
5 - INDÚSTRIAS ALIMENTARES DAS BEBIDAS E DO TABACO	89
6 - COMÉRCIO INTERNACIONAL: PRODUTOS AGRÍCOLAS E AGROALIMENTARES E PRODUTOS FLORESTAIS	95
7 - BALANÇOS DE APROVISIONAMENTO	114
8 - BALANÇA ALIMENTAR PORTUGUESA	125
9 - PREÇOS E ÍNDICES DE PREÇOS NA AGRICULTURA	131
10 - CONTAS ECONÓMICAS DA AGRICULTURA	135
11 - CONTAS ECONÓMICAS DA SILVICULTURA	138
12 - META-INFORMAÇÃO ESTATÍSTICA	141





# SUMÁRIO EXECUTIVO

## PRODUÇÃO VEGETAL - ANO AGRÍCOLA 2021/2022

O ano agrícola 2021/2022 em Portugal continental caracterizou-se em termos meteorológicos como extremamente quente (o mais quente desde 1931/32) e muito seco. A seca meteorológica de 2022 foi das mais severas desde que existem registos sistemáticos, com praticamente todo o território continental em seca severa e extrema nos meses de fevereiro, maio, junho, julho e agosto.

A campanha de cereais de inverno de 2022 foi a pior de sempre, tendo sido inclusivamente inferior à produção da campanha de 2012, coincidindo as piores campanhas cerealíferas com as secas mais graves.

Nas culturas de primavera, a subida da cotação internacional do milho não teve impacto na área semeada (+0,2%, face a 2021), eventualmente devido ao significativo aumento dos preços dos meios de produção, sobretudo dos fertilizantes, energia e combustíveis. A produção de arroz foi 155,6 mil toneladas, o que corresponde a uma diminuição de 11,6%, face à campanha anterior. Também a produção de tomate decresceu 19,7%, relativamente à campanha anterior, quer devido à redução de área, quer às elevadas temperaturas estivais (que afetaram a floração e causaram muitas ocorrências de escaldão nos frutos em crescimento) e à precipitação no final da campanha, que originou podridões e atrasos nas maturações e colheitas.

A produção de maçã decresceu 20,9% relativamente ao ano passado que, recorde-se, foi a segunda colheita mais produtiva dos últimos 35 anos. A colheita da pera concluiu-se com quebras de produção de 41,3%, relativamente à campanha anterior, devido às condições meteorológicas adversas e à estenfiliose.

Na Cova da Beira, a queda de cerejas foi inferior ao esperado e a colheita decorreu em boas condições, o que contribuiu para uma produção ligeiramente superior à alcançada na campanha passada (+3,1%), sendo a mais produtiva de sempre.

Na laranja, o aumento de produção, quer nas variedades temporãs, quer nas tardias, contribuiu para a melhor campanha de sempre, 4,0% acima da produção registada em 2021.

A entrada em produção dos novos amendoais do Alentejo foi suficiente para compensar a diminuição de produção registada em Trás-os-Montes, essencialmente devido à situação de seca e às geadas tardias. A produção global aumentou 11,5% face à campanha anterior, sendo a mais produtiva dos últimos 30 anos.

A precipitação da segunda quinzena de outubro foi tardia para a maioria dos souts, que se encontravam no início da queda de frutos, não evitando um decréscimo de produção de castanha de 39,9%, face à campanha passada, tendo sido mesmo a campanha com menor produtividade dos últimos 37 anos.

O calor extremo de julho e de agosto conduziu a situações muito frequentes de escaldão na vinha e dessecação dos cachos, bem como à paragem de desenvolvimento dos bagos, situação desbloqueada pelas chuvas de setembro. A produção foi inferior em 7,3% à da vindima de 2021.

A produção de azeite foi 1,378 milhões de hectolitros (cerca de 126 mil toneladas), o que correspondeu a uma diminuição de 39,8% face à campanha de 2021. De notar que, mesmo num ano tão adverso e exigente para a produção de azeite como foi 2022, foi alcançada a quarta maior produção de sempre, apenas abaixo das campanhas de 2021, 2019 e 2017.

## PRODUÇÃO ANIMAL - 2022

A produção total de carne situou-se nas 914 mil toneladas, refletindo praticamente uma manutenção (+0,3%) face a 2021.

A produção de carne de reses (490 mil toneladas, incluindo a carne de bovinos, suínos, ovinos, caprinos e equídeos) teve uma descida de 1,6%. A produção de carne de animais de capoeira (inclui galináceos, perus e patos) cresceu 2,9%, tendo atingido as 410 mil toneladas.

As produções de carne de bovino (104 mil toneladas) e caprino (1,3 mil toneladas) mostraram aumentos face a 2021, de 0,8% e 4,9%, respetivamente.

Pelo contrário, as produções de carne de suíno (370 mil toneladas) e de ovino (14,8 mil toneladas) registaram decréscimos de 2,0% e 7,1%, respetivamente.

A produção de carne de frango (329 mil toneladas) cresceu 5,2%, enquanto os segmentos da carne de peru (51,2 mil toneladas) e de pato (10,3 mil toneladas) tiveram reduções de 6,9% e 1,2%, respetivamente, em relação a 2021.

A produção bruta de ovos de galinha totalizou 150 mil toneladas, um aumento de 5,5%, com o volume de ovos para consumo (129 mil toneladas) a crescer 5,9% e o de ovos para incubação (21,0 mil toneladas) a aumentar 3,1%, face a 2021.

A produção total de leite contabilizou 1 969 milhões de litros, correspondente a menos 3,3% relativamente a 2021, com o volume de leite de vaca (1 871 milhões de litros) a diminuir 3,4% e os leites de ovelha e cabra também com decréscimos de 2,4% e 2,7%, respetivamente.

A produção da indústria de lacticínios nacional em 2022 resultou num menor volume total de produtos lácteos, evolução que ficou a dever-se ao decréscimo ocorrido tanto nos produtos frescos (leite para consumo inferior em 1,8%), como nos produtos transformados (manteiga e leite em pó diminuíram 12,7% e 23,3%, respetivamente).

### 3 PRODUÇÃO FLORESTAL

Em Portugal, deflagraram 10 439 incêndios rurais em 2022, mais 26,8% de ocorrências face a 2021. O número de ignições, ainda que superior aos dois últimos anos e à média do último quinquénio, foi cerca de metade do número médio de incêndios registados nos últimos 20 anos.

A superfície ardida em Portugal em 2022 foi 110,1 mil hectares no Continente e 0,09 mil hectares na R.A.M (28,4 mil hectares e 0,07 mil hectares em 2021, respetivamente), o que posiciona 2022 como o quarto ano mais severo da última década (2013-2022), com quase o dobro da área média ardida no último quinquénio (58,8 mil hectares).

Em Portugal Continental, no ano 2022, a área de caça distribuiu-se por 6 997 mil hectares em 5 248 zonas de caça, mais 103 espaços distribuídos por mais 18,1 mil hectares que em 2021.

As 115 726 licenças de caça emitidas na época venatória 2021/2022 (111 926 em 2020/2021), traduzem um acréscimo de 3,4%, gerando uma receita de 5,7 milhões de euros, superior em 3,8% à de 2020/2021.

### 4 AGRICULTURA E AMBIENTE

Em 2021, foram vendidas 9,6 mil toneladas de produtos fitofarmacêuticos, o que reflete uma redução de 1,3% face a 2020. Para este decréscimo contribuiu a diminuição das vendas de enxofre (- 11,2%), principal substância ativa comercializada em Portugal (35,7% do total). A ocorrência de valores de precipitação acumulada entre março e julho de 2021 (período em que se realizam a maioria das aplicações de pó de enxofre), significativamente inferiores ao registado no período homólogo de 2020 (165mm, que compara com 253mm em 2020), limitaram a proliferação de fungos e consequentemente a aplicação deste fungicida.

O consumo aparente de fertilizantes decresceu 37,2% em 2022. Para este decréscimo terá contribuído o aumento dos preços dos fertilizantes e corretivos, cujo respetivo índice de preços quase duplicou face a 2021 (+89,9%).

Em 2022, o balanço bruto do azoto no solo foi 122 mil toneladas (143 mil toneladas de azoto em 2021), resultado de um decréscimo da incorporação de azoto no solo (-40 mil toneladas de azoto), mais acentuado do que a diminuição do azoto removido pelas culturas (-19,1 mil toneladas). A redução da incorporação de azoto no solo deveu-se sobretudo a uma menor aplicação de fertilizantes inorgânicos (-35,5 mil toneladas). A diminuição da remoção deste macronutriente pelas culturas foi consequência de decréscimos da produção que resultaram da seca, das condições atmosféricas desfavoráveis e do aumento dos preços dos meios de produção.



O balanço do fósforo aumentou 24,7% em 2022, o que se traduziu num excesso de 9,5 mil toneladas (7,7 mil toneladas em 2021). Para este aumento contribuiu a forte diminuição da remoção deste nutriente no solo (-20,0%, correspondente a uma redução de 8,0 mil toneladas de fósforo), mais acentuada do que a diminuição da incorporação no solo (-12,8%, equivalente a -6,2 mil toneladas de fósforo).

Em 2021, a atividade agrícola foi responsável por 52,5 Gg de emissões de amoníaco, equivalente a 13,2 kg de emissões de NH<sub>3</sub> por hectare de superfície agrícola utilizada (13,3 kg de emissões de NH<sub>3</sub> por hectare em 2020). Relativamente a 2020, as emissões de amoníaco por hectare de superfície agrícola diminuíram 0,7%.

A atividade agrícola, no ano de 2021, foi responsável por 7,3 milhões de toneladas de emissões de GEE (eq. CO<sub>2</sub>), o que corresponde a 1,8 toneladas de emissões de GEE (eq. CO<sub>2</sub>) por hectare de superfície agrícola utilizada (redução de 0,5% face a 2020).

O consumo direto de energia da atividade agrícola atingiu 17,6 milhões de GJ em 2021, o que traduz um crescimento de 3,0% relativamente a 2020.

## INDÚSTRIA ALIMENTAR, DAS BEBIDAS E DO TABACO – 2022

As Indústrias Alimentares mantiveram-se como a principal atividade da produção industrial nacional com 14,5% do total das vendas em 2022 (14,3% em 2021).

Em 2022, 77,7% do valor das vendas das indústrias alimentares teve como destino o mercado nacional (-0,7 p.p. face a 2021) e 16,6% a União Europeia (+0,5 p.p. face a 2021).

O valor das vendas das Indústrias Alimentares em 2022 fixou-se em 15,2 mil milhões de euros, mais 2,9 mil milhões de euros face a 2021.

A atividade de “abate de animais, preparação e conservação de carne e de produtos à base de carne” foi a mais valorizada das Indústrias Alimentares com 19,3% do total do valor de vendas (20,6% em 2021).

A Indústria das Bebidas faturou 3,5 mil milhões de euros em 2022, mais 385 milhões de euros que em 2021, tendo a “indústria do vinho” contribuído com 51,8% do total do valor das vendas (56,2% em 2021).

As vendas da Indústria do tabaco ascenderam a 700,1 milhões de euros, menos 16 milhões de euros face a 2021.







## COMÉRCIO INTERNACIONAL - 2022

O défice da balança comercial dos “Produtos agrícolas e agroalimentares” (exceto bebidas) atingiu 5 222,8 milhões de euros em 2022, um agravamento de 1 374,5 milhões de euros face ao ano anterior.

Os “Cereais” foram o grupo que mais contribuiu para esta evolução, atingindo o maior défice (-1 276,1 milhões de euros) no conjunto dos “Produtos agrícolas e agroalimentares” (exceto bebidas), refletindo um agravamento de 429,6 milhões de euros face a 2021.

O saldo da balança comercial das “Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres” diminuiu 64,4 milhões de euros face a 2021, registando um excedente de 712,7 milhões de euros em 2022.

O saldo da balança comercial dos “Produtos do setor florestal” alcançou 3 293,8 milhões de euros em 2022, aumentando 558,2 milhões de euros comparativamente ao ano anterior.



## BALANÇOS DE APROVISIONAMENTO

Em 2022 o mercado interno contribuiu com 78,2% da quantidade de carne necessária para satisfazer as necessidades nacionais de consumo (81,0% em 2021). A carne de animais de capoeira foi a mais consumida (45,2 kg/habitante, que compara com 43,1 kg/habitante em 2021), seguida da carne de suíno (42,5 kg/habitante versus 41,8 kg/habitante em 2021).

O grau de autoaprovisionamento para o conjunto dos produtos lácteos (leite e derivados) em 2022 foi 93,0%, que compara com 95,9% em 2021. O leite para consumo público manteve-se excedentário (111,4%), mas alguns produtos lácteos continuaram deficitários, caso dos leites acidificados (56,1%), das bebidas à base de leite (80,0%) e do queijo (62,6%).

Na campanha 2021/2022, o grau de autoaprovisionamento dos cereais (exceto arroz) foi 20,1% (+0,9 p.p. face à campanha anterior), tendo-se registado um acréscimo na produção de grão (+3,4%) e um decréscimo nas importações (-1,5%), relativamente a 2020/2021.

A quantidade total de frutos disponível para consumo humano em 2021/2022 aumentou 2,6%, equivalendo a um consumo *per capita* de 151,2 kg de frutos por habitante (148,1 kg na campanha 2020/2021). O grau de autoaprovisionamento fixou-se em 82,8%, ou seja 17,2 p.p. abaixo da autossuficiência, mas o mais elevado no período em análise (2018/2019-2021/2022).

Em 2021, a produção nacional de azeite atingiu um máximo de 188 mil toneladas, e cresceu 75,7% em relação a 2020. Na sequência deste aumento, o azeite apresentou um grau de autoaprovisionamento de 264,8%, 164,8 p.p. acima da autossuficiência, sendo o valor mais elevado de toda a série disponível.

Na campanha 2021/2022, o grau de autoaprovisionamento do vinho fixou-se em 113,0% (114,9% em 2020/2021). Face à campanha anterior houve um acréscimo significativo da produção (+14,7%), tendo o consumo humano aumentado 14,3%, principalmente nos vinhos DOP e IGP.

## BALANÇA ALIMENTAR

O aporte calórico médio diário por habitante no período 2016-2020 foi de 4 075 kcal, duas vezes o valor recomendado para um adulto com um peso médio saudável.

O índice de adesão à dieta mediterrânica melhorou em 2020, registando um nível idêntico ao obtido em 2012 em plena crise económica (1,157).

## ESTATÍSTICAS DE PREÇOS AGRÍCOLAS - 2022

O índice de preços de produção dos bens agrícolas aumentou 20,5%. Este crescimento deveu-se às evoluções de +14,9% no índice de preços da produção vegetal e de +29,6% no índice de preços da produção animal.

O índice de preços dos bens e serviços de consumo corrente na agricultura registou uma variação de +30,0% e o índice de preços dos bens e serviços de investimento da atividade agrícola uma evolução de +10,7%.

## CONTAS ECONÓMICAS DA AGRICULTURA - 2022

Em 2022, o Rendimento da atividade agrícola, em termos reais, por unidade de trabalho ano (UTA), registou um acentuado decréscimo (-11,7%), em consequência da redução nominal do Valor Acrescentado Bruto (VAB) (-8,7%) e de um acréscimo dos Outros subsídios à produção (+3,8%).

A redução do VAB, em termos nominais, resultou de um aumento do Consumo Intermédio muito superior ao aumento da Produção do ramo agrícola (+23,7% e +11,7%, respetivamente). Em termos reais, observou-se um decréscimo menos acentuado do VAB (-5,8%), refletindo as reduções em volume da Produção (-5,6%) e do Consumo Intermédio (-5,5%).

## CONTAS ECONÓMICAS DA SILVICULTURA - 2021

Em 2021, o Valor Acrescentado Bruto (VAB) da silvicultura diminuiu 1,8% em volume e aumentou 0,7% em valor, interrompendo o decréscimo nominal registado nos dois anos anteriores.

A cortiça (-14,7%) e os serviços silvícolas e de exploração florestal (-2,5%) foram determinantes na evolução negativa da produção em termos reais (-0,7%). O aumento nominal da produção (+1,6%) refletiu o acréscimo da produção de madeira (+12,1%), que moderou o efeito dos decréscimos das produções de cortiça (-17,4%) e de serviços silvícolas e de exploração florestal (-1,4%).



# EXECUTIVE SUMMARY

## CROP PRODUCTION - CROP YEAR 2021/2022

Crop year 2021/2022 in mainland Portugal was meteorologically characterized as extremely hot (the hottest since 1931/32) and very dry. The meteorological drought of 2022 was one of the most severe since systematic records exist, with almost the entire territory in severe and extreme drought in the months of February, May, June, July and August.

The 2022 winter cereal campaign was the worst since systematic records exist, having even been lower than in 2012, matching the worst cereal harvests with the most severe droughts.

In spring crops, the rise in the international price of grain maize had no impact on the sown area (+0.2%, compared to 2021), possibly due to the significant increase in the prices of means of production, especially fertilizers, energy and fuel. Rice production was 155.6 thousand tonnes, which corresponds to a decrease of 11.6% compared to the previous campaign. Tomato for processing production also decreased by 19.7% compared to the previous campaign, either due to the reduction in area, or to the high summer temperatures (which affected flowering and caused many occurrences of scald in the growing fruits) and to the precipitation at the end of the campaign, which caused rot and delays in maturation and harvesting.

The decrease in apple production was 20.9% compared to last year (which was the second most productive harvest in the last 35 years). The pear harvest ended with a 41.3% reduction in production compared to the previous campaign, due to adverse weather conditions and brown spot disease.

In Cova da Beira, the cherry drop was lower than expected and the harvest took place in good conditions, which contributed to a production slightly higher than that achieved in the previous campaign (+3.1%), being the most productive ever.

In orange, the increase in production, both in early and late varieties, contributed to the best campaign ever, 4.0% above the production recorded in 2021.

The entry into production of the new almond trees in the Alentejo was sufficient to compensate for the decrease in production registered in Trás-os-Montes, essentially due to the drought and late frosts. Global production increased by 11.5% compared to the previous campaign, being the most productive in the last 30 years.

Rainfall in the second half of October was late for most chestnut groves, which were at the beginning of fruit fall, not preventing a decrease, vis-à-vis the previous campaign, of 39.9% (the lowest productivity of the last 37 years).

The extreme heat of July and August led to very frequent situations of scalding in the vines and drying out of the bunches, as well as to the stoppage of the development of the grapes, a situation unblocked by the September rains. Production was 7.3% lower than the 2021 harvest.

Olive oil production was 1.378 million hectolitres (about 126 thousand tonnes), which corresponds to a decrease of 39.8% compared to the 2021 campaign. It should be noted that, even in a year as adverse and demanding for olive oil production as 2022, the fourth highest production ever was achieved, just below the campaigns of 2021, 2019 and 2017.

## ANIMAL PRODUCTION - 2022

Total meat production was 914 thousand tonnes, reflecting almost a maintenance (+0.3%) when compared with 2021.

Total bovine, pig, sheep, goat and horse meat had a decrease of 1.6%, with total production of 490 thousand tonnes.

Poultry meat (includes chicken, turkeys, and ducks) was higher by 2.9%, reaching 410 thousand tonnes.

Beef meat (104 thousand tonnes) and goat meat (1.3 thousand tonnes) rose by 0.8% and 4.9%, respectively. On the other hand, pig meat (370 thousand tonnes) and sheep meat (14.8 thousand tonnes) production recorded decreases of 2.0% and 7.1%, respectively.

Broiler meat production (329 thousand tonnes) grew by 5.2%, while the turkey meat (51.2 thousand tonnes) and duck meat (10.3 thousand tonnes) segments had reductions of 6.9% and 1.2%, respectively, compared to 2021.

Total chicken egg production totalled 150 thousand tonnes, an increase of 5.5%, with the volume of eggs for consumption (129 thousand tonnes) up by 5.9% and eggs for hatching (21.0 thousand tonnes) increasing by 3.1%, when compared to 2021.

Total milk accounted for 1 969 million liters, corresponding to 3.3% less than in 2021, with the volume of cow's milk (1 871 million liters) decreasing by 3.4% and sheep's and goat's milk also reducing by 2.4% and 2.7%, respectively.

The production of the national dairy industry in 2022 resulted in a lower total volume of dairy products, which was due to the decrease in both fresh products (milk for consumption decreased by 1.8%) and processed products (butter and milk powder decreased by 12.7% and 23.3%, respectively).

# 3

## FOREST PRODUCTION

In Portugal, 10 439 rural fires broke out in 2022, 26.8% more occurrences than in 2021. The number of ignitions, although higher than the last two years and the average of the last five-year period, was about half the average number of fires recorded in the last 20 years.

The area burned in Portugal in 2022 was 110.1 thousand hectares in the mainland and 0.09 thousand hectares in the R.A.M (28.4 thousand hectares and 0.07 thousand hectares in 2021, respectively), which places 2022 as the fourth most severe year of the last decade (2013-2022), with almost double the average area burned in the last five-year period (58.8 thousand hectares).

In mainland Portugal, in 2022, the hunting area was distributed over 6,997 thousand hectares spread in 5,248 hunting areas, 103 more spaces spread over 18.1 thousand hectares more than in 2021.

The 115,726 hunting licenses issued in the 2021/2022 hunting season (111,926 in 2020/2021), means an increase of 3.4%, generating revenue of 5.7 million euros, 3.8% higher than in 2020/2021.

# 4

## AGRICULTURE AND THE ENVIRONMENT

In 2021, 9.6 thousand tons of plant protection products were sold, a reduction of 1.3% vis-à-vis 2020. Sulphur decrease (-11.2%), the main active substance sold in Portugal (35.7% of the total), contributed to this decline. The occurrence of accumulated precipitation values between March and July 2021 (period in which most applications of sulphur powder are made), significantly lower than in the same period of 2020 (165mm, compared to 253mm in 2020), limited the proliferation of fungi and consequently the application of this fungicide.

Apparent consumption of fertilizers decreased by 37.2% in 2022. For this decrease contributed the prices of fertilizers and correctives, whose respective price index almost doubled compared to 2021 (+89.9%).

In 2022, the gross nitrogen balance in soil reached 122 thousand tons (143 thousand tonnes of nitrogen in 2021), resulting from a decrease in soil nitrogen incorporation (-40 thousand tonnes of nitrogen), sharper than the decrease in nitrogen removed by crops (-19.1 thousand tonnes). The reduction in the incorporation of nitrogen in the soil was mainly due to a lower application of inorganic fertilisers (-35.5 thousand tonnes). The decrease in the removal of this macronutrient by crops was a consequence of reductions in production resulting from drought, unfavourable weather conditions and the increase of input prices.

The phosphorus balance increased by 24.7% in 2022, which corresponds to an excess of 9.5 thousand tonnes (7.7 thousand tonnes in 2021). The strong decrease in the removal of this nutrient from the soil was responsible to this increase (-20.0%, corresponding to a reduction of 8.0 thousand tonnes of phosphorus), sharper than the decrease in incorporation into the soil (-12.8%, equivalent to -6.2 thousand tonnes of phosphorus).

In 2021 agricultural activity accounted for 52.5 Gg of ammonia emissions, equivalent to 13.2 kg of NH<sub>3</sub> emissions per hectare of utilised agricultural area (13.3 kg of NH<sub>3</sub> emissions per hectare in 2020). Compared to 2020, ammonia emissions per hectare of agricultural area decreased by 0.7%.

Agricultural activity, in the year 2021, was responsible for 7.3 million tonnes of GHG emissions (eq. CO<sub>2</sub>), which corresponds to 1.8 tonnes of GHG emissions (eq. CO<sub>2</sub>) per hectare of agricultural area used (0.5% reduction compared to 2020).

The direct energy consumption of agricultural activity reached 17.6 million GJ in 2021, which results into a 3.0% growth compared to 2020.

## FOOD, BEVERAGE AND TOBACCO INDUSTRY - 2022

Manufacture of food products remained the main activity of national industrial production with 14.5% of total sales in 2022 (14.3% in 2021).

In 2022, 77.7% of the value of manufacture of food products sales was destined to national market (-0.7 p.p. compared to 2021) and 16.6% to European Union (+0.5 p.p. compared to 2021).

The value of manufacture of food products sales in 2022 reached EUR 15.2 billion, more EUR 2.9 billion compared to 2021.

The “slaughtering of animals, processing and preserving of meat and meat products” activity was the most valued of the Manufacture of food products with 19.3% of total sales value (20.6% in 2021).

The manufacture of beverages accounted around EUR 3.5 billion of sales in 2022, more EUR 385 million than in 2021, while the “manufacture of wines” accounted for 51.8% of total sales (56.2 % in 2021).

Manufacture of tobacco products sales totalled EUR 700.1 million, EUR 16 million lower than in 2021.

## INTERNATIONAL TRADE - 2022

The commercial deficit of agricultural and food products (excluding beverages and fishery products) reached EUR 5,222.8 million in 2022, which represents an increase of EUR 1,374.5 million compared to the previous year.

“Cereals” was the group that most contributed to this evolution, reaching the highest deficit (EUR 1,276.1 million in the set of “Agricultural and food products” (excluding beverages), reflecting a EUR 429.6 million increase compared to 2021.

The trade balance of “Beverages, spirits and vinegars” decreased by EUR 64.4 million, recording a commercial surplus of EUR 712.7 million in 2022.

The trade balance of forest products reached EUR 3.293,8 million in 2022, increasing by EUR 558,2 million compared to the previous year.

## SUPPLY BALANCES

In 2022 the domestic market contributed 78.2% of the amount of meat needed to satisfy national consumption needs (81.0% in 2021). Poultry meat was the most consumed (45.2 kg/inhabitant, compared to 43.1 kg/inhabitant in 2021), followed by pig meat (42.5 kg/inhabitant versus 41.8 kg/inhabitant in 2021).

Self-sufficiency for all dairy products (milk and dairy products) in 2022 was 93.0%, compared to 95.9% in 2021. Milk for public consumption remained in surplus (111.4%), but some dairy products continue in deficit, such as acidified milks (56.1%), milk-based drinks (80.0%) and cheese (62.6%).

In 2021/2022, self-sufficiency of cereals (except rice) was 20.1% (+0.9 p.p. compared to the previous campaign), with an increase in grain production (+3.4%) and a decrease in imports (-1.5%), compared to 2020/2021.

The total amount of fruit available for human consumption in 2021/2022 increased by 2.6%, equivalent to a *per capita* consumption of 151.2 kg of fruit per inhabitant (148.1 kg in the 2020/2021 campaign). The degree of self-sufficiency stood at 82.8%, i.e., 17.2 p.p. below self-sufficiency, but the highest in the period under review (2018/2019-2021/2022).

In 2021, national olive oil production reached a maximum of 188 thousand tonnes, increasing by 75.7% compared to 2020. Following this increase, olive oil presented a self-sufficiency degree of 264.8%, a surplus of 164.8 p.p., being the highest value of the entire available time series.

In the 2021/2022 campaign, wine self-sufficiency stood at 113.0% (114.9% in 2020/2021). Compared to the previous campaign, there was a significant increase in production (+14.7%), with human consumption increasing by 14.3%, mainly in PDO and PGI wines.

## FOOD BALANCE

Average daily caloric intake per inhabitant in the period 2016-2020 was 4,075 kcal, twice the recommended value for an adult with an average healthy weight.

Adherence to the Mediterranean diet improved in 2020, registering a level identical to that obtained in 2012 during the economic crisis (1,157).



## AGRICULTURAL PRICE STATISTICS - 2022

The agricultural goods output price index increased by 20.5%. This growth was due to the growths of 14.9% in the crop output price index and 29.6% in the animal output price index.

The price index of goods and services currently consumed in agriculture increased by 30.0% and the price index of goods and services contributing to agricultural investment grew by 10.7%.

## ECONOMIC ACCOUNTS FOR AGRICULTURE - 2022

In 2022, Income from agricultural activity, in real terms, per annual work unit (AWU), registered a sharp decrease (-11.7%), as a result of the nominal reduction in Gross Value Added (GVA) (-8.7%) and the increase in other production subsidies (+3.8%).

The reduction in GVA, in nominal terms, resulted from an increase in Intermediate Consumption higher than the increase in Output in the agricultural industry (+23.7% and +11.7%, respectively). In real terms, there was a less accentuated decrease in GVA (-5.8%), reflecting the volume reductions in Production (-5.6%) and Intermediate Consumption (-5.5%).

## ECONOMIC ACCOUNTS FOR FORESTRY - 2021

In 2021, the Gross Value Added (GVA) of forestry decreased by 1.8% in volume and increased by 0.7% in value, thus interrupting the nominal decrease recorded in the two previous years.

Cork (-14.7%) and forestry services (-2.5%) were decisive in the negative evolution of production in real terms (-0.7%). The nominal increase in production (+1.6%) reflected the increase in wood production (+12.1%), which moderated the effect of decreases in production of cork (-17.4%) and forestry services (-1.4%).





# SINAIS CONVENCIONAIS, SIGLAS E INFORMAÇÃO AOS UTILIZADORES

## SINAIS CONVENCIONAIS

...	Valor confidencial
x	Valor não disponível
ə	Valor inferior a metade do módulo da unidade utilizada
//	Não aplicável
Pe	Valor preliminar
Po	Valor provisório
Rc	Valor retificado
Rv	Valor revisto

## SIGLAS

AIMMP	Associação das Indústrias de Madeira e Mobiliário em Portugal
BAP	Balança Alimentar Portuguesa
c	Cabeças
CAE	Classificação das Atividades Económicas
CEA	Contas Económicas da Agricultura
CELPA	Associação da Indústria Papeleira
CES	Contas Económicas da Silvicultura
CI	Consumo Intermédio
DGADR	Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural
DGAV	Direção Geral de Alimentação e Veterinária
DRAP	Direções Regionais de Agricultura e Pescas
DOP	Denominação de Origem Protegida
DREM	Direção Regional de Estatística da Madeira
EEB	Encefalopatia Espongiforme Bovina
EM	Estado-Membro
FBCF	Formação Bruta de Capital Fixo
g	Gramas
ICNF	Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas
IFN	Inventário Florestal Nacional

INE	Instituto Nacional de Estatística, I. P.
IGP	Indicação Geográfica Protegida
IRH	Indicador de risco harmonizado
IVA	Imposto Sobre o Valor Acrescentado
IVV	Instituto da Vinha e do Vinho, I. P.
H	Homens
ha	Hectare
hl	Hectolitro
HM	Total de homens e mulheres
kWh	Quilovátios-hora (Kilowatt-hora)
l	Litro
LMR	Limite Máximo de Resíduos
M	Mulheres
n. e.	Não especificado
n.º	Número
NUTS	Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos
COM	Organização Comum do Mercado
p	Peso
PAC	Política Agrícola Comum
pc	Peso carcaça
PDR	Plano de Desenvolvimento Regional
PNDFCI	Plano Nacional de Defesa da Floresta Contra Incêndios
POEC	Plano de Ordenação de Exploração Cinegética
pv	Peso vivo
s.a.	Substância ativa
QREN	Quadro de Referência Estratégico Nacional
SAU	Superfície Agrícola Utilizada
SCIE	Sistema de Contas Integradas das Empresas
SREA	Serviço Regional de Estatística dos Açores
t	Tonelada
UE	União Europeia
unid.	Unidade
UTA	Unidade de Trabalho Ano
VAB	Valor Acrescentado Bruto
VABpm	Valor Acrescentado Bruto a preços de mercado

## NOTAS

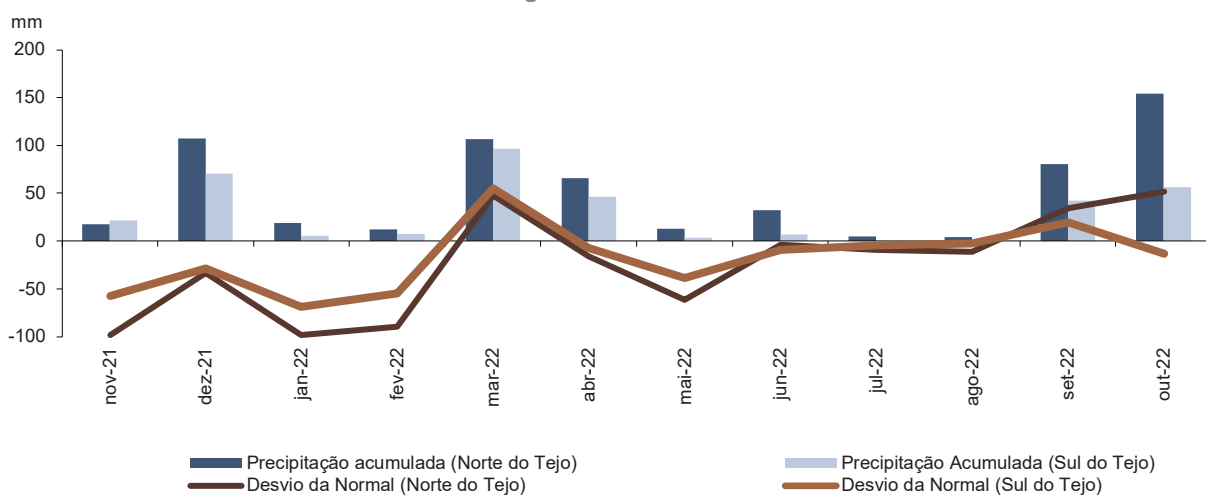
Além destes sinais e siglas, são utilizados os símbolos do sistema métrico decimal.





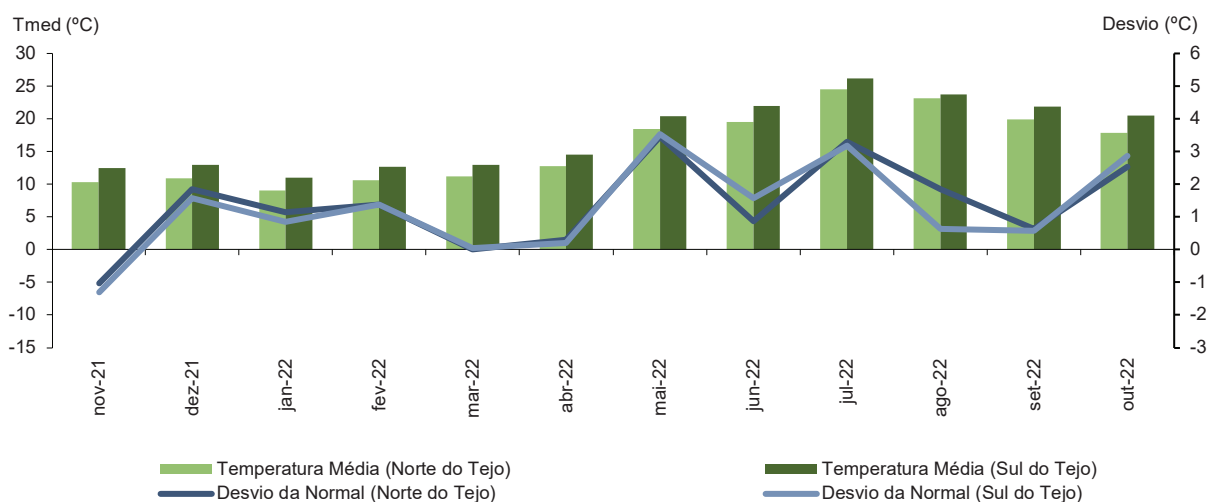
O ano agrícola 2021/2022 em Portugal continental caracterizou-se em termos meteorológicos como extremamente quente, sendo inclusivamente o mais quente desde que há registos sistemáticos (ano agrícola 1931/1932), e muito seco (o terceiro mais seco da série).

FIGURA 1.1  
Precipitação  
(ano agrícola 2021/2022)



FONTE: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I.P.

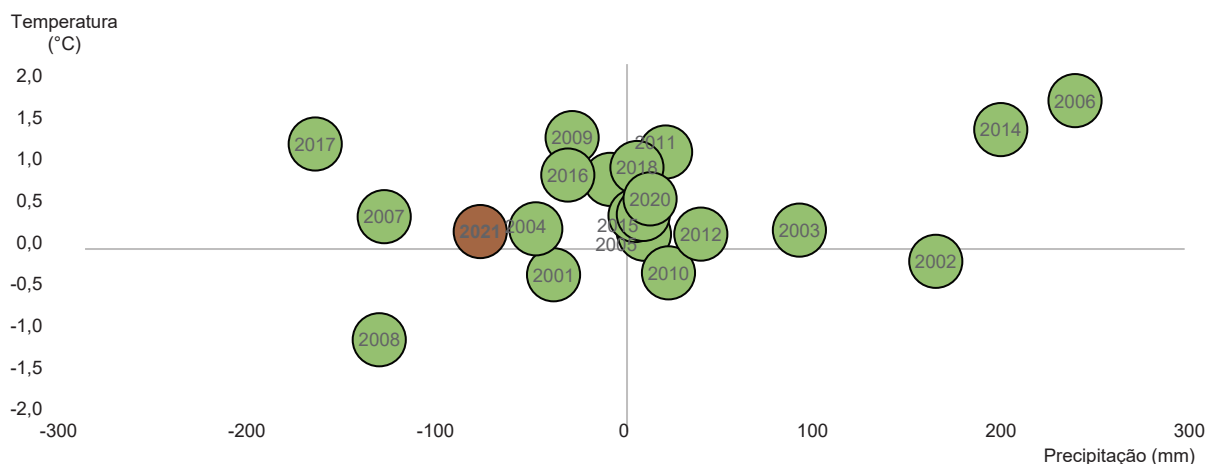
FIGURA 1.2  
Temperatura  
(ano agrícola 2021/2022)



FONTE: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I.P.

O outono de 2021 (setembro, outubro, novembro) classificou-se como normal em relação à temperatura do ar e seco em relação à precipitação. O valor médio da temperatura média do ar, 16,4°C, foi apenas 0,1°C superior à normal. Quanto ao total da quantidade de precipitação ocorrida nos meses de setembro a novembro, 173,4mm, correspondeu a cerca de 69% do valor médio.

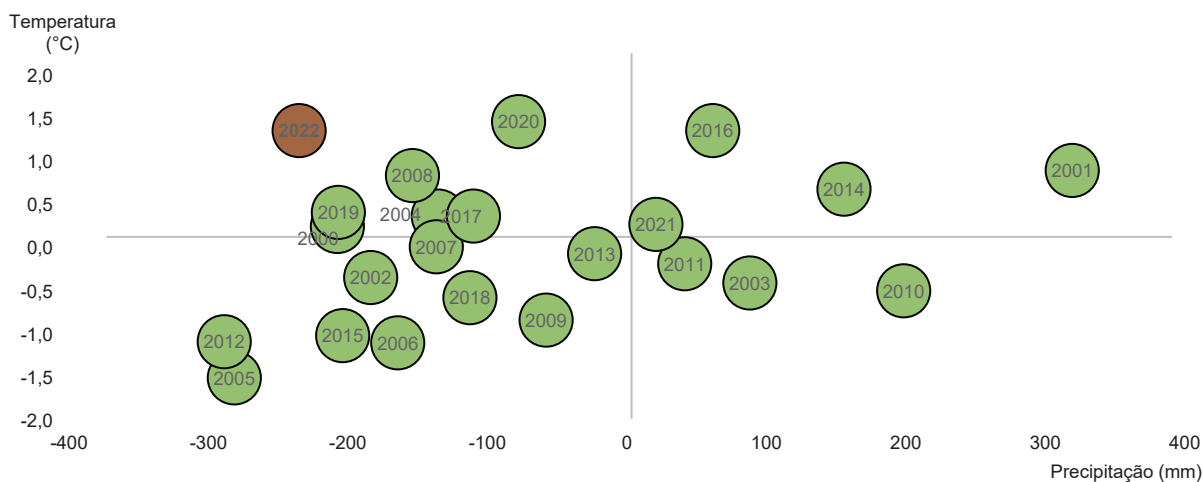
FIGURA 1.3  
Desvios da temperatura média e precipitação nos outonos (setembro, outubro e novembro) de 2000 a 2021, face à normal 1971-2000



FONTE: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I.P. (cálculos INE, IP).

O inverno 2021/22 (dezembro 2021, janeiro e fevereiro 2022) em Portugal continental classificou-se como muito quente e muito seco. O valor da temperatura média do ar, 10,9°C, foi superior à normal com uma anomalia de +1,4°C. O total da quantidade de precipitação ocorrida nos meses de dezembro a fevereiro, 117,6mm, correspondeu apenas a 1/3 do valor médio. Realce para a situação dos meses de janeiro e fevereiro, os segundos mais secos desde 2000, que contribuíram decisivamente para posicionar este inverno como o terceiro mais seco deste século e o quinto desde 1931.

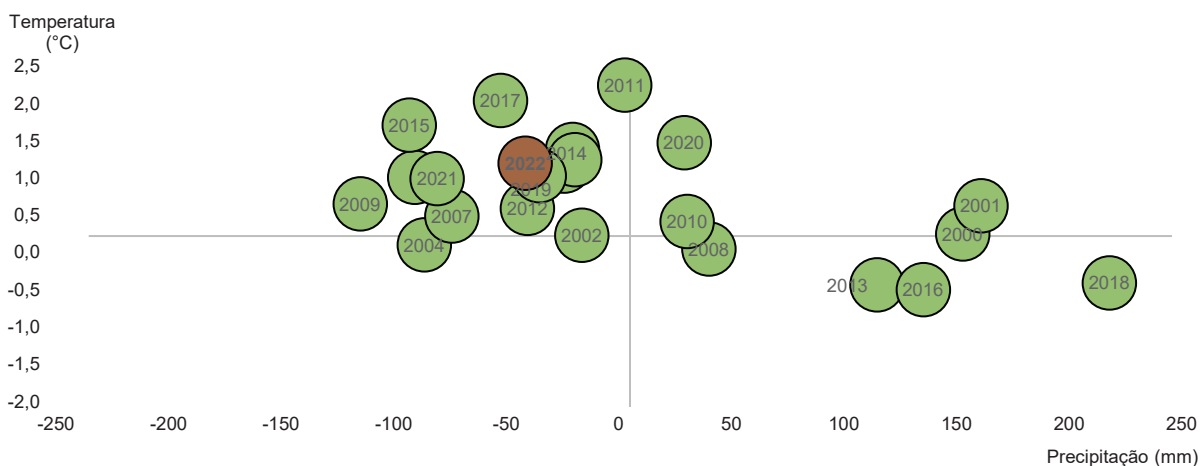
FIGURA 1.4  
Desvios da temperatura média e precipitação nos invernos (dezembro, janeiro e fevereiro) de 2000 a 2022, face à normal 1971-2000



FONTE: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I.P. (cálculos INE, IP).

A primavera de 2022 classificou-se como muito quente e seca. O valor da temperatura média do ar, 14,6°C, foi superior à normal com uma anomalia de + 1,0°C. Quanto ao total da quantidade de precipitação ocorrida nos meses de março a maio, 169,7mm, corresponde a cerca de 80% do valor médio. Destaque para o mês de maio que registou o maior valor de temperatura média e o quarto menor valor de precipitação desde 1931.

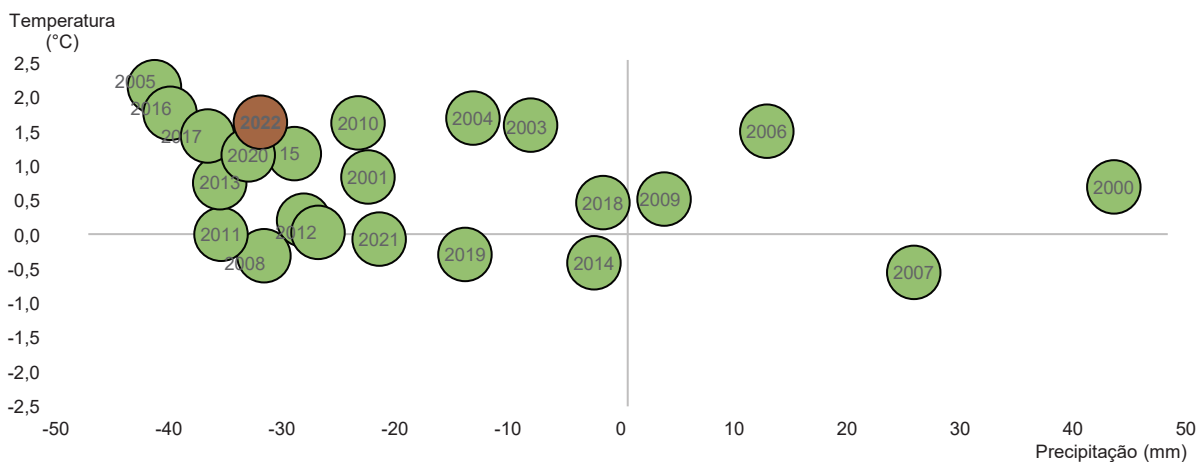
FIGURA 1.5  
Desvios da temperatura média e precipitação nas primaveras (março, abril e maio) de 2000 a 2022, face à normal 1971-2000



FONTE: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I.P. (cálculos INE, IP).

O verão de 2022 classificou-se como extremamente quente em relação à temperatura do ar, sendo o quarto verão desde 2000 a ultrapassar o valor máximo da série 1971-2000. O valor da temperatura média do ar foi de 22,9°C (+1,7°C em relação ao valor normal). A quantidade de precipitação ocorrida nos meses de junho a agosto, 27,8mm, foi inferior ao normal, correspondendo a cerca de 47% do valor médio, o que classifica o verão de 2022 como muito seco.

FIGURA 1.6  
Desvios da temperatura média e precipitação nos verões (junho, julho e agosto) de 2000 a 2022, face à normal 1971-2000

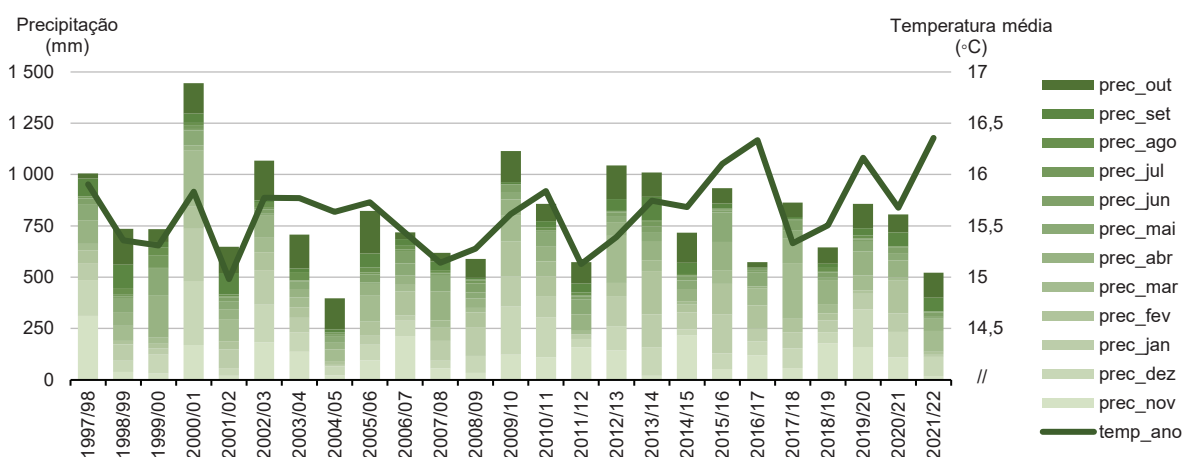


FONTE: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I.P. (cálculos INE, IP).



O ano agrícola 2021/22, que decorreu entre 1 de novembro de 2021 e 31 de outubro de 2022, foi o mais quente desde 1931, com uma temperatura média de 16,4°C (valor semelhante aos ocorridos nos anos agrícolas 1996/97 e 2016/17). Também foi o terceiro menos chuvoso desde 1931, com 521,7mm (correspondente a cerca de 65% da média dos últimos 25 anos), apenas acima dos valores de precipitação dos anos agrícolas 2004/05 (396,5mm) e de 1944/45 (518,1mm). Nota para o facto da precipitação média ocorrida nos meses de setembro e outubro de 2022, classificados como chuvosos (66,5mm e 121,2mm, respetivamente), ter representado 36% da precipitação total do ano agrícola (em média, representa 19%).

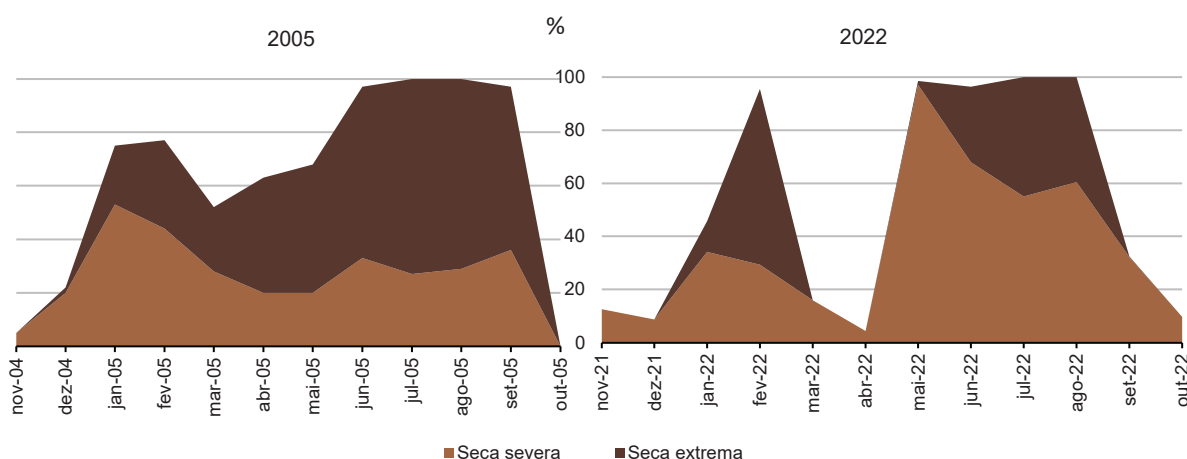
FIGURA 1.7  
Precipitação e temperatura média em Portugal continental nos últimos 25 anos agrícolas (1 de novembro a 31 de outubro)



FONTE: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I. P. (cálculos INE, I. P.)

A seca meteorológica de 2022 foi das mais severas desde que existem registos sistemáticos, com praticamente todo o território continental em seca severa e extrema (as classes de seca mais graves, de acordo com índice meteorológico de seca PDSI<sup>1</sup>) nos meses de fevereiro, maio, junho, julho e agosto. Comparativamente com a seca de 2005, a mais severa até à data, a percentagem de território ocupado com a classe de seca extrema foi inferior.

FIGURA 1.8  
Percentagem do território continental ocupado pelas classes de seca severa e extrema nas secas de 2005 e 2022 (anos hidrológicos)

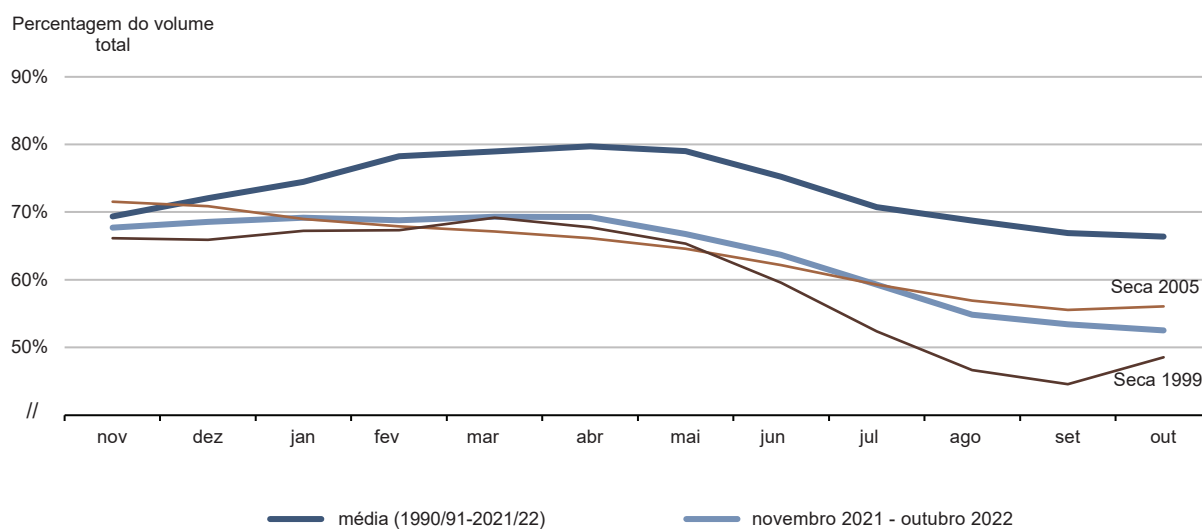


FONTE: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I. P. (cálculos INE, I. P.)

<sup>1</sup> O índice PDSI (Palmer Drought Severity Index) baseia-se no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo e permite detetar a ocorrência de períodos de seca, classificando-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema). Informação constante em Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I. P. (IPMA, I.P.) - Boletim Climático de Portugal Continental, <https://www.ipma.pt/pt/publicacoes/boletins.jsp?cmbDep=cli&cmbTema=pcl&idDep=cli&idTema=pcl&curAno=-1>.

Quanto às reservas hídricas, o volume de água armazenado nas principais albufeiras com aproveitamento hidroagrícola de Portugal continental<sup>2</sup> foi, a partir de novembro, muito inferior à média dos últimos 30 anos, registando níveis de armazenamento próximos da seca de 2005.

FIGURA 1.9  
Armazenamento total nas principais albufeiras com aproveitamento hidroagrícola (ano agrícola)



FONTE: APA/SNIRH - Boletim de Armazenamento nas Albufeiras de Portugal Continental (cálculos INE, I. P.)

<sup>2</sup> Análise feita sobre as albufeiras monitorizadas no âmbito do SNIRH (Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos) cuja utilização inclui o fornecimento de água para rega (mais informações em <https://sir.dgadr.gov.pt/barragens>). Cálculos INE a partir da informação constante do Boletim de Armazenamento nas Albufeiras de Portugal Continental - Situação das Albufeiras, in <https://snirh.apambiente.pt/index.php?idMain=1&idItem=1.3>.

# Prados, pastagens e culturas forrageiras

O desenvolvimento dos prados, pastagens e culturas forrageiras de sequeiro foi heterogéneo, com as regiões do Norte e Centro a registarem valores de precipitação acima do normal nos meses de setembro e outubro o que, associados às temperaturas amenas, permitiu um crescimento significativo de matéria verde, que se manteve durante o outono e início do inverno. Por outro lado, no Ribatejo, Alentejo e Algarve, o outono registou uma precipitação acumulada muito inferior ao normal, com impacto no desenvolvimento vegetativo destas culturas, obrigando à suplementação dos efetivos explorados em regime extensivo com alimentos conservados, sobretudo rações, palhas e fenos, em quantidades e a preços superiores ao verificado em igual período do ano anterior.

No pico de produção primaveril das pastagens e forragens, o agravamento da seca, conjugado com a diminuição/ausência de adubações de cobertura, devido ao extraordinário aumento do preço dos fertilizantes, que mais que duplicou entre março de 2021 e março de 2022 (+128%), afetou de forma determinante o desenvolvimento vegetativo destas culturas, originando uma diminuição na biomassa destinada à alimentação dos efetivos pecuários, sendo estas quebras de produção particularmente acentuadas nos municípios do Norte Alentejano e do interior do Baixo Alentejo. Com a maioria das pastagens secas e sem qualquer valor nutricional, os efetivos animais produzidos em regimes extensivos foram alimentados com fenos e silagens, o que reduziu o nível de aprovisionamento destes alimentos (nesta campanha com produção inferior ao habitual) e causou maiores constrangimentos nas explorações agropecuárias.

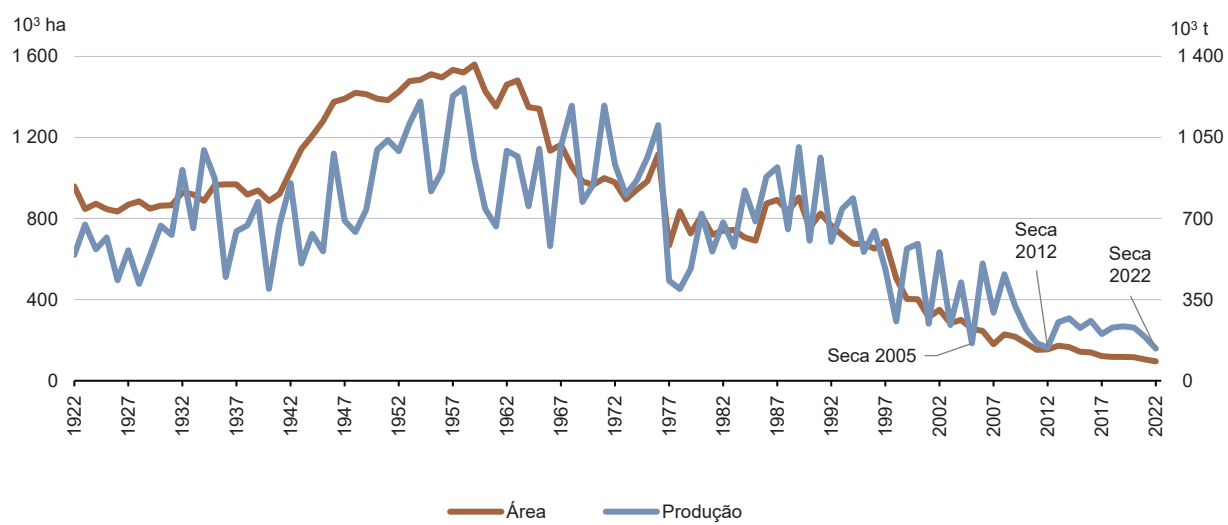
## Cereais de outono/inverno

A campanha cerealífera foi marcada pela situação de seca durante a fase de desenvolvimento vegetativo, com muitas searas a apresentarem povoamentos heterogéneos e espigas curtas. Posteriormente, na fase de enchimento do grão, a escassa humidade dos solos e as elevadas temperaturas contribuíram também para as baixas produtividades, com as ceifas a confirmarem o baixo peso específico do grão.

Embora tenham existido searas com produtividades e qualidade aceitáveis, a maior parte das áreas colhidas apresentaram quebras de produção. Destaque para a cevada, que apresentou decréscimos de área face à campanha anterior (-28,0%), contribuindo para o decréscimo da produção de 44,1%. Em sentido contrário, o expressivo aumento da área de trigo duro (+26,3%) compensou a redução da produtividade, sendo o único cereal de inverno a registar um aumento de produção (+6,7%).

Globalmente, a campanha de cereais de inverno de 2022 foi a pior desde que existem registos sistemáticos, tendo sido inclusivamente inferior à produção da campanha de 2012, coincidindo as piores campanhas cerealíferas com as secas mais graves.

FIGURA 1.10  
Área e produção de cereais de inverno  
(1922-2022)



FONTE: INE, I. P.

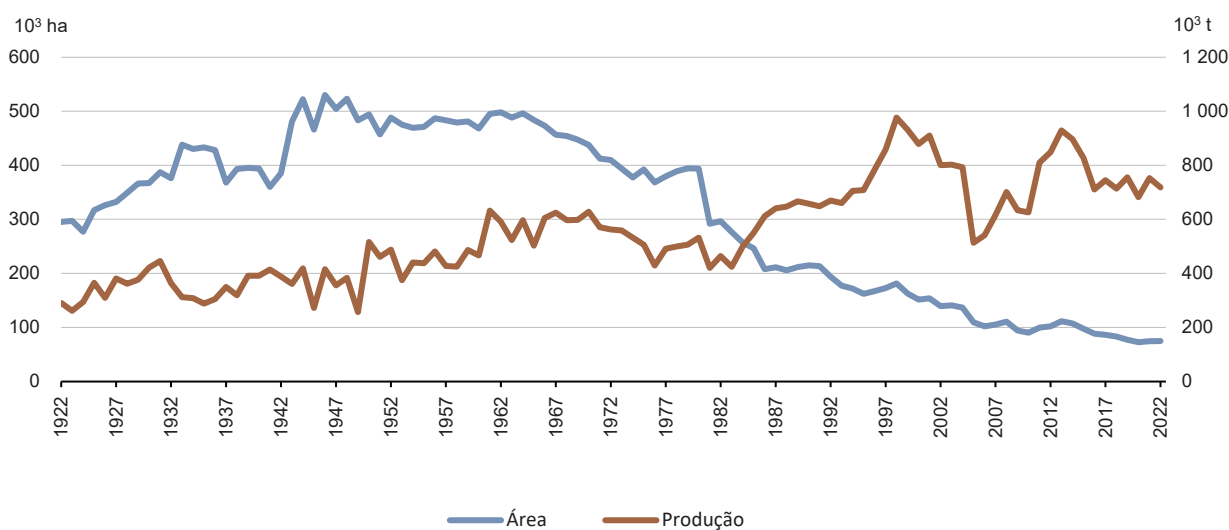


# Cereais de primavera/verão

Numa campanha fortemente marcada por fatores que poderiam desencadear um maior interesse pela cultura do milho para grão, nomeadamente a subida da cotação internacional desta commodity ou o efeito da Portaria 131/2022<sup>3</sup> (diretamente ligada à invasão russa da Ucrânia), mas também por outros de sentido contrário, como o significativo aumento dos preços dos meios de produção, sobretudo dos fertilizantes, energia e combustíveis, o balanço foi marginalmente positivo, com um ligeiro aumento da área semeada (+0,2% face a 2021). A germinação do milho para grão de regadio foi irregular devido à escassa humidade dos solos e às elevadas temperaturas, com algumas searas a apresentarem povoamentos heterogéneos e, nalguns casos, sintomas de stress hídrico. Posteriormente, aquando da ocorrência da onda de calor de julho, as plantas em floração foram afetadas devido ao défice de polinização. Embora no final da campanha os teores de humidade do grão apresentassem valores relativamente elevados, de um modo geral, o tempo quente e seco favoreceu a colheita e secagem.

Registaram-se decréscimos de produtividade nas principais regiões produtoras, que conduziram à diminuição da produção de milho para grão em 4,3% no regadio e 12,8% no sequeiro.

FIGURA 1.11  
Área e produção de milho  
(1922-2022)

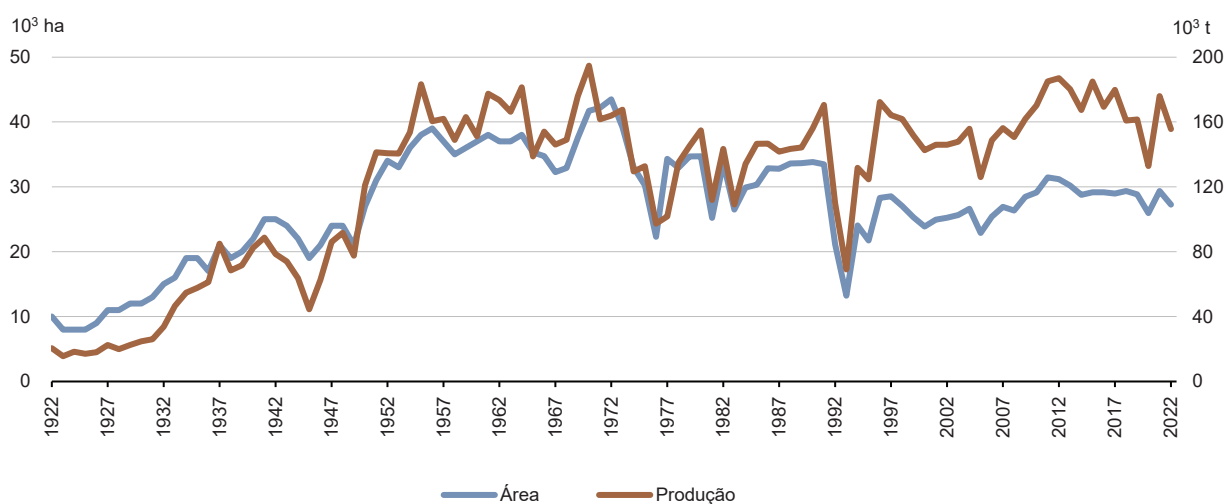


FONTE: INE, I. P.

<sup>3</sup> As áreas que em 2022 foram declaradas como pousio para cumprimento das práticas de diversificação de culturas e/ou detenção de uma superfície de interesse ecológico podem, excecionalmente este ano, ser utilizadas para a produção de alimentos ou como áreas forrageiras. Para mais detalhes sobre a portaria, consultar <https://dre.pt/dre/detalhe/portaria/131-2022-181256580>.

As sementeiras do arroz decorreram com normalidade e concluíram-se no final de junho. Regionalmente, a campanha decorreu de forma distinta. No Ribatejo e Alentejo, as colheitas decorreram durante o mês de outubro, com quebras de produção acentuadas, face à campanha anterior. Em contrapartida, na região do litoral Centro, em particular no Baixo Mondego, a produção foi ligeiramente superior à do ano passado e com bom rendimento industrial. As searas de arroz colhidas mais cedo apresentavam pouca humidade, devido ao tempo seco que se registou nos meses de verão, o que reduziu os custos de secagem do arroz. Nas colheitas mais tardias, com a precipitação ocorrida, o arroz ficou com alguma humidade nas panículas, o que promoveu a presença de periculária no final do ciclo vegetativo. A produção global de arroz foi de 155,6 mil toneladas, o que corresponde a uma diminuição de 11,6%, face à campanha anterior.

FIGURA 1.12  
Área e produção de arroz  
(1922-2022)



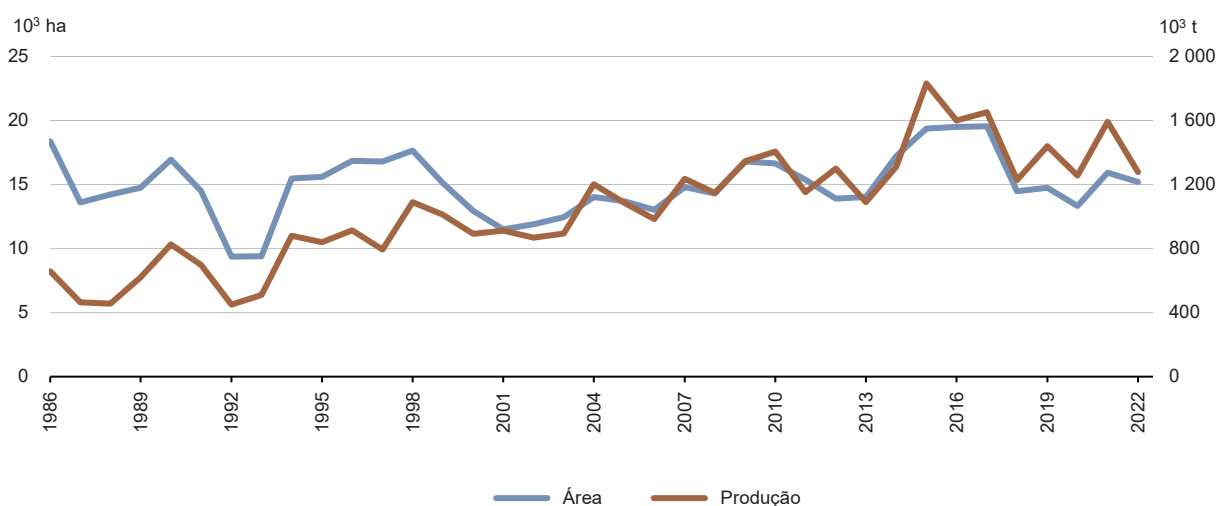
FONTE: INE, I. P.



# Tomate para a indústria

Apesar da área contratada entre os produtores e a indústria transformadora de tomate ter sido de 16,5 mil hectares, a área efetivamente plantada foi de 15,2 mil hectares, o que corresponde a uma diminuição de 4,6%, face à campanha anterior. A plantação decorreu em boas condições e sem interrupções desde o final de março até aos primeiros dias de junho. A colheita iniciou-se na última semana de julho, com parâmetros de cor e Brix<sup>4</sup> normais, e concluiu-se na primeira semana de outubro, saldando-se por um decréscimo de produção de 19,7%, relativamente à campanha anterior. A cultura foi prejudicada pelas elevadas temperaturas ocorridas em julho e agosto, que afetaram a floração e causaram muitas ocorrências de escaldão nos frutos em crescimento, e também pela precipitação no final da campanha, que originou podridões e atrasos nas maturações e colheitas.

FIGURA 1.13  
Área e produção de tomate para a indústria  
(1986-2022)



FONTE: INE, I. P.

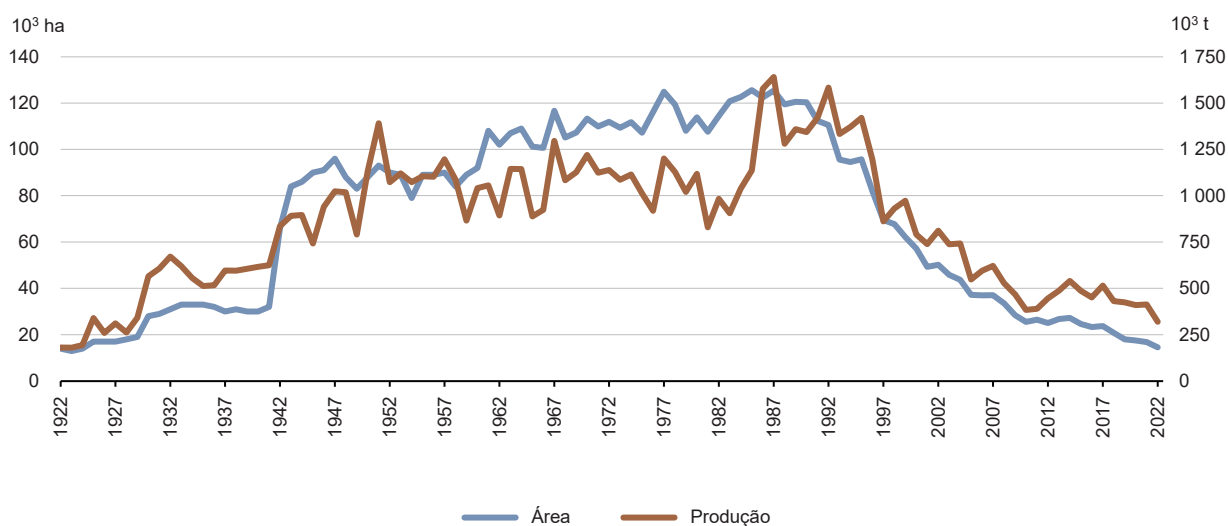
<sup>4</sup> A escala de graus Brix (ou ° Brix) permite aferir o teor de sólidos solúveis totais de uma solução, sendo que nos frutos/hortícolas mede, essencialmente, os açúcares presentes (frutose e glucose).

# Batata

A seca e as altas temperaturas aceleraram a maturação da batata, antecipando a colheita e provocando um decréscimo generalizado de produtividade. De um modo geral, as elevadas temperaturas secaram a rama muito rapidamente e inibiram a tuberação, apresentando as batatas calibres médio a miúdo, inferiores ao habitual, e razoáveis condições sanitárias. Por outro lado, a batata produzida em regadio exigiu uma frequência de rega superior ao normal, que em muitos casos não foi possível satisfazer.

A diminuição na produção de batata resultou do decréscimo combinado da área (-13,7%) e da produtividade (-10,4%), saldando-se a produção por uma redução de 22,6%, face a 2021, e de 20,0%, face à média do último quinquénio.

FIGURA 1.14  
Área e produção de batata  
(1922-2022)

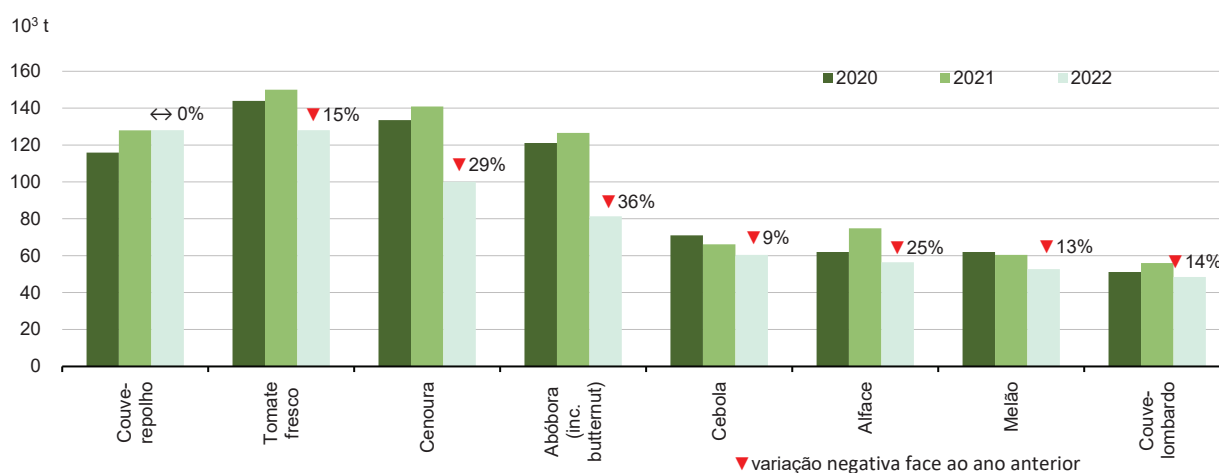


FORNE: INE, I. P.

# Hortícolas

Em 2022 cultivaram-se 38,9 mil hectares de hortícolas, produzindo-se 1,024 milhões de toneladas, o que corresponde, face a 2021, a decréscimos de 11,7% de área e 19,0% de produção. Estas reduções estão relacionadas com o aumento do preço dos meios de produção e, também, com a situação de seca severa que se prolongou até ao outono, e cujos impactos se fizeram sentir no aumento do preço dos hortícolas pagos ao produtor (+64,9% entre janeiro e dezembro de 2022).

FIGURA 1.15  
Produção das principais hortícolas  
(2020-2022)



FORNTE: INE, I. P.

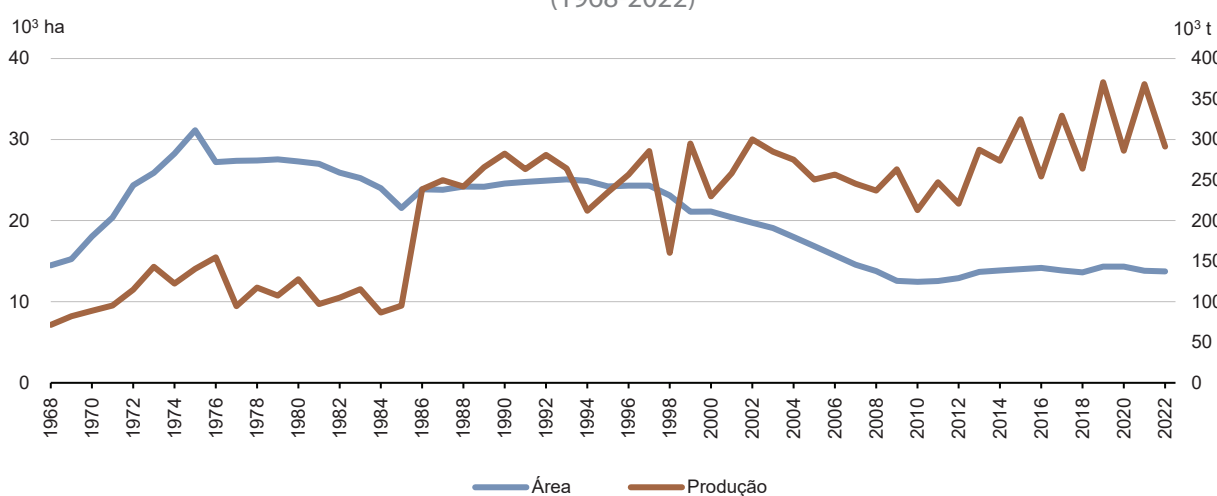
Dos hortícolas mais produzidos em Portugal apenas a couve-repolho registou uma produção semelhante a 2021, destacando-se os decréscimos da cenoura (-29%) e da abóbora (-36%), que registaram aumentos dos preços<sup>5</sup> de 85,7% e 125,0%, respetivamente.

<sup>5</sup> Variação, entre 3 de janeiro e 26 de dezembro de 2022, do preço mais frequente da abóbora (mercados do Oeste) e da cenoura (MARL). Informação do SIMA – Sistema de Informação dos Mercados Agrícolas, disponível em <https://regsim.gpp.pt/regsim/consulta/mercados?tm=8>, consultado em 30 de maio de 2023.

# Frutos frescos, frutos subtropicais e citrinos

Nas maçãs, as variedades mais tardias do grupo Granny foram colhidas até à primeira quinzena de outubro e as do grupo Fuji até à última semana do mês, tendo-se verificado uma redução de produção menos significativa do que o esperado. Nas variedades precoces, nomeadamente no grupo das Galas, o decréscimo da produção foi superior a 20%, enquanto nas Golden e nas Reinetas a produção foi semelhante à da campanha anterior. Globalmente o decréscimo na produção de maçã foi de 20,9%, relativamente ao ano passado. De um modo geral, a qualidade dos frutos foi boa, com graus Brix elevados, sabores intensos e concentrados. No entanto, os calibres foram inferiores ao normal, o que levou alguns produtores, para satisfazerem as exigências de mercado, a colherem em várias passagens na mesma árvore, sendo que, em algumas variedades, parte da produção foi depreciada por apresentar calibres muito reduzidos.

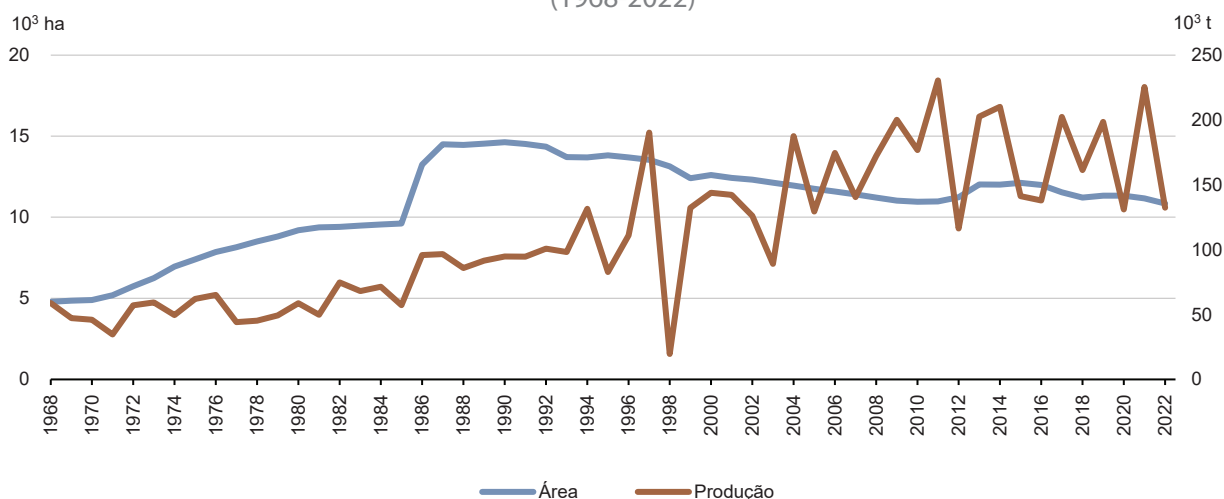
FIGURA 1.16  
Área e produção de maçã  
(1968-2022)



FONTE: INE, I. P.

A colheita da pera concluiu-se na região do Oeste durante a primeira quinzena de setembro, com quebras na produção global de 41,3%, relativamente à campanha anterior, devido às condições meteorológicas adversas e à estenfiliose. De referir que em termos qualitativos os calibres e os teores de açúcar foram superiores à campanha anterior.

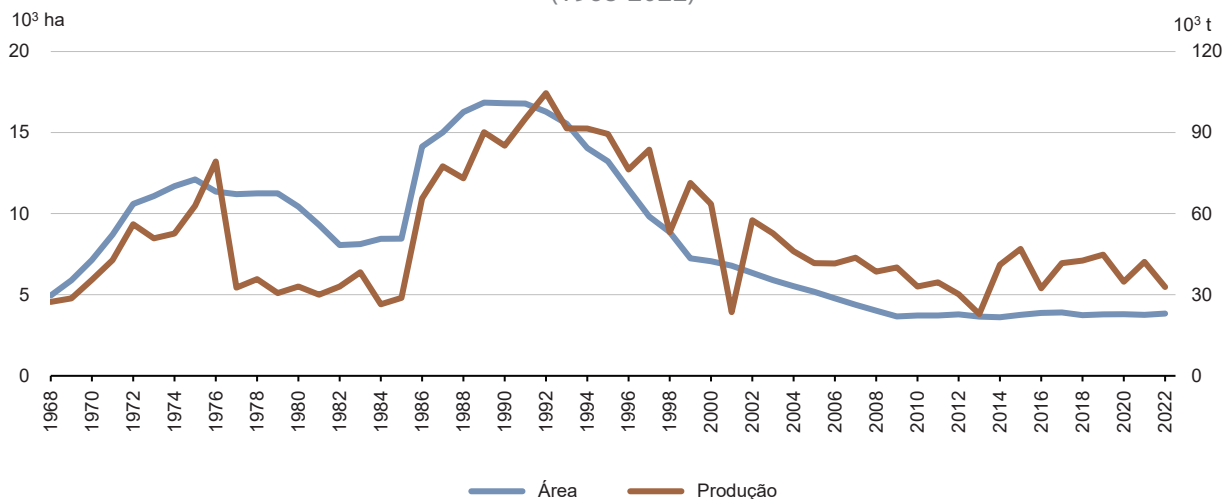
FIGURA 1.17  
Área e produção de pera  
(1968-2022)



FONTE: INE, I. P.

Na Cova da Beira a colheita do pêsego ocorreu mais cedo que o habitual, tendo-se concluído no final do mês de agosto. Durante a floração as condições meteorológicas foram adversas, prejudicando a polinização e impedindo o normal vingamento dos frutos que levou, mais tarde, à sua queda fisiológica. O aumento generalizado das dotações e frequências de rega, devido às elevadas temperaturas registadas na primavera e no verão, não impediu a maturação precoce de frutos de pequeno calibre. Globalmente, o decréscimo de produção do pêsego foi de 22,1%, o que corresponde a uma das piores campanhas dos últimos anos.

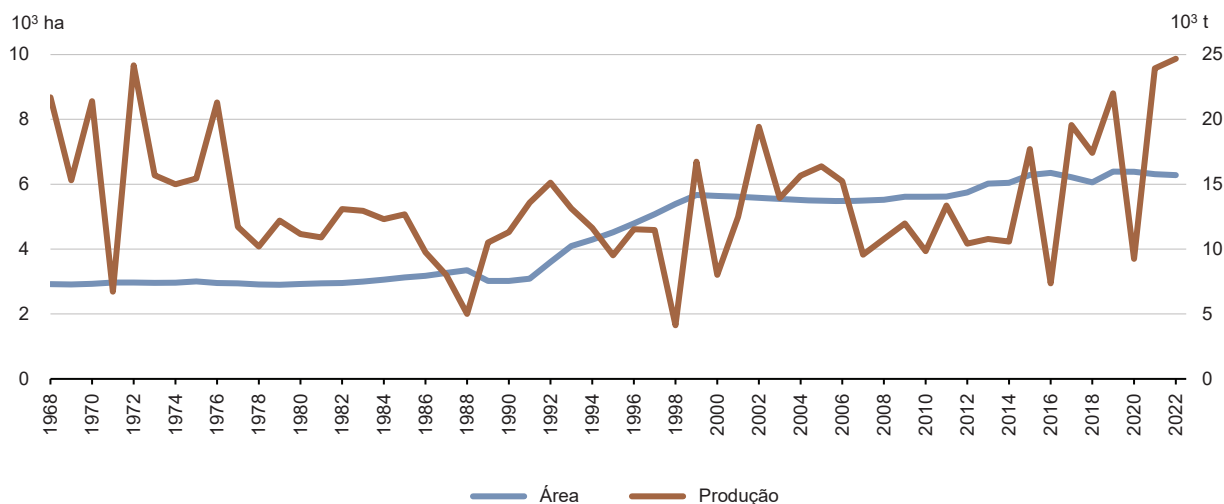
FIGURA 1.18  
Área e produção de pêsego  
(1968-2022)



FONTE: INE, I. P.

As condições de desenvolvimento da cereja foram distintas nas principais regiões produtoras. Na Cova da Beira a queda de frutos foi inferior ao esperado e a colheita decorreu em boas condições, pelo que, e ao contrário das expetativas iniciais, a produção foi superior à do ano anterior. Em contrapartida, em Trás-os-Montes devido às geadas tardias que causaram problemas na fase de floração, fecundação e vingamento do fruto, a produção foi inferior à do ano passado, mas de qualidade. Globalmente, a produção foi ligeiramente superior à alcançada na campanha passada (+3,1%), sendo a mais produtiva de sempre.

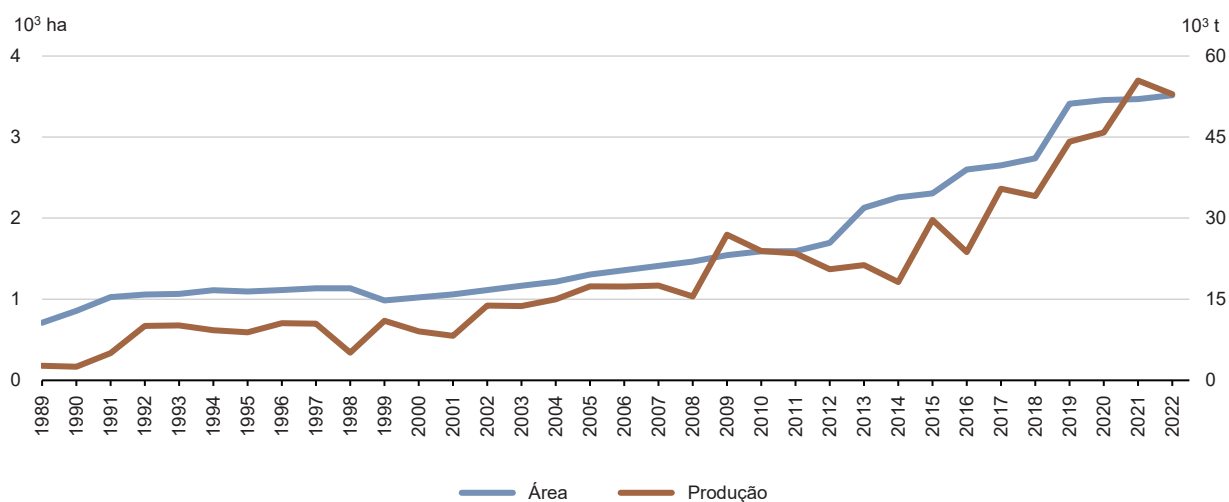
FIGURA 1.19  
Área e produção de cereja  
(1968-2022)



FONTE: INE, I. P.

A precipitação ocorrida em outubro, com o conseqüente aumento da humidade nos solos, promoveu o desenvolvimento dos kiwis, que se encontravam maioritariamente no estado fenológico M - fruto em crescimento. A colheita da variedade Hayward, a mais representativa, começou na segunda semana de novembro, tendo-se prolongado por todo o mês. No litoral Centro a colheita do kiwi verde iniciou-se nos primeiros dias de novembro, com os frutos a apresentarem calibres e grau Brix inferiores ao normal. Globalmente, verificou-se um ligeiro decréscimo de produção de 4,6%, numa cultura em que se tem assistido a uma tendência de aumento de produtividade, devido ao uso de substâncias que provocam a quebra de dormência, à utilização de pólen artificial e ao controlo muito rigoroso das dotações de rega, entre outras práticas culturais.

FIGURA 1.20  
Área e produção de kiwi  
(1989-2022)

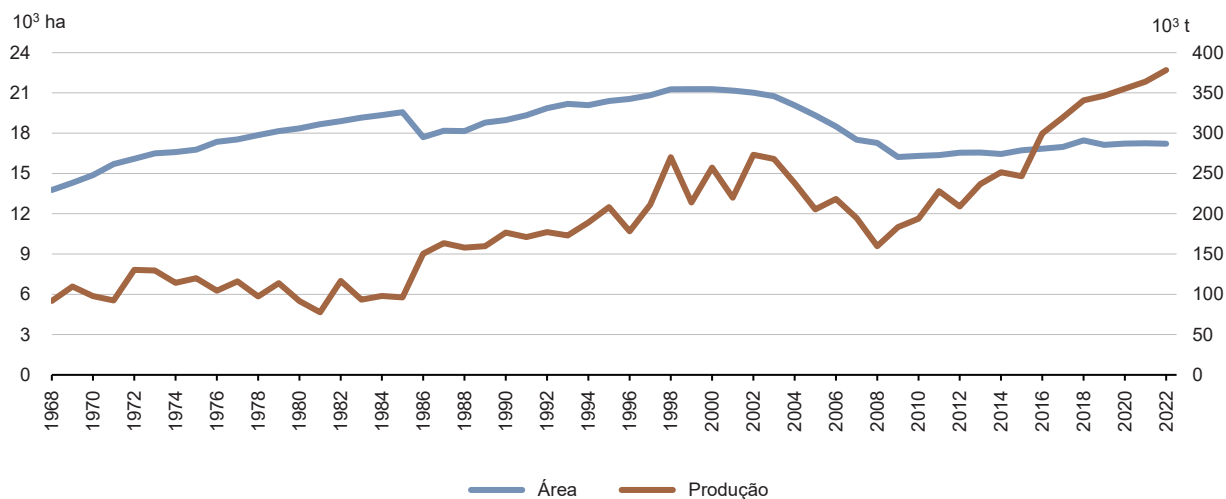


FONTE: INE, I. P.



Nas cultivares de laranjas temporãs, cuja mais representativa é a variedade Newhall, as produções foram superiores às do ano transato. A colheita das variedades mais tardias de laranja, como a Valencia Late e a D. João, cujos frutos apresentaram teores de açúcar dentro dos parâmetros de consumo e calibres normais, também foi superior, contribuindo assim para o aumento global de 4,0% e para a melhor campanha de produção de sempre.

FIGURA 1.21  
Área e produção de laranja  
(1968-2022)

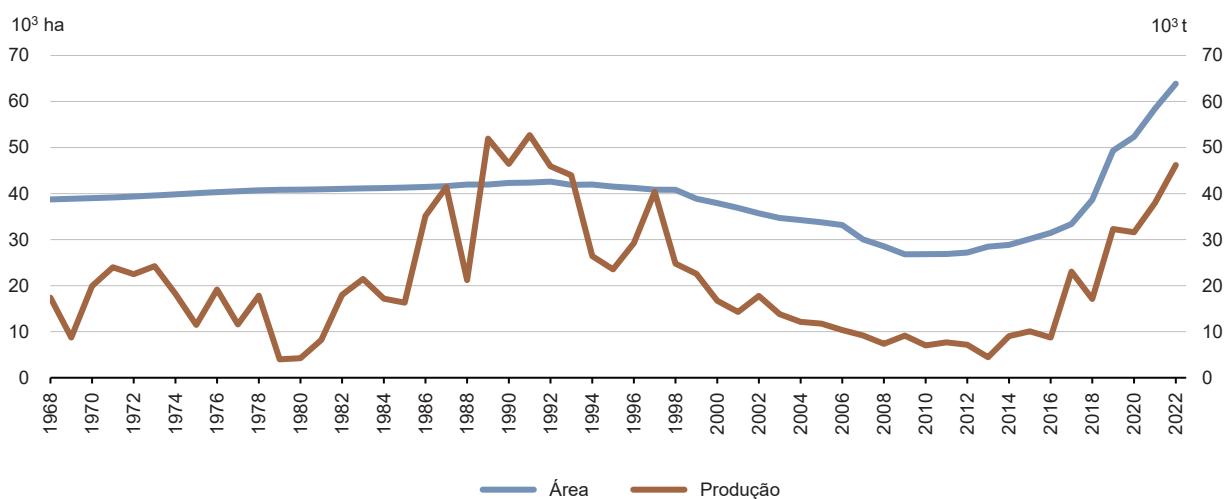


FONTE: INE, I. P.

# Frutos de Casca Rija

A colheita da amêndoa concluiu-se em outubro, com os trabalhos de descasque, secagem e armazenamento a decorrerem com normalidade. A entrada em produção dos novos pomares do Alentejo foi suficiente para compensar a diminuição de produção registada em Trás-os-Montes, essencialmente devido à situação de seca e às geadas tardias. A produção global aumentou 11,5% face à campanha anterior, sendo a mais produtiva dos últimos 30 anos. Nota para a influência que a precipitação de setembro e outubro teve nas amendoeiras, possibilitando a absorção de nutrientes antes da queda das folhas e, conseqüentemente, a reposição das reservas energéticas, situação que irá beneficiar a cultura no próximo ciclo vegetativo.

FIGURA 1.22  
Área e produção de amêndoa  
(1968-2022)

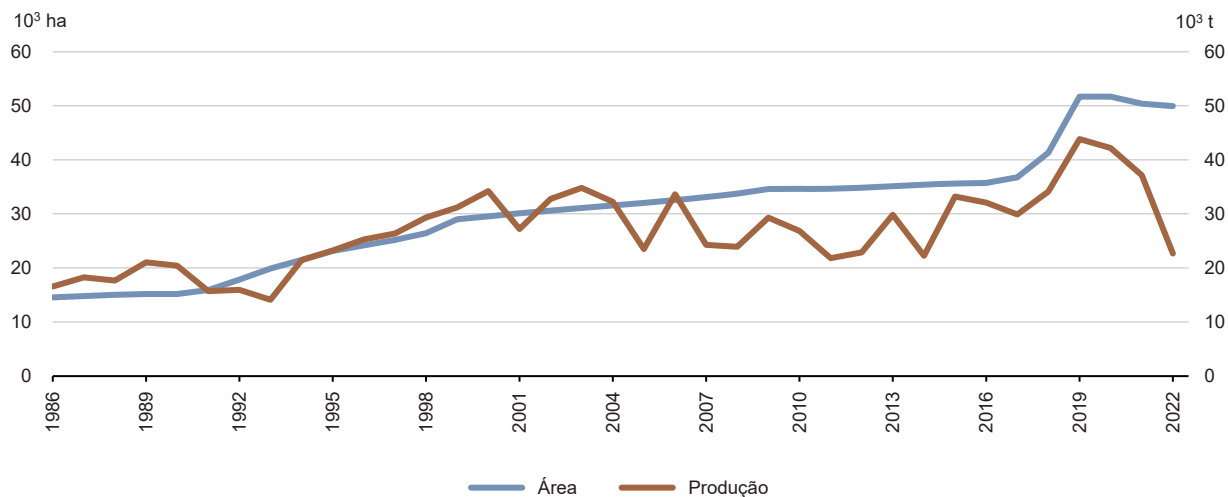


FONTE: INE, I. P.

A precipitação da segunda quinzena de outubro contribuiu para atenuar o stress hídrico dos soutos e para o desenvolvimento vegetativo dos ouriços, favorecendo o aumento do calibre das castanhas. Contudo, para a maioria dos soutos que se encontravam no início da queda de frutos, a melhoria das condições foi tardia, não evitando um decréscimo de produção de 39,9%, face à campanha passada, tendo sido mesmo a campanha com menor produtividade dos últimos 37 anos. A propagação da vespa das galhas do castanheiro (*Dryocosmus kuriphilus Yasumatsu*) é uma preocupação acrescida, sendo bem visível a redução da floração e respetiva frutificação nas árvores atacadas. O efeito da luta biológica só é visível após alguns anos, pelo que não devem ser descuradas as largadas continuadas do inseto parasitoide *Torymus sinensis*.



FIGURA 1.23  
Área e produção de castanha  
(1986-2022)

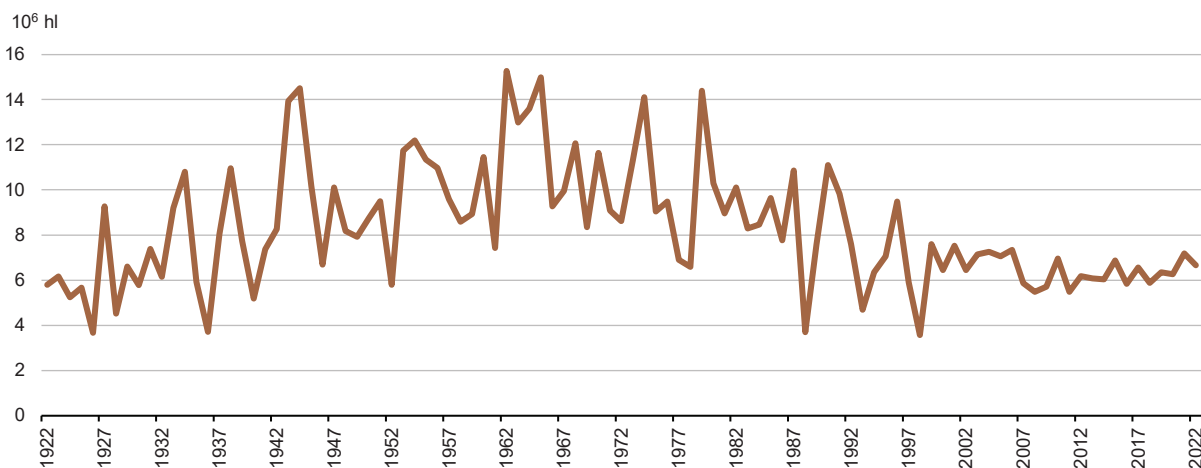


FONTE: INE, I. P.

## Vinho

A campanha vitivinícola foi significativamente influenciada pelas altas temperaturas e falta de humidade que acompanharam fases decisivas do ciclo vegetativo da vinha: após uma floração e alimpa regulares, os sintomas de stress hídrico começaram a manifestar-se muito cedo, logo a partir de maio, com impacto direto no desenvolvimento dos bagos que, apesar de em elevado número por cacho, mantiveram-se pequenos e leves. O calor extremo de julho e de agosto conduziu a situações muito frequentes de escaldão e dessecação dos cachos, bem como à paragem de desenvolvimento dos bagos, que estagnaram em níveis de açúcar relativamente baixos. Face a este cenário, muitos viticultores optaram por realizar nestas condições a vindima, de forma a minimizar os prejuízos, entregando nas adegas uvas sãs, ainda que com um grau alcoólico potencial inferior ao habitual. As chuvas de setembro desbloquearam a paragem fisiológica nas vinhas não vindimadas, permitindo o enchimento dos bagos e o aumento do teor de açúcares, apesar de terem prejudicado o estado sanitário das uvas (em particular com o surgimento de podridão cinzenta). Excetuando algumas regiões, nomeadamente a do Vinho Verde e a da Beira Atlântico, a produção foi inferior à da vindima de 2021, com uma diminuição global de 7,3%. Apesar das dificuldades, tratou-se de uma vindima em que, de um modo geral, foram produzidos vinhos bem estruturados, com harmonia entre álcool, acidez, açúcares e taninos.

FIGURA 1.24  
Produção de vinho (1922-2022)

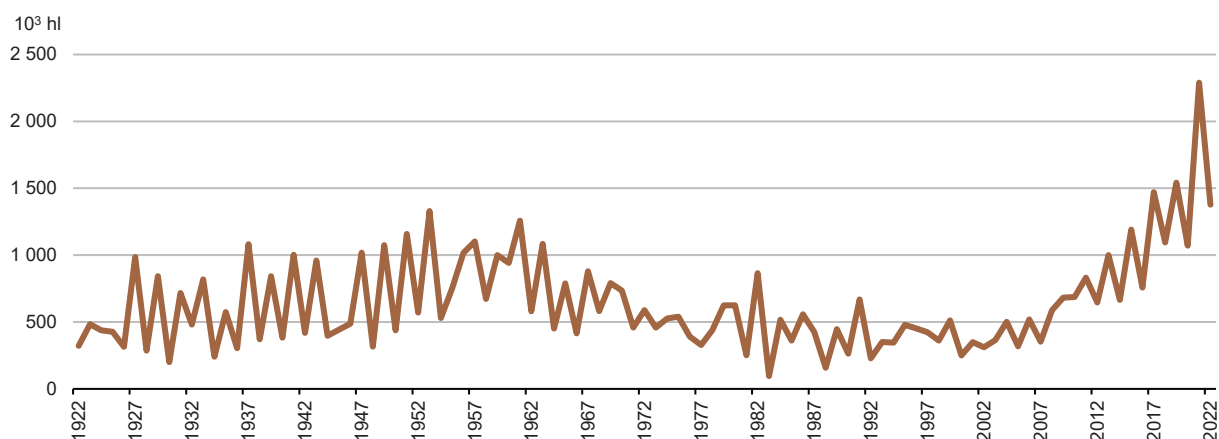


FONTE: Instituto da Vinha e do Vinho, I. P.

# Azeite

A conjugação de um ano de contrassafra<sup>6</sup> com condições hidrometeorológicas adversas (altas temperaturas e seca extrema) e ataques tardios de gafa e de mosca da fruta (por ausência de tratamentos), determinaram uma redução na produção de azeite, mais acentuada nos olivais tradicionais. A produção de azeite foi de 1,378 milhões de hectolitros (cerca de 126 mil toneladas), o que corresponde a uma diminuição de 39,8% face à campanha de 2021 que, recorde-se, registou a maior produção de sempre (2,29 milhões de hectolitros, cerca de 210 mil toneladas). De um modo geral, o azeite produzido apresentou boa qualidade, com baixa acidez e boas características organolépticas. De notar que, mesmo num ano tão adverso e exigente para a produção de azeite como foi 2022, foi alcançada a quarta maior produção de sempre, apenas abaixo das campanhas de 2021, 2019 e 2017.

FIGURA 1.25  
Produção de azeite  
(1922-2022)



FONTES: INE, I. P.

<sup>6</sup> Safra e contrassafra - alternância produtiva anual evidente em determinadas culturas, muitas vezes ligada a práticas culturais e sistemas de produção. Num ano de safra a produção é elevada; por oposição, num ano de contrassafra a produção é baixa.

## PRINCIPAIS INDICADORES

- Superfície das principais culturas agrícolas (ha) por Localização geográfica (Região agrária) e Espécie; Anual
- Superfície das principais culturas agrícolas (ha) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Espécie; Anual
- Produção das principais culturas agrícolas (t) por Localização geográfica (Região agrária) e Espécie; Anual
- Produção das principais culturas agrícolas (t) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Espécie; Anual
- Produtividade das principais culturas agrícolas (kg/ ha) por Localização geográfica (Região agrária) e Espécie; Anual
- Produtividade das principais culturas agrícolas (kg/ ha) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Espécie; Anual
- Azeite produzido por quintal de azeitona (hl/ q) por Localização geográfica (Região agrária), Tipo de lagar de azeite e Sistema de extracção utilizado; Anual
- Azeite produzido por quintal de azeitona (hl/ q) por Localização geográfica (NUTS - 2013), Tipo de lagar de azeite e Sistema de extracção utilizado ; Anual
- Azeite produzido (hl) por Localização geográfica (Região agrária), Tipo de lagar de azeite, Grau de acidez e Sistema de extracção utilizado; Anual
- Azeite produzido (hl) por Localização geográfica (NUTS - 2013), Tipo de lagar de azeite , Grau de acidez e Sistema de extracção utilizado
- Lagares de azeite (N.º) por Localização geográfica (Região agrária), Tipo de lagar de azeite e Sistema de extracção utilizado; Anual
- Lagares de azeite (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2002), Tipo de lagar de azeite e Sistema de extracção utilizado; Anual
- Lagares de azeite (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2013), Tipo de lagar de azeite e Sistema de extracção utilizado; Anual
- Azeitona oleificada (t) por Localização geográfica (Região agrária), Tipo de lagar de azeite e Sistema de extracção utilizado; Anual
- Azeitona oleificada (t) por Localização geográfica (NUTS - 2013), Tipo de lagar de azeite e Sistema de extracção utilizado ; Anual
- Azeite produzido (hl) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Grau de acidez; Anual
- Azeite produzido (hl) por Localização geográfica (Região agrária), Tipo de lagar de azeite, Grau de acidez (1995 - 2003) e Sistema de extracção utilizado; Anual
- Azeite produzido (hl) por Localização geográfica (NUTS - 2002), Tipo de lagar de azeite, Grau de acidez (1995 - 2003) e Sistema de extracção utilizado; Anual
- Produção de azeitona (t) por Local de proveniência da azeitona (Região agrária); Anual
- Produção de azeitona (t) por Local de proveniência da azeitona (NUTS - 2002); Anual
- Produção de azeitona (t) por Local de proveniência da azeitona (NUTS - 2013); Anual
- Azeitona oleificada (t) por Localização geográfica (NUTS - 2013); Anual
- Produção vinícola declarada em vinho (hl) pelos produtores por Local de vinificação (NUTS - 2013) e Qualidade e cor do vinho (Novo regulamento); Anual

(CONT.)

## PRINCIPAIS INDICADORES

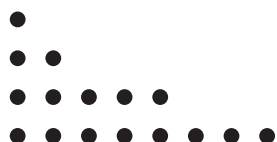
- Produção vinícola declarada em vinho (hl) pelos produtores por Local de vinificação (Região agrária) e Qualidade e cor do vinho (Novo regulamento); Anual
- Produção vinícola declarada em vinho (hl) pelos produtores por Local de vinificação (NUTS - 2002) e Qualidade e cor do vinho (Novo regulamento); Anual
- Produção vinícola declarada em mosto (hl) pelos produtores por Local de vinificação (NUTS - 2013) e Qualidade e cor do vinho (Novo regulamento); Anual
- Produção vinícola declarada em mosto (hl) pelo produtor por Local de vinificação (Região agrária) e Qualidade e cor do vinho (Novo regulamento); Anual
- Produção vinícola declarada em mosto (hl) pelos produtores por Local de vinificação (NUTS - 2002) e Qualidade e cor do vinho (Novo regulamento); Anual
- Árvores de fruto e oliveiras vendidas directamente a agricultores (N.º) pelos viveiros por Local de destino das espécies vendidas (NUTS - 2013) e Espécie frutícola; Anual
- Árvores de fruto e oliveiras vendidas directamente a agricultores (N.º) pelos viveiros por Local de destino das espécies vendidas (Região agrária) e Espécie frutícola; Anual
- Árvores de fruto e oliveiras vendidas directamente a agricultores (N.º) pelos viveiros por Local de destino das espécies vendidas (NUTS - 2002) e Espécie frutícola; Anual
- Preço médio das árvores de fruto e oliveiras vendidas directamente a agricultores (€) pelos viveiros por Local de origem (NUTS - 2013) e Espécie frutícola; Anual
- Preço médio das árvores de fruto e oliveiras vendidas directamente a agricultores (€) pelos viveiros por Local de origem (Região agrária) e Espécie frutícola; Anual
- Preço médio das árvores de fruto e oliveiras vendidas directamente a agricultores (€) pelos viveiros por Local de origem (NUTS - 2002) e Espécie frutícola; Anual
- Árvores de fruto e oliveiras vendidas (N.º) pelos viveiros por Local de origem (Região agrária), Destino das árvores e Espécie frutícola; Anual
- Árvores de fruto e oliveiras vendidas (N.º) pelos viveiros por Local de origem (NUTS - 2013), Destino das árvores e Espécie frutícola; Anual
- Viveiros (N.º) por Local de origem (Região agrária); Anual
- Viveiros (N.º) por Local de origem (NUTS - 2002); Anual
- Viveiros (N.º) por Local de origem (NUTS - 2013); Anual





# 2

## PRODUÇÃO ANIMAL



## PRODUÇÃO DE CARNE

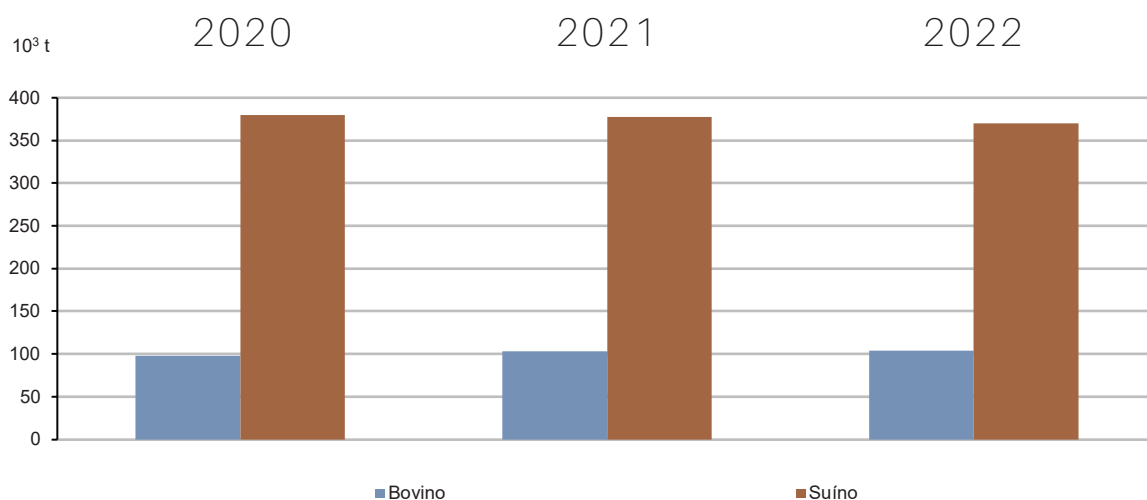
Em 2022 a produção total de carne situou-se nas 914 mil toneladas, refletindo praticamente uma manutenção (+0,3%), quando comparada com 2021. Houve uma descida de 1,6% do total de carne de reses (490 mil toneladas, incluindo a carne de bovinos, suínos, ovinos, caprinos e equídeos), contrabalançada pelo acréscimo de 2,9% da produção de carne de animais de capoeira (inclui galináceos, perus e patos), cujo volume total atingiu as 410 mil toneladas.

### Carne de bovino, suíno, ovino e caprino

A produção de carne de bovino atingiu as 104 mil toneladas, refletindo um aumento de 0,8% em relação a 2021. Observaram-se reduções na carne de vitelos (-3,7%) e de “novilhos” (-6,8%), mas um acréscimo na carne de bovinos adultos (+2,3%), consequência de maior abate nas categorias “vacas” (+9,2%), “novilhas” (+14,5%) e “bois” (+1,5%).

O aumento acentuado dos custos de produção (sobretudo da alimentação animal), agravado em 2022 com a invasão da Ucrânia e a falta de pastagens devido à seca severa, que afetou em particular a alimentação das vacas em regime extensivo, levaram os produtores nacionais a aproveitar os preços mais elevados para vender os animais. Em particular destaca-se o preço dos bovinos no produtor que apresentou um aumento de 14,8% em relação a 2021, tendo o índice de preços subido 12,9% no 1º semestre e 16,4% no 2º semestre.

FIGURA 2.1  
Produção de carne de bovino e suíno



FONTE: INE, I. P., Estatísticas da produção animal.

Assim, pela necessidade de reduzir efetivos, surgiu no mercado interno um maior número de animais mais leves, bem como mais vacas e novilhas. Para este aumento de abate de fêmeas também contribuiu a redução da produção de leite que se verificou ao longo do ano, e que teve como consequência o aumento de abate de vacas e novilhas de aptidão leiteira.

No Comércio Internacional em 2022 observou-se um maior volume de importações de animais vivos (+31,6% face a 2021), resultante da retoma da capacidade de fornecimento de bovinos nos valores habituais pelos principais fornecedores externos, nomeadamente Espanha. O volume de importação de carne registou igualmente um aumento de 11,6%.

A possibilidade de venda para o mercado externo manteve-se, com um volume de saída de animais vivos superior em 8,9%, face a 2021, para países da UE (Espanha) e sobretudo para países terceiros (Israel), que contribuiu para o decréscimo observado no abate nacional de vitelões e novilhos. A exportação de carne de bovino foi superior em 7,3%.

A produção de carne de suíno (370 mil toneladas) teve um decréscimo de 2,0%, resultante do menor peso médio dos animais ao abate, uma vez que o número de cabeças abatidas foi muito semelhante a 2021. O volume de abate registou aumentos de 5,3% na categoria "leitões" e de 16,3% nos "reprodutores de refugo", enquanto nos "porcos de engorda" houve um decréscimo de 2,5% face a 2021.

O aumento do abate dos leitões justifica-se, uma vez que são consumidos em restaurantes que, devido à pandemia COVID 19, tiveram muitas restrições ao seu funcionamento em 2020 e 2021, tendo a situação normalizado em 2022, sendo que o maior abate de leitões foi a principal causa do menor peso médio ao abate registado no ano em análise. A diminuição do número de porcos de engorda resultou em parte do aumento do abate de leitões, que retirou animais para as engordas. O significativo aumento de abate de porcas de reforma deveu-se ao facto dos produtores em 2021, ainda a recuperarem da pandemia, terem tido um ano difícil, pelo que não procederam à normal substituição do efetivo reprodutor, que foi de algum modo retomada em 2022.

Em 2022, os preços no produtor cresceram 24,0%. Efetivamente, o índice de preços dos suínos, que no primeiro trimestre do ano teve uma redução de 5,3% face ao período homólogo, registou nos três trimestres seguintes aumentos de 7,4%, 38,5% e 67,2%, respetivamente.

O volume de suínos vivos exportados diminuiu 4,3% face a 2021 e as saídas de carne de porco registaram um decréscimo de 27%, sobretudo nas saídas para países terceiros, nomeadamente para a China. Já as importações de suínos vivos viram o seu volume aumentar 14,7%, tendo o volume de carne importada crescido também cerca de 6%.

A produção de carnes de pequenos ruminantes em 2022 registou uma redução nos ovinos (-7,1%), não tendo ultrapassado as 14,8 mil toneladas, mas um aumento nos caprinos (+4,9%), com 1,3 mil toneladas produzidas.

Nos ovinos, a situação resultou do abate de um menor número de borregos (-11,6%), com pesos mais leves uma vez que, face aos elevados preços das rações e forragens, os produtores optaram por vendê-los mais cedo. Para esta situação concorreu também a diminuição da procura interna por este tipo de carne e o encaminhamento do maior número de borregos possível para o mercado de Israel, para onde são exportados vivos. Já o abate de adultos foi superior em 25,4% face a 2021, situação que radicou na redução de efetivos, motivada neste sector por dificuldades de mão de obra, pela pouca ou nenhuma disponibilidade de pastagens devido à seca e pelo elevado aumento dos custos de produção.

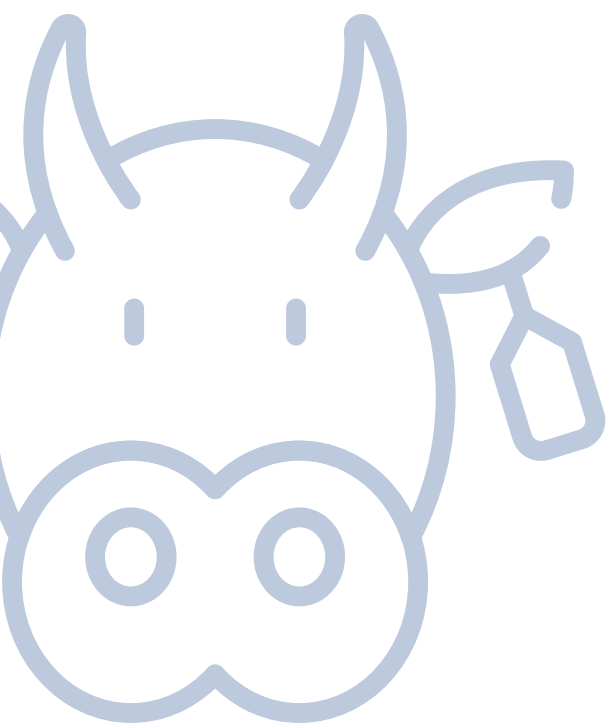
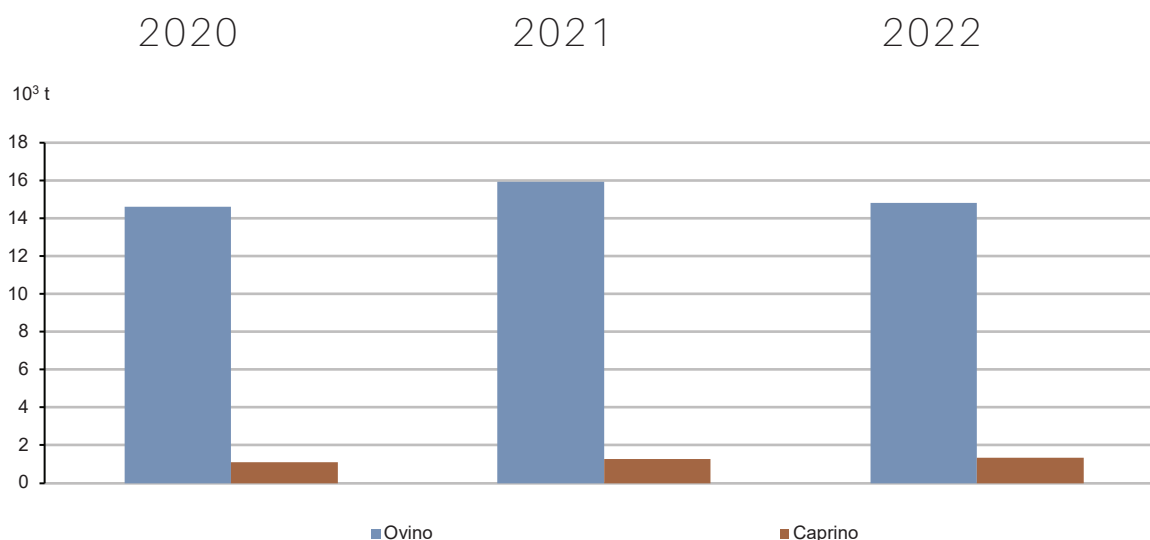




FIGURA 2.2  
Produção de carne de ovino e caprino



FONTE: INE, I. P., Estatísticas da produção animal.

O acréscimo no volume de caprinos foi sobretudo consequência do maior abate de animais adultos (+26,2%), já que o volume de abate de cabritos praticamente se manteve (-0,5%), e ocorreu pela conjugação de duas realidades: a venda de efetivos na totalidade ou parcialmente, incluindo os cabritos, pelos motivos já referidos relativamente aos ovinos (dificuldade de mão de obra, pouca disponibilidade de pastagens e aumento dos custos de produção), secundada pela importação de cabritos vivos, nomeadamente de Espanha, que são abatidos em Portugal para satisfazer a (fraca) procura interna.

O volume de ovinos e caprinos vivos importados em 2022 decresceu cerca de 16% face a 2021, devido exclusivamente à menor importação de ovinos, já que o volume de caprinos vivos importados aumentou 11%, oriundos principalmente de Espanha. Pelo contrário, o volume importado de carne de ovino e caprino foi superior em 17,7%.

A exportação de animais vivos destas espécies aumentou 8,3%, devido à manutenção das saídas para países terceiros, nomeadamente Israel, tendo o volume de carne exportada tido igualmente um incremento (+29,6%), sobretudo para países da UE.

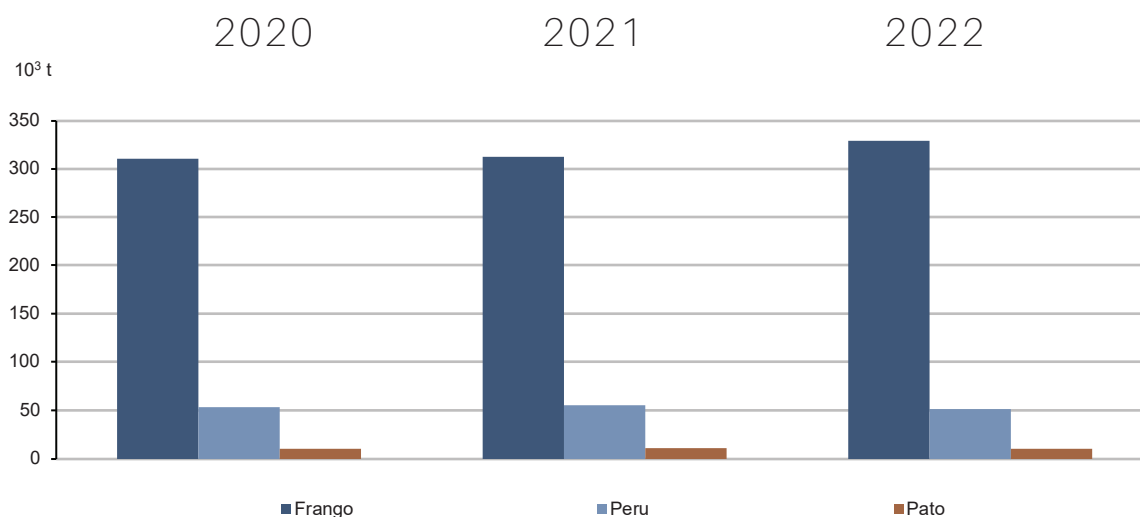
Os preços médios foram superiores aos registados no ano anterior em cerca de 13,7%. Esta situação resultou dos aumentos ocorridos nos dois semestres de 2022, face aos preços do ano transato, com aumentos nos índices de preços à produção de 21,9% e 6,7% no primeiro e segundo semestres, respetivamente.

# Carne de animais de capoeira

Em 2022, a produção de carne de animais de capoeira registou um aumento global de 2,9%, com 410 mil toneladas produzidas. A produção de carne de frango (329 mil toneladas) cresceu 5,2%. A produção total de pintos nos aviários de multiplicação destinados à produção de frango aumentou 6,2%, tendo ocorrido face a 2021 um acréscimo quer da importação de “pintos de produção, estirpes de carne” (+68%) quer da sua exportação (+27%).

Pelo contrário, no segmento da carne de peru houve um decréscimo de 6,9% em relação a 2021, com uma produção de apenas 51,2 mil toneladas. Face à ocorrência de focos de Gripe Aviária de Alta Patogenicidade (GAAP) em Portugal, bem como na maioria dos Estados-Membros e em vários países terceiros do continente europeu, e às dificuldades inerentes ao aumento dos custos de produção, registou-se uma redução da produção nos aviários nacionais, não compensada pela maior importação de aves do dia (+15,9%) em 2022.

FIGURA 2.3  
Produção de carne animais de capoeira



FONTE: INE, I. P., Estatísticas da produção animal.

O segmento da carne de pato (10,3 mil toneladas) apresentou igualmente uma variação negativa (-1,2%) em relação a 2021, sendo de realçar o abate de animais com um peso médio superior, uma vez que a produção em número de cabeças teve uma redução mais acentuada, de cerca de 5%.

O Índice de Preços à Produção das aves de capoeira a nível nacional registou um aumento global de 28,8% (com aumentos nos índices trimestrais de 17,3%, 23,7%, 38,6% e 33,5% no 1º, 2º 3º e 4º trimestres do ano, respetivamente), decorrente do significativo aumento do custo dos fatores de produção nesta atividade (rações, medicamentos, energia, etc.), bem como da conjuntura sanitária do sector avícola em 2022.

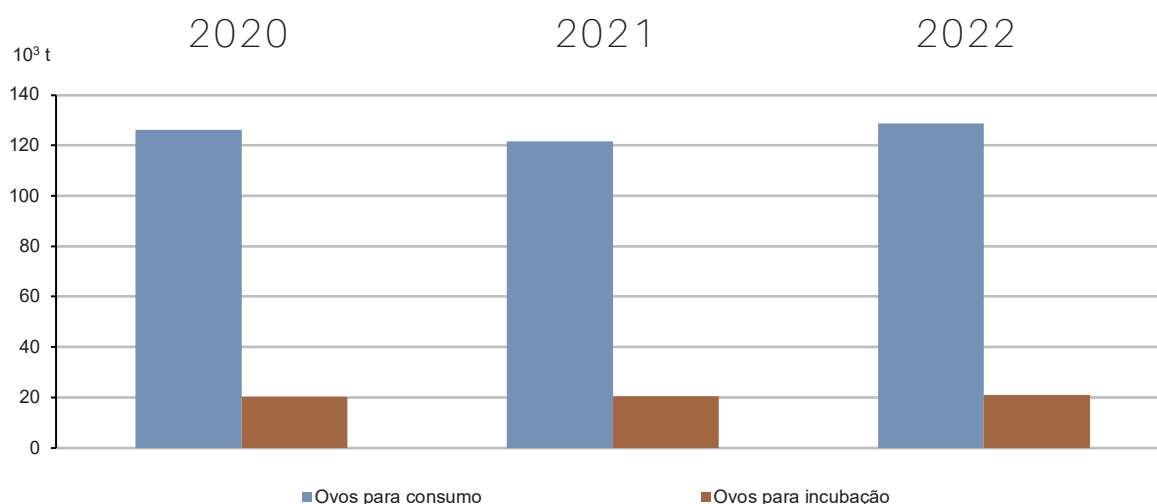
A produção total de “outras carnes” (inclui caça, pombos, coelhos, codornizes e avestruzes) foi de 14,2 mil toneladas em 2022, o que traduz um decréscimo de 4,6%, essencialmente pelo menor volume de carne de coelho (-8,0%) e codorniz (-17,8%) produzidos.

# PRODUÇÃO DE OVOS DE GALINHA PARA CONSUMO ALIMENTAR E INCUBAÇÃO

Em 2022, a produção bruta de ovos de galinha totalizou 150 mil toneladas, o que representou um aumento de 5,5%.

A produção anual de ovos de galinha para consumo (128,7 mil toneladas) teve um nível superior (+5,9%), apesar de uma ligeira quebra de produção no último trimestre do ano, acompanhada de alguns problemas de stockagem e distribuição, que provocaram dificuldades pontuais na resposta ao tradicional aumento da procura no final do ano (período do Natal e Ano Novo).

FIGURA 2.4  
Produção de ovos de galinha



FONTE: INE, I. P., Estatísticas da produção animal.

O aumento do custo dos fatores de produção, aliado à situação da GAAP, que gerou escassez na oferta de ovos em toda a Europa, contribuiu para que o índice de preços no produtor tenha aumentado 55% em 2022. Ao longo do ano ocorreram subidas crescentes, face a 2021, que foram de 34,3%, 52,2%, 50,4% e 74,4% para o 1º, 2º, 3º e 4º trimestres, respetivamente.

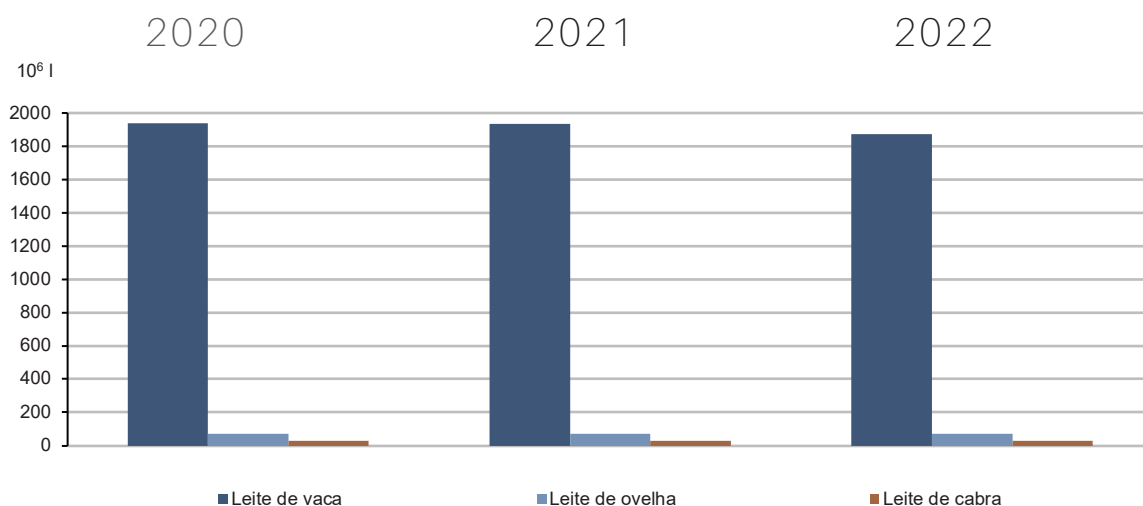
A produção total de ovos de galinha para incubação em aviários nacionais (21,0 mil toneladas) aumentou 3,1% face a 2021, com acréscimos quer nas estirpes de aptidão carne (+3,7%) quer nas estirpes de aptidão ovos (+1,9%).

# PRODUÇÃO DE LEITE E PRODUTOS LÁCTEOS

A produção global de leites em 2022 totalizou 1 969 milhões de litros, correspondente a uma redução de 3,3% relativamente a 2021.

O leite de ovelha, com 69,5 milhões de litros, registou uma variação negativa de 2,4% do volume de produção e o leite de cabra (28,9 milhões de litros) decresceu 2,7%. Quanto ao leite de vaca (1 871 milhões de litros), que constituiu cerca de 95% do total de leite produzido, diminuiu 3,4% face a 2021.

FIGURA 2.5  
Produção de leites



FONTE: INE, I. P., Estatísticas da produção animal.

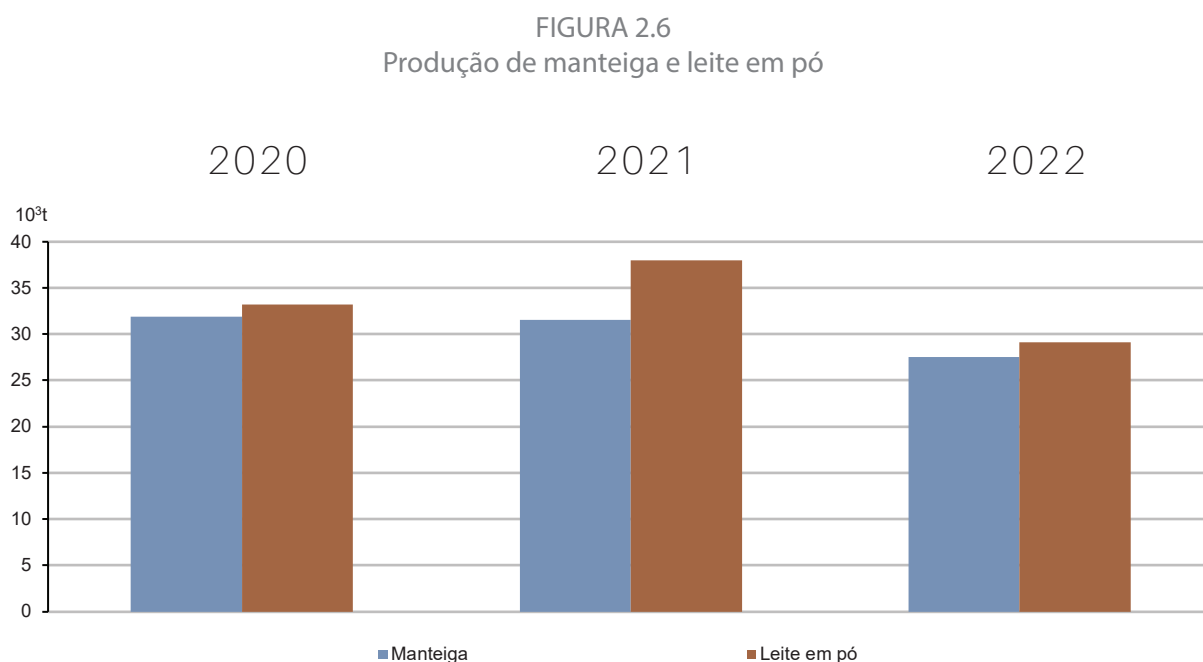
A tendência de redução da produção de leites deveu-se ao aumento significativo dos custos de produção, nomeadamente nas rúbricas da energia, alimentos para animais e fertilizantes. Trata-se de uma situação já verificada em 2021, mas agravada a partir de fevereiro do ano em análise, no seguimento da guerra na Ucrânia.

A evolução dos preços pagos à produção não conseguiu compensar o aumento do custo dos fatores de produção, dificultando a rentabilidade da atividade, pelo que se assistiram a situações de abates de animais do efetivo leiteiro, de ajustes nos sistemas alimentares e de abandono da produção.

Em 2022, o preço do leite no produtor aumentou cerca de 36%, com o índice a registar subidas crescentes ao longo do ano, que foram de 14,3%, 27,4%, 39,8% e 64,4% para o 1º, 2º, 3º e 4º trimestres, respetivamente.

A produção da indústria de lacticínios nacional em 2022 resultou num menor volume total de produtos lácteos, evolução que ficou a dever-se ao decréscimo ocorrido tanto nos produtos lácteos frescos como nos produtos transformados.

A produção de manteiga diminuiu 12,7%, com 27,5 mil toneladas e o leite em pó teve uma redução de 23,3%, com uma produção global que não ultrapassou as 29 mil toneladas.



FONTE: INE, I. P., Inquérito Anual à Recolha, Tratamento e Transformação do Leite.

A produção total de queijo a nível nacional cresceu 1,0%, tendo atingido as 90 mil toneladas. Registou-se um maior volume para o queijo estreme de vaca (+1,5%) com 67,7 mil toneladas e para o queijo de mistura (+2,9%), que totalizou 6,4 mil toneladas. Já a produção dos queijos de ovelha (11,6 mil toneladas) e cabra (4,1 mil toneladas) decresceu 2,4% e 2,7%, respetivamente.

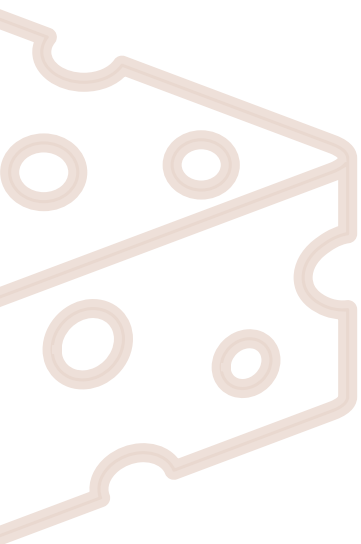
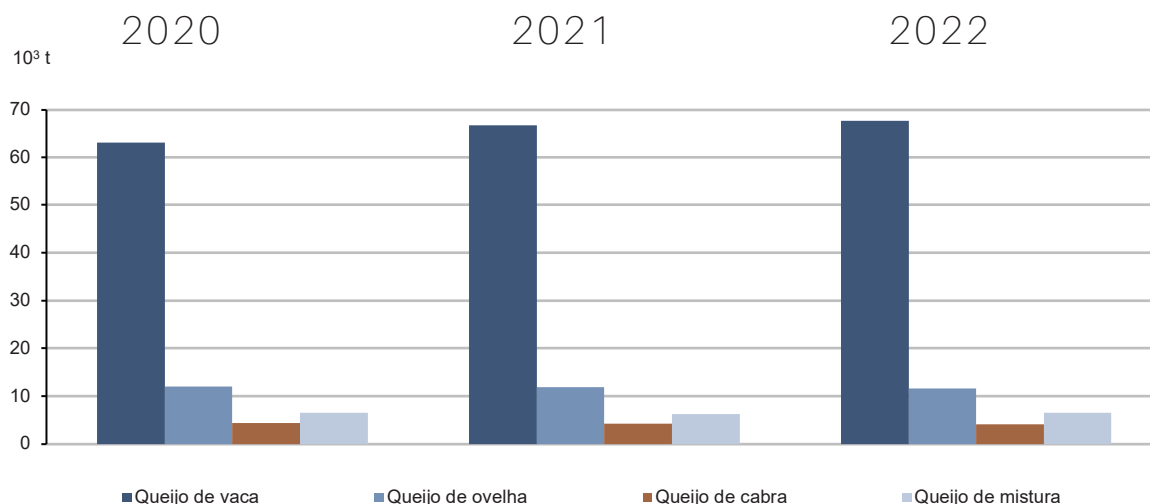


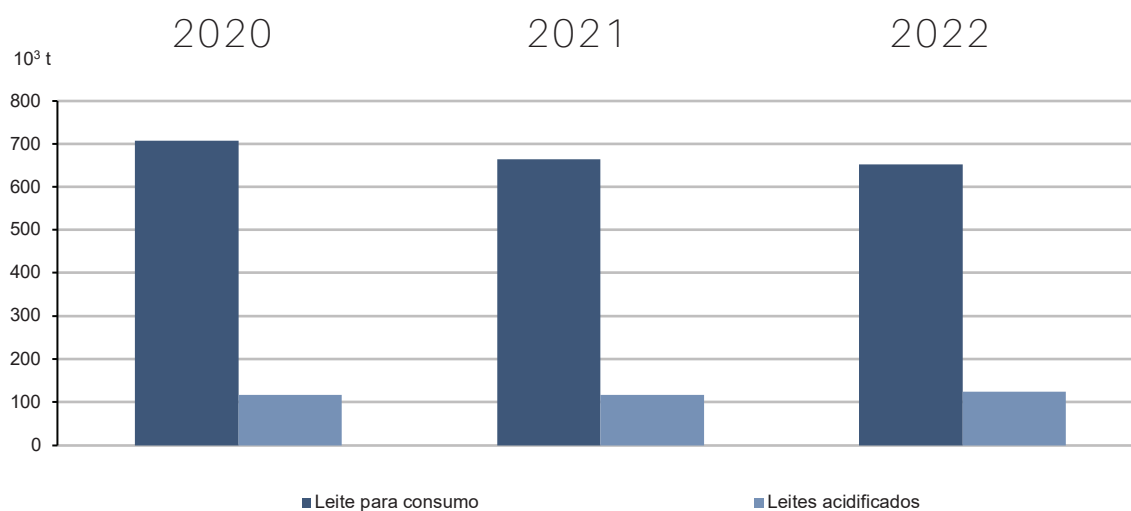
FIGURA 2.7  
Produção de queijo



FONTE: INE, I. P., Estatísticas da produção animal.

O menor volume de produtos lácteos frescos registado em 2022 ficou a dever-se essencialmente ao leite para consumo, cujo volume (652 mil toneladas) foi inferior em 1,8%, face a 2021. Pelo contrário, a quantidade de leites acidificados (inclui os iogurtes) aumentou 6,3% no ano em análise, com 124 mil toneladas produzidas.

FIGURA 2.8  
Produção de leite para consumo e de leites acidificados



FONTE: INE, I. P., Inquérito Anual à Recolha, Tratamento e Transformação do Leite.

## PRINCIPAIS INDICADORES

- Produção de carne (t) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Tipo de carnes; Anual
- Produção de banha de porco (t) por Localização geográfica (NUTS - 2013); Anual
- Produção de miudezas de reses (t) por Localização geográfica (NUTS - 2013); Anual
- Produção de leite (l) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Tipo de leite; Anual
- Produção de leite (t) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Tipo de leite; Anual
- Produção de queijo (t) por Tipo de queijo; Anual
- Produção de manteiga (t); Anual
- Produção de ovos (t) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Tipo de ovos; Anual
- Produção de mel (t) por Localização geográfica (NUTS - 2013); Anual
- Produção de cera (t) por Localização geográfica (NUTS - 2013); Anual
- Produção de lã (t) por Localização geográfica (NUTS - 2013); Anual
- Leite recolhido (l) por Local de origem (NUTS - 2013) e Tipo de leite (Recolhido); Anual
- Leite recolhido (t) por Local de origem (NUTS - 2013) e Tipo de leite (Recolhido); Anual
- Produtos lácteos (t) por Tipo de leites e produtos lácteos; Anual
- Efectivo bovino (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Categoria (efectivo bovino); Semestral
- Efectivo suíno (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Categoria (efectivo suíno); Anual
- Efectivo ovino (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Categoria (efectivo ovino); Anual
- Efectivo caprino (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Categoria (efectivo caprino); Anual
- Cabeças de gado abatido e aprovado para consumo (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Categoria (gado abatido); Anual
- Peso limpo de gado abatido e aprovado para consumo (t) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Categoria (gado abatido); Anual
- Peso médio de gado abatido e aprovado para consumo (kg/ cabeça) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Categoria (gado abatido); Anual
- Aves e coelhos abatidos e aprovados para consumo (N.º) por Localização geográfica (Região agrária) e Categoria (aves e coelhos abatidos); Anual
- Peso limpo de aves e coelhos abatidos e aprovados para consumo (t) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Categoria (aves e coelhos abatidos); Anual
- Peso médio de aves e coelhos abatidos e aprovados para consumo (kg/ cabeça) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Categoria (aves e coelhos abatidos); Anual



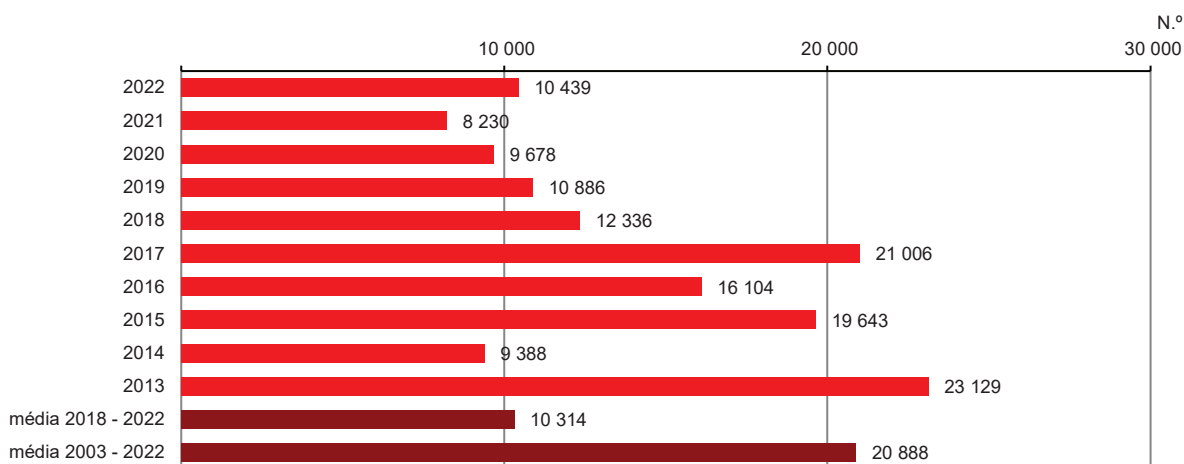




# INCÊNDIOS

Em 2022, deflagraram 10 439 incêndios rurais<sup>7</sup>, mais 26,8% de ocorrências face a 2021, e mais 1,2% face à média do último quinquénio (2018-2022). No ano em análise, o número de ignições, ainda que superior aos dois últimos anos e à média do último quinquénio (2018-2022), foi cerca de metade do número médio de incêndios registados nos últimos 20 anos (20 888 incêndios rurais).

FIGURA 3.1  
Número de Incêndios rurais em Portugal



FONTE: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF);  
Dir. Regional de Florestas e Conservação da Natureza.

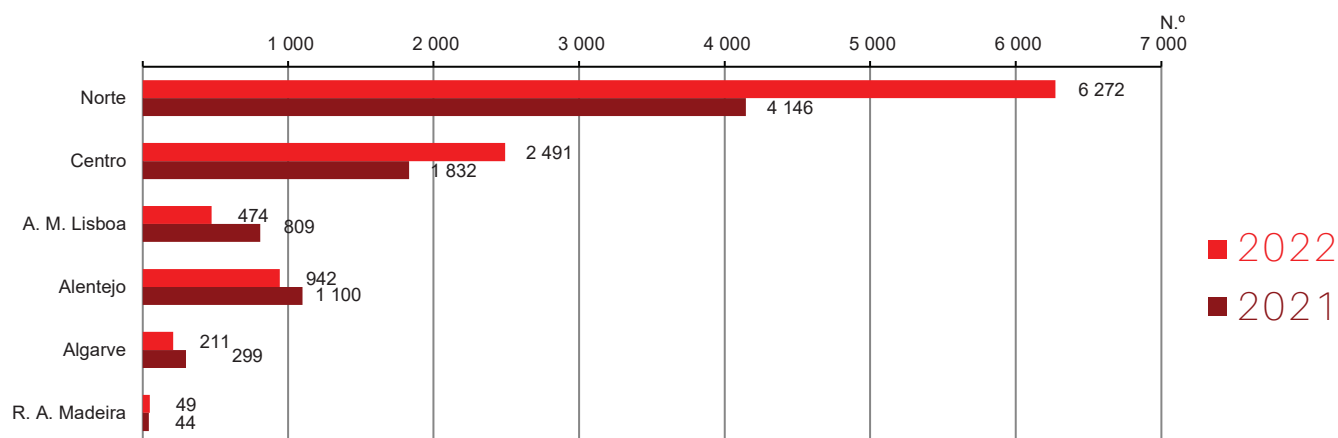
NOTA: No Continente a informação refere-se aos Incêndios rurais (compreende ocorrências que incluem áreas de povoamentos florestais, áreas de matos e pastagens e áreas agrícolas). Na RAM a informação refere-se apenas aos incêndios florestais (compreende ocorrências que incluem áreas de povoamentos florestais e áreas de matos e pastagens). A localização do incêndio reporta-se à origem do ponto de ignição.

Em 2022, mais de metade do número de incêndios rurais, tendo por referência a origem do ponto de ignição, incidiu na região Norte, com 60,1% das ocorrências (50,4% em 2021), seguido do Centro com 23,9% (22,3% em 2021). Estas duas regiões totalizaram 8 763 ocorrências, 83,9% das ignições registadas em Portugal (72,6% em 2021).

A R. A. Madeira registou mais 5 incêndios que em 2021, o que representou um aumento de 11,4%.

<sup>7</sup> O sistema de informação para os incêndios rurais contempla as ocorrências registadas no Continente e na R.A. Madeira. Na R.A. Açores, atendendo às condições climáticas, considera-se que não existem incêndios ou que estes são negligenciáveis.

FIGURA 3.2  
Número de Incêndios rurais, por NUTS II



FONTE: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF);  
Dir. Regional de Florestas e Conservação da Natureza.

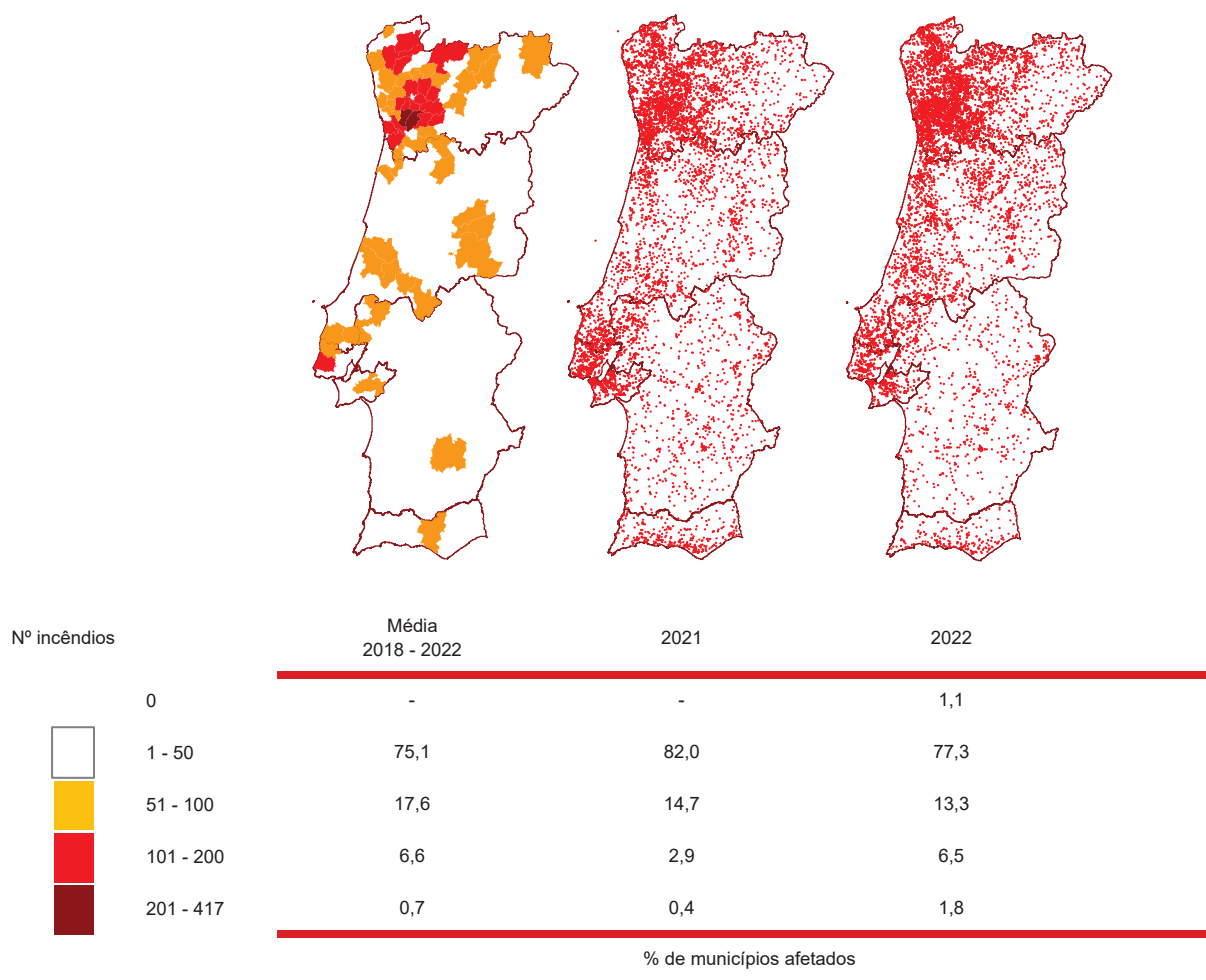
NOTA: No Continente a informação refere-se aos Incêndios rurais (compreende ocorrências que incluem áreas de povoamentos florestais, áreas de matos e pastagens e áreas agrícolas). Na RAM a informação refere-se apenas aos incêndios florestais (compreende ocorrências que incluem áreas de povoamentos florestais e áreas de matos e pastagens). A localização do incêndio reporta-se à origem do ponto de ignição.

No último quinquénio (2018-2022) 75,1% dos municípios do Continente registaram em média entre 1 e 50 focos de incêndio, sendo mais frequentes na região Centro, onde representaram 39,6% do total de ignições, seguidos do Alentejo com 25,3%, do Norte com 21,2% e do Algarve e Área Metropolitana de Lisboa com 6,9% cada.

Em 2022, cerca de 49% dos municípios do Norte foram fustigados por mais de 50 incêndios (38,4% em 2021), sendo que cinco registaram, em exclusivo, mais de 200 ocorrências, nomeadamente Penafiel (417), Paredes (225), Gondomar (209), Fafe (207) e Arcos de Valdevez (202). Este cenário foi contrastante com 2021, em que apenas Santa Maria da Feira registou 202 ocorrências (104 em 2022). Estes números estão distantes da média anual nacional, que se situou nas 37 ocorrências por município em 2022, mais 8 incêndios que na média observada em 2021.



FIGURA 3.3  
Número de Incêndios rurais, por município (Continente)



FONTE: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).

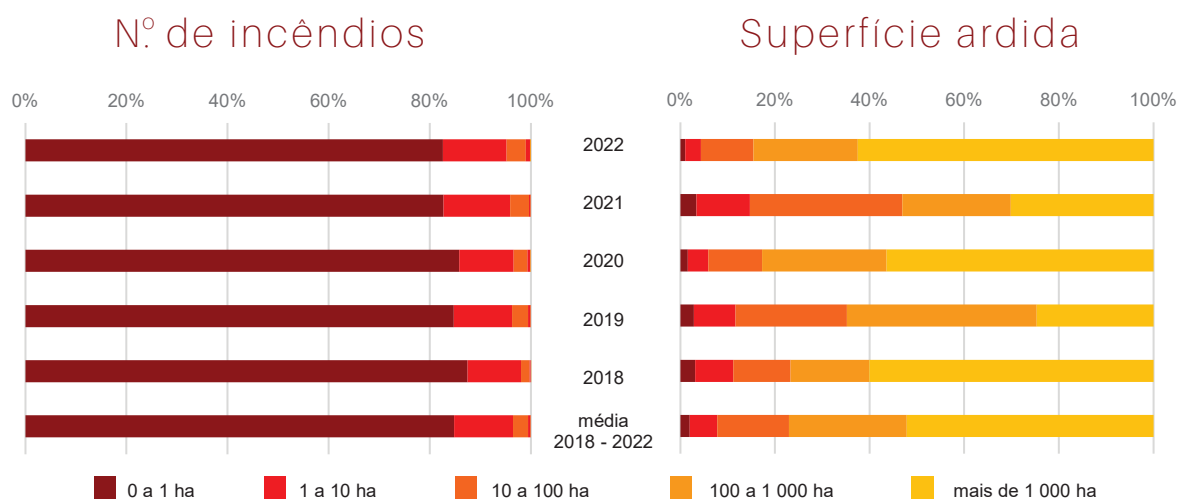
NOTA: A localização do incêndio reporta-se à origem do ponto de ignição.

Na R. A. da Madeira, o município da Ribeira Brava, foi o mais fustigado no quinquénio (2018-2022), com uma média de 16 incêndios por ano, valor próximo ao registado em 2022 (15 ocorrências, correspondente a 30,6% do total dos 49 incêndios ocorridos).

A tipificação do número de incêndios por classe de área ardida no Continente em 2022, revela uma semelhança com o comportamento observado no último quinquénio (2018-2022), em que as ocorrências com dimensão inferior a 1 hectare, os fogachos, predominaram, representando 82,6% do total, seguidos da classe entre 1 e 10 hectares, com 12,6%.

O número de incêndios deflagrados com dimensão superior a 500 hectares foi de 29 (0,3%), o dobro da média dos últimos 5 anos. A similitude da distribuição das ocorrências por classe de dimensão de incêndio rural entre 2022 e o último quinquénio não é acompanhada em termos de área ardida. Em 2022, registaram-se 17 incêndios com dimensão superior a 1 000 hectares (0,2% do total), 8,5 vezes mais que em 2021 e 2,6 vezes mais que a média dos últimos 5 anos. Estes incêndios resultaram em 68,8 mil hectares de área ardida, 62,5% da superfície total ardida no Continente (30,5 mil hectares de área ardida correspondente a 52,1% da superfície total ardida no Continente no quinquénio 2018-2022).

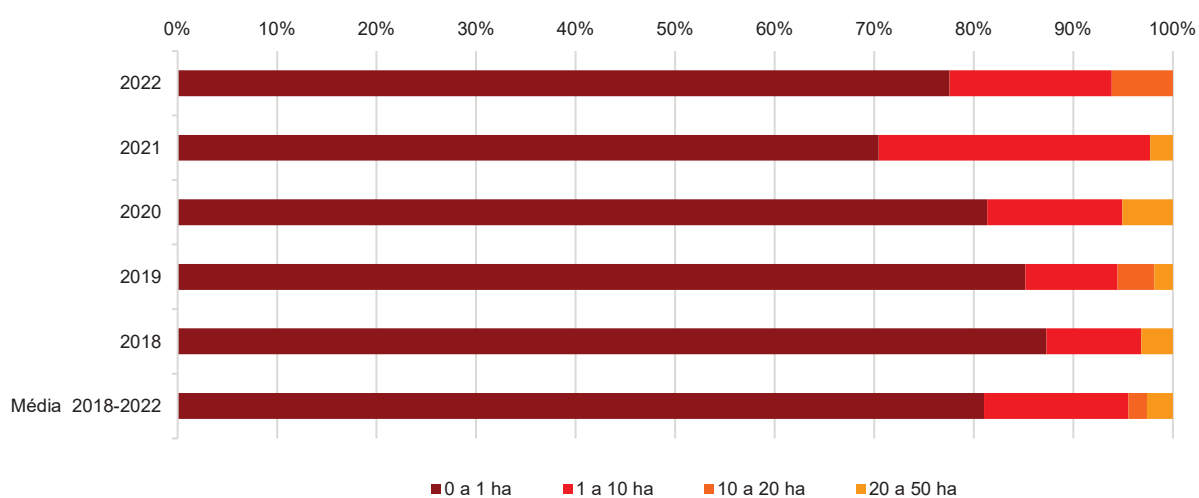
FIGURA 3.4.1  
Incêndios rurais por classe de área ardida (Continente)



FONTE: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).

Na R. A. da Madeira, a classe de dimensão de incêndio mais frequente na média dos últimos 5 anos (2018-2022) foi a inferior a 1 hectare (fogachos), representando 81,0% dos incêndios, sendo que as outras ocorrências não ultrapassaram os 50 hectares de extensão. Em 2022, os fogachos representaram 77,6% das ocorrências (70,5% em 2021) e 16,3% foram incêndios enquadrados na categoria entre 1 e 10 hectares e 6,1% entre 10 e 20 hectares.

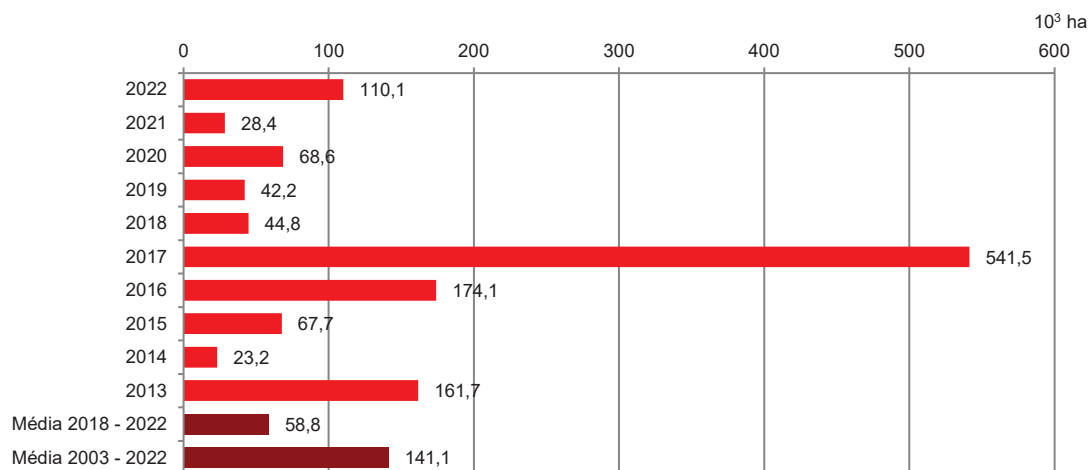
FIGURA 3.4.2  
Incêndios por classe de superfície ardida (R. A. Madeira)



FONTE: Dir. Regional de Florestas e Conservação da Natureza.

A superfície ardida em 2022 foi de 110,1 mil hectares no Continente e 0,09 mil hectares na R. A. da Madeira (28,4 mil hectares e 0,07 mil hectares em 2021, respetivamente), o que posiciona 2022 como o quarto ano mais severo da última década (2013-2022), com quase o dobro da área média ardida no último quinquénio (58,8 mil hectares).

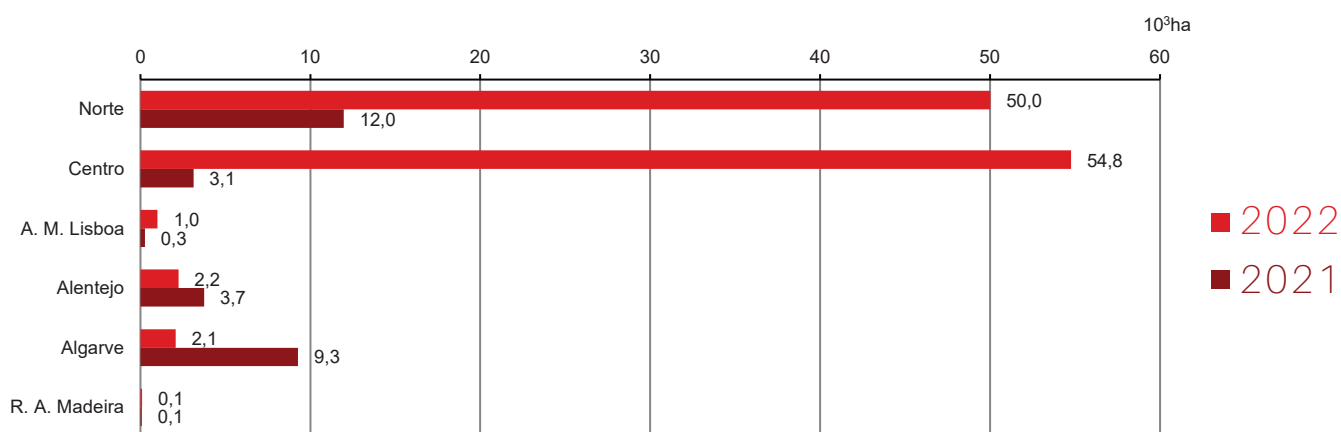
FIGURA 3.5  
Superfície ardida em Portugal



FONTE: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF);  
Dir. Regional de Florestas e Conservação da Natureza.

A análise regional destaca a região Centro por apresentar a maior extensão de superfície ardida em 2022, com 54,8 mil hectares, ou seja 17,5 vezes mais que em 2021, seguida do Norte, com 50,0 mil hectares ardidos, 4,2 vezes mais que em 2021, tendo estas duas regiões totalizado 95,1% do total da superfície ardida (53,0% em 2021). Em contraste, mas com menor relevância, verifica-se que os incêndios que deflagraram no Alentejo e Algarve fizeram arder menos superfície em 2022 (8,7 mil hectares), que no cômputo geral representaram menos 41,9 p.p. face a 2021.

FIGURA 3.6  
Superfície ardida, por NUTS II



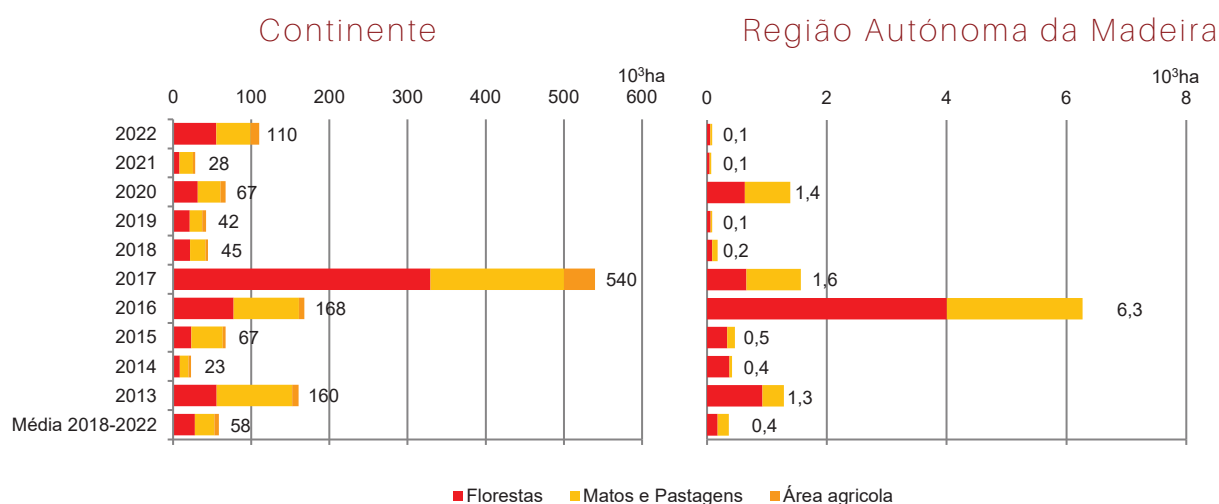
FONTE: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF);  
Dir. Regional de Florestas e Conservação da Natureza.

Em 2022, do total de superfície ardida no Continente, 50,2% era ocupada por floresta (28,8% em 2021), 39,7% por matos e pastagens (60,6% em 2021) e 10,0% por área agrícola (10,7% em 2021). Na R. A. Madeira também foi a superfície de floresta que mais ardeu (63,9%), seguida da área de matos e pastagens com 36,1% (64,2% e 35,8% em 2021, respetivamente).

No último quinquénio, tendo em consideração a área do último Inventário Florestal Nacional do ICNF e do Inventário Florestal da Região Autónoma da Madeira, o ano 2022 foi o que registou maior proporção de espaços florestais ardidos, com 1,64% (1,65% no Continente e 0,14% na R. A. Madeira), quase o dobro da média do quinquénio (0,88%) e o quádruplo de 2021 (0,42%).



FIGURA 3.7  
Superfície Ardida por tipo de ocupação



FONTE: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF);  
Dir. Regional de Florestas e Conservação da Natureza.

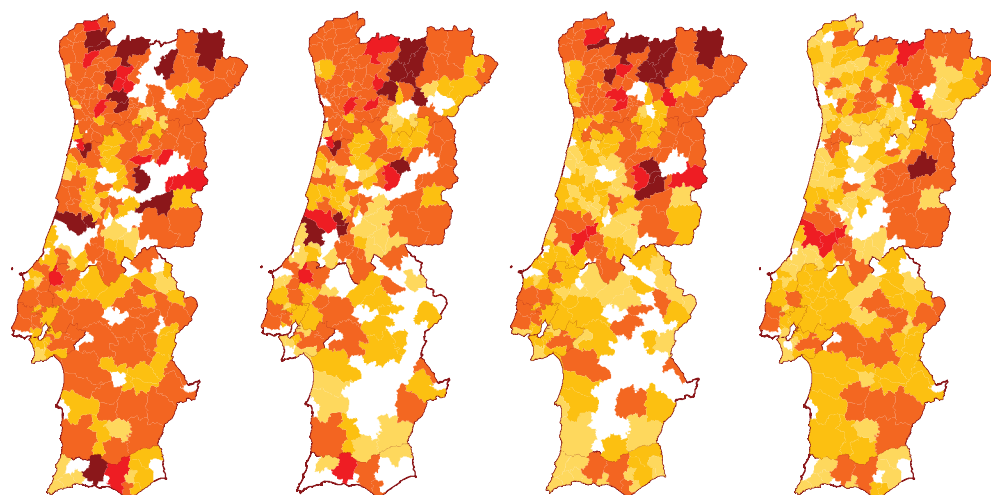
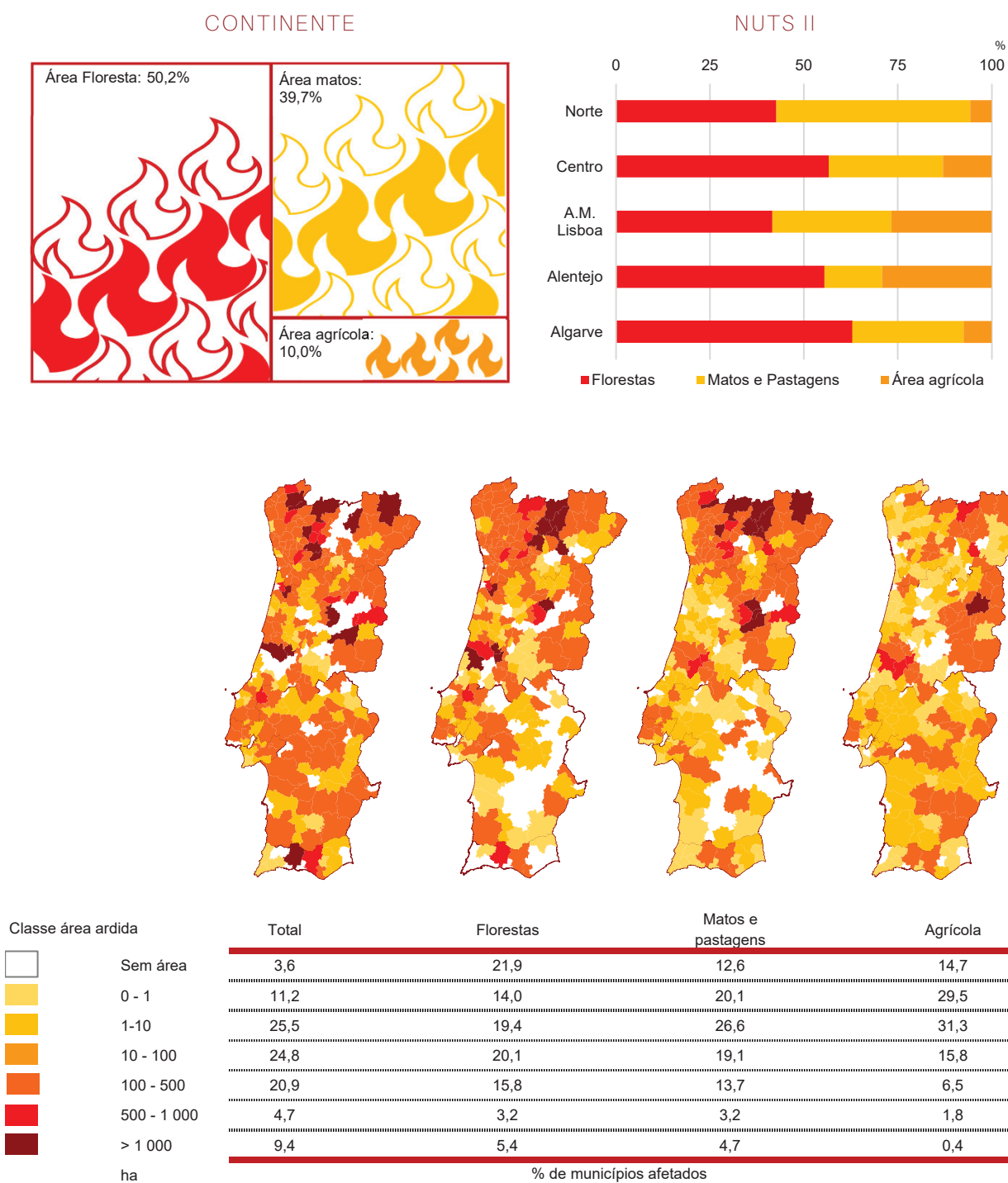
A grande maioria dos municípios do Continente (85,3%) teve pelo menos 1 hectare de superfície ardida em 2022, sendo que 9,4% do total dos municípios (1,4% em 2021) foram afetados por áreas superiores a 1 000 hectares, totalizando 76,2% da superfície ardida (41,3% em 2021). Mais de 1/5 da restante área ardida (21,4%) ocorreu em 25,5% dos municípios, cuja extensão ardida variou entre 100 e 1 000 hectares.

A quase totalidade de área ardida de florestas (96,1%) incidiu em 24,5% dos municípios cujo território foi afetado com extensões de área ardida superiores a 100 hectares.

O município da Guarda foi o mais flagelado pelos incêndios, com 10,5 mil hectares de área ardida (9,5% do total do Continente), em que 55,7% eram povoamentos florestais, que por sua vez representavam 10,6% da superfície ardida de floresta. Neste mesmo município sucedeu a maior extensão ardida de área agrícola, que contabilizou 14,5% do total do Continente. A maior extensão de matos e pastagens ardidos (9,7%) ocorreu em Vila Real, ardendo 3,4 vezes mais do que os outros tipos de ocupação juntos.



FIGURA 3.8  
Representação da área ardida por tipo de superfície no Continente (2022)



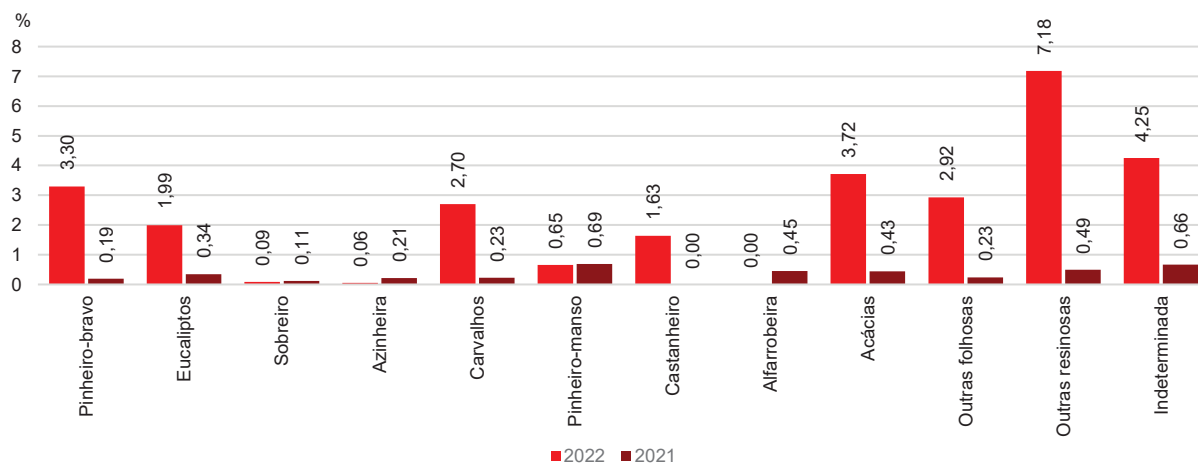
FONTE: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).

NOTA: A localização do incêndio reporta-se à origem do ponto de ignição.



A superfície ardida de floresta no Continente correspondeu a quase 2% desta ocupação do solo, ie 6,8 vezes mais, comparativamente a 2021. Analisando a área de povoamentos florestais ardidos por espécie em 2022, destaca-se o pinheiro-bravo com 3,3% da sua área ardida (0,2% em 2021), os carvalhos com 2,7% (0,2% em 2021), o eucalipto com 2,0% (0,3% em 2021) e o castanheiro com 1,6% (sem ocorrências em 2021).

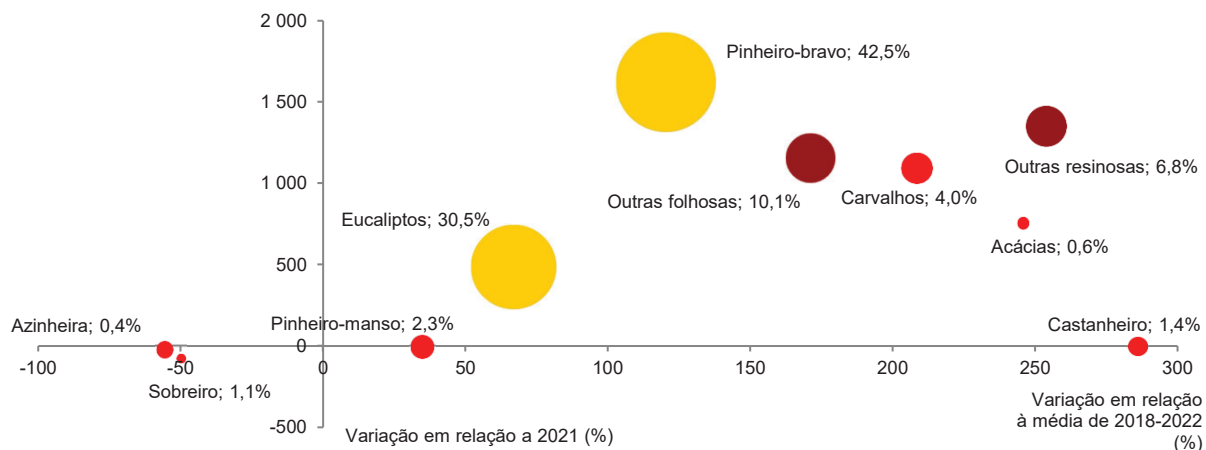
FIGURA 3.9  
Proporção da superfície ardida por espécie (Continente)



FONTE: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).

A espécie florestal com maior superfície ardida causada pelos incêndios de 2022 foi o pinheiro-bravo, com 42,5% do total da superfície ardida de povoamentos florestais, tendo ardido mais 17 vezes que em 2021 e mais 120,4% face à média do último quinquénio. O eucalipto destaca-se também, com 30,5%, 6 vezes mais que em 2021 e mais 66,8% face ao quinquénio. Os carvalhos, com uma fatia de 4,0% da área ardida total, arderam 12 vezes mais que em 2021 e 3 vezes mais que a média de 2018-2022. Já os povoamentos de pinheiro-manso arderam menos 5,0% face ao ano anterior, mas mais 34,8% que no quinquénio 2018-2022.

FIGURA 3.10  
Superfície Ardida de povoamentos florestais por espécie (Continente)



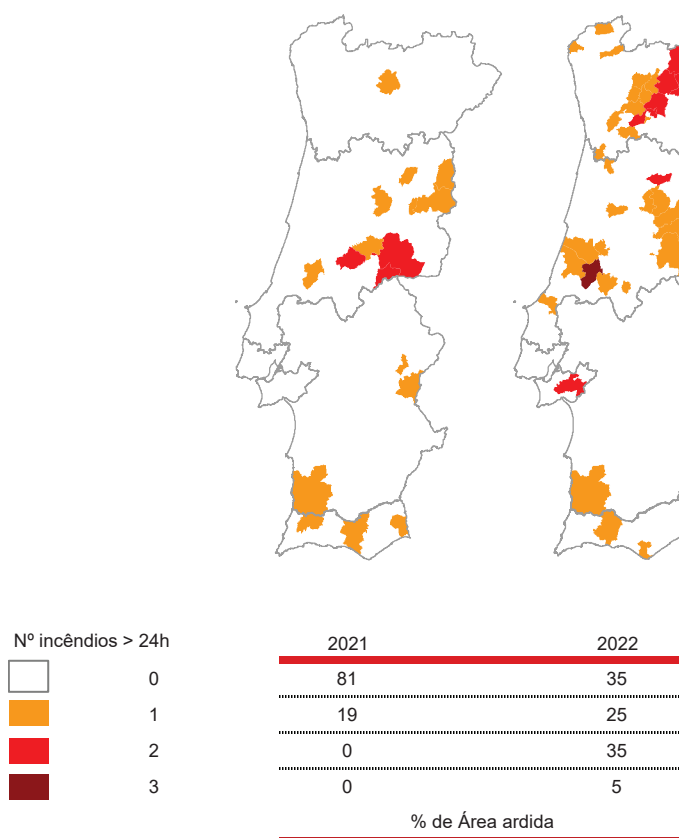
FONTE: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).

\*Dimensão do globo representa a área ardida de cada espécie florestal em 2022.

Na R. A. Madeira a espécie florestal mais afetada pelos incêndios foi o eucalipto, correspondendo a 43,4% do total da área ardida na região, menos 3,2% que em 2021 e menos 69,5% face ao quinquénio, seguida das acácias, com 27,1% (-15,7% face a 2021) e do pinheiro-bravo, com 10,8%.

No universo de 10 390 incêndios registados no Continente em 2022, houve 61 ocorrências com uma duração superior a 24 horas (21 em 2021), responsáveis por 65,3% da área ardida, 19,1% em 2021. A região Norte registou 30 incêndios com esta duração, seguida do Centro com 26, onde está localizado o município de Ourém que registou o máximo do país em 2022, com 7 incêndios com esta duração, seguido da Guarda, com 3 ocorrências.

FIGURA 3.11  
Incêndios com duração superior a 24 horas e representação da área ardida  
(Continente)

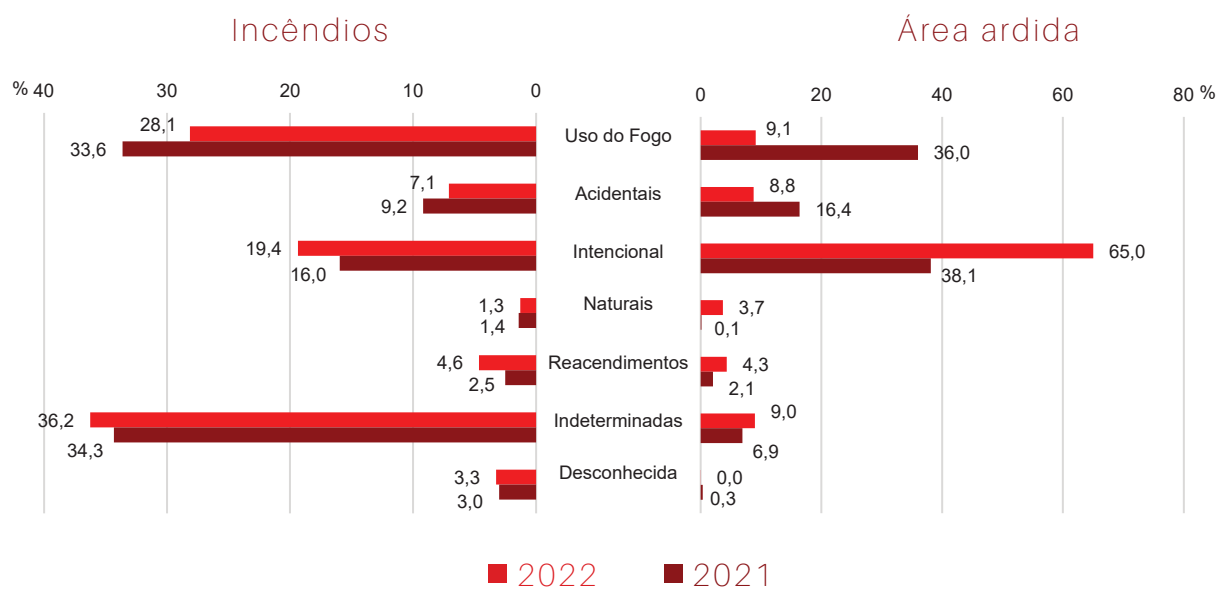


FONTE: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF)  
NOTA: A localização do incêndio reporta-se à origem do ponto de ignição.

Em 2022 apuraram-se 60,5% das causas de incêndio (62,7% em 2021), identificando-se o motivo para 91,0% da superfície ardida.

A causa conhecida mais representativa, em termos de extensão de área ardida, foi a intencional, com 19,4% do número total de incêndios, responsável por 65,0% do total da área ardida (38,1% em 2021). A causa mais frequente foi o Uso do fogo, onde se incluem as queimadas de sobrantes agrícolas e florestais e o cigarro, contabilizando 28,1% dos incêndios (9,1% da superfície total ardida). Seguiram-se as causas acidentais (7,1%), os reacendimentos (4,6%), e por último as causas naturais com 1,3%.

FIGURA 3.12  
Incêndios por causa (Continente)



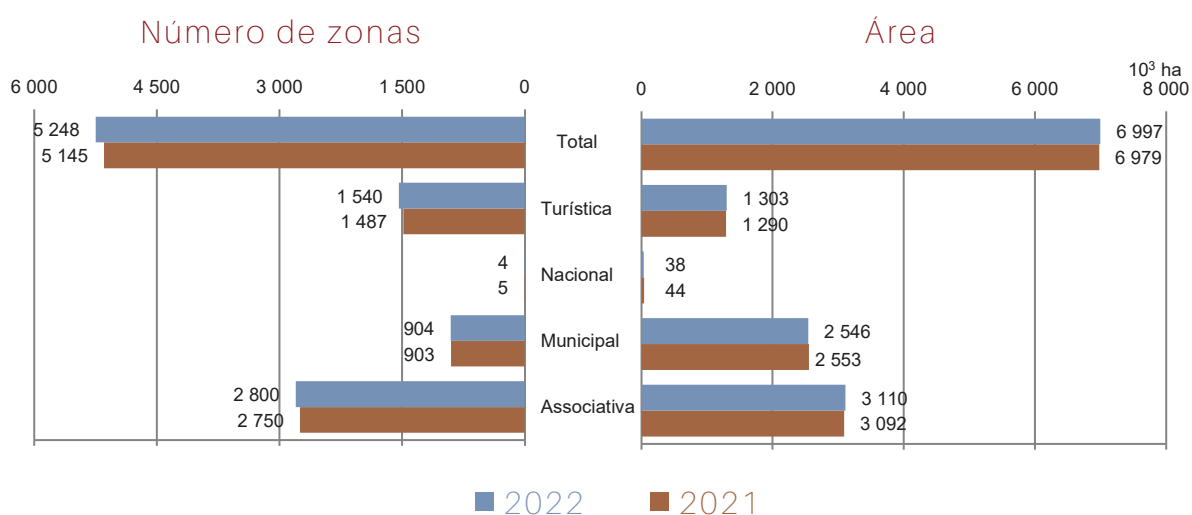
FONTE: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).  
NOTA: A localização do incêndio reporta-se à origem do ponto de ignição.

# Caça

A classificação das zonas de caça é feita consoante a natureza da respetiva entidade gestora ou do fim a que se destina: Turística quando gerida por entidades que tenham por objetivo a exploração económica dos recursos cinegéticos; Nacional se governada pelo Estado ou a quem este transferir a gestão; Municipal nas situações em que é administrada por autarquias ou associações de caçadores com vista a proporcionar o exercício organizado da caça, a um número maximizado de caçadores com condições de acesso especial e Associativa, quando gerida por associações ou clubes de caçadores.

Em Portugal Continental, no ano 2022, a área de caça distribuiu-se por 6 997 mil hectares em 5 248 zonas de caça, correspondendo a mais 103 espaços distribuídos por mais 18,1 mil hectares que em 2021.

FIGURA 3.13  
Zonas de caça por tipo de zona



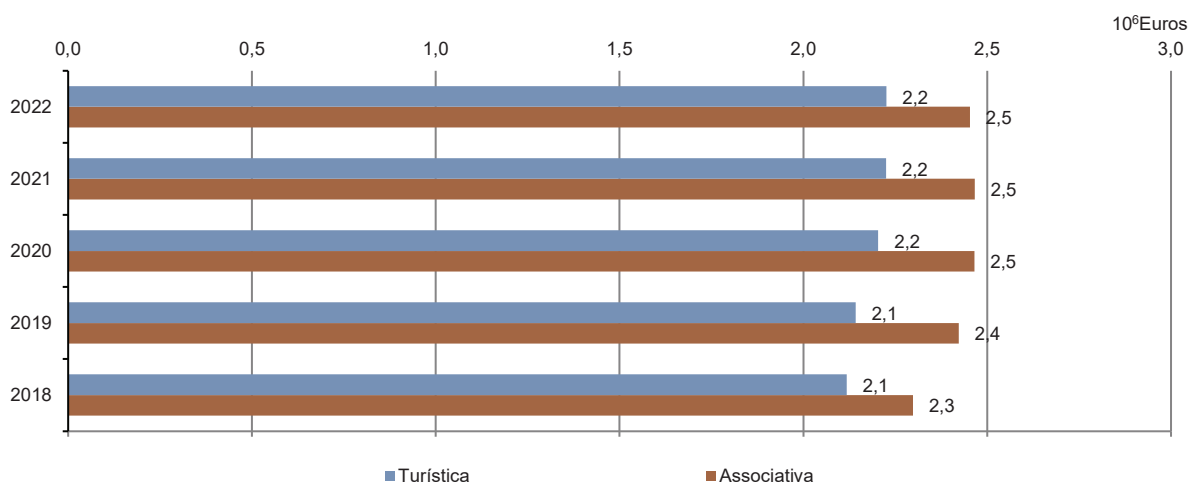
FONTE: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).

O maior aumento do número das zonas de caça incidiu nos espaços turísticos (+29), seguido dos administrados associativamente (+21). À semelhança dos últimos anos, em 2022 as zonas de caça mais representativas foram as associativas (53,4%), abrangendo 3 110 mil hectares, correspondentes a 44,4% da extensão destes espaços em Portugal Continental. As zonas de caça municipais, apesar de em menor número, representando 17,2% do total, têm uma dimensão média superior e ocupavam 36,4% destas áreas, com cerca de 2 546 mil hectares. Seguem-se as zonas de caça turísticas e as nacionais, com 1 303 e 38 mil hectares, respetivamente.

A atividade da caça em zona associativa ou turística implica o pagamento de taxas anuais ao abrigo da Portaria n.º 431/2006, de 3 de maio, alterada pela Portaria n.º 210/2010 de 15 de abril. A taxa anual devida pelas concessões de caça (zonas de caça associativas e turísticas) destina-se a pagar uma exclusividade de utilização (do recurso caça) ao Estado que a concede às respetivas entidades gestoras. Esta taxa é calculada por hectare de área concessionada e é diferenciada consoante o tipo de zona, pagando as associativas metade da taxa devida pelas turísticas.

A receita gerada por esta taxa em 2022 foi de 4,7 milhões de euros (-0,3% de receita face a 2021), sendo 52,4% proveniente das zonas associativas e 47,4% das zonas turísticas.

FIGURA 3.14  
Taxas Anuais por tipo de Zona de caça

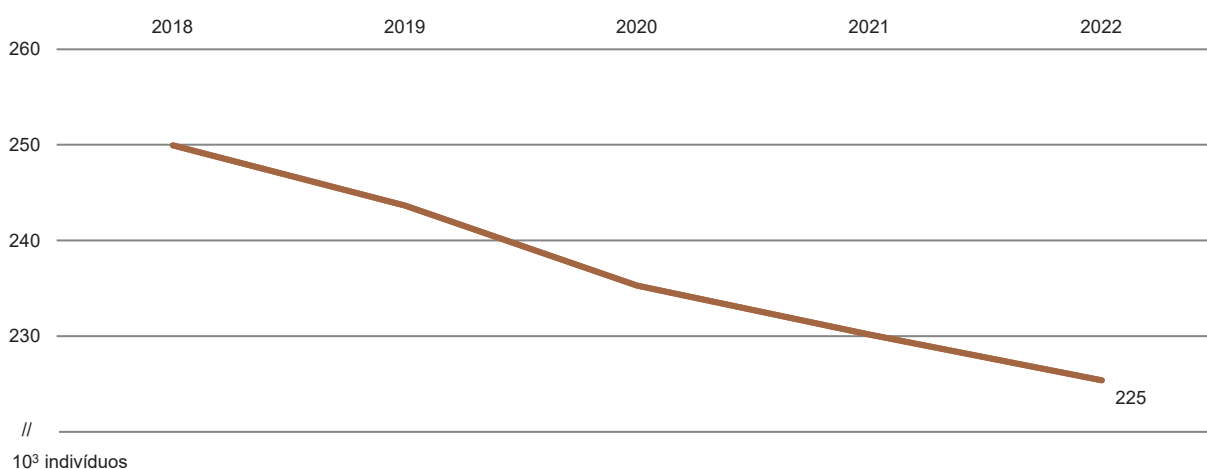


FONTE: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).

O número de caçadores registados engloba todos os indivíduos detentores de carta de caçador, independentemente de terem ou não tirado a licença de caça. Esta carta deverá ser renovada anualmente, mediante o pagamento de uma taxa específica. No Decreto-Lei 24/2018<sup>8</sup> é agora mencionada a afetação de parte das receitas provenientes das licenças de caça ao Fundo Florestal Permanente, por forma a garantir o financiamento da gestão correta e racional dos recursos cinegéticos, com vista ao desenvolvimento e valorização do mundo rural.

Em 2022, foram contabilizados 225 397 caçadores, tendo ocorrido um decréscimo de 2,1% face ao ano anterior, ou seja, menos 4 775 indivíduos requereram a licença de caça. Esta diminuição do número de caçadores registados incidiu principalmente em indivíduos com idade entre os 31 e 40 anos (-7,7%) e entre os 51 e 60 anos (-4,5%). Por oposição, o número de licenças aumentou nas idades mais jovens (+12,1% até 30 anos) e nos escalões etários de 71 ou mais anos (+3,7%).

FIGURA 3.15  
Caçadores registados



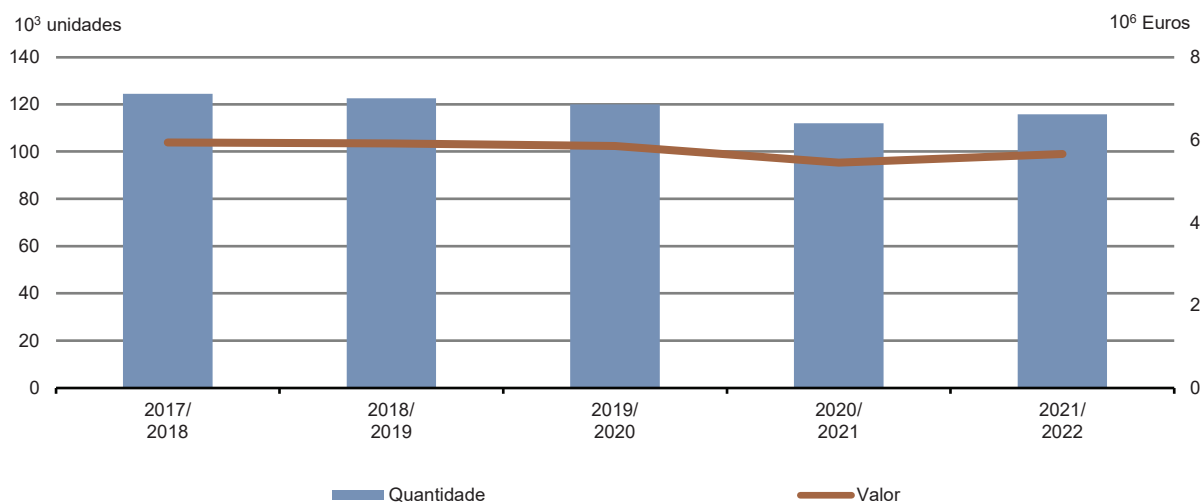
FONTE: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).

<sup>8</sup> Altera o regime jurídico da conservação, fomento e exploração dos recursos cinegéticos, com vista à sua gestão sustentável.

As licenças de caça emitidas pelo ICNF permitem o exercício da atividade da caça em território determinado e para uma época venatória específica. Para cada época deverá ser feita a atualização da licença, mediante o pagamento de uma taxa, variável consoante o tipo de licença pretendido.

As 115 726 licenças de caça emitidas na época venatória 2021/2022 (111 926 em 2020/2021), corresponderam a um acréscimo de 3,4%, gerando uma receita de 5,7 milhões de euros, superior em 3,8% à de 2020/2021.

FIGURA 3.16  
Licenças de caça emitidas



FONTE: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).



## PRINCIPAIS INDICADORES

- Incêndios rurais (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2013); Anual
- Superfície ardida (ha) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Tipo de superfície ardida; Anual
- Proporção de superfície ardida (do incêndio rural ha) por Localização geográfica (NUTS - 2013); Anual
- Superfície florestal (ha) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Espécie florestal; Decenal
- Superfície ardida (ha) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Espécie florestal; Anual
- Proporção de espaços florestais ardidos (%) por Localização geográfica (NUTS - 2013); Anual
- Proporção de superfície ardida (%) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Tipo de superfície ardida; Anual
- Proporção de espaços florestais (%) por Localização geográfica (NUTS - 2013); Decenal
- Espaços florestais (ha) por Localização geográfica (NUTS - 2013); Decenal
- Incêndios rurais (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Tipo de causa de incêndio; Anual
- Superfície ardida (ha) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Tipo de causa de incêndio; Anual
- Incêndios rurais (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Dimensão do incêndio; Anual
- Superfície ardida (ha) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Dimensão do incêndio; Anual
- Caçadores registados (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Grupo etário; Anual
- Zonas de caça (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Tipo de zona de caça; Anual
- Zonas de caça (ha) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Tipo de zona de caça; Anual
- Produção de resina nacional à entrada da fábrica (t) por Localização geográfica (NUTS - 2013); Anual
- Produção de resina nacional à entrada da fábrica (€) por Localização geográfica (NUTS - 2013); Anual
- Preço médio da resina nacional à entrada da fábrica (€/ kg) por Localização geográfica (NUTS - 2013); Anual





# 4

## AGRICULTURA E AMBIENTE

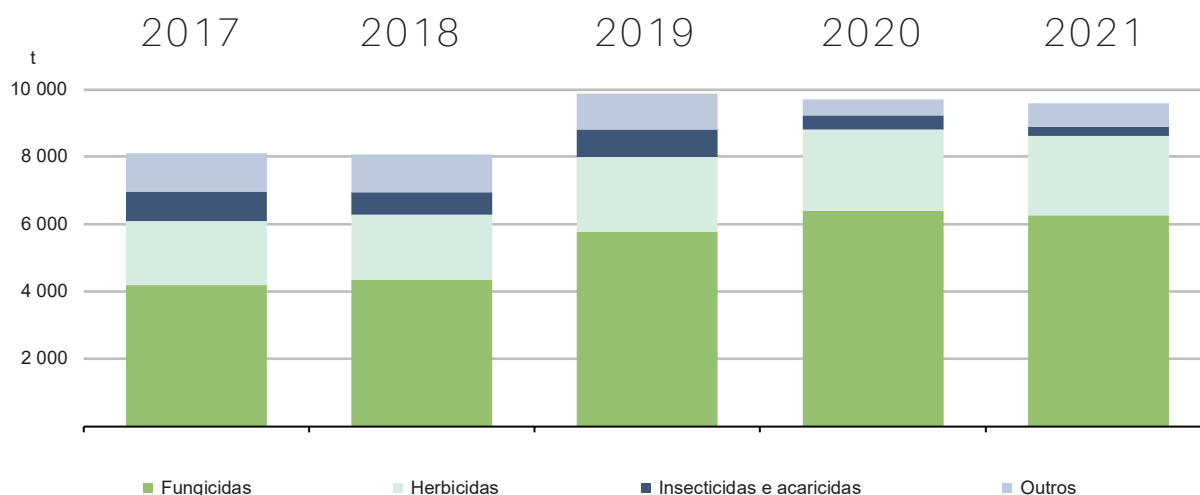
# PRODUTOS FITOFARMACÊUTICOS

Em 2021, foram vendidas 9,6 mil toneladas de produtos fitofarmacêuticos, correspondente a uma redução de 1,3% face a 2020. Para este decréscimo não será alheio o facto de entre março e julho de 2021 (período em que se realizam a maioria das aplicações de pó de enxofre), os valores de precipitação acumulada (165mm), terem sido significativamente inferiores aos registados no período homólogo de 2020 (253mm), situação menos propícia à proliferação de fungos e consequentemente menos exigente em termos de aplicação de enxofre.

A análise à estrutura de vendas permite destacar o grupo dos fungicidas, representando em 2021 cerca de 65,3% do volume total de vendas (66,0% em 2020) seguido dos herbicidas com 24,5% (24,7% em 2020). O terceiro grupo com mais vendas registadas foram os “outros produtos fitofarmacêuticos” (moluscidas, reguladores de crescimento e outros produtos para a proteção de plantas) com 7,2% (5,0% em 2020). Os inseticidas e acaricidas foram o grupo com menos vendas registadas, 2,9% do total que compara com 4,3% em 2020.

Os óleos minerais estão incluídos no grupo dos inseticidas e acaricidas, pois a sua função em Portugal tem sido, exclusivamente, de inseticida/acaricida, contribuindo, em 2021, para 48,4% (73,0% em 2020) das vendas deste grupo. A redução das vendas destes óleos de 54,4% em 2021 face a 2020 deveu-se às elevadas temperaturas registadas nos meses de abril e outubro, meses em que normalmente ocorrem as infestações de ácaros nos pomares, o que mitigou a aplicação de óleo de parafina.

FIGURA 4.1  
Venda de produtos fitofarmacêuticos, por tipo de função  
(2017-2021)



FONTE: Direção Geral de Alimentação e Veterinária.

NOTA: Não inclui produtos fitofarmacêuticos de origem microbiológica ou botânica.

O enxofre, substância ativa de toxicidade reduzida, foi responsável por 54,1% (60,9% em 2020) do volume de vendas dos fungicidas e por 35,7% do volume total de produtos fitofarmacêuticos (40,2% em 2020).

A evolução das vendas dos produtos fitofarmacêuticos na UE27 mantém-se relativamente constante desde 2011, enquanto Portugal apresenta uma tendência decrescente. Neste contexto, o desempenho de Portugal afigura-se mais positivo do ponto de vista ambiental, posicionando-se sempre abaixo da média da UE27, evoluindo a uma taxa de variação anual de -3,7%, enquanto na UE27 esta taxa foi de -0,1%.

FIGURA 4.2  
Evolução das vendas de produtos fitofarmacêuticos em Portugal e na UE-27  
(2011-2020)

(base: 2011=100)

Ano	UE27	Portugal
2011	100	100
2012	98	90
2013	98	72
2014	102	92
2015	101	72
2016	102	70
2017	100	58
2018	99	57
2019	94	70
2020	96	69
2021	99,0	68,3

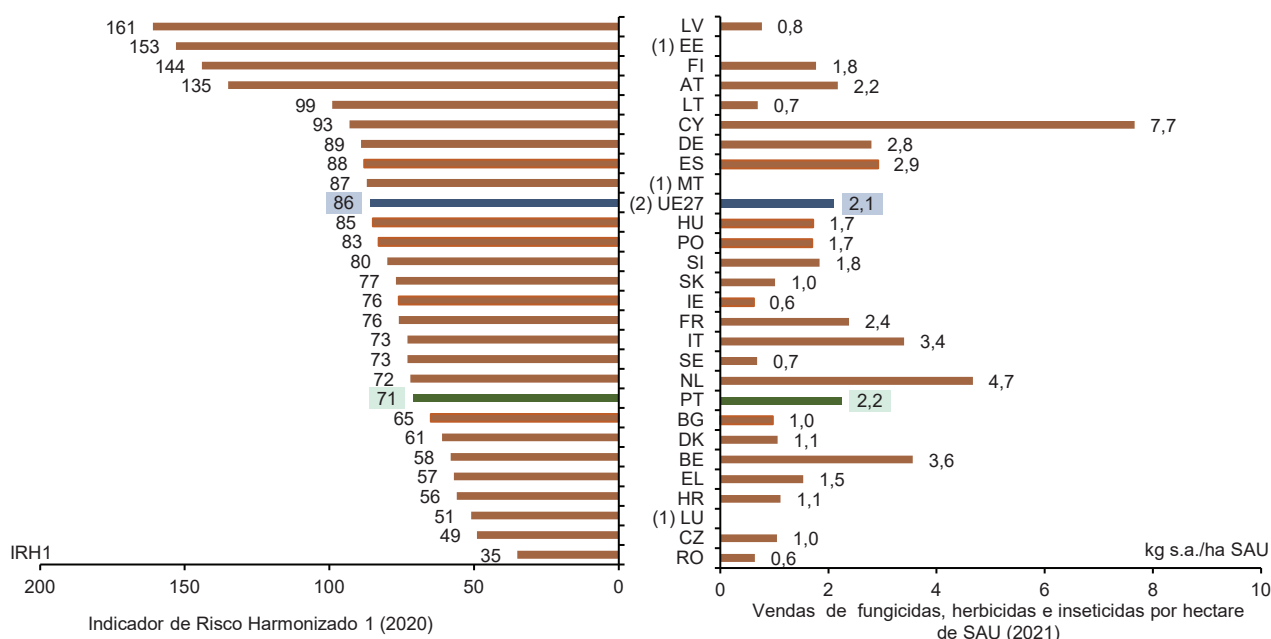
FONTE: Eurostat.



Desde 2011 até 2020, o IRH<sup>9</sup> já decresceu 29,0% em Portugal, redução mais intensa que a verificada na UE27 (-22,0%).

No ano de 2021, Chipre, Países Baixos e Bélgica foram os Estados-Membros que apresentaram maior quantidade vendida de substância ativa dos principais grupos de pesticidas, relativizada por hectare de SAU. Portugal mantém-se no oitavo lugar relativamente a este indicador (2,2 kg s.a./ha SAU) e ligeiramente acima da média da UE27 (2,1 kg s.a./ha SAU).

FIGURA 4.3  
Vendas de fungicidas, herbicidas e inseticidas por hectare de SAU (2021) e  
Indicador de Risco Harmonizado 1 (2020) nos EM da UE27



(1) Dados de vendas de fungicidas, herbicidas e inseticidas não disponíveis para o período em análise

(2) Não inclui as vendas de fungicidas, herbicidas e inseticidas da Estónia, Luxemburgo e Malta (dados não disponíveis para o período em análise)

FONTE: Eurostat.

<sup>9</sup> Indicador de Risco Harmonizado 1 (IRH1) é calculado com base nas quantidades de substâncias ativas de produtos fitofarmacêuticos, tendo por base de referência (100) a média do período 2011-2013. Este indicador está subdividido em 4 grupos de substâncias de acordo com a sua perigosidade, contribuindo cada grupo com o coeficiente de risco para o cálculo ponderado do indicador. O cálculo de Indicadores de Risco Harmonizados associado ao uso dos produtos fitofarmacêuticos foi definido pela Diretiva (UE) 2019/782 da Comissão.

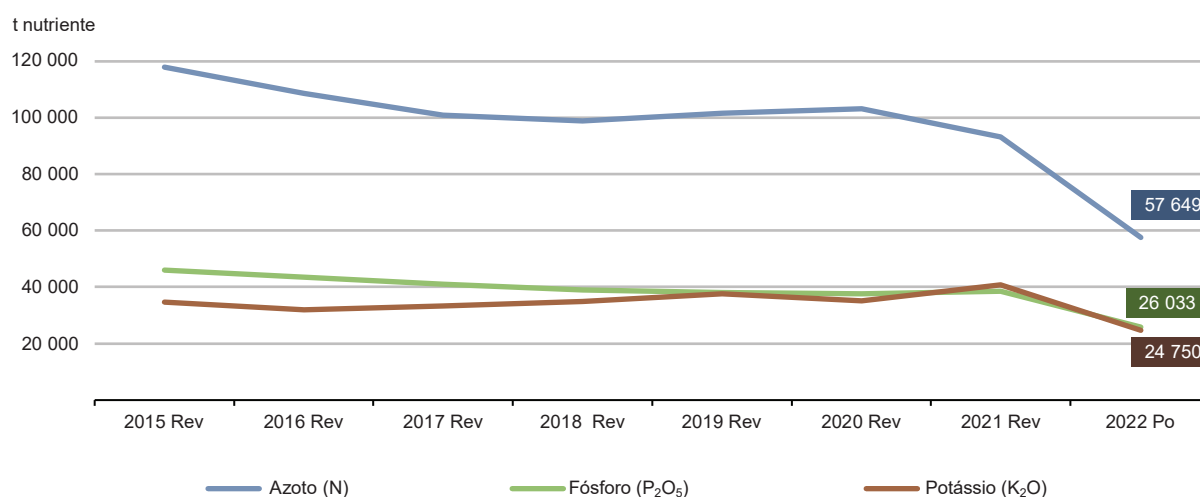
# CONSUMO APARENTE DE FERTILIZANTES

O consumo aparente de fertilizantes, expresso em macronutrientes Azoto (N), Fósforo (P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>) e Potássio (K<sub>2</sub>O), foi de 108 mil toneladas em 2022 (173 mil toneladas em 2021), refletindo um decréscimo de 37,2% face ao ano anterior.

A representatividade dos macronutrientes nos fertilizantes permite evidenciar o azoto, macronutriente com maior expressão no total do consumo aparente de fertilizantes com 52,9% em 2022 (54,0% em 2021), seguido do fósforo com 24,0% (22,4% em 2021) e por último do potássio com 22,8% (23,7% em 2021).

Entre 2015 e 2022, o consumo de azoto baixou para menos de metade e a utilização de fósforo reduziu-se em 43,6%. A utilização de potássio seguiu a mesma tendência, diminuindo 28,6%.

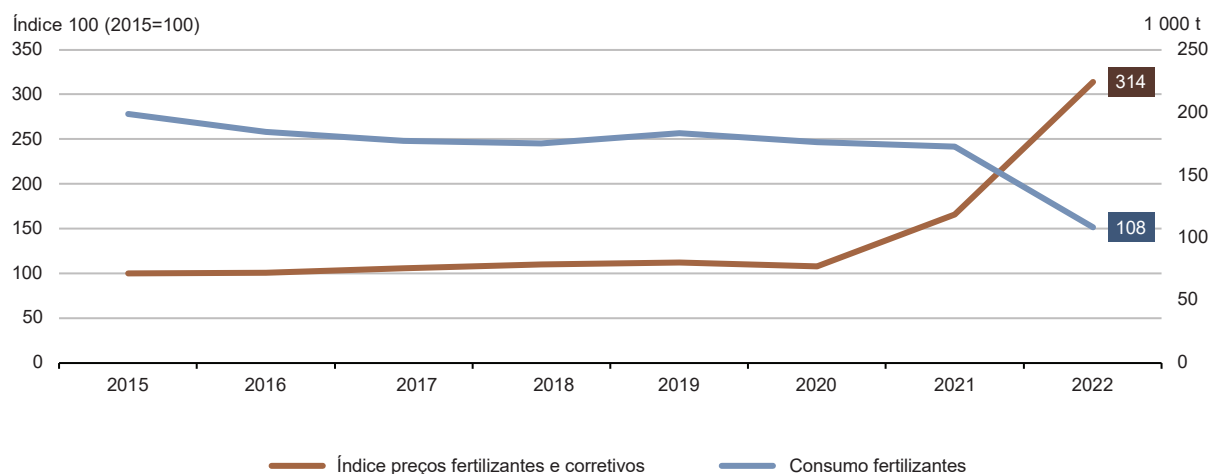
FIGURA 4.4  
Consumo aparente de fertilizantes inorgânicos na agricultura (2015-2022)



FONTE: INE, I. P., Estatísticas dos Indicadores Agro-ambientais.

Para este decréscimo terá contribuído o aumento dos preços dos fertilizantes e corretivos. Em 2022, o índice de preços dos fertilizantes e corretivos quase duplicou face a 2021 (+89,9%), enquanto o consumo de fertilizantes se reduziu em 37,5%.

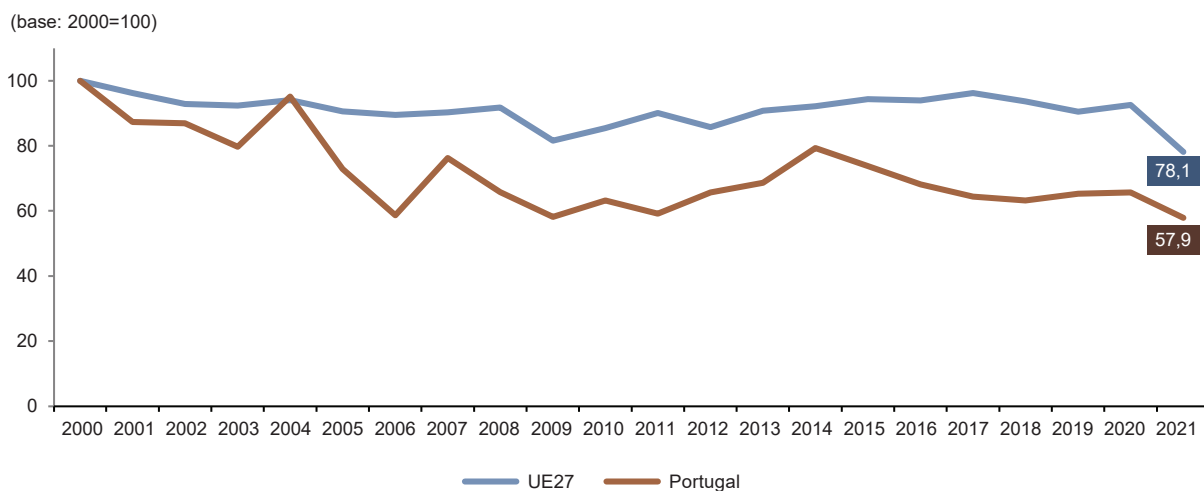
FIGURA 4.5  
Índice de preços dos fertilizantes e corretivos e consumo total de fertilizantes  
(2015-2022)



FONTE: INE, I. P., Índice de Preços na Agricultura e Estatísticas dos Indicadores Agro-ambientais.

Na UE27, a quantidade de fertilizantes minerais disponível para consumo reduziu-se a um ritmo médio anual de 1,2% entre 2000 e 2021, enquanto em Portugal a variação negativa anual foi mais acentuada (-2,6%). O consumo aparente de fertilizantes registado em Portugal em 2021 foi 42,1% inferior ao contabilizado no início da série temporal, enquanto na UE27 esta redução ficou-se pelos 21,9%.

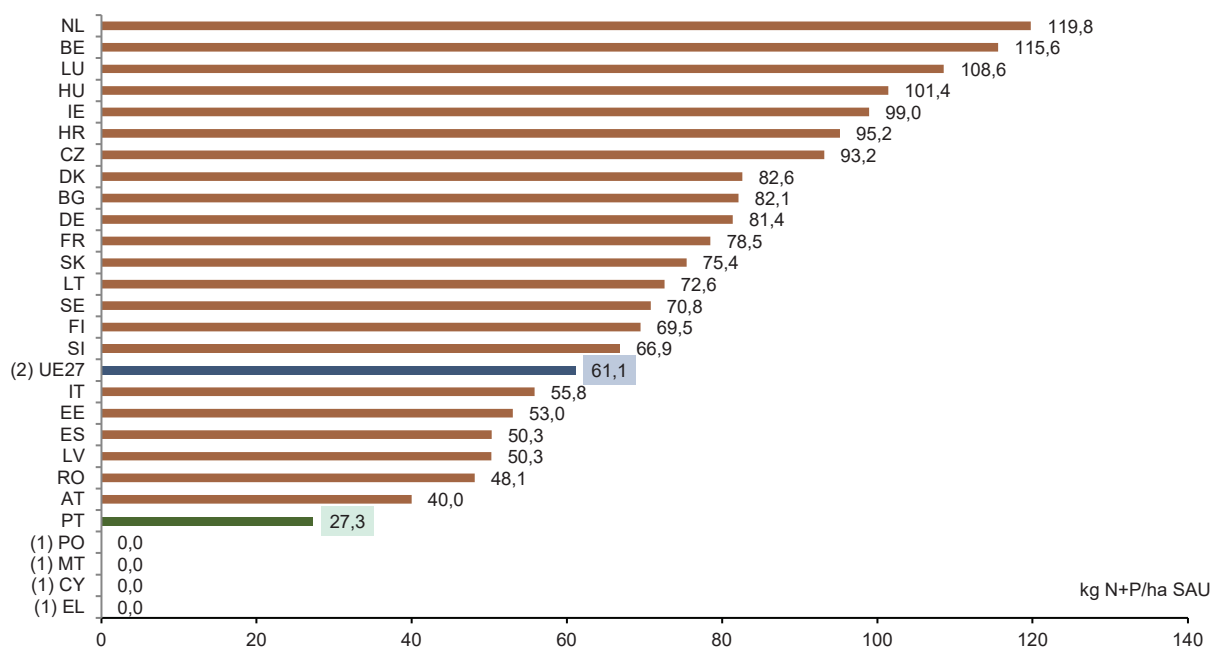
FIGURA 4.6  
Evolução do consumo de fertilizantes minerais em Portugal e na UE27  
(2000-2021)



FONTE: Eurostat.

Em 2021, Portugal manteve-se como o país com menor consumo de fertilizantes minerais (azoto e fósforo) por hectare de SAU da UE27, com um consumo que foi menos de metade da média da UE27.

FIGURA 4.7  
Consumo de fertilizantes minerais por hectare de SAU nos EM da UE27 (2021)



(1) Dados não disponíveis para o período em análise

(2) Não inclui o consumo de fertilizantes do Chipre, Grécia, Malta e Polónia (dados não disponíveis para o período em análise)

FONTE: Eurostat.



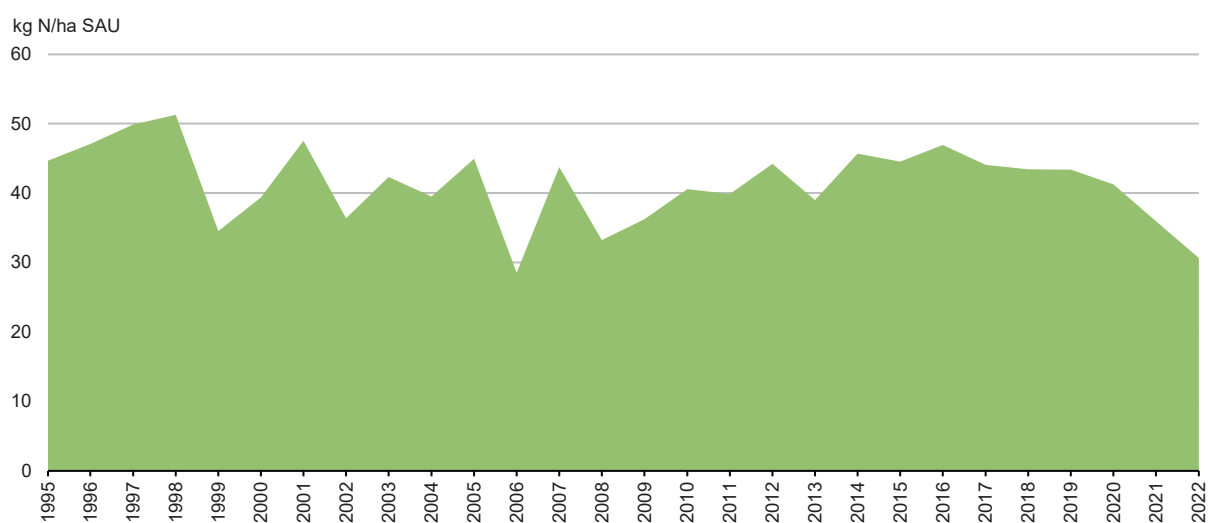


# BALANÇO DE NUTRIENTES

## Balanço do azoto

O balanço bruto do azoto no solo foi de 122 mil toneladas de N em 2022 (143 mil toneladas de N em 2021), equivalente a 31 kg de azoto por hectare de superfície agrícola utilizada (36 kg de azoto por hectare de SAU em 2021). Face a 2021, o balanço bruto deste macronutriente diminuiu 14,9%.

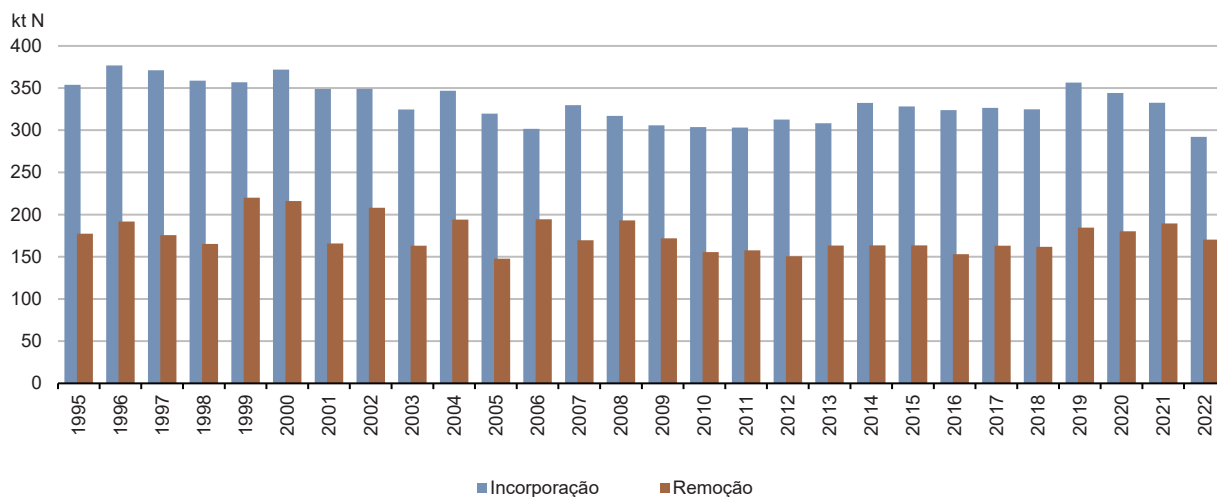
FIGURA 4.8  
Balanço de azoto por superfície agrícola utilizada (1995-2022)



FONTE: INE, I. P., Estatísticas dos Indicadores Agro-ambientais.

Esta evolução justifica-se pelo decréscimo em 12,1% da incorporação deste nutriente no solo face a 2021 (-40 mil toneladas de azoto), que resultou sobretudo da menor incorporação de fertilizantes inorgânicos no solo (-38,1%). De assinalar igualmente uma diminuição da incorporação de estrume (-2,4%).

FIGURA 4.9  
Incorporação e remoção de azoto do solo (1995-2022)

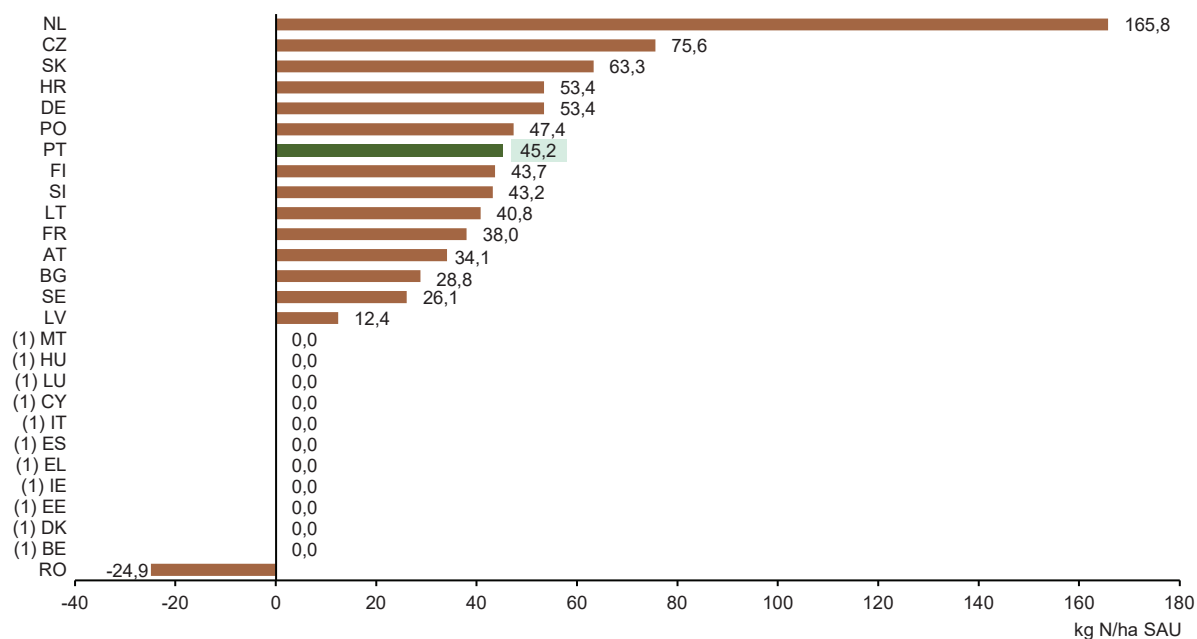


FONTE: INE, I. P., Estatísticas dos Indicadores Agro-ambientais.

Ainda assim, há a assinalar em 2022 uma diminuição da remoção de azoto do solo na ordem dos 10,1% (menos 19,1 mil toneladas face a 2021). A seca e condições atmosféricas desfavoráveis levaram a fortes reduções das produções de pera, castanha e azeitona para azeite, o que contribuiu decisivamente para o decréscimo da remoção de N nas culturas permanentes (-27,0%, correspondente a -4,9 mil toneladas de N relativamente ao ano anterior). Também nos hortícolas a situação de seca severa e o aumento dos preços dos meios de produção levou a uma redução de quase 20,8% da produção total com impacto nas respetivas remoções de N, cujo decréscimo rondou as 2,1 mil toneladas. Em 2022, registou-se a pior campanha cerealífera de cereais de Outono/Inverno, sinalizando-se ainda decréscimos de produção no milho e arroz, o que levou a uma diminuição da remoção em 9,8% (menos 2,5 mil toneladas em comparação com 2021). Nas pastagens e culturas forrageiras, o decréscimo da remoção foi de 7,1% (menos 8,7 mil toneladas face a 2021).

O Eurostat tem publicado o balanço bruto de azoto até ao ano de 2019, com dados para 16 dos 27 EM. Portugal, com 45,2 kg N/ha SAU, situa-se em 7.º lugar no ranking da UE27. A Roménia foi o único país a apresentar um resultado negativo do balanço bruto de azoto (-24,9 kg N/ha SAU). No extremo oposto, os Países Baixos foram o país com maior excedência (165,8 kg N/ha SAU), seguido da Chéquia (75,6 kg N/ha SAU).

FIGURA 4.10  
 Balanço bruto de azoto por hectare de SAU na UE27 (2019)



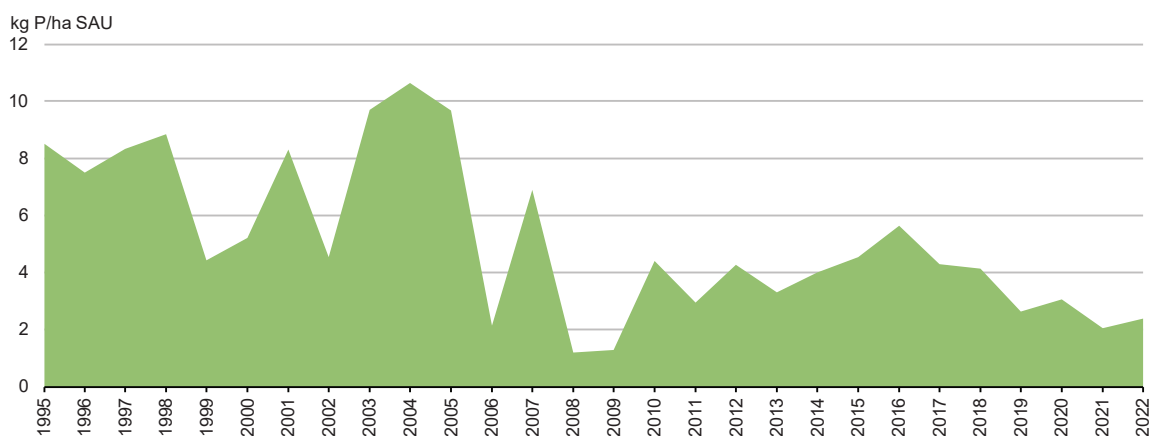
(1) Dados não disponíveis para o período em análise

FONTE: Eurostat.

## Balanço do fósforo

Em 2022, o balanço do fósforo registou um excesso de 9,5 mil toneladas (7,7 mil toneladas de P em 2021), equivalente a 2,4 kg de fósforo por hectare de superfície agrícola utilizada (1,9 kg de P por hectare em 2020). Relativamente a 2021, o balanço deste macronutriente cresceu 24,7%.

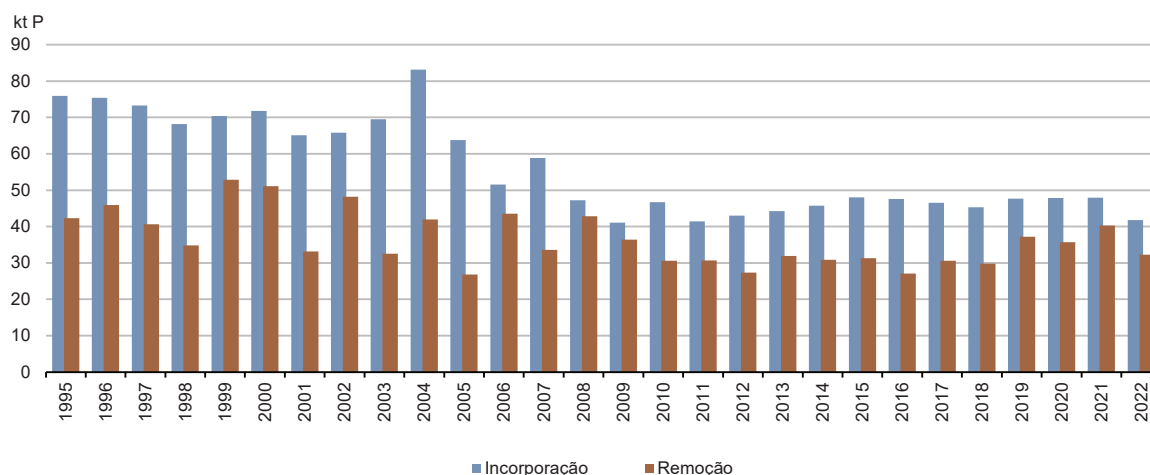
FIGURA 4.11  
 Balanço de fósforo por superfície agrícola utilizada (1995-2022)



FONTE: INE, I. P., Estatísticas dos Indicadores Agro-ambientais.

O crescimento do balanço do fósforo em 2022 face a 2021, apesar da diminuição de incorporação de fósforo (-12,8%, equivalente a -6,2 mil toneladas de P), deveu-se à diminuição acentuada da remoção deste nutriente pelas culturas (-20,0%, equivalente a -8,0 mil toneladas de P).

FIGURA 4.12  
Incorporação e remoção de fósforo do solo (1995-2022)



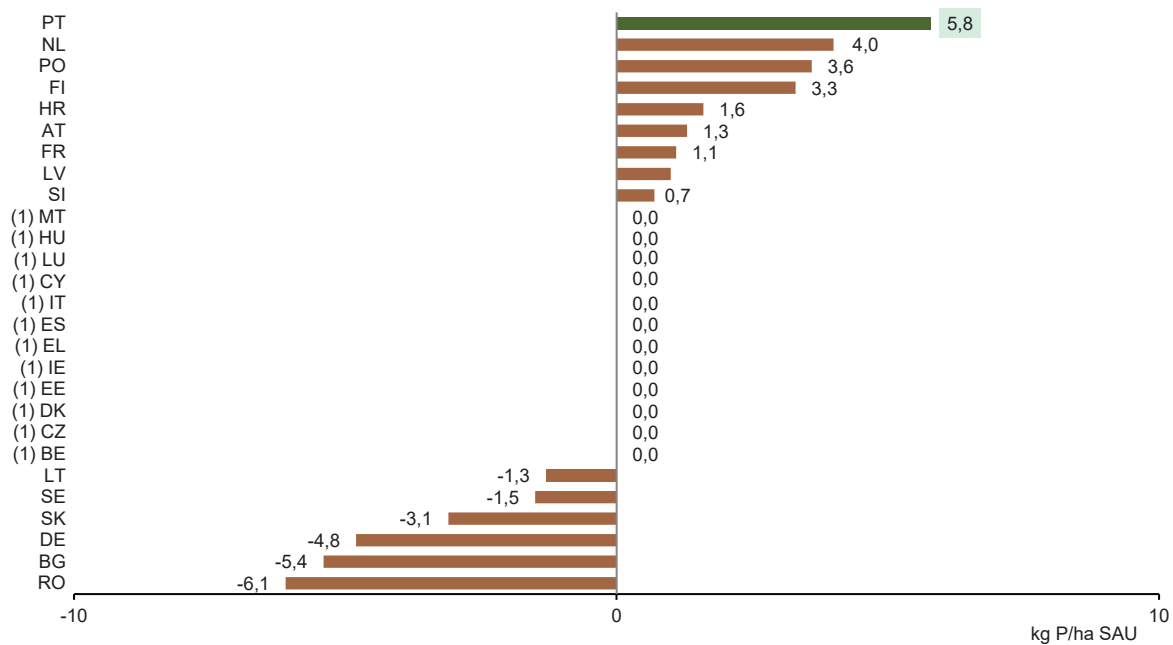
FONTE: INE, I. P., Estatísticas dos Indicadores Agro-ambientais.

O decréscimo da remoção de fósforo em 2022 foi particularmente expressivo nas culturas permanentes (-36,8% face a 2021, equivalente a -3,7 mil toneladas de P) e nas pastagens e culturas forrageiras (-15,2% em comparação com 2021, o que corresponde a 3,2 mil toneladas).

O Eurostat tem publicado o balanço bruto de fósforo até ao ano de 2019, com dados apenas para 15 dos 27 EM. Dos EM com dados publicados, nove apresentam excedência, sendo Portugal o país com o maior resultado positivo (5,8 kg P/ha SAU). Os restantes seis EM apresentam resultados negativos, sendo o resultado mais baixo o da Roménia (-6,1 kg P/ha SAU).



FIGURA 4.13  
 Balanço bruto de fósforo por hectare de SAU na UE27 (2019)



(1) Dados não disponíveis para o período em análise

FONTE: INE, I. P., Estatísticas dos Indicadores Agro-ambientais.



# EMISSÕES AGRÍCOLAS DE AMONÍACO E DE GASES COM EFEITO DE ESTUFA

## Amoníaco

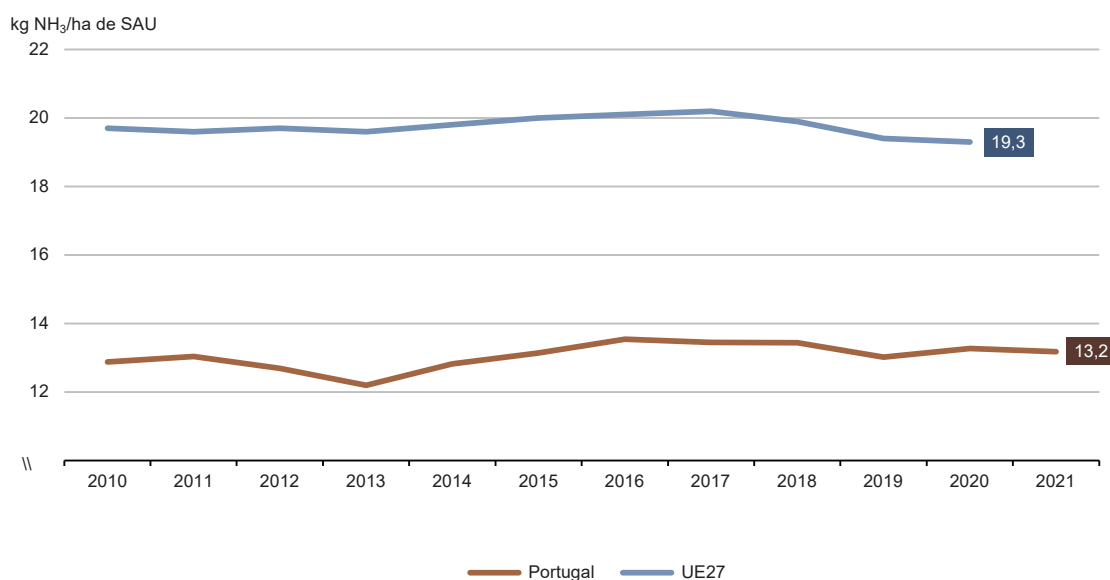
O amoníaco ( $\text{NH}_3$ ) é um gás altamente reativo e solúvel, originário de fontes naturais e antropogénicas.

A agricultura é a principal atividade emissora deste gás, gerado pela degradação e volatilização da ureia, adubos, lamas, produção e aplicação de fertilizantes e queima de biomassa. Paralelamente existe um conjunto de fontes não agrícolas também emittentes de amoníaco, como os conversores catalíticos em carros a gasolina, aterros sanitários, esgotos, compostagem de materiais orgânicos, combustão, indústria e mamíferos selvagens e aves.

Em 2021 a atividade agrícola foi responsável por 52,5 Gg de emissões de amoníaco, equivalente a 13,2 kg de emissões de  $\text{NH}_3$  por hectare de superfície agrícola utilizada (13,3 kg de emissões de  $\text{NH}_3$  por hectare em 2020). Relativamente a 2020, as emissões de amoníaco por hectare de superfície agrícola diminuíram 0,7%. Em comparação com o início do século a redução foi de 12,9%.

Entre 2010 e 2020 (último ano com informação disponível para o agregado UE27), as emissões de amoníaco mantiveram-se relativamente estáveis. Neste período verificou-se uma diminuição das emissões de 2,0% na UE27 enquanto em Portugal a evolução foi positiva correspondente a um crescimento de 3,2%. Ainda assim em média para o período em análise, a UE27 regista cerca de mais 7,0 kg de emissões de  $\text{NH}_3$  por hectare de superfície agrícola utilizada, comparativamente a Portugal.

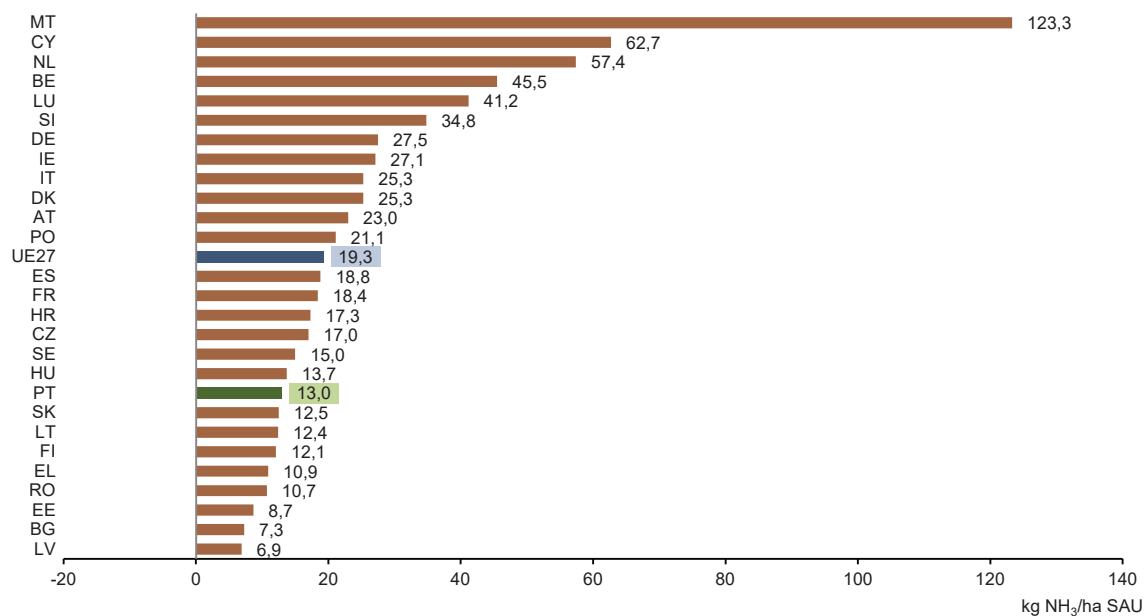
FIGURA 4.14  
Emissões de amoníaco por superfície agrícola utilizada em Portugal e na UE27 (2010-2021)



FONTE: INE, I. P., Estatísticas dos Indicadores Agro-ambientais.

Em 2020, Portugal era o nono país com menores quantidades de amoníaco emitidas para a atmosfera por hectare de SAU da UE27, estando abaixo da média dos 27. O EM com maiores emissões foi Malta e com menores a Letónia.

FIGURA 4.15  
Emissões de amoníaco na UE27 (2020)



FONTE: Eurostat

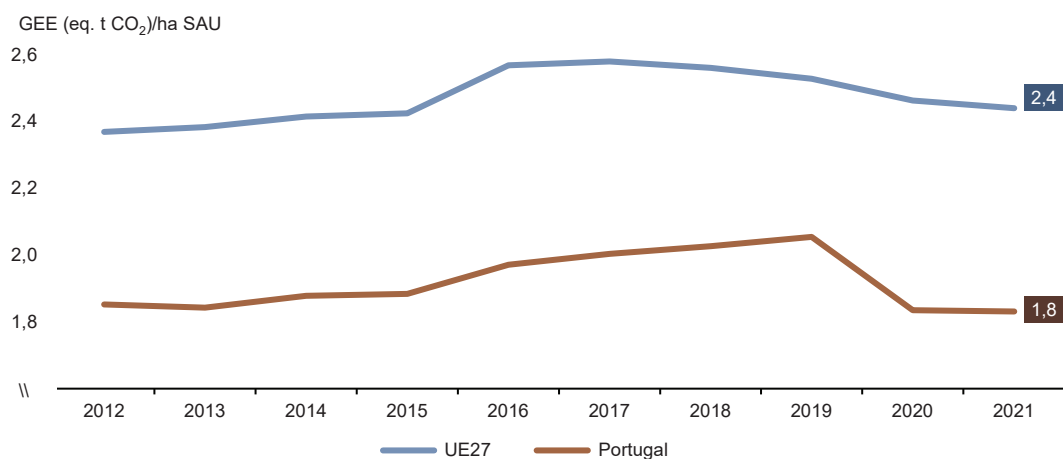
## Gases com efeito de estufa

Os principais gases com efeito de estufa são o dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), o metano (CH<sub>4</sub>), o óxido de azoto (N<sub>2</sub>O), os hidrofluorcarbonetos (HFC), os perfluorcarbonetos (PFC), o hexafluoreto de enxofre (SF<sub>6</sub>) e o trifluoreto de azoto (NF<sub>3</sub>).

Em 2021 a atividade agrícola foi responsável por 7,3 milhões de toneladas de emissões de GEE (eq. CO<sub>2</sub>), o que corresponde a 1,8 toneladas de emissões de GEE (eq. CO<sub>2</sub>) por hectare de superfície agrícola utilizada (redução de 0,5% face a 2020). Desde o início da última década do século passado até 2021, verificou-se uma redução de 1,7% na emissão destes gases.

Entre 2012 e 2021, na UE27, as emissões de GEE na atividade agrícola aumentaram 3,0%. Para o mesmo período em Portugal verificou-se uma diminuição de 1,1%.

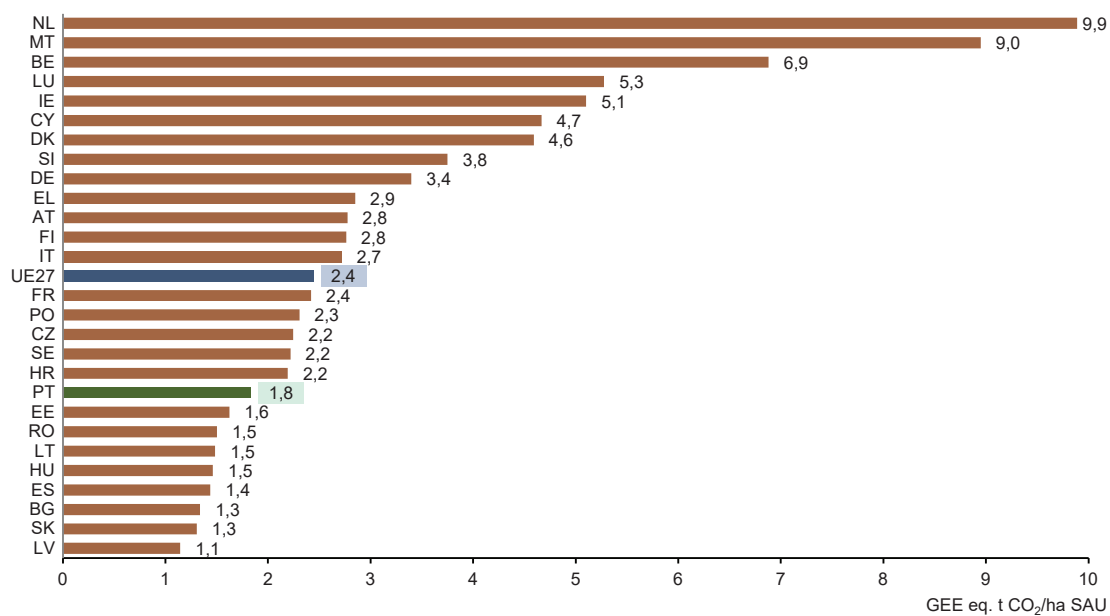
FIGURA 4.16  
Emissões de GEE por superfície agrícola utilizada em Portugal e na UE-27  
(2012-2021)



FONTE: Eurostat

Em 2021, Portugal era o nono país com menores quantidades de GEE emitidas para a atmosfera por hectare de SAU da UE27, estando abaixo da média dos 27. Os EM com maiores emissões foram os Países Baixos e Malta e com menores emissões, a Letónia.

FIGURA 4.17  
Emissões de GEE na UE27 (2021)



FONTE: Eurostat

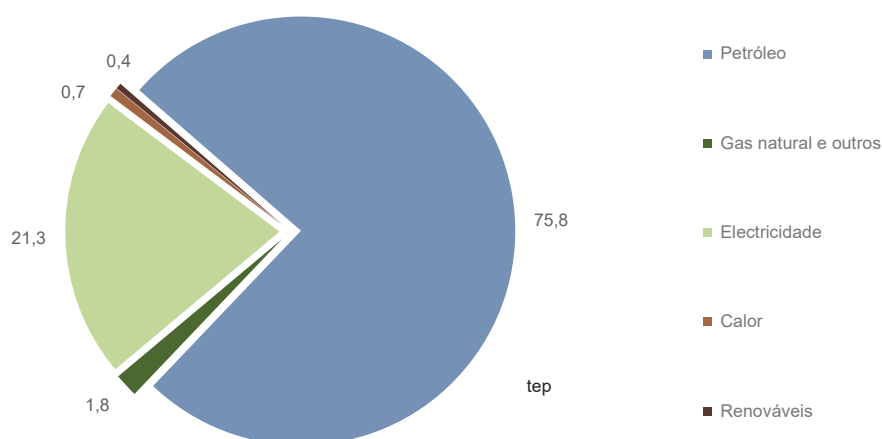


# CONSUMO DE ENERGIA

O consumo direto de energia na atividade agrícola atingiu 17,6 milhões de Gj em 2021, o que traduz um crescimento de 3,0% relativamente a 2020. Entre 2000 e 2021 o crescimento registado foi de 26,9%.

O balanço energético indica o petróleo como a principal fonte de energia na atividade agrícola em 2021, correspondendo-lhe  $\frac{3}{4}$  do fornecimento total. De referir que as energias renováveis têm ainda uma baixa expressão no fornecimento de energia.

FIGURA 4.18  
Consumo das diferentes fontes de energia na atividade agrícola (2021Po)

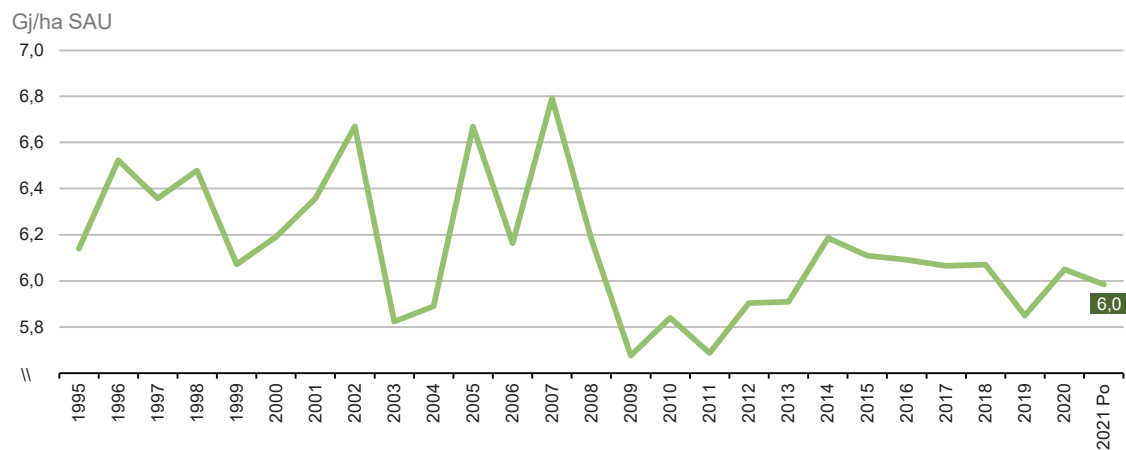


FONTE: Direção Geral de Energia e Geologia

O consumo de energia por hectare de SAU<sup>10</sup> em 2021 (5,98 Gj) decresceu 1,1% em comparação com o ano anterior. Ao longo da série temporal este indicador tem apresentado fortes oscilações. No período de 1995 a 2010 ocorreu uma redução de 4,9%. Entre 2011 e 2015, o consumo de energia cresceu 7,4%. A partir de 2016 e até 2019, este consumo decresceu 3,9%, tendo-se mantido a evolução decrescente nos anos seguintes. Apesar dos máximos registados na primeira década deste século, a variação, entre 1995 e 2021, foi negativa, correspondente a -2,5%.

<sup>10</sup> No cálculo do consumo de energia por hectare de SAU é considerado o consumo direto (inclui todas as fontes de energia utilizadas na atividade agrícola) mais o consumo associado ao teor de energia necessário para produzir adubos inorgânicos elementares de N e P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> e mistos com N e P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>.

FIGURA 4.19  
Consumo de energia por hectare de SAU (1995 -2021)



FONTE: INE, I. P., Estatísticas dos Indicadores Agro-ambientais



## PRINCIPAIS INDICADORES

- Quantidades vendidas de produtos fitofarmacêuticos por superfície agrícola utilizada (substância activa - kg/ ha) por Tipo de função; Anual
- Indicador de risco harmonizado 1 do uso de pesticidas (IRH1) (-) por Localização geográfica; Anual
- Consumo aparente de fertilizantes inorgânicos por superfície agrícola utilizada (kg/ ha); Anual
- Balanço do azoto por superfície agrícola utilizada (kg/ ha); Anual
- Balanço do fósforo por superfície agrícola utilizada (kg/ ha); Anual
- Emissões agrícolas de amoníaco por superfície agrícola utilizada (kg NH<sub>3</sub>/ ha); Anual
- Emissões agrícolas de gases com efeito de estufa por superfície agrícola utilizada (kg CO<sub>2</sub>eq/ ha); Anual
- Consumo de energia por superfície agrícola utilizada (GJ/ ha); Anual



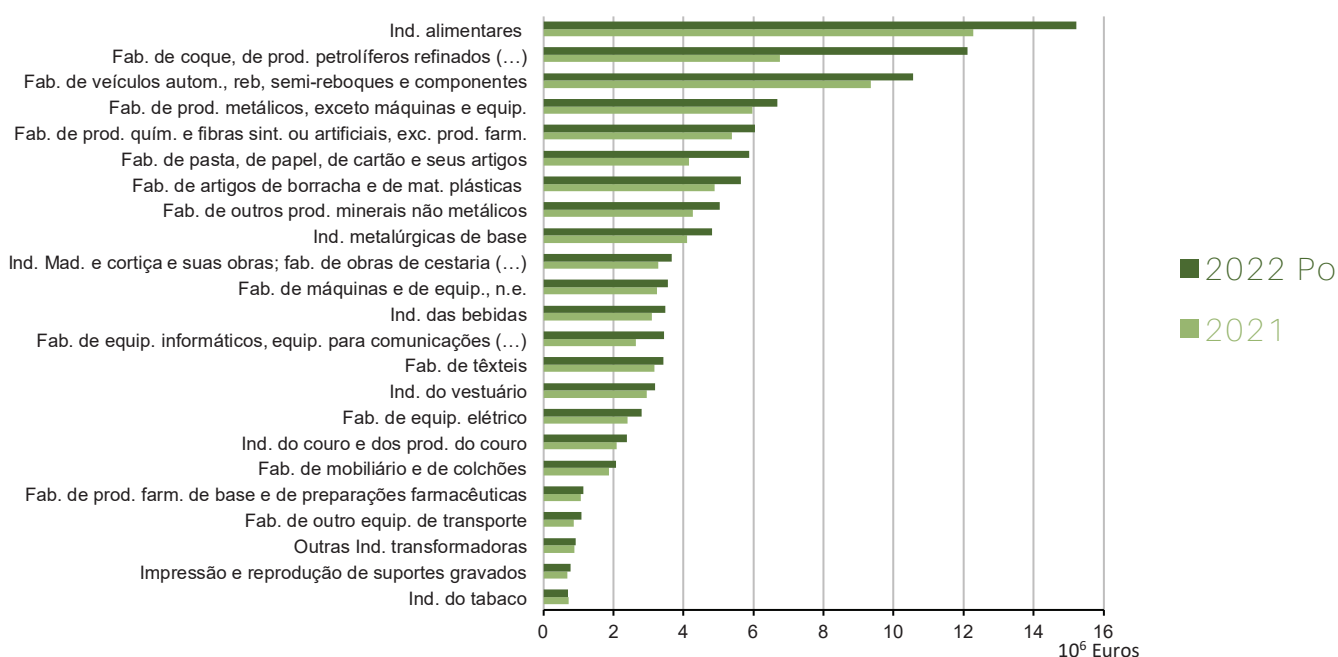


# 5

## INDÚSTRIAS ALIMENTARES, DAS BEBIDAS E DO TABACÓ



FIGURA 5.1  
Valor de vendas das Indústrias Transformadoras - 2021 e 2022 Po

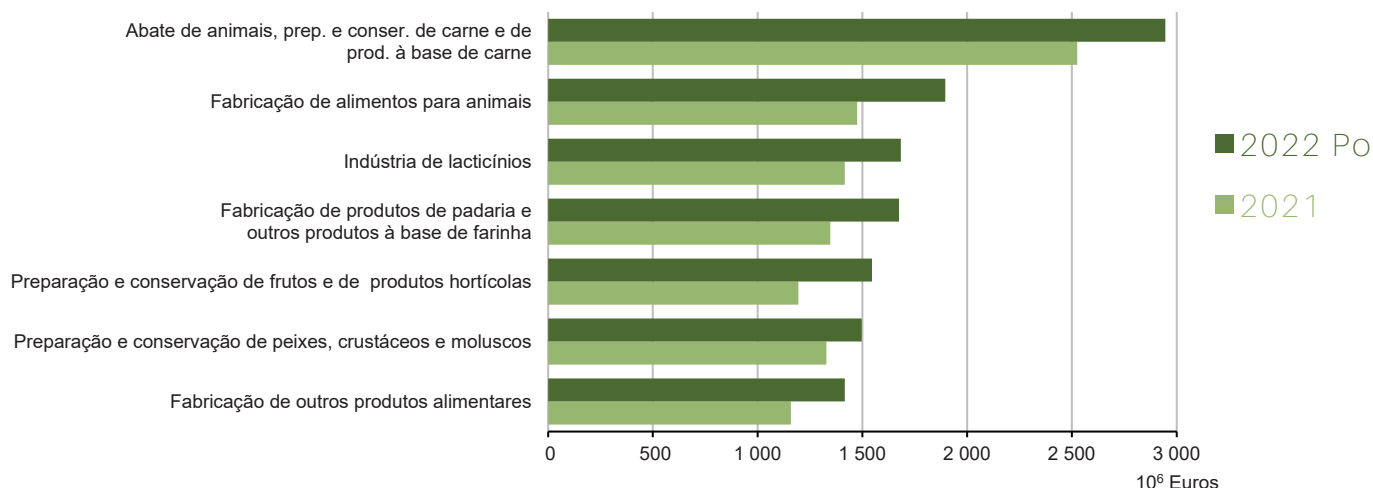


FONTE: INE I. P., Inquérito Anual à Produção Industrial

NOTA: Não inclui divisão 33 (Reparação, manutenção e instalação de máquinas e equipamentos) e divisão 35 (Eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio).

Segundo os resultados provisórios para 2022 do Inquérito Anual à Produção Industrial, o valor das vendas das Indústrias Alimentares atingiu 15,2 mil milhões de euros, mais 2,9 mil milhões de euros face a 2021. O posicionamento estrutural, relativamente ao total da Indústria Transformadora, manteve-se, continuando a indústria alimentar a ser a principal atividade da produção industrial nacional com 14,5% do total das vendas em 2022 (14,3% em 2021).

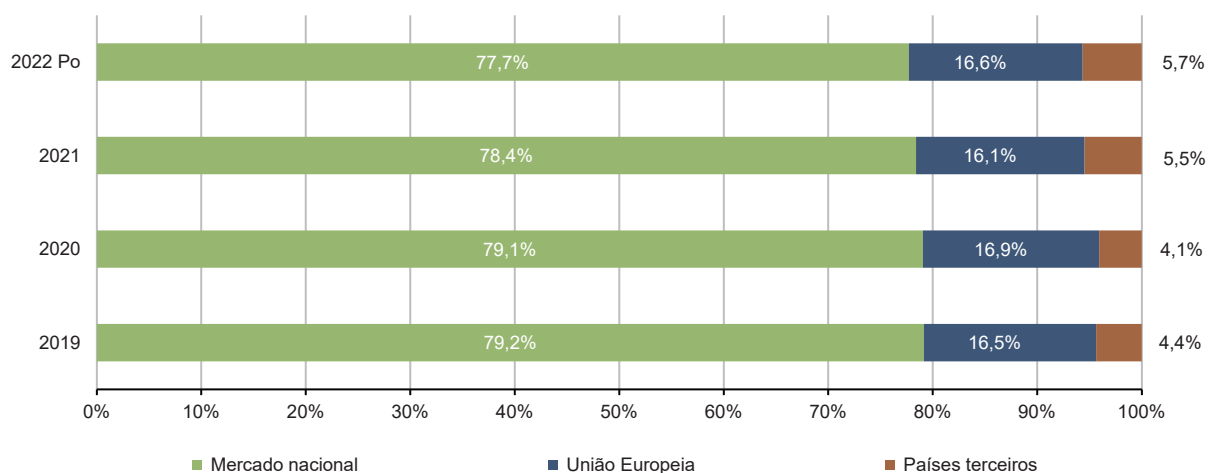
FIGURA 5.2  
Valor de vendas das Indústrias Alimentares - 2021 e 2022 Po



FONTE: INE I. P., Inquérito Anual à Produção Industrial

A atividade de “Abate de animais, preparação e conservação de carne e de produtos à base de carne” foi a que gerou maior valor de vendas em 2022, correspondendo a 19,3% do total das indústrias alimentares (20,6% em 2021), seguida da “Fabricação de alimentos para animais” com 12,4% (12,0% em 2021) e da “Indústria de laticínios” com 11,1% (11,5% no ano anterior).

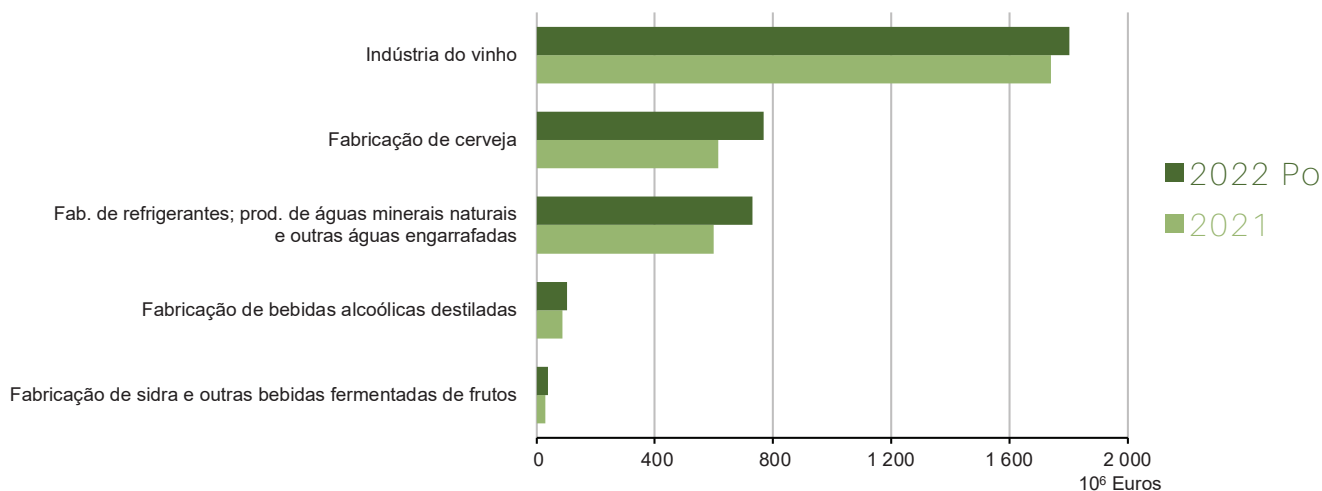
FIGURA 5.3  
Valor de vendas das Indústrias Alimentares por mercados



FONTE: INE I. P., Inquérito Anual à Produção Industrial

A análise à distribuição do valor de vendas por mercados revela que o mercado nacional se manteve como principal destino da produção das Indústrias Alimentares. Em 2022, a sua contribuição para o valor total das vendas foi 77,7% (78,4% em 2021). O mercado da União Europeia, com um peso de 16,6%, registou um acréscimo de 0,5 p.p. face a 2021. Os países terceiros representaram 5,7% do total das vendas, um aumento de 0,2 p.p. face ao ano anterior.

FIGURA 5.4  
Valor de vendas das principais Indústrias das Bebidas - 2021 e 2022 Po

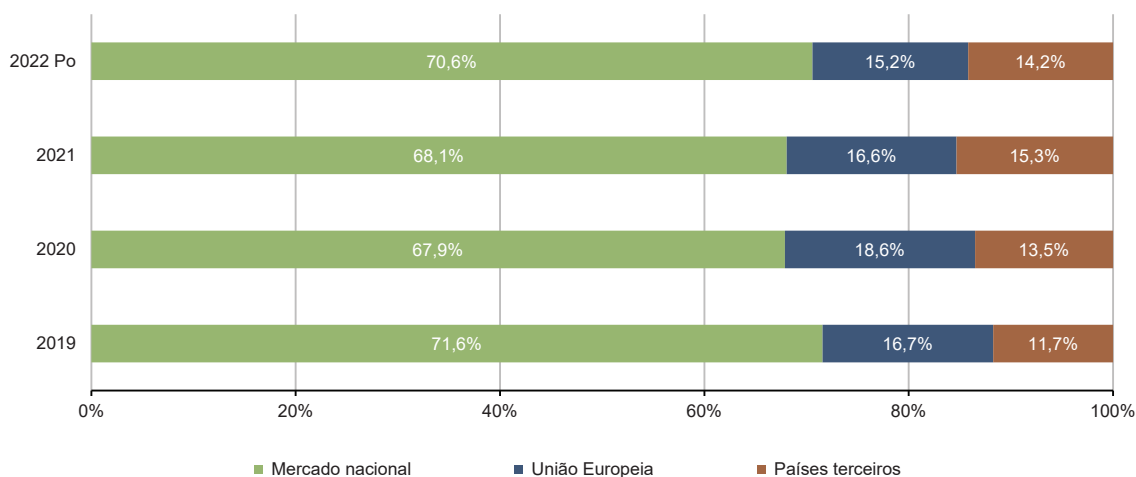


FONTE: INE I. P., Inquérito Anual à Produção Industrial

A indústria das bebidas faturou 3,5 mil milhões de euros em 2022, correspondendo a um acréscimo de cerca de 385 milhões de euros face a 2021. A “Indústria do vinho” contribuiu com 51,8% do total do valor das vendas (56,2% em 2021), seguindo-se a “Fabricação de cerveja” com 22,1% (19,9% em 2021) e a “Fabricação de refrigerantes e produção de águas minerais naturais e de outras águas engarrafadas” com 21,0% (19,4% em 2021).

Os acréscimos, comparativamente com o ano anterior, foram transversais nas várias atividades da indústria das bebidas, salientando-se a “Fabricação de cerveja”, com mais 153,7 milhões de euros, e a “Fabricação de refrigerantes e produção de águas minerais naturais e de outras águas engarrafadas” que cresceu 133,0 milhões de euros.

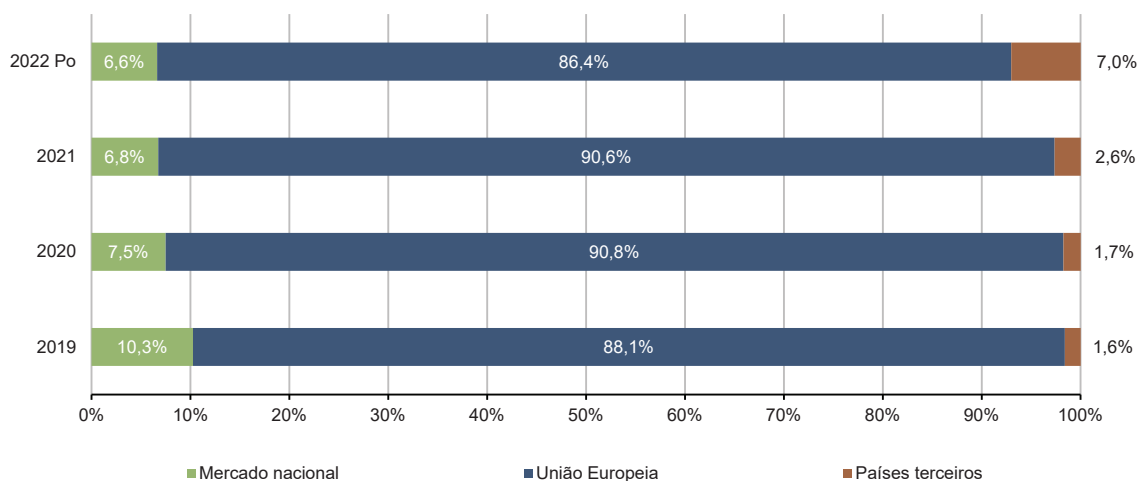
FIGURA 5.5  
Valor de vendas da Indústria das Bebidas por mercados



FONTE: INE I. P., Inquérito Anual à Produção Industrial

Tal como nas Indústrias Alimentares, também na Indústria das Bebidas as vendas tiveram como principal destino o mercado nacional (70,6% do valor das vendas; +2,5 p.p. face a 2021), tendo diminuído no mercado externo: União Europeia com 15,2% (-1,4 p.p. face a 2021) e os Países Terceiros com 14,2% (-1,1 p.p. face a 2021).

FIGURA 5.6  
Valor de vendas da Indústria do Tabaco por mercados



FONTE: INE I. P., Inquérito Anual à Produção Industrial

O valor das vendas obtido pela Indústria do Tabaco totalizou, em 2022, 700,1 milhões de euros, representando uma diminuição de cerca de 16 milhões de euros face a 2021 (-2,3%).

Em termos da distribuição por mercados, constata-se que 6,6% do valor das vendas em 2022 teve como destino o mercado nacional (-0,2 p.p. face a 2021) e que 86,4% das vendas se destinaram à União Europeia (-4,2 p.p. face a 2021). As vendas para os Países Terceiros representaram 7,0% do total em 2022 (+4,4 p.p. face a 2021).





## PRINCIPAIS INDICADORES

- Produtos vendidos na indústria por Tipo de produto (Por CAE Rev. 3); Anual
- Empresas (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Atividade económica (Subclasse - CAE Rev. 3); Anual
- Volume de negócios (€) das empresas por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Atividade económica (Divisão - CAE Rev. 3); Anual
- Valor acrescentado bruto (€) das Empresas por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Atividade económica (Divisão - CAE Rev. 3); Anual
- Formação bruta de capital fixo (€) das Empresas por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Atividade económica (Subclasse - CAE Rev. 3); Anual





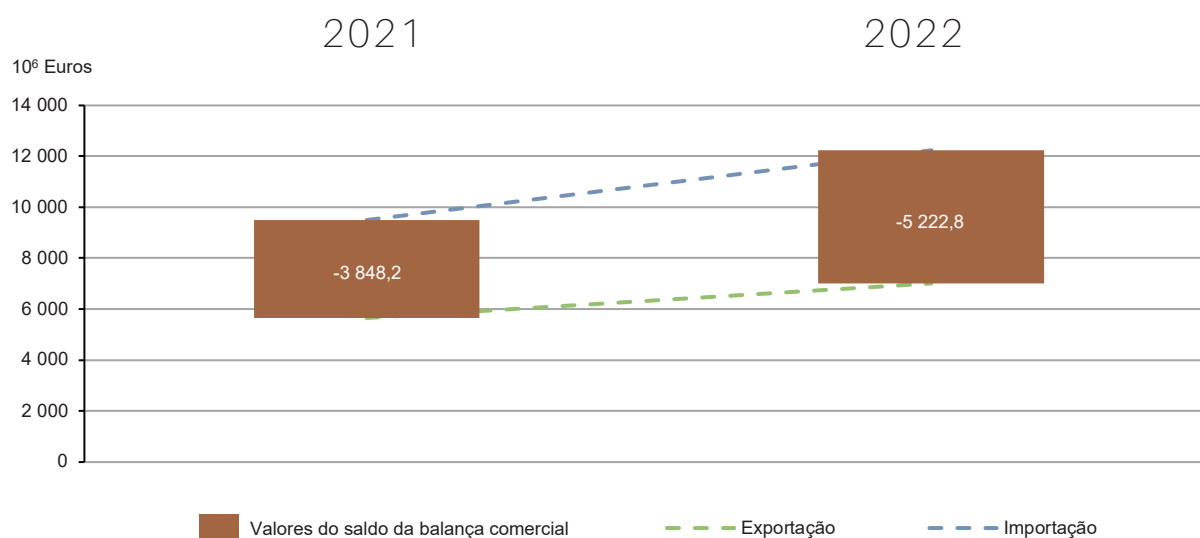


# PRODUTOS AGRÍCOLAS E AGROALIMENTARES (exceto bebidas)

## Saldo da Balança Comercial

O défice da balança comercial dos “Produtos agrícolas e agroalimentares” (exceto bebidas) atingiu 5 222,8 milhões de euros em 2022, um agravamento de 1 374,5 milhões de euros face ao ano anterior. Esta evolução desfavorável resultou de um aumento das importações (+2 739,8 milhões de euros) superior ao acréscimo das exportações (+1 365,3 milhões de euros) deste tipo de produtos.

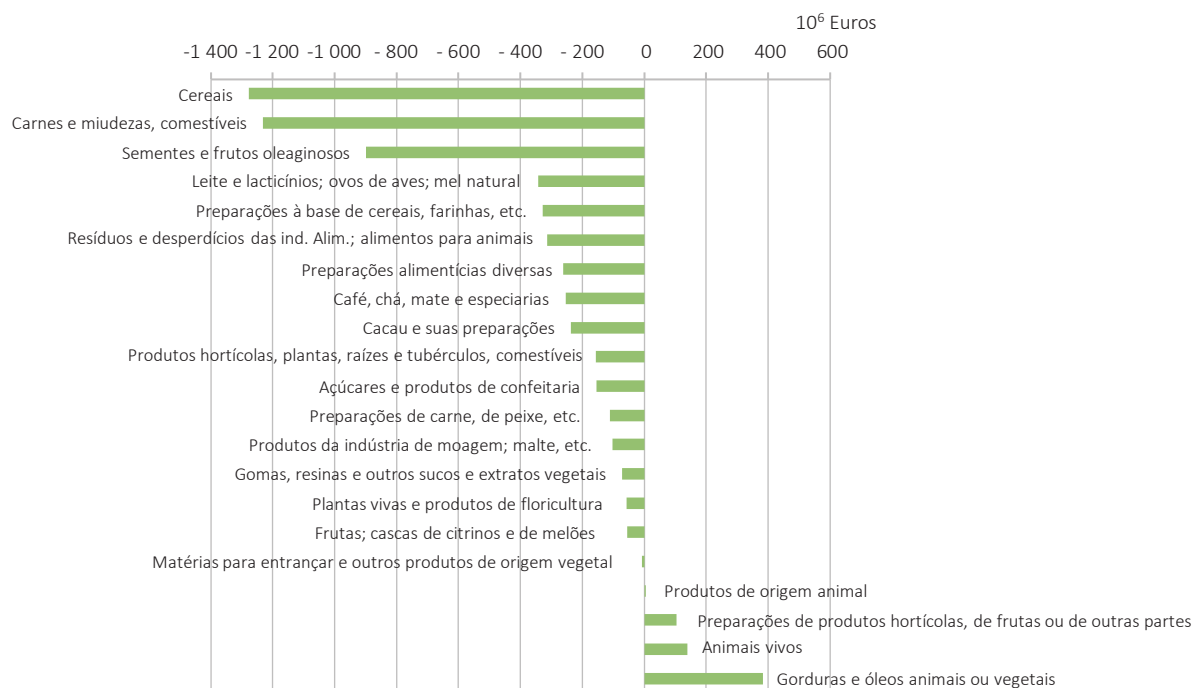
FIGURA 6.1  
Comércio Internacional dos produtos agrícolas e agroalimentares,  
2021 e 2022



FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

Os “Cereais” foram o grupo que mais contribuiu para esta evolução, registando um aumento do défice de 429,6 milhões de euros. Este grupo de produtos apresentou o maior défice no conjunto dos “Produtos agrícolas e agroalimentares” (exceto bebidas), atingindo em 2022 um saldo negativo de 1 276,1 milhões de euros, ultrapassando o grupo das “Carnes e miudezas, comestíveis”, que registou o 2º maior défice (-1 230,9 milhões de euros, correspondendo a um agravamento de 366,1 milhões de euros). Em sentido contrário, destaca-se o aumento de 169,6 milhões de euros no saldo do grupo de produto de “Gorduras e óleos animais e vegetais”, totalizando um excedente de 383,2 milhões de euros.

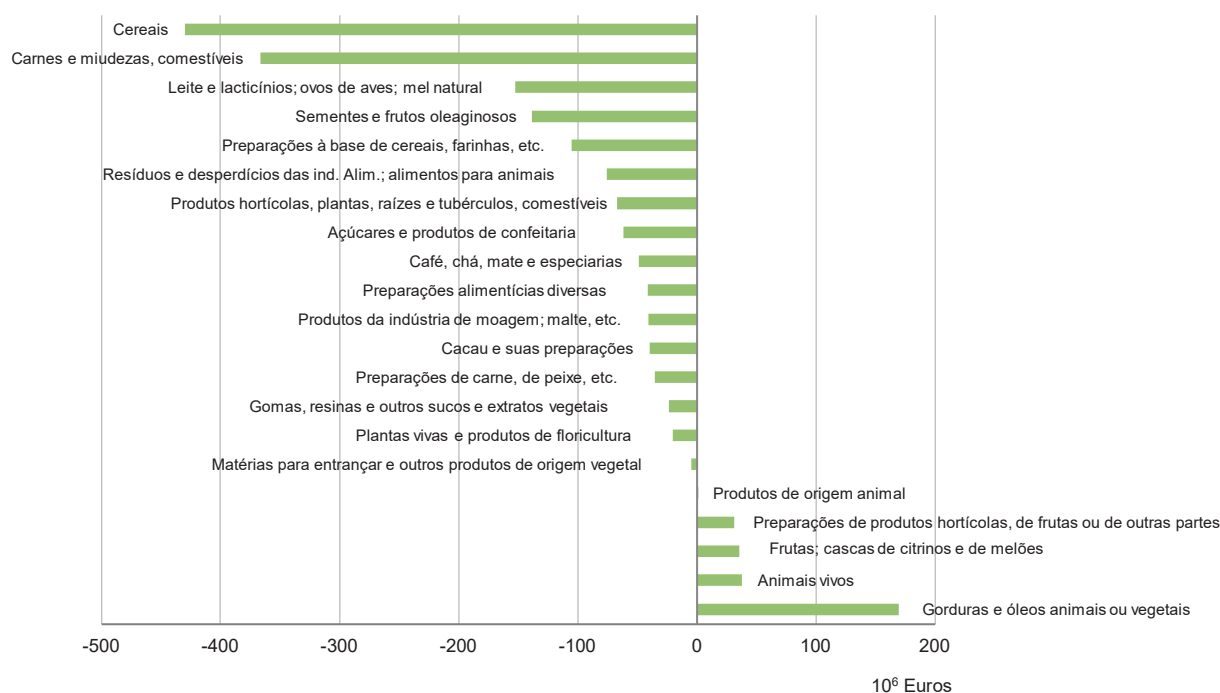
FIGURA 6.2  
Saldo da Balança Comercial dos produtos agrícolas e agroalimentares, 2022



FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

Em 2022, as “Sementes e frutos oleaginosos; plantas industriais” apresentaram o 3º maior défice, -897,8 milhões de euros (um aumento do défice de 138,4 milhões de euros, face a 2021) e o “Leite e laticínios; ovos de aves; mel natural” registou o 4º maior défice, 342,9 milhões de euros (um agravamento de 152,3 milhões de euros).

FIGURA 6.3  
Variação anual do Saldo da Balança Comercial dos produtos agrícolas e agroalimentares, 2022/2021



FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

# Importações

As importações de “Produtos agrícolas e agroalimentares” (exceto bebidas) aumentaram 28,9% face ao ano anterior, atingindo 12 235,5 milhões de euros em 2022. Este aumento deveu-se, principalmente, aos “Cereais” (1 452,2 milhões de euros; +55,5%), às “Carnes e miudezas, comestíveis” (1 504,9 milhões de euros; +35,1%) e “Gorduras e óleos animais ou vegetais” (1 124,0 milhões de euros; +31,9%).

FIGURA 6.4  
Importações dos produtos agrícolas e agroalimentares, 2022



FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

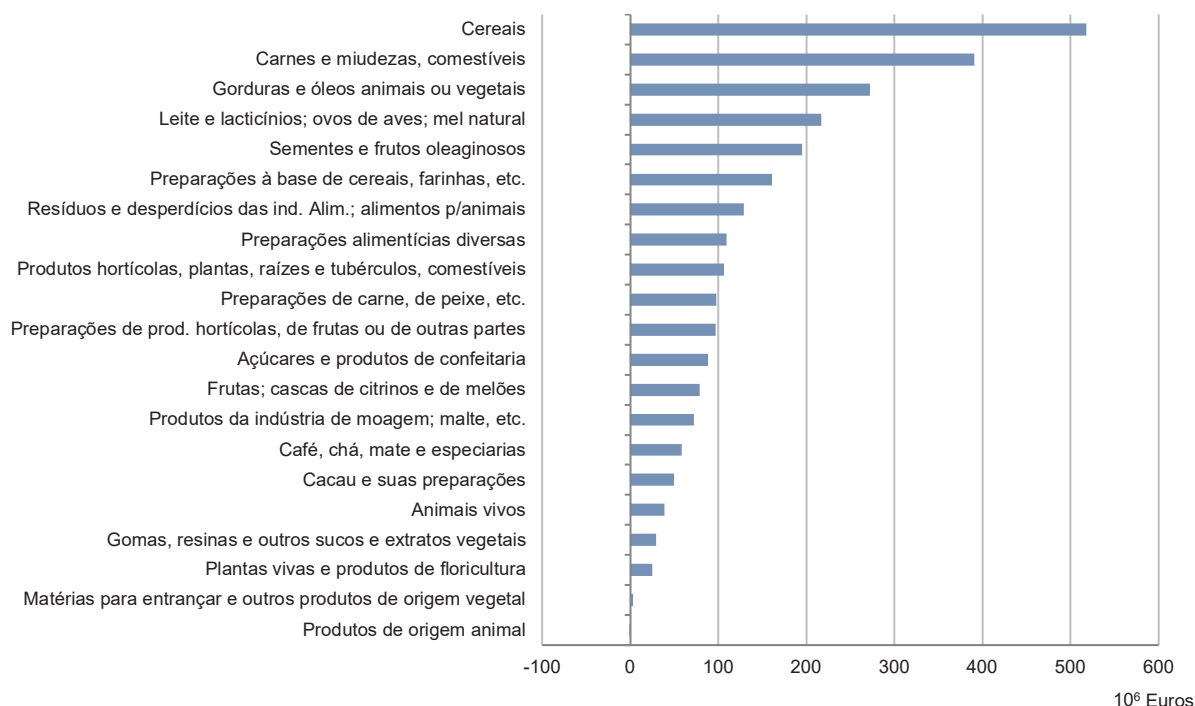
As “Carnes e miudezas, comestíveis” continuaram a ser o principal grupo importado (12,3%; +0,6 p.p.), destacando-se a “Carne de bovino” (51,8%), a “Carne de suíno” (21,8%) e a “Carne e miudezas – aves” (14,7%). Espanha manteve-se como principal fornecedor deste grupo de produtos (65,3%; -1,6 p.p.), com um aumento de 32,0%. Os Países Baixos continuaram a ser o 2º principal fornecedor (12,3%; +0,4 p.p.), seguindo-se a Polónia (4,1%; +0,2 p.p.), que ultrapassou França (4,0%; sem variação face ao ano anterior).

Os “Cereais” foram em 2022, tal como no ano anterior, o 2º principal grupo importado, tendo registado o maior aumento absoluto face ao ano anterior (+518,0 milhões de euros), principalmente devido às transações de “Milho” (+288,8 milhões de euros, +67,1%) e de “Trigo” (+118,2 milhões de euros, +39,0%).

O Brasil foi o principal fornecedor de “Cereais” em 2022 (4º em 2021), com um peso de 25,4% (+13,1 p.p. face a 2021) e um crescimento de 221,0%, ultrapassando a França (18,0%; -1,8 p.p.), a Espanha (10,4%; -2,2 p.p.) e a Ucrânia (7,0%; -9,3 p.p.), que ocupava a 2ª posição no ano anterior, alteração que não será alheia ao contexto de conflito que teve início em 24 de fevereiro de 2022.

As “Gorduras e óleos animais ou vegetais” foram o 3º principal grupo importado (9,2%; +0,2 p.p.) em 2022 (5ª posição em 2021, agora ocupada pelas “Frutas, cascas de citrinos; melões”; 7,9%; -1,4 p.p.), tendo a Espanha consolidado a posição de principal fornecedor deste grupo de produtos (81,3%; +4,3 p.p. face a 2021).

FIGURA 6.5  
Variação anual das importações, 2022/2021



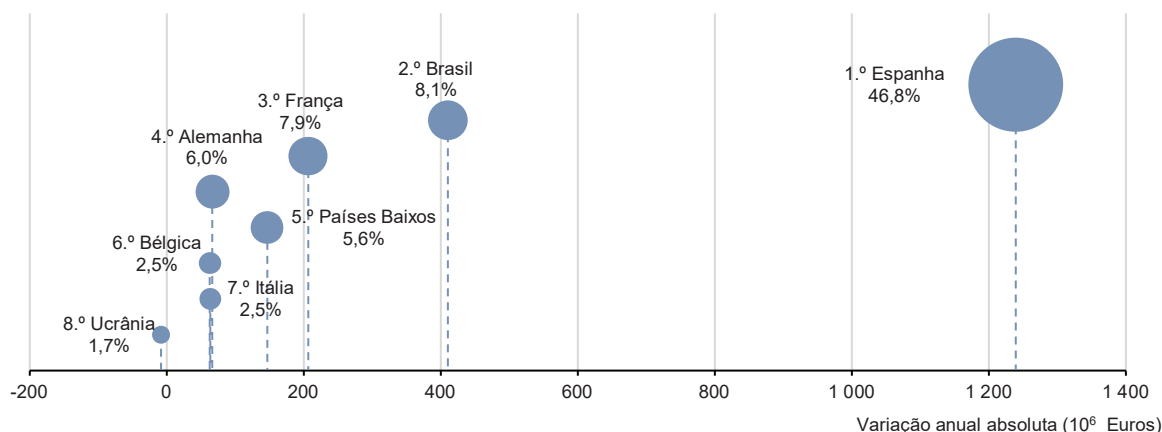
FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

O maior aumento, em termos absolutos, registou-se nas importações de “Produtos agrícolas e agroalimentares” provenientes de Espanha (+1 238,7 milhões de euros, +27,6%), principalmente de “Gorduras e óleos animais ou vegetais” (+258,0 milhões de euros; +39,3%), que se manteve como 2º principal grupo importado deste mercado (16,0%; +1,3 p.p.). As “Carnes e miudezas, comestíveis” mantiveram-se como principal grupo importado do país vizinho (17,2%; +0,6 p.p.) e as “Preparações à base de cereais, farinhas, etc.” (8,2%; -0,1 p.p.) ascenderam à 3ª posição, superando, face a 2021, as “Frutas; cascas de citrinos; melões” (8,0%; -1,9 p.p.).

Os 2º e 3º maiores acréscimos ocorreram nas importações de “Produtos agrícolas e agroalimentares” (exceto bebidas) do Brasil (+410,0 milhões de euros; +69,9%) e de França (+206,3 milhões de euros; +26,9%), em ambos os casos devido, sobretudo, às transações de “Cereais”.



FIGURA 6.6  
 Importações de produtos agrícolas e agroalimentares  
 por principais países, 2022



FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

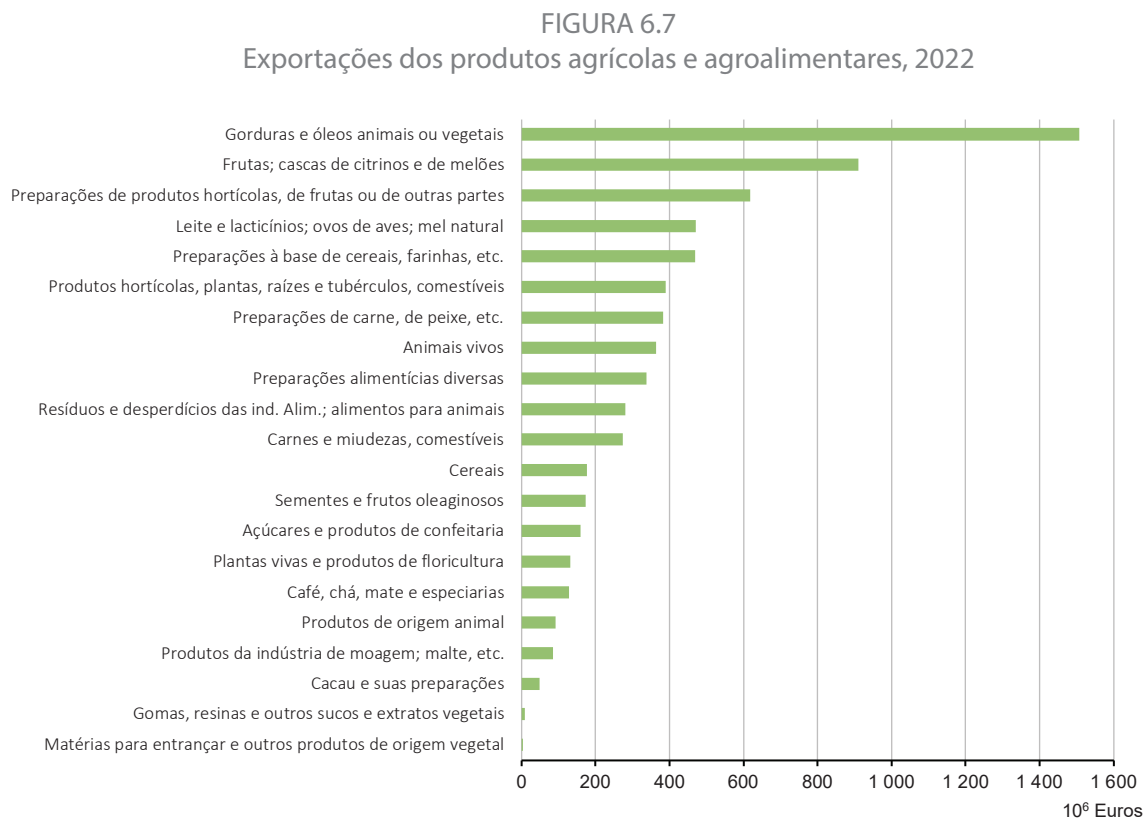
NOTA: A dimensão dos globos representa o peso relativo de cada país no total da importação de bens em 2022.

Em 2022, os países Intra-UE mantiveram o domínio como fornecedores de “Produtos agrícolas e agroalimentares” (exceto bebidas), com um peso de 77,5% (-2,0 p.p. em relação ao ano anterior). Espanha manteve-se como principal fornecedor destes bens a Portugal (46,8%; -0,4 p.p. face a 2021) e o Brasil reforçou a sua posição, passando a 2.º principal mercado de origem (8,1%; +2,0 p.p.), refletindo um crescimento de 69,9% e ultrapassando, face ao ano anterior, a França (7,9%; -0,1 p.p.) e a Alemanha (6,0%; -1,0 p.p.).



# Exportações

As exportações de “Produtos agrícolas e agroalimentares” (exceto bebidas) aumentaram 24,2%, totalizando 7 012,8 milhões de euros em 2022. Para este acréscimo, contribuiu, sobretudo, o grupo das “Gorduras e óleos animais ou vegetais” (1 507,2 milhões de euros; +41,4%).



FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

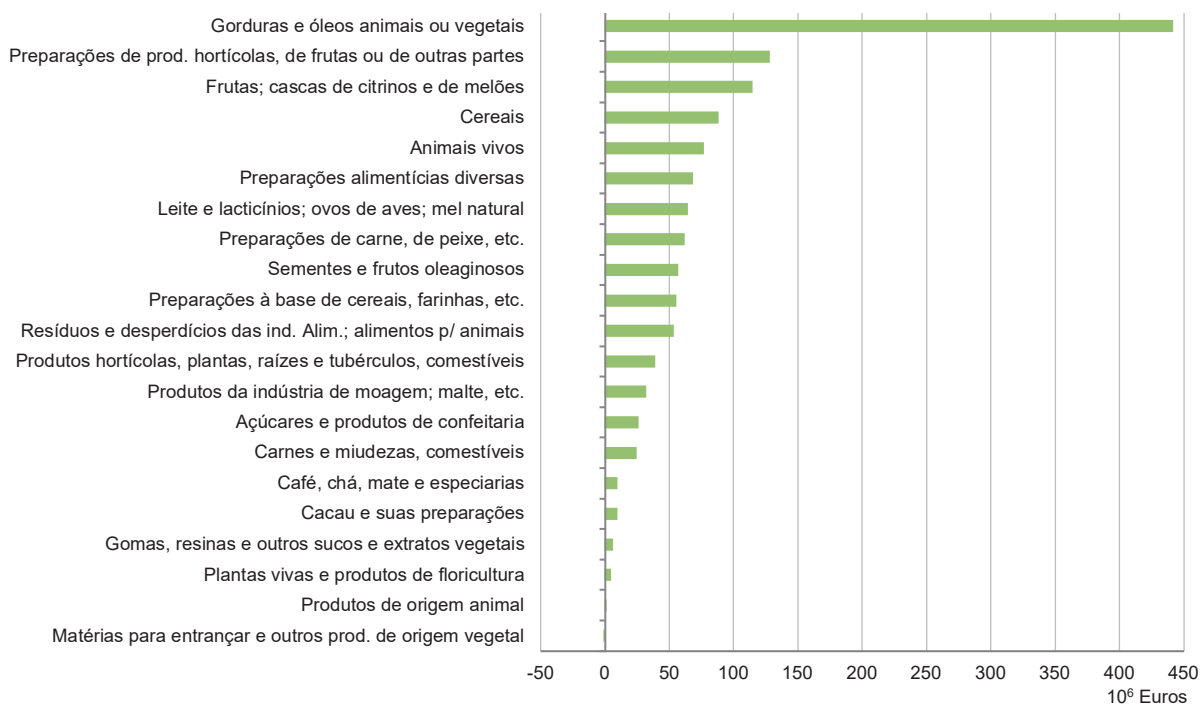
As “Gorduras e óleos animais ou vegetais” mantiveram-se como principal grupo exportado em 2022 (peso de 21,5%; +2,6 p.p.), destacando-se o Azeite (61,8%), cuja produção registou o maior valor de sempre na campanha de 2021. Espanha reforçou a sua liderança como principal cliente (peso de 48,2%; +5,0 p.p. face a 2021).

As “Frutas, cascas de citrinos e de melões” foram em 2022, tal como no ano anterior, o 2º principal grupo exportado, com um peso de 13,0% (-1,1 p.p. que em 2021), destacando-se os “Citrinos, frescos ou secos” (19,0%). Espanha manteve-se também como principal cliente deste grupo de produtos (peso de 46,3%).

As “Preparações de produtos hortícolas” mantiveram-se como 3º principal grupo exportado, representando 8,8% das exportações de “Produtos agrícolas e agroalimentares” (exceto bebidas) em 2022 (+0,1 p.p. em comparação com 2021), destacando-se as exportações de “Tomates, conservados em vinagre” (53,3%). Em relação ao ano anterior, não se observaram alterações nos principais países de destino: Espanha, Reino Unido e França, que, no seu conjunto, concentraram 43,3% das exportações deste grupo de produtos (-3,1 p.p. face a 2021).



FIGURA 6.8  
Variação anual das exportações, 2022/2021



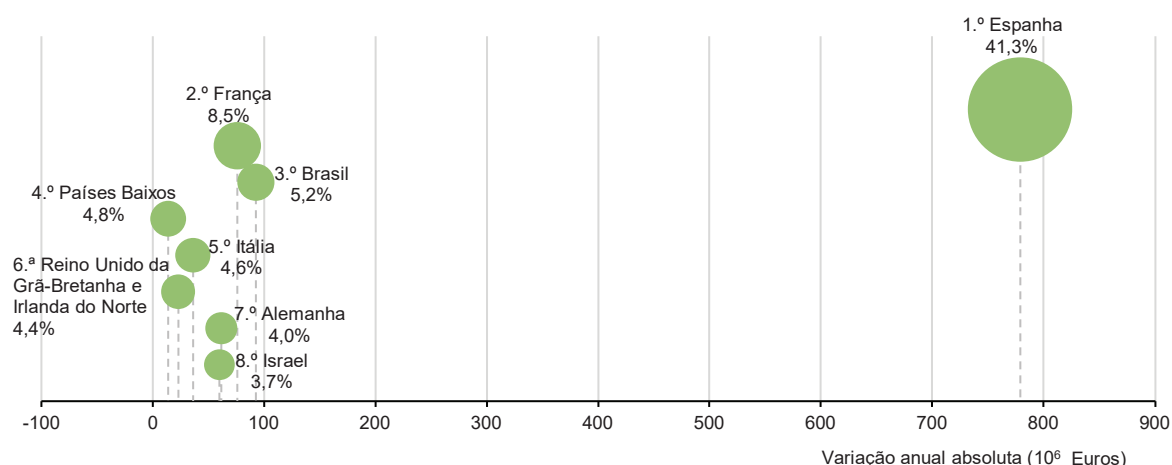
FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

O maior aumento ocorreu nas exportações de “Gorduras e óleos animais ou vegetais” (+441,7 milhões de euros, +41,4%), destacando-se o aumento de 57,9% nas transações com Espanha.

O 2º maior aumento absoluto verificou-se nas exportações de “Preparações de produtos hortícolas” (+128,2 milhões de euros; +26,2%), principalmente para Espanha (+22,5%), que se manteve como principal cliente também neste grupo, com um peso de 18,2% (-0,5 p.p. face ao anterior).

As exportações de “Frutas, cascas de citrinos e de melões” também se destacam no aumento face ao ano anterior (+114,7 milhões de euros, correspondente a +14,4%). Este acréscimo verificou-se maioritariamente nas exportações para Espanha (+62,2 milhões de euros, +17,3%), que se manteve principal cliente. Destaca-se igualmente o crescimento das exportações destes produtos para o Brasil (+22,3 milhões de euros, +122,6%), que passou a ser o principal cliente Extra-UE, ocupando a 5ª posição logo a seguir aos restantes principais parceiros europeus: a França (que manteve o 2º lugar), a Alemanha (3º em 2022, 4º no ano anterior) e os Países Baixos (4º, 3º em 2021).

FIGURA 6.9  
Exportações de produtos agrícolas e agroalimentares  
por principais países, 2022



FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

NOTA: A dimensão dos globos representa o peso relativo de cada país no total da exportação de bens em 2022.

Os países Intra-UE reforçaram o seu domínio como destino das exportações portuguesas de “Produtos agrícolas e agroalimentares” (exceto bebidas), totalizando um peso de 70,7% (+1,4 p.p. face a 2021).

As exportações para Espanha registaram o maior aumento (+778,8 milhões de euros, +36,8%), reforçando a sua posição como principal cliente das exportações nacionais destes produtos, com um peso de 41,3% (37,5% em 2021). Este aumento deveu-se, sobretudo, às “Gorduras e óleos animais ou vegetais”, que se mantiveram como o principal grupo exportado para o país vizinho. Os grupos das “Frutas; cascas de citrinos; melões” e do “Leite e laticínios; ovos de aves; mel natural” continuaram a ser os 2º e 3º principais grupos de “Produtos agrícolas e agroalimentares” (exceto bebidas) exportados para Espanha.

A França, com um peso de 8,5% (-0,7 p.p. comparando com 2021), permaneceu como 2º principal país de destino. O Brasil, com um peso de 5,2% (+0,4 p.p.), recuperou a 3ª posição que tinha perdido em 2021 (quando recuou para 6º), tendo-se verificado um aumento de 33,8% nas exportações de “Produtos agrícolas e agroalimentares” (exceto bebidas) para este país, sobretudo devido às “Gorduras e óleos animais ou vegetais”. Os Países Baixos passaram a ocupar a 4ª posição (3ª em 2021), com um peso de 4,8% (-0,9 p.p. face ao ano anterior).

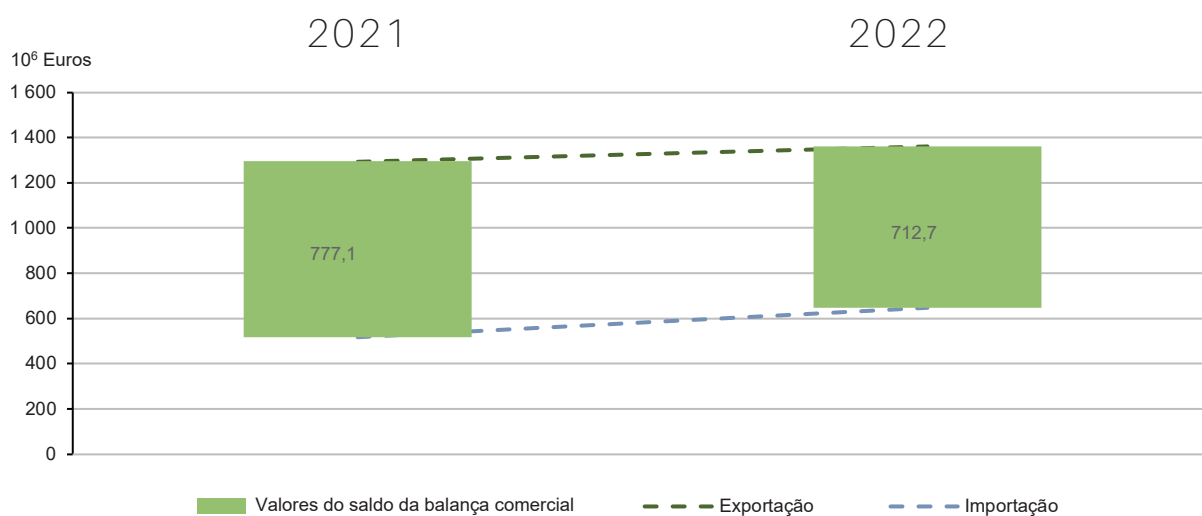


# BEBIDAS, LÍQUIDOS ALCOÓLICOS E VINAGRES

## Saldo da Balança Comercial

Em 2022, o saldo da balança comercial das “Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres” apresentou um excedente de 712,7 milhões de euros (-64,4 milhões de euros; -8,3% face ao ano anterior). Esta redução deveu-se ao facto de as importações deste grupo de produtos terem registado um acréscimo superior ao aumento observado nas exportações.

FIGURA 6.10  
Comércio Internacional das Bebidas, 2021 e 2022

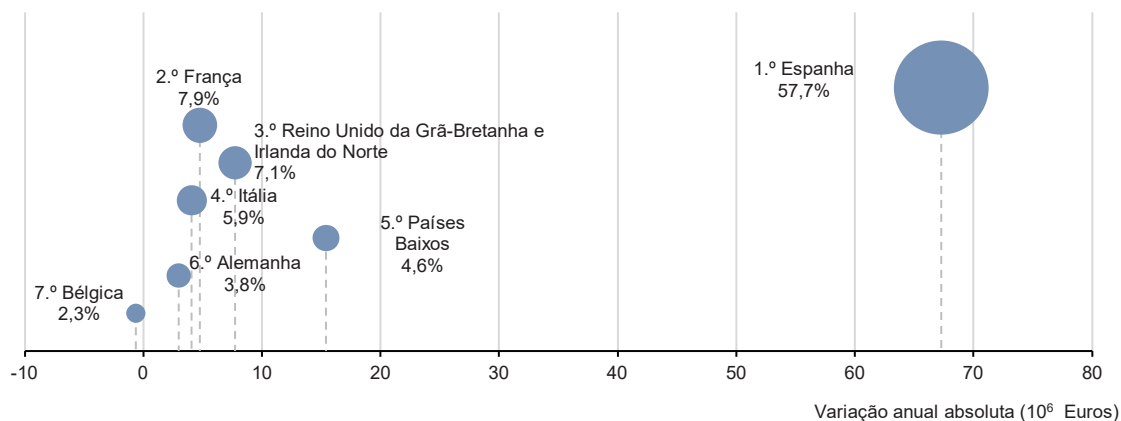


FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

# Importações

As importações de “Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres” totalizaram 648,2 milhões de euros em 2022, o que corresponde a um acréscimo de 25,2% em relação ao ano anterior (+130,5 milhões de euros).

FIGURA 6.11  
Importações de bebidas por principais países, 2022



FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

NOTA: A dimensão dos globos representa o peso relativo de cada país no total da importação de bens em 2022.

Para o aumento em relação ao ano anterior, contribuíram sobretudo as importações provenientes de Espanha (+67,2 milhões de euros; +21,9%), que se manteve como principal fornecedor destes produtos (57,7% do total; -1,5 p.p. que em 2021). A França e o Reino Unido, com pesos de 7,9% (-1,1 p.p.) e 7,1% (-0,3 p.p.), respetivamente, mantiveram-se como 2º e 3º principais fornecedores.

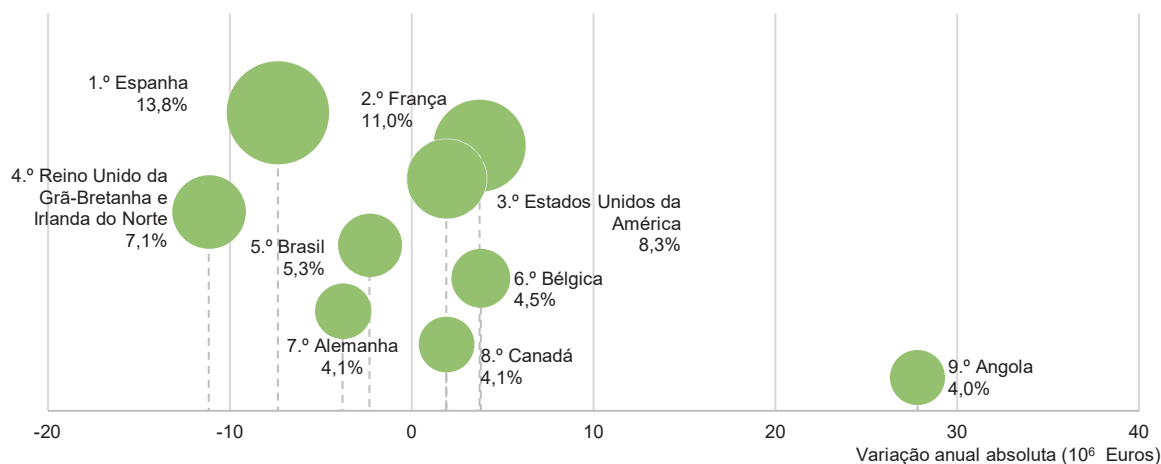
Assinala-se ainda o acréscimo nas importações provenientes dos Países Baixos (+15,4 milhões de euros; +108,4%), o 2º maior aumento na globalidade dos países, passando para 5º principal fornecedor em 2022 (8º em 2021). Itália manteve a 4ª posição.

Os países Intra-UE mantiveram-se como principais fornecedores deste tipo de produtos, concentrando 85,7% das importações portuguesas de “Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres” (-1,5 p.p. face a 2021).

# Exportações

As exportações de “Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres” aumentaram 5,1% face ao ano anterior (+66,1 milhões de euros), atingindo 1 360,9 milhões de euros em 2022.

FIGURA 6.12  
Exportações de bebidas por principais países, 2022



FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

NOTA: A dimensão dos globos representa o peso relativo de cada país no total da exportação de bens em 2022.

As exportações portuguesas de “Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres” para Angola registaram o maior acréscimo (+27,8 milhões de euros; +102,7%), permitindo que este país ascendesse a 9.º principal cliente em 2022 (13.º em 2021).

Os cinco principais países de destino deste grupo de produtos mantiveram as suas posições, pese embora tenham perdido peso face à globalidade dos destinos, nomeadamente: Espanha (13,8%, -1,3 p.p. face ao ano anterior), França (11,0%; -0,3 p.p.), Estados Unidos (8,3%; -0,3 p.p.), Reino Unido (7,1%; -1,2 p.p.) e Brasil (5,3%; -0,4 p.p.). Destaca-se também a Bélgica, que ascendeu à 6.ª posição, com um peso de 4,5% (8.ª em 2021; +0,06 p.p.).

Em 2022, os mercados Extra-UE reforçaram a sua posição nas exportações deste tipo de produtos, com 51,1% do total (47,9% em 2021), em grande medida pelo desempenho no mercado de Angola.

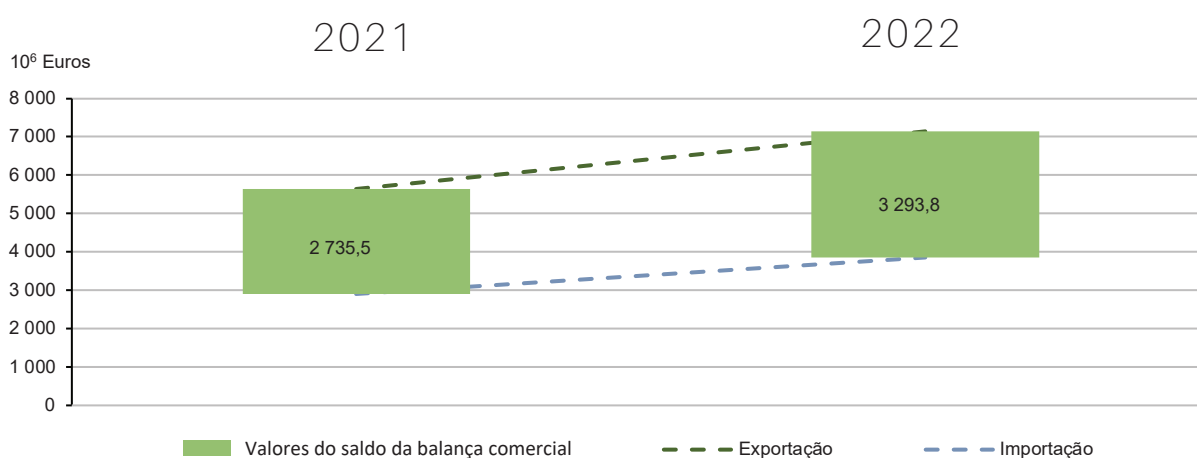
Nota:  
Para simplificação da terminologia associada às estatísticas do Comércio Internacional, é efetuada apenas a referência a “importações” e “exportações”, sendo, contudo, identificado o mercado respetivo (Intra-UE, Extra-UE e Comércio Internacional, que congrega ambos os mercados).

# COMÉRCIO INTERNACIONAL - PRODUTOS FLORESTAIS

## Saldo da Balança Comercial

O saldo da balança comercial dos “Produtos do setor florestal” atingiu 3 293,8 milhões de euros em 2022, aumentando 558,2 milhões de euros face ao ano anterior.

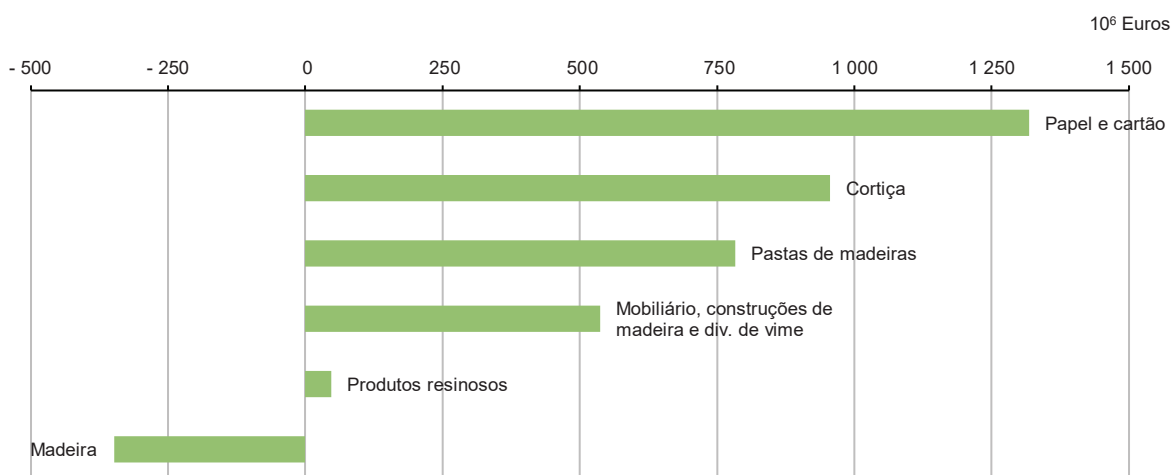
FIGURA 6.13  
Comércio Internacional dos produtos florestais, 2021 e 2022



FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

O maior saldo positivo registou-se no “Papel e cartão”, correspondendo a 1 318,7 milhões de euros, tendo sido o único grupo em que a taxa de cobertura registou um aumento face ao ano anterior (+15,5 p.p.). Seguiram-se a “Cortiça”, com 955,5 milhões de euros, e das “Pastas de madeiras”, com 783,2 milhões de euros.

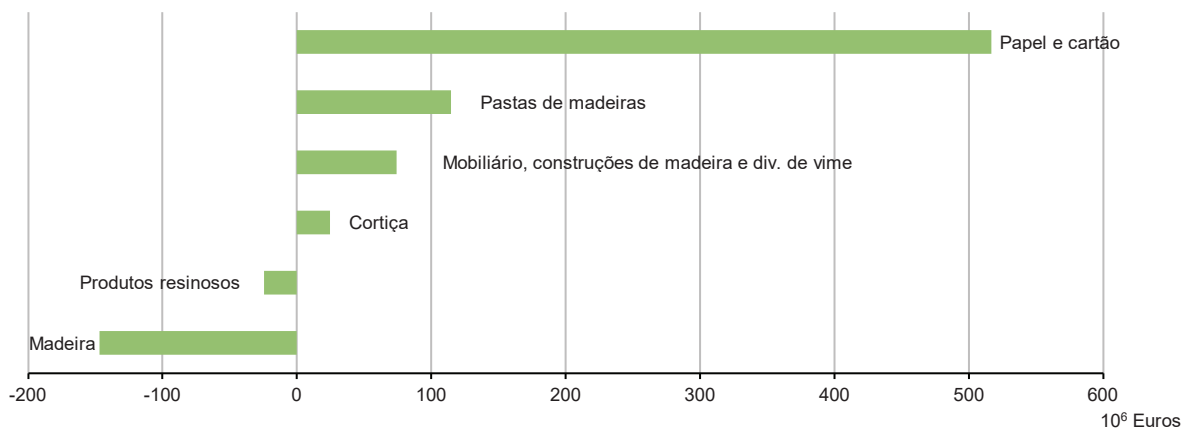
FIGURA 6.14  
Saldo da Balança Comercial dos produtos florestais, 2022



FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

Em 2022, as transações de “Papel e cartão” resultaram num aumento do saldo comercial de 516,6 milhões de euros face ao ano anterior, a maior contribuição para o saldo dos “Produtos do setor florestal”, seguindo-se as “Pastas de madeiras” (+114,5 milhões de euros). Registaram-se variações negativas na “Madeira” (-147,0 milhões de euros) e nos “Produtos resinosos” (-24,6 milhões de euros).

FIGURA 6.15  
Variação anual do Saldo da Balança Comercial dos produtos florestais,  
2022/2021



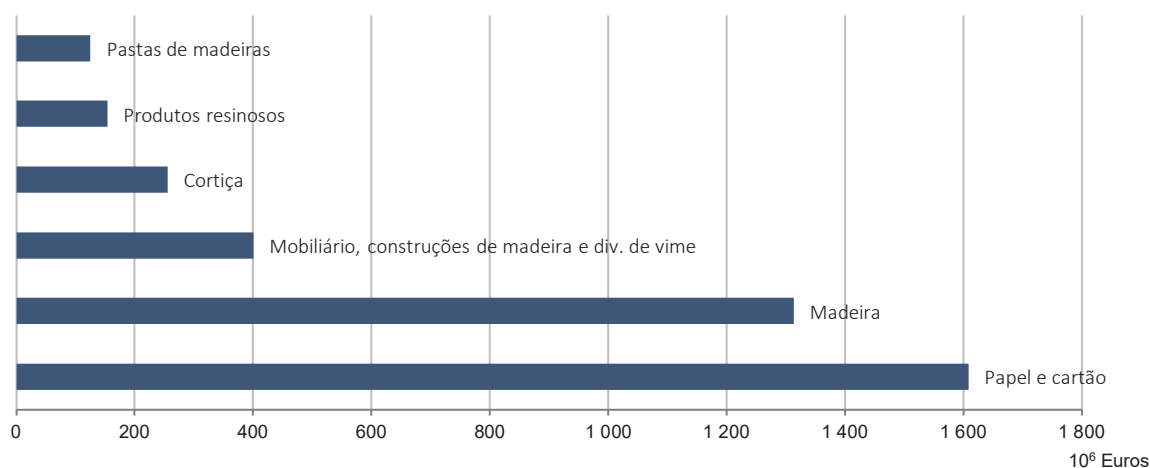
FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

# Importações

As importações de “Produtos do setor florestal” totalizaram 3 857,7 milhões de euros em 2022, refletindo um acréscimo de 32,7% face ao ano anterior. O “Papel e cartão” e a “Madeira” representaram, respetivamente, 41,7% e 34,1% do total de “Produtos do setor florestal”.

Todos os grupos de “Produtos do setor florestal” registaram acréscimos das importações face a 2021, destacando-se o “Papel e cartão” (+401,9 milhões de euros, +33,3%) e a “Madeira” (+345,3 milhões de euros, +35,7%), à semelhança do ano anterior.

FIGURA 6.16  
Importações dos produtos florestais, 2022



FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

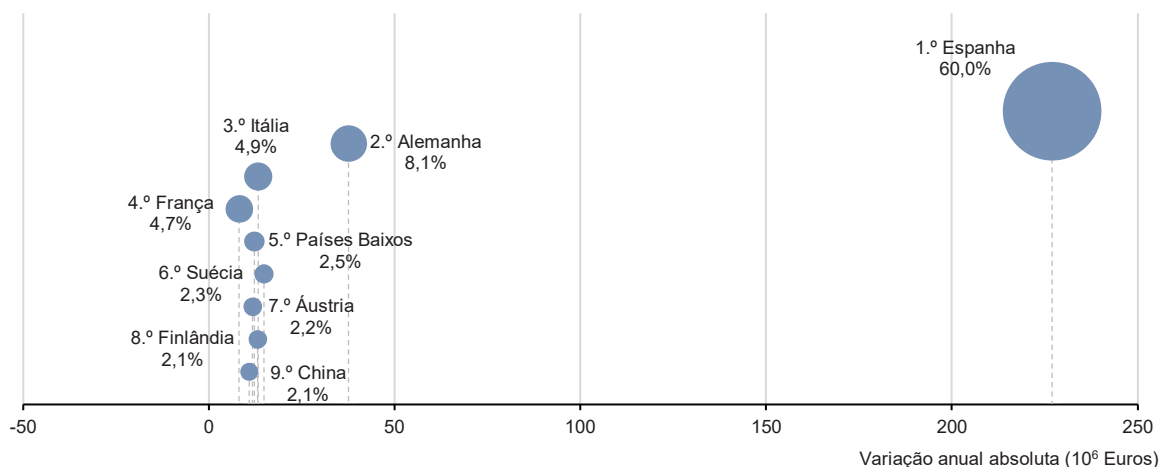
Face a 2021, não se registaram alterações nos principais fornecedores de “Produtos do setor Florestal” a Portugal: Espanha (49,8%; -2,5 p.p.), Brasil (8,4%; +1,9 p.p.) e Alemanha (5,8%, -0,4 p.p.).

Os países da UE continuaram a predominar como principais fornecedores, mas voltaram a perder relevância (-3,4 p.p. para 77,5%) para o mercado extracomunitário, destacando-se os crescimentos do Brasil e do Uruguai (+70,4% e +142,9%, face ao ano anterior), respetivamente 1<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> principais fornecedores fora da UE. Em conjunto com a China, que assumiu a 2<sup>a</sup> posição em 2022, estes países asseguraram 14,0% (+3,7 p.p. face a 2021) das importações de “Produtos do setor florestal” em Portugal (10,4% em 2021).

O “Papel e cartão” manteve-se como principal grupo importado em 2022, tendo a Espanha permanecido como principal fornecedor (60,0%; -1,2 p.p. face a 2021), seguida da Alemanha (8,1%; +0,4 p.p.) e da Itália (4,9%; -0,5 p.p.), que ultrapassou a França (4,7%; -0,9 p.p.).



FIGURA 6.17  
 Importações de papel e cartão por principais países, 2022

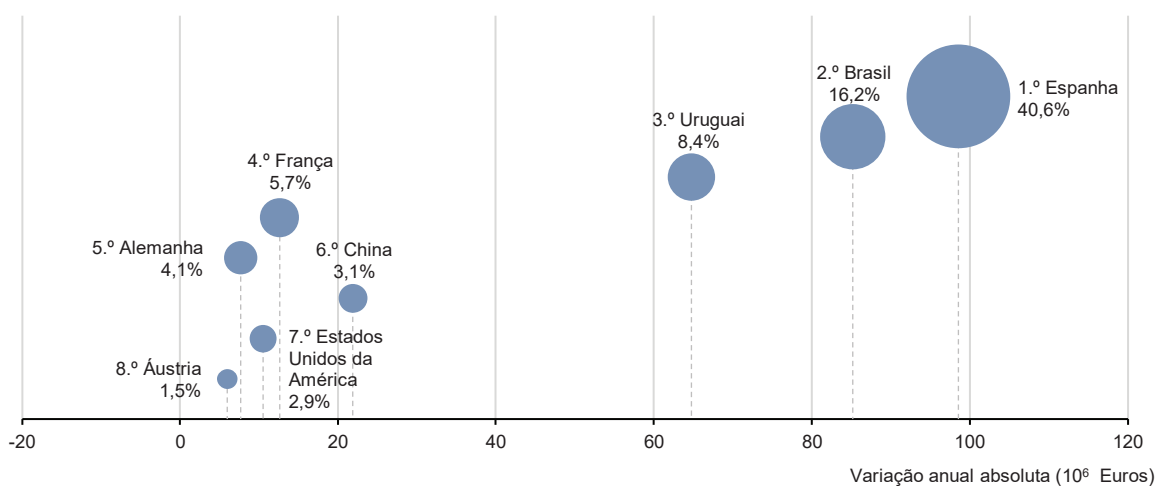


FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

NOTA: A dimensão dos globos representa o peso relativo de cada país no total da importação de bens em 2022.

Espanha manteve a liderança no fornecimento de “Madeira” (40,6%; -4,3 p.p.), seguida do Brasil (16,2%; +3,0 p.p.) e do Uruguai (8,4%; +3,7 p.p.), que ultrapassou a França (5,7%; -0,7 p.p.) e a Alemanha (4,1%; -0,7 p.p.).

FIGURA 6.18  
 Importações de madeira por principais países, 2022



FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

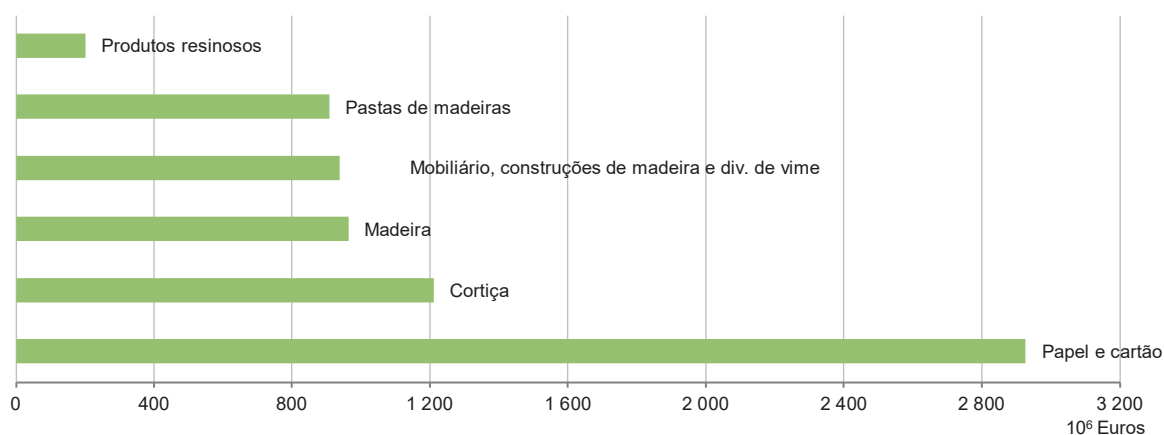
NOTA: A dimensão dos globos representa o peso relativo de cada país no total da importação de bens em 2022.

O “Mobiliário, construções de madeira e div. de vime” manteve-se como 3º principal grupo importado, representaram 10,4% das importações de “Produtos do setor florestal” em 2022 (-1,4 p.p. face a 2021), atingindo 400,4 milhões de euros, o que se traduziu num crescimento de 17,3% em comparação com 2021. Espanha continuou a concentrar mais de metade das importações (53,2%; +0,4 p.p. que em 2021), atingindo 213,2 milhões de euros, o que correspondeu a um aumento de 18,1%. Itália, manteve-se como o 2º maior fornecedor (10,2%; +2,4 p.p.), atingindo 40,8 milhões de euros (+52,6%). A China foi o 3º principal fornecedor em 2022 (7,5%; +0,6 p.p.), seguindo-se a França (6,5%; +1,6 p.p.; 6ª posição em 2021), tendo ambos superando a Alemanha (que recuou da 3ª para a 5ª posição; 5,5%; -1,6 p.p.).

## Exportações

Em 2022, as exportações de “Produtos do setor florestal” cresceram 26,7%, em relação ao ano anterior, atingindo 7 151,5 milhões de euros, com todos os grupos de produtos a aumentarem, registando-se crescimentos entre 7,5%, na “Cortiça”, e 45,7%, no “Papel e cartão”. O “Papel e cartão” manteve-se assim como principal grupo exportado, totalizando 2 927,1 milhões de euros de exportações (peso de 40,9%; +5,3 p.p. face a 2021), seguindo-se a “Cortiça”, com 1 211,2 milhões de euros (16,9%; -3,0 p.p.) de exportações em 2022.

FIGURA 6.19  
Exportações dos produtos florestais, 2022

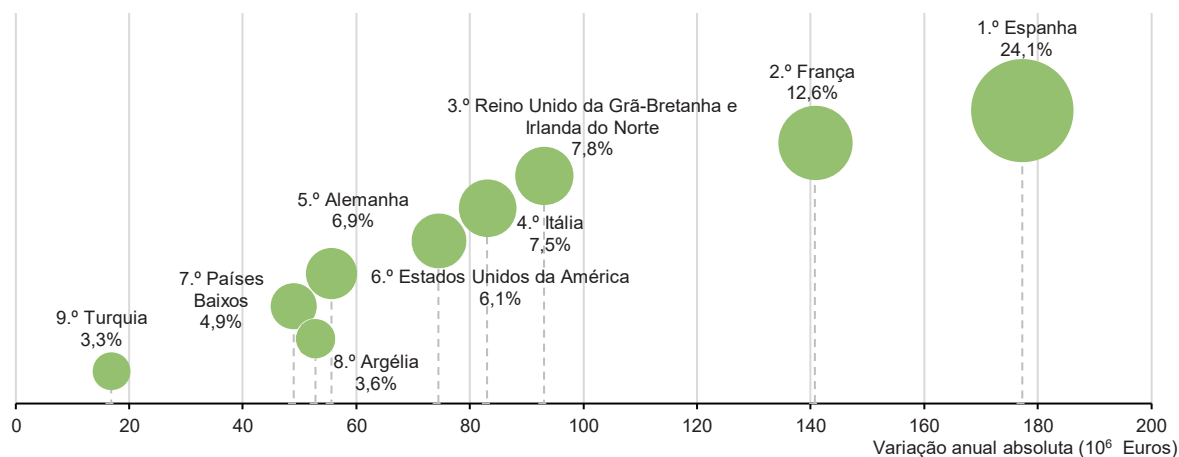


FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

Os países Intra-UE continuaram a ser o destino principal das exportações portuguesas de “Produtos do setor florestal” (66,3%; +0,9%). Espanha, França e Estados Unidos mantiveram-se como principais clientes dos “Produtos do setor florestal” (pesos de 24,7%, 15,0% e 7,0%, respetivamente), tendo registado crescimentos de 26,1%, 29,4% e 20,7%, pela mesma ordem, face a 2021.

Espanha (24,1%; -2,2 p.p.), França (12,6%; +1,2 p.p.) e Reino Unido (7,8%; +1,0 p.p.) mantiveram-se como principais mercados de destino das exportações de “Papel e cartão”, tendo registado crescimentos de 33,6%, 61,4% e 68,1%, respetivamente.

FIGURA 6.20  
Exportações de papel e cartão por principais países, 2022

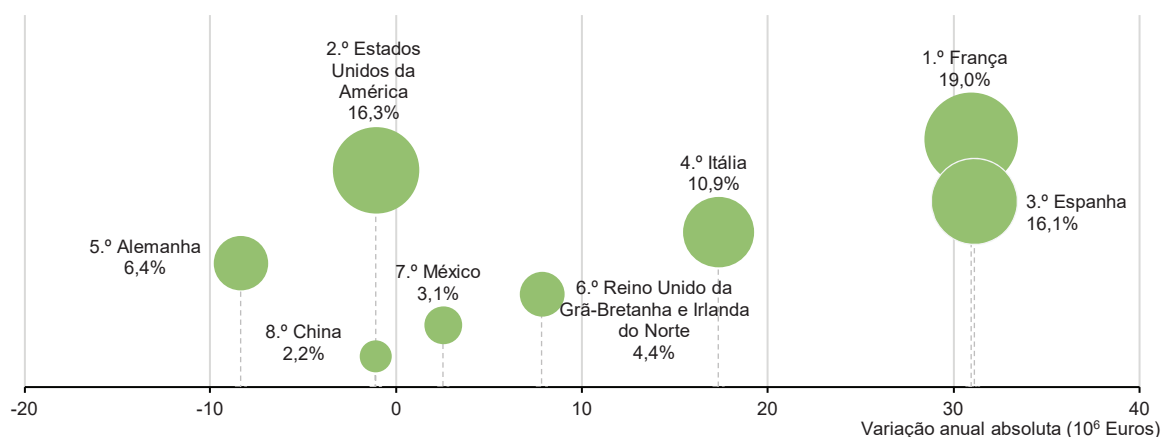


FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

NOTA: A dimensão dos globos representa o peso relativo de cada país no total da exportação de bens em 2022.

A “Cortiça”, que se manteve como 2.º principal grupo exportado em 2022, teve como principais destinos a França (19,0%; +1,3 p.p.), os Estados Unidos (16,3%; -1,3 p.p.) e a Espanha (16,1%; +1,6%). As exportações para França e Espanha registaram crescimentos (+15,5% e +18,9%, respetivamente), enquanto as exportações para os Estados Unidos diminuíram (-0,5%).

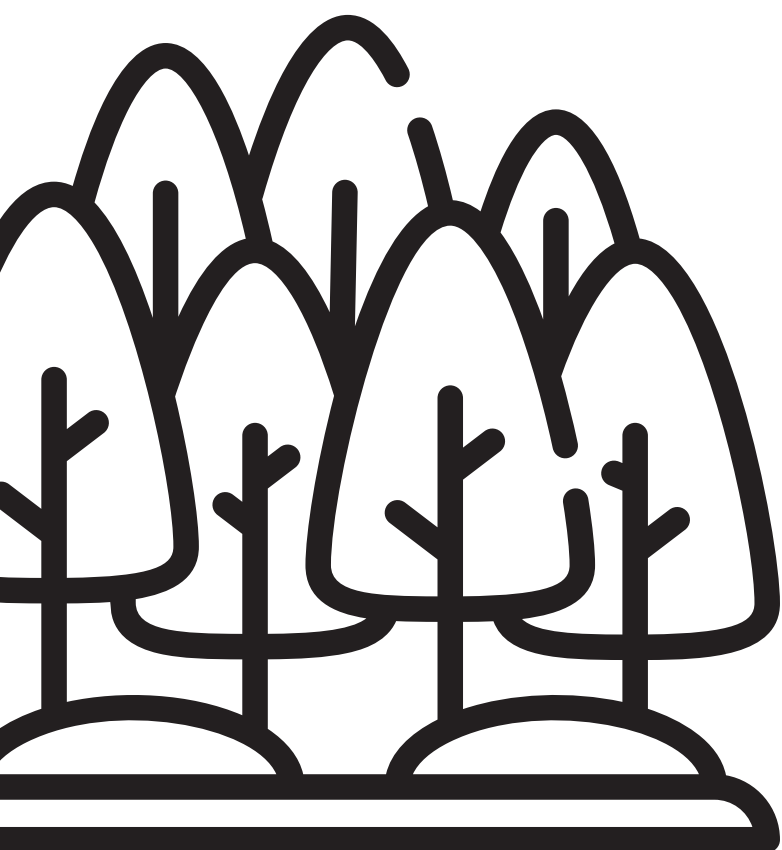
FIGURA 6.21  
Exportações de cortiça por principais países, 2022



FONTE: INE, I. P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens

NOTA: A dimensão dos globos representa o peso relativo de cada país no total da exportação de bens em 2022.

A “Madeira” passou a ser o 3º principal grupo exportado (peso de 13,5%, -0,1 p.p. face a 2021), totalizando 965,3 milhões de euros (+25,9% em relação ao ano anterior), superando os produtos do “Mobiliário, construções de madeira e div. de vime” (13,1%; -1,1 p.p.). Espanha manteve a liderança enquanto destino das exportações nacionais de “Madeira” (44,5%; +0,6 p.p.), seguida de França (10,6%, peso idêntico ao do ano anterior), que ultrapassou o Reino Unido (10,2%; -1,3 p.p.).







## Carnes

A produção nacional de carnes aumentou a um ritmo médio anual de 1,4%, no período 2019-2022, contudo não foi suficiente para acompanhar as necessidades de consumo do mercado interno, apesar deste ter apresentado uma quase manutenção (-0,1%).

Em 2022, o nível de produção (964 mil toneladas) garantiu apenas um grau de autoaprovisionamento de 78,2%, menos 2,8 p.p. quando comparado com o ano anterior. A importação de 404 mil toneladas de carne, superior em 9,8% em relação ao ano transato, e mais 6,3% face à média do período em análise, foi determinante para compensar as provisões nacionais.

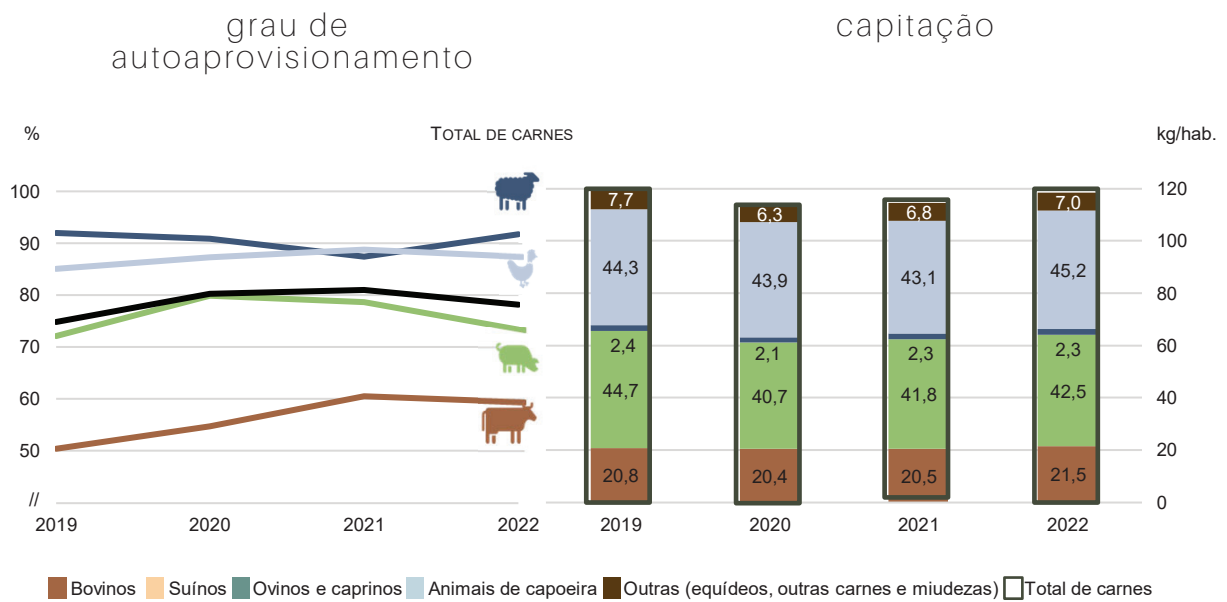
Analisando separadamente a produção de carne das principais espécies, constata-se a presença de diferentes níveis de autossuficiência. A produção de carne de bovino, a mais deficitária, não ultrapassou 59,4% das necessidades do mercado, apesar do aumento de produção (+3,1% face a 2021 e +8,6% comparando com a média 2019-2022). Efetivamente o aumento mais forte do consumo (+5,2% face a 2021), anulou o acréscimo da produção e fixou o consumo per capita em 21,5 kg/habitante, correspondendo a mais 1 kg por habitante face a 2021.

A produção de carne de suíno diminuiu (-5,3% face a 2021 e -3,1% face à média 2019-2022), mas o consumo aumentou (+1,6%), o que se traduziu num grau de autoaprovisionamento de 73,3%, menos 5,3 p.p. face a 2021. O consumo anual per capita fixou-se em 42,5 kg/habitante, praticamente igual à média dos últimos 4 anos.

A produção de carne de animais de capoeira, a mais consumida em Portugal (45,2 kg/habitante, ano), permitiu acomodar 87,4% das necessidades do mercado interno (-1,4 p.p. que em 2021), tendo o seu consumo aumentado 4,7%, apresentando uma taxa de crescimento média anual, para o período em análise, de 1,0%.

O consumo de carne de ovino e caprino revelou uma quase manutenção relativamente a 2021 e à média de 2019-2022 (2,3 kg/habitante ano), tendo a produção preenchido 91,7% das necessidades do mercado (+4,2 p.p. face a 2021 e +1,1 p.p. comparando com a média dos 4 anos em análise).

FIGURA 7.1  
 Balanço de aprovisionamento das carnes



FONTES: INE I. P., Balanços de aprovisionamento dos produtos animais.

# Leite e derivados

Em 2022, o grau de autoaprovisionamento para o conjunto dos produtos lácteos (leite e derivados) foi 93,0%, que compara com 95,9% em 2021.

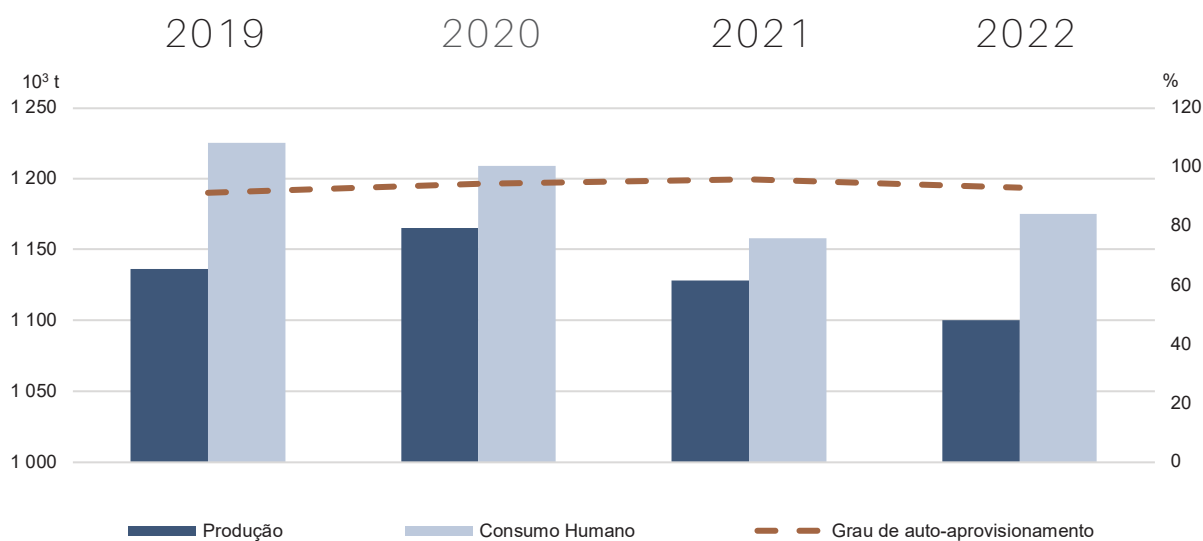
Apesar da produção de leite para consumo público em 2022 ter diminuído 2,1%, o grau de autoaprovisionamento manteve-se excedentário, com 111,4% (111,2% em 2021), justificado pela redução no consumo deste produto (-0,9%), que se fixou em 64,5 kg/habitante.

Para os restantes produtos lácteos, a produção total diminuiu 3,3% face a 2021, motivada pela redução no volume de leite em pó magro (-34,6%), manteiga (-15,6%) e bebidas à base de leite (-11,9%).

O consumo total de leite e produtos derivados aumentou 1,5%, justificado sobretudo pelos acréscimos no consumo de queijo (+9 mil toneladas, correspondente a +6,5%) e de leites acidificados (+ 7 mil toneladas, ou seja +3,3%).

De referir que em 2022 as exportações de leite e derivados cresceram 8,7% em relação à média registada no período em análise (2019-2022), tendo as importações aumentado 2,1%.

FIGURA 7.2  
Balanço de aprovisionamento de leite e derivados



FONTE: INE I. P., Balanços de aprovisionamento dos produtos animais.

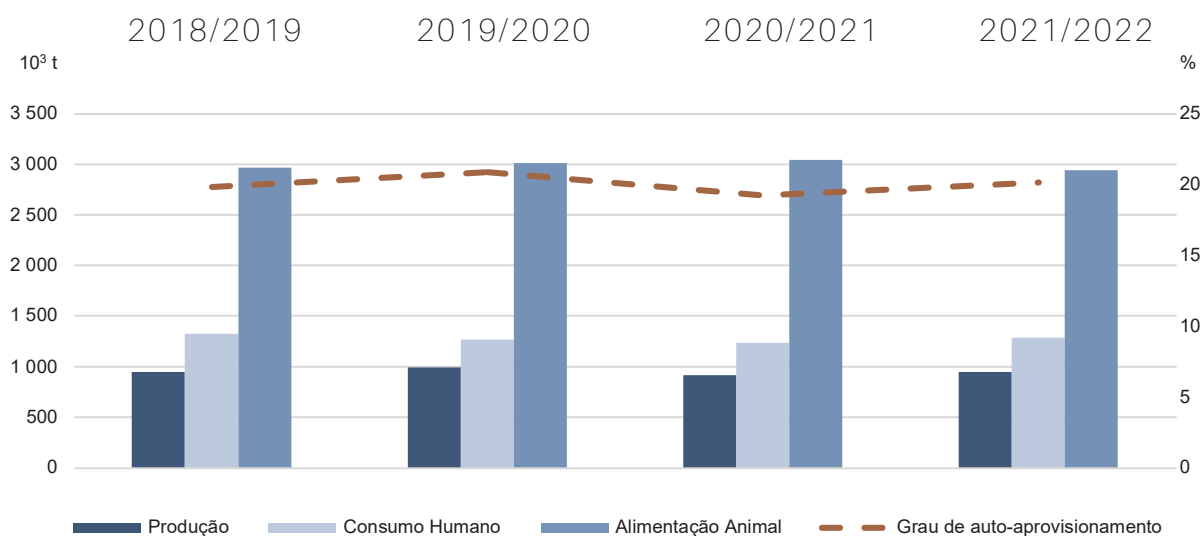


# Cereais, exceto arroz

Portugal depende do exterior para satisfazer as necessidades internas em cereais para grão, registando um grau de autoaprovisionamento na campanha 2021/2022<sup>11</sup> de 20,1%, valor que não oscilou em mais de 1,0 p.p. entre campanhas do período em análise, 2018/2019 a 2021/2022. A produção nacional de cereais na campanha 2021/2022 foi 944 mil toneladas de grão de cereais, o que representou um acréscimo de 3,4%, quando comparado com a campanha anterior (-0,5% face à média do período observado). A maior produção de milho foi responsável por este aumento, com mais 70 mil toneladas (+10,3% em 2021, tendo crescido a um ritmo médio de 1,7% no período em análise), uma vez que a produção dos restantes cereais baixou em 2021: trigo (-16,3%), cevada (-20,0%), aveia (-19,1%) e centeio (-5,9%), mantendo a tendência de decréscimo dos anos observados.

A importação de grãos foi 4,7 vezes superior à produção nacional ao longo de todo o período em análise. A maior parte da produção foi destinada à alimentação animal, 69,6%, que compara com 71,1% na campanha anterior, observando-se um aumento de 3,9% no nível de produção destinada ao consumo humano.

FIGURA 7.3  
Balanço de aprovisionamento de cereais, exceto arroz



FONTE: INE I. P., Balanços de aprovisionamento dos produtos vegetais.

<sup>11</sup> O balanço da campanha 2021/22 diz respeito à produção de cereais no ano agrícola 2020/21.

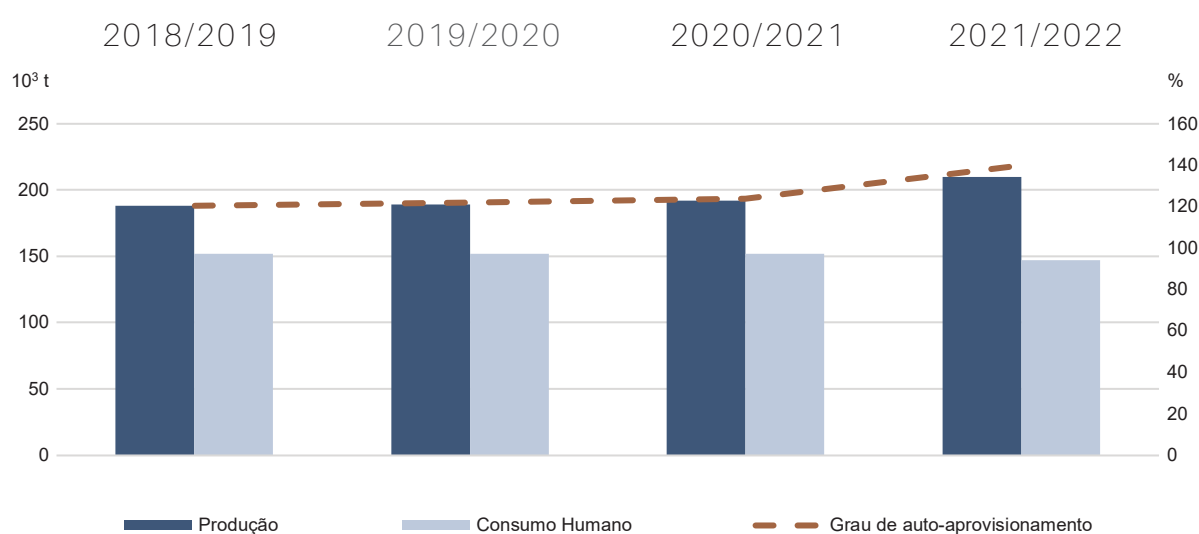
# Arroz branqueado

Na campanha 2021/2022, o grau de autossuficiência de arroz branqueado melhorou em 16 p.p., face à campanha anterior, atingindo 140%, o maior nível de abastecimento interno desde que há registos estatísticos sistemáticos. Para este resultado contribuiu decisivamente o aumento de 9,4% da produção nacional de arroz branqueado (210 mil toneladas), face à campanha 2020/2021, que cresceu a um ritmo médio anual de 3,8% no período em análise (2018/2019-2021/2022).

De referir que o volume de exportações da campanha 2021/2022 (96 mil toneladas), representou 45,7% da produção nacional, aumentando 74,5% em relação à campanha 2020/2021, com uma taxa de crescimento média anual de 16,3% no período observado.

O consumo humano de arroz branqueado em 2021/2022 apresentou um decréscimo de 3,2% face à campanha anterior, com cada habitante a consumir em média 14,2 kg de arroz, menos 0,5 kg face à média dos 4 anos.

FIGURA 7.4  
Balço de aprovisionamento do arroz branqueado



FONTE: INE I. P., Balanços de aprovisionamento dos produtos vegetais

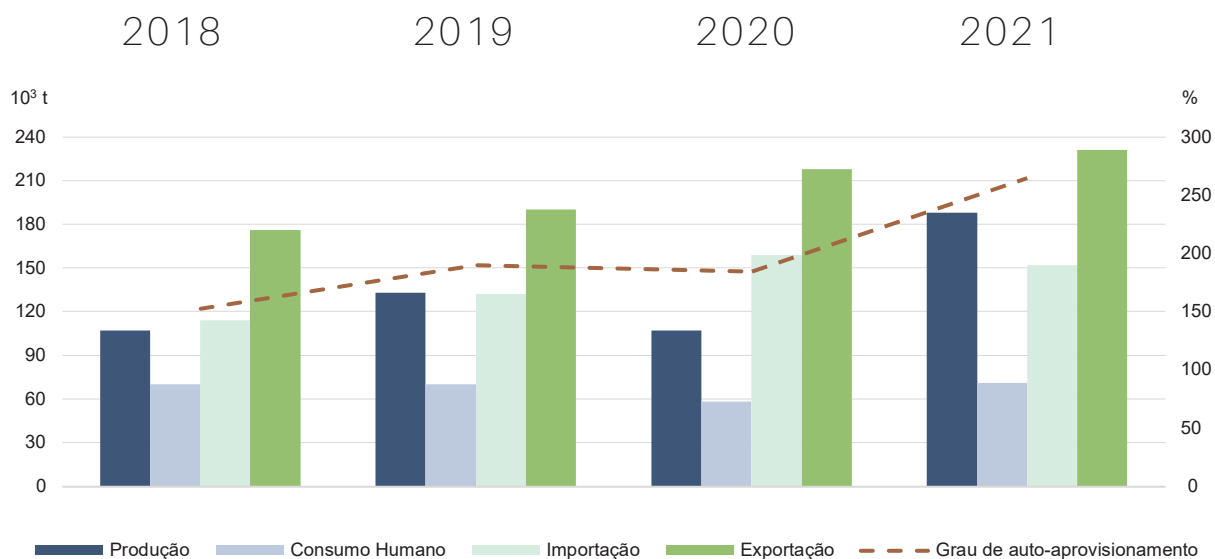
# Óleos e gorduras - Azeite

Em 2021, a produção nacional de azeite atingiu um máximo de 188 mil toneladas, registando um acréscimo de 75,7% em relação a 2020. Na sequência do aumento significativo da produção, o azeite apresentou um grau de autoaprovisionamento de 264,8%, 164,8 p.p. acima da autossuficiência, sendo o valor mais elevado de toda a série disponível.

O consumo humano de azeite em 2021 foi 71 mil toneladas (58 mil toneladas em 2020), equivalente a um consumo per capita de 6,9 kg por habitante (5,6 kg em 2020).

As exportações de azeite aumentaram 6,0% face a 2020, tendência que se verificou ao longo do período em análise, que apresentou um crescimento médio anual de 9,5%.

FIGURA 7.5  
Balanço de aprovisionamento dos óleos e gorduras - azeite



FONTE: INE I. P., Balanços de aprovisionamento dos produtos vegetais

# Frutos

Portugal não é autossuficiente em frutos, tendo importado, em média, cerca de 22,4% do que consumiu entre 2018/2019 e 2021/2022.

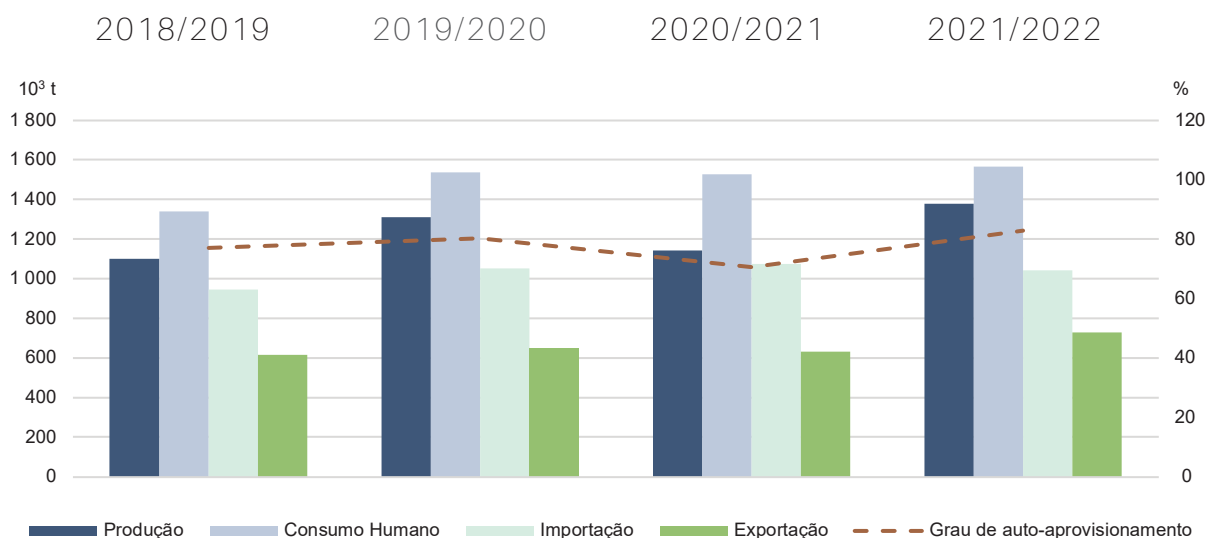
A evolução da produção está muito dependente dos anos agrícolas, como revela o período em análise. Assim, após um decréscimo de 12,8% na produção nacional de frutos na campanha 2020/2021 motivado pela diminuição de produção dos frutos frescos, a campanha 2021/2022 registou um acréscimo de 20,5% fomentado pelo aumento de produção deste mesmo grupo e que se saldou num total de 1 376 mil toneladas (1 142 mil toneladas na campanha 2020/2021).

De referir ainda que as exportações aumentaram 15,4% em relação à campanha anterior, justificado pelo acréscimo de 20,7% nos frutos frescos.

Na campanha 2021/2022, o grau de autoaprovisionamento fixou-se em 82,8%, ou seja 17,2 p.p. abaixo da autossuficiência, mas o mais elevado no período em análise.

Relativamente ao consumo per capita, cada habitante consumiu, em média, 151,2 kg de frutos na campanha 2021/2022 (148,1 kg na campanha 2020/2021), o que correspondeu a um aumento de 2,1%.

FIGURA 7.6  
Balanço de aprovisionamento do total de frutos



FONTE: INE I. P., Balanços de aprovisionamento dos produtos vegetais

# Vinho

Portugal é autossuficiente em vinho, produzindo mais do que consome e, tradicionalmente, apresenta graus de autoaprovisionamento acima dos 100%.

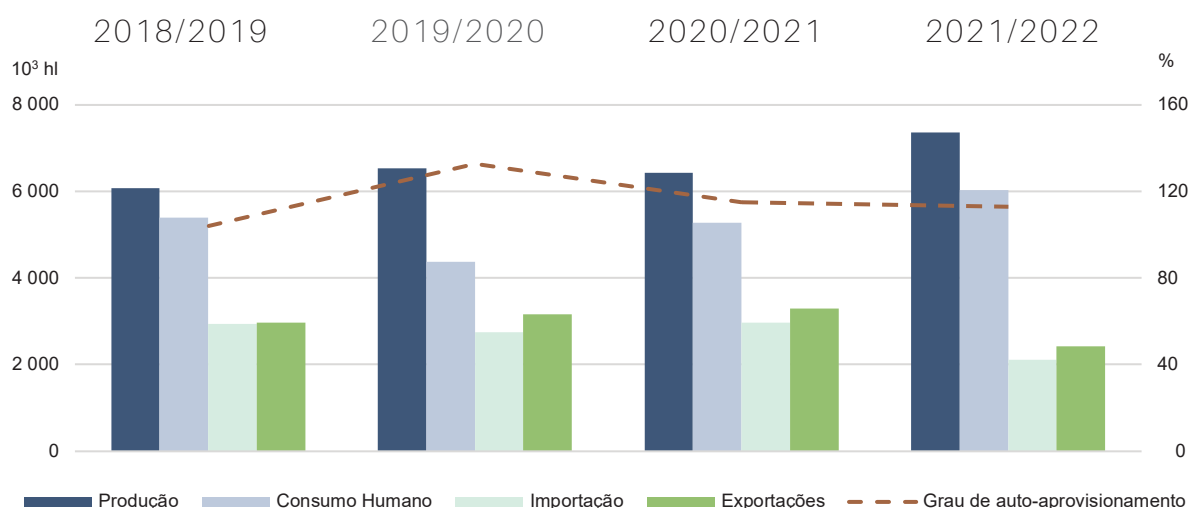
Na campanha 2021/2022, a produção vinícola registou um acréscimo significativo de 14,7% face à campanha anterior, resultando num acentuado decréscimo das importações (-29,2%) em relação a 2020/2021.

Também o consumo humano cresceu 14,3% em relação à campanha anterior, situando-se em 58,2 litros por habitante em 2021/2022 (51,2 litros na campanha 2020/2021).

De realçar que este aumento se verificou principalmente nos vinhos DOP e IGP que representavam, respetivamente, 36,5% e 24,4% do consumo humano em 2020/2021, e passaram a representar 40,8% e 29,0%, pela mesma ordem, em 2021/2022.

Verificou-se ainda uma diminuição significativa das exportações de vinho (-26,4%) em relação à campanha anterior, correspondente a menos 867 mil hectolitros, e maioritariamente nos vinhos DOP e IGP.

FIGURA 7.7  
Balanço de aprovisionamento do vinho



FONTE: INE I. P., Balanços de aprovisionamento dos produtos vegetais

## PRINCIPAIS INDICADORES

- Consumo humano de carne (t) por Tipo de carnes; Anual
- Consumo humano de carne per capita (kg/ hab.) por Tipo de carnes; Anual
- Grau de auto-provisionamento de carne (%) por Tipo de carnes; Anual
- Consumo humano de leite e produtos lácteos (t) por Tipo de leites e produtos lácteos; Anual
- Consumo humano de leite e produtos lácteos per capita (kg/ hab.) por Tipo de leites e produtos lácteos; Anual
- Grau de auto-provisionamento de leite e produtos lácteos (%) por Tipo de leites e produtos lácteos; Anual
- Consumo humano de ovos (t); Anual
- Consumo humano de ovos per capita (kg/ hab.); Anual
- Grau de auto-provisionamento de ovos (%); Anual
- Grau de auto-provisionamento de ovos para incubação (%); Anual
- Consumo humano de vinho (hl); Anual
- Consumo humano de vinho per capita (l/ hab.); Anual
- Grau de auto-provisionamento do vinho (%); Anual
- Consumo humano de cereais (t) por Espécie de cereais; Anual
- Consumo humano de cereais per capita (kg/ hab.) por Espécie de cereais; Anual
- Grau de auto-provisionamento de cereais (%) por Espécie de cereais; Anual
- Consumo humano de arroz branqueado e semibranqueado (t) por Comprimento do grão; Anual
- Consumo humano de arroz branqueado e semibranqueado per capita (kg/ hab.) por Comprimento do grão; Anual
- Grau de auto-provisionamento de arroz branqueado e semibranqueado (%) por Comprimento do grão; Anual
- Grau de auto-provisionamento de arroz em casca (%); Anual
- Grau de auto-provisionamento de arroz em película (%); Anual
- Consumo humano de trinca de arroz (t); Anual
- Consumo humano de trinca de arroz per capita (kg/ hab.); Anual
- Grau de auto-provisionamento de trinca de arroz (%); Anual
- Consumo humano de batata (t); Anual
- Consumo humano de batata per capita (kg/ hab.); Anual
- Grau de auto-provisionamento de batata (%); Anual
- Consumo humano de frutos (t) por Espécie frutícola; Anual
- Consumo humano de frutos per capita (kg/ hab.) por Espécie frutícola; Anual

## PRINCIPAIS INDICADORES

- Grau de auto-aprovisionamento de frutos (%) por Espécie frutícola; Anual
- Consumo humano de frutos (t) por Espécie frutícola (Balanços de mercado); Anual
- Consumo humano de frutos per capita (kg/ hab.) por Espécie frutícola (Balanços de mercado); Anual
- Grau de auto-aprovisionamento de frutos (%) por Espécie frutícola (Balanços de mercado); Anual
- Consumo humano de leguminosas secas (t) por Espécie de leguminosas secas; Anual
- Consumo humano de leguminosas secas per capita (kg/ hab.) por Espécie de leguminosas secas; Anual
- Grau de auto-aprovisionamento de leguminosas secas (%) por Espécie de leguminosas secas; Anual
- Consumo humano de sementes e frutos oleaginosos (t) por Tipo de sementes e frutos oleaginosos; Anual
- Consumo humano de sementes e frutos oleaginosos per capita (kg/ hab.) por Tipo de sementes e frutos oleaginosos; Anual
- Grau de auto-aprovisionamento de sementes e frutos oleaginosos (%) por Tipo de sementes e frutos oleaginosos; Anual
- Consumo humano de gorduras e óleos vegetais brutos (t) por Tipo de gordura e óleos vegetais; Anual
- Consumo humano de gorduras e óleos vegetais brutos per capita (kg/ hab.) por Tipo de gordura e óleos vegetais; Anual
- Grau de auto-aprovisionamento de gorduras e óleos vegetais brutos (%) por Tipo de gordura e óleos vegetais; Anual
- Consumo humano de margarinas (t); Anual
- Consumo humano de margarinas per capita (kg/ hab.); Anual
- Grau de auto-aprovisionamento de margarinas (%); Anual
- Consumo humano de açúcar (t); Anual
- Consumo humano de açúcar per capita (kg/ hab.); Anual
- Grau de auto-aprovisionamento de açúcar (%); Anual
- Consumo humano de mel (t); Anual
- Consumo humano de mel per capita (kg/ hab.); Anual
- Grau de auto-aprovisionamento de mel (%); Anual
- Grau de auto-aprovisionamento de melaços (%); Anual





# BALANÇA ALIMENTAR PORTUGUESA

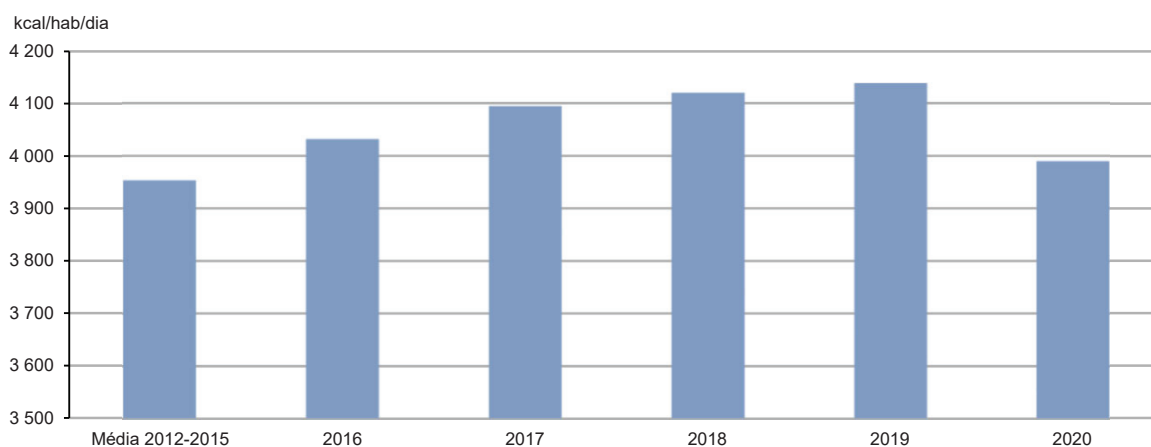




A Balança Alimentar Portuguesa (BAP) disponibiliza um conjunto de indicadores de referência que, apesar do seu carácter global, pode ser utilizado para diversas finalidades, nomeadamente para a avaliação, a nível nacional, das disponibilidades, da procura e das tendências de consumo alimentar como instrumento orientador de políticas de produção agrícola, das pescas ou da indústria alimentar.

As disponibilidades alimentares para consumo no período 2016-2020 continuam a evidenciar uma oferta alimentar excessiva e desequilibrada. No entanto, este período foi marcado pelo início da pandemia COVID-19, com as disponibilidades para consumo da maioria dos grupos alimentares abordados na Balança Alimentar Portuguesa a apresentarem variações negativas em 2020, quando a evolução dessas disponibilidades desde 2016 até ao início da pandemia era positiva e acima das verificadas em 2012-2015.

FIGURA 8.1  
Disponibilidades diárias *per capita* de calorias  
(média 2012-2015 e 2016-2020)



FONTE: INE I. P., Balança Alimentar Portuguesa

No quinquénio 2016-2020, a BAP apurou um aporte calórico diário médio disponível para consumo por habitante de 4 075 kcal, superior às 3 954 kcal registadas no período anterior 2012-2015. O aporte calórico diário aumentou 2,7% (+107 kcal/hab), entre 2016 e 2019, infletindo a tendência em 2020 com uma redução de 3,6% (-149 kcal/hab), atingindo neste último ano 3 990 kcal/ hab/dia.

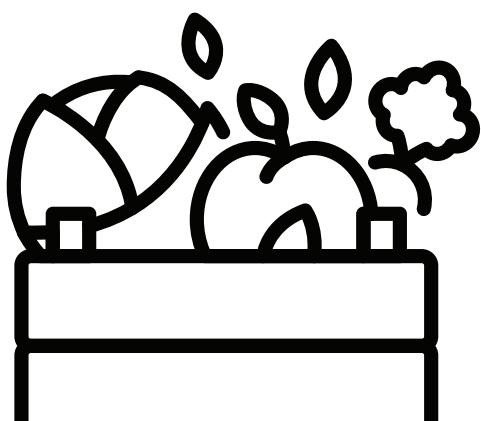
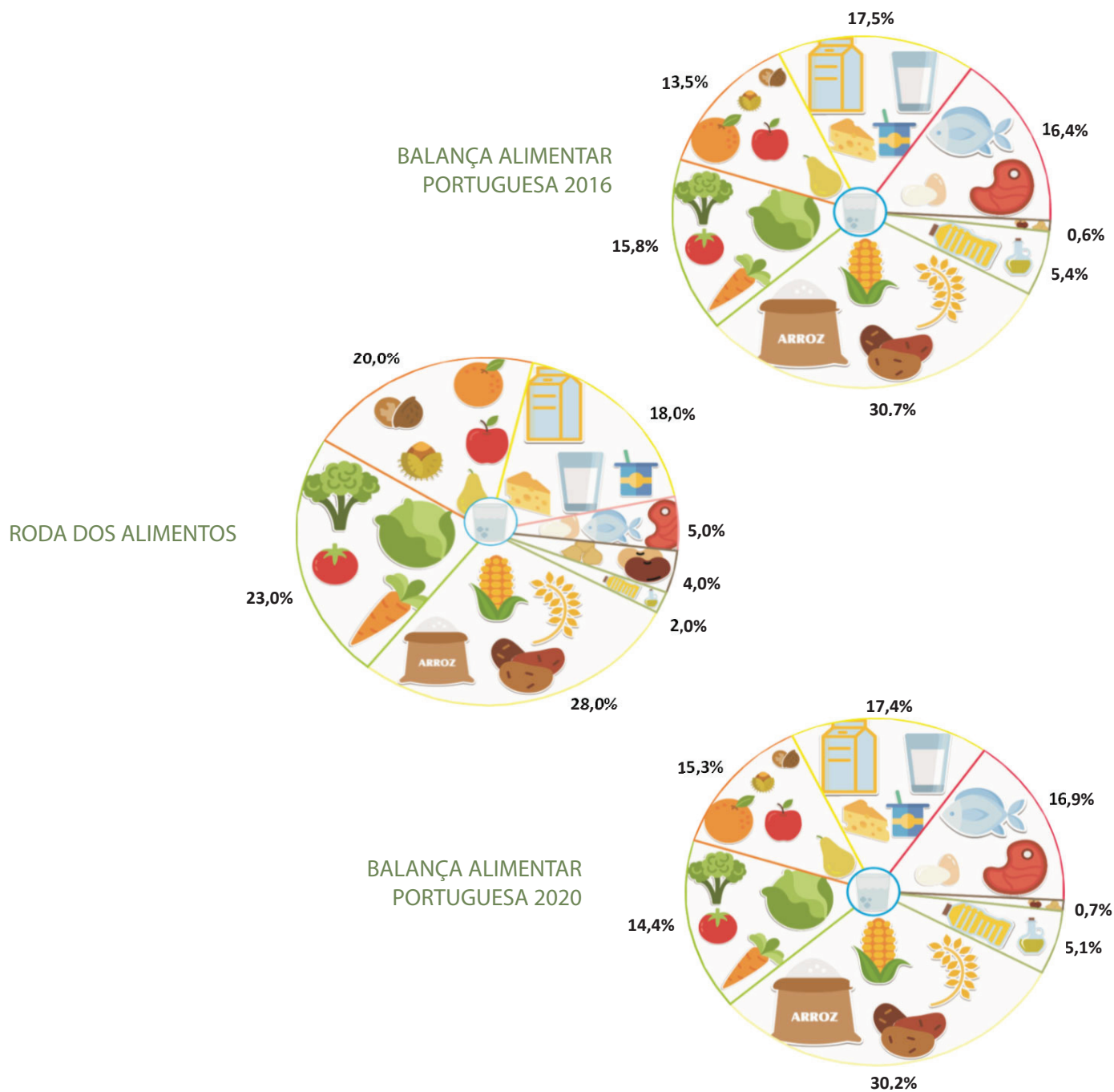


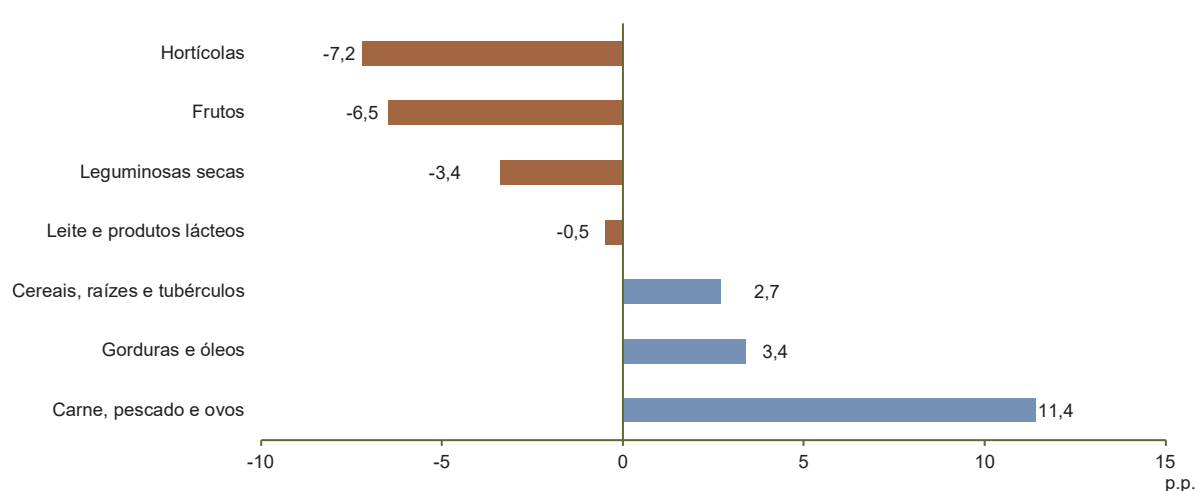
FIGURA 8.2  
Roda dos Alimentos e Balança Alimentar Portuguesa  
(2016 e 2020)



FONTE: INE I. P., Balança Alimentar Portuguesa  
Figura adaptada da Roda dos Alimentos da Direção Geral do Consumidor

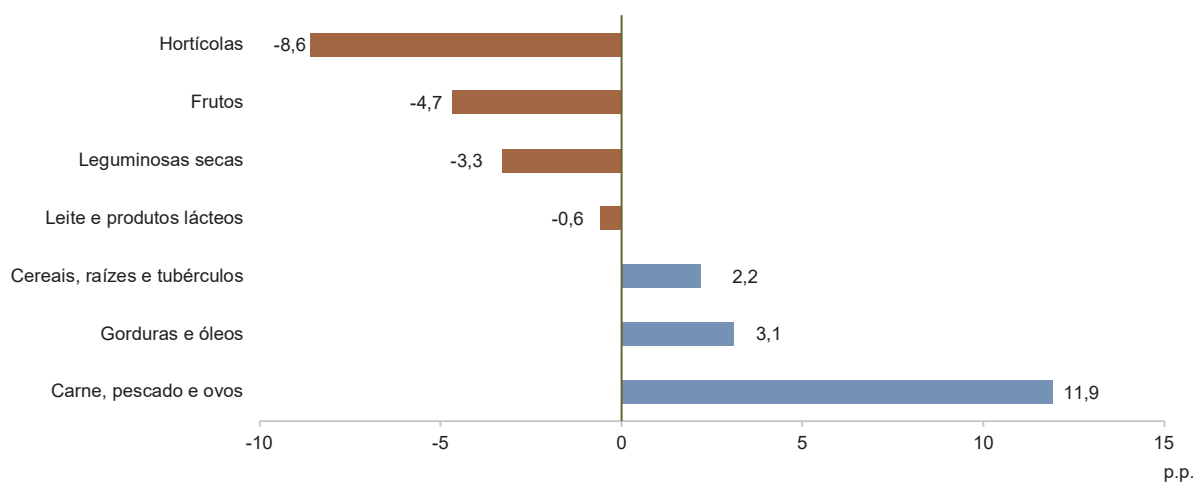
A comparação da distribuição das quantidades de produtos alimentares disponíveis diariamente para consumo *per capita* apuradas pela BAP com o padrão alimentar recomendado pela Roda dos Alimentos revela, uma vez mais, uma distorção do padrão das disponibilidades face ao recomendado.

FIGURA 8.3  
Desequilíbrio das disponibilidades dos grupos alimentares face ao recomendado (2016)



FONTE: INE I. P., Balança Alimentar Portuguesa

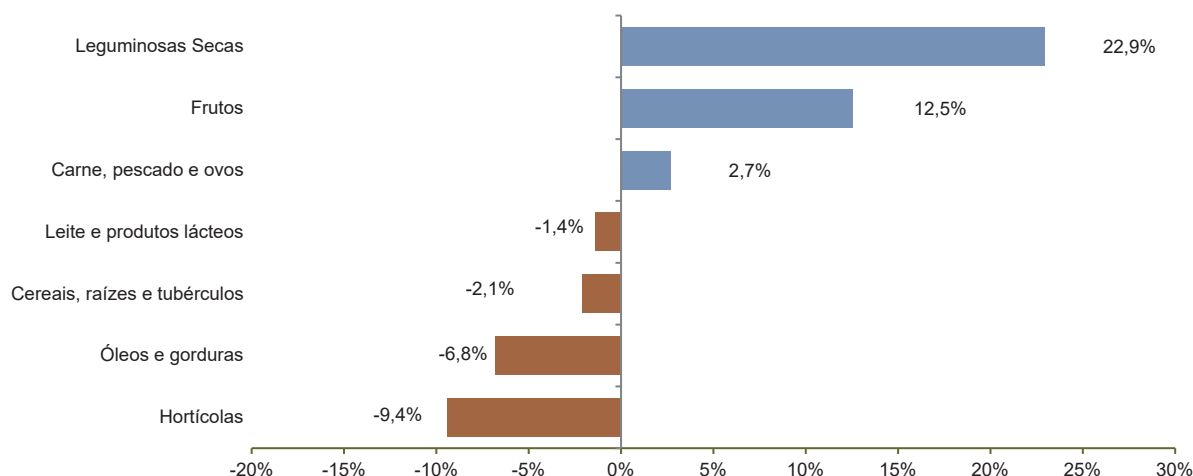
FIGURA 8.4  
Desequilíbrio das disponibilidades dos grupos alimentares face ao recomendado (2020)



FONTE: INE I. P., Balança Alimentar Portuguesa

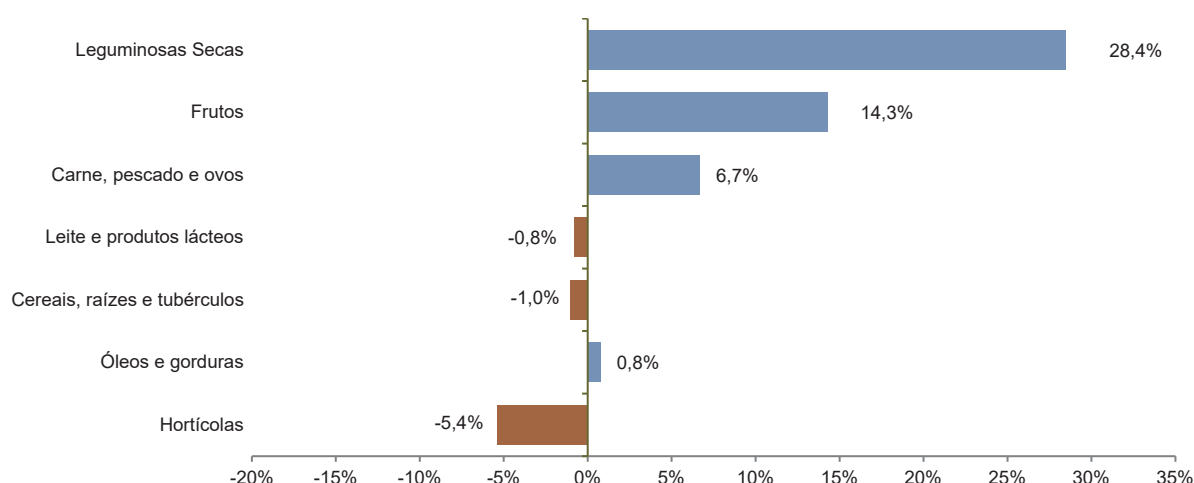
O aumento das disponibilidades para consumo dos grupos “Leguminosas secas” e “Frutos” em 2020 face a 2016, respetivamente +22,9% e +12,5%, não foi suficiente para corrigir o desequilíbrio das disponibilidades destes grupos face ao recomendado pela Roda dos Alimentos, mas no caso dos “Frutos” os desvios passaram de -6,5 p.p. em 2016 para -4,7 p.p. em 2020, o que indica uma melhoria no consumo aparente de frutos. No caso dos “Hortícolas”, verificou-se um decréscimo das disponibilidades diárias de 9,4%, o que agravou o desequilíbrio de -7,2 p.p. em 2016 para -8,8 p.p. em 2020; a variação negativa das disponibilidades de hortícolas em ano de pandemia fez com que as disponibilidades para consumo destes produtos diminuíssem.

FIGURA 8.5  
Variação das disponibilidades diárias *per capita*  
(2016/2020)



FONTE: INE I. P., Balança Alimentar Portuguesa

FIGURA 8.6  
Variação das disponibilidades diárias *per capita*  
(2016/2019)



FONTE: INE I. P., Balança Alimentar Portuguesa

No grupo “Carne, pescado e ovos”, o aumento das disponibilidades entre 2016 e 2020 (+2,7%) não permitiu reduzir os desvios face às recomendações, mantendo-se como o grupo de produtos com o maior desvio. No caso dos “Óleos e gorduras”, a redução das disponibilidades neste período (-6,8%) foi atenuada sobretudo pela variação negativa das disponibilidades para consumo destes produtos em 2020 já que entre 2016 e 2019, os “Óleos e gorduras” apresentaram uma variação positiva das disponibilidades (+0,8).

Relativamente ao grupo “Cereais, raízes e tubérculos”, cujas disponibilidades para consumo em 2016 apresentavam um desvio positivo face ao recomendado pela roda (+2,7 p.p.), mesmo com a variação negativa dessas disponibilidades no período 2016-2020 (-2,1%), mantiveram o desvio anterior (+2,2 p.p.). Realça-se que as variações das disponibilidades verificadas foram essencialmente promovidas pelas “Raízes e tubérculos”, uma vez que o consumo aparente de “Cereais” se manteve relativamente estável.

## PRINCIPAIS INDICADORES

- Capitação diária total de macronutrientes disponível para abastecimento (tabela de composição dos alimentos 2016) ( g/ hab.) por Característica macronutriente; Anual
- Capitação diária de calorias disponível para abastecimento (tabela de composição dos alimentos 2016) ( kcal/ hab.) por Tipo de produto alimentar; Anual
- Capitação diária de gorduras disponível para abastecimento (tabela de composição dos alimentos 2016) ( g/ hab.) por Tipo de produto alimentar; Anual
- Capitação diária de hidratos de carbono disponível para abastecimento (tabela de composição dos alimentos 2016) ( g/ hab.) por Tipo de bebida alcoólica; Anual
- Capitação diária de minerais disponível para abastecimento (tabela de composição dos alimentos 2016) ( mg/ hab.) por Tipo de mineral e Tipo de bebida alcoólica; Anual
- Capitação diária de vitaminas disponível para abastecimento (tabela de composição dos alimentos 2016) ( µg/ hab.) por Tipo de vitamina e Tipo de bebida alcoólica; Anual
- Capitação diária de calorias disponível para abastecimento (tabela de composição dos alimentos 2016) ( kcal/ hab.) por Tipo de bebida alcoólica; Anual
- Capitação diária de minerais disponível para abastecimento (tabela de composição dos alimentos 2016) ( mg/ hab.) por Tipo de mineral e Tipo de produto alimentar; Anual
- Capitação diária de vitaminas disponível para abastecimento (tabela de composição dos alimentos 2016) ( µg/ hab.) por Tipo de vitamina e Tipo de produto alimentar; Anual
- Capitação edível diária de bebidas não alcoólicas disponível para abastecimento (tabela de composição dos alimentos 2016) ( ml/ hab.) por Tipo de bebida não alcoólica; Anual
- Capitação diária total de calorias disponível para abastecimento (tabela de composição dos alimentos 2016) ( kcal/ hab.); Anual
- Capitação edível diária de bebidas alcoólicas disponível para abastecimento (tabela de composição dos alimentos 2016) ( ml/ hab.) por Tipo de bebida alcoólica; Anual
- Capitação diária de gorduras disponível para abastecimento (tabela de composição dos alimentos 2016) ( g/ hab.) por Tipo de produto alimentar; Anual
- Capitação diária total de macronutrientes disponível para abastecimento (tabela de composição dos alimentos 2016) ( g/ hab.) por Característica macronutriente; Anual
- Capitação diária de proteínas disponível para abastecimento (tabela de composição dos alimentos 2016) ( g/ hab.) por Tipo de bebida alcoólica; Anual
- Capitação diária total de calorias disponível para abastecimento (tabela de composição dos alimentos 2016) ( kcal/ hab.); Anual
- Capitação diária de álcool disponível para abastecimento (tabela de composição dos alimentos 2016) ( g/ hab.) por Tipo de bebida alcoólica; Anual





# 9

## PREÇOS E ÍNDICES DE PREÇOS NA AGRICULTURA

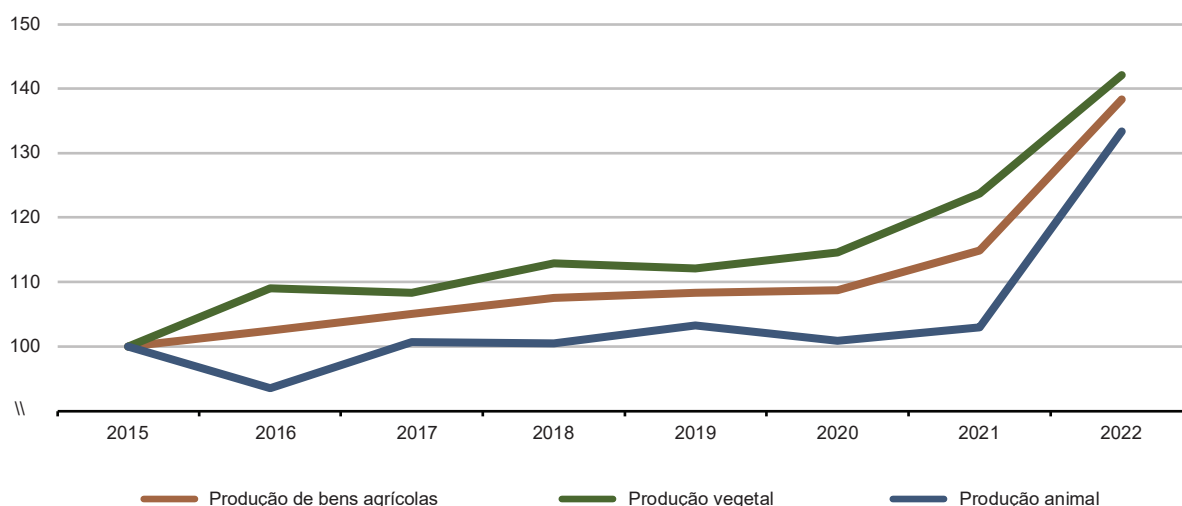


A informação relativa às estatísticas de preços na agricultura compreende os preços e os índices de preços da produção de bens agrícolas, dos bens e serviços de consumo corrente na agricultura e os índices de preços dos bens e serviços de investimento na agricultura.

Os preços na agricultura são, por definição<sup>12</sup>, os preços recebidos pelo produtor (ou os preços de aquisição pagos pelo produtor), excluindo os subsídios e incluindo os impostos, exceto o IVA dedutível.

Alguns dos principais fatores responsáveis pelas variações dos preços dos produtos agrícolas, além da sazonalidade, própria deste tipo de atividade, são as condições meteorológicas ocorridas ao longo de cada ano e os preços dos produtos praticados nos mercados internacionais.

FIGURA 9.1  
Índices de Preços no produtor de produtos agrícolas  
Base (2015 = 100)

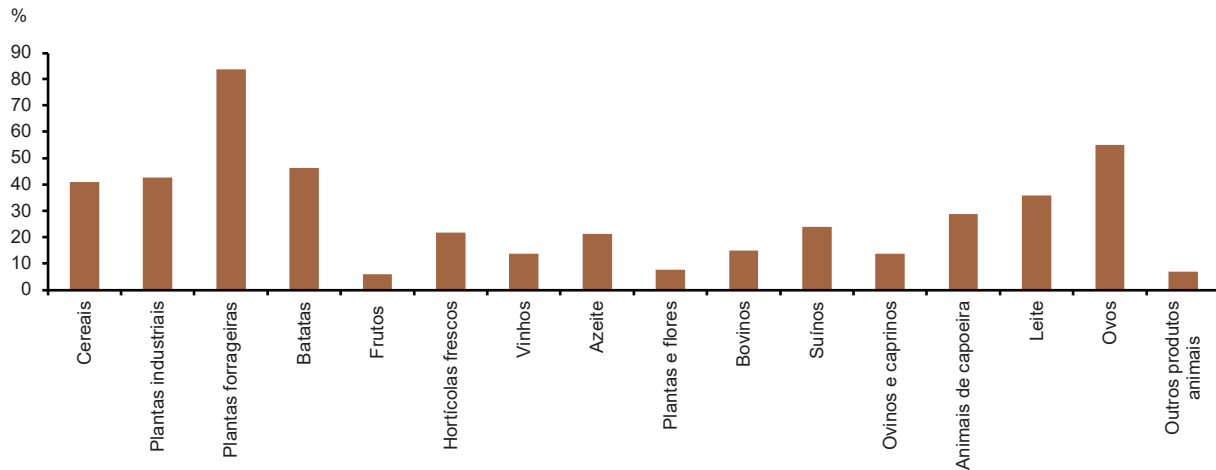


FONTE: INE, I. P., Estatísticas de Preços dos Produtos Agrícolas

No ano de 2022, em comparação com o ano anterior, foi observada uma variação de +20,5% no índice de preços de produção dos bens agrícolas. Este comportamento ficou a dever-se aos aumentos de 14,9% no índice de preços da produção vegetal e de 29,6% no índice de preços da produção animal.

<sup>12</sup> Handbook for EU Agricultural Price Statistics”, version 2.0, Eurostat, March 2008, Luxemburg.

FIGURA 9.2  
Variação 2022/2021 nos Índices de Preços no  
produtor de produtos agrícolas



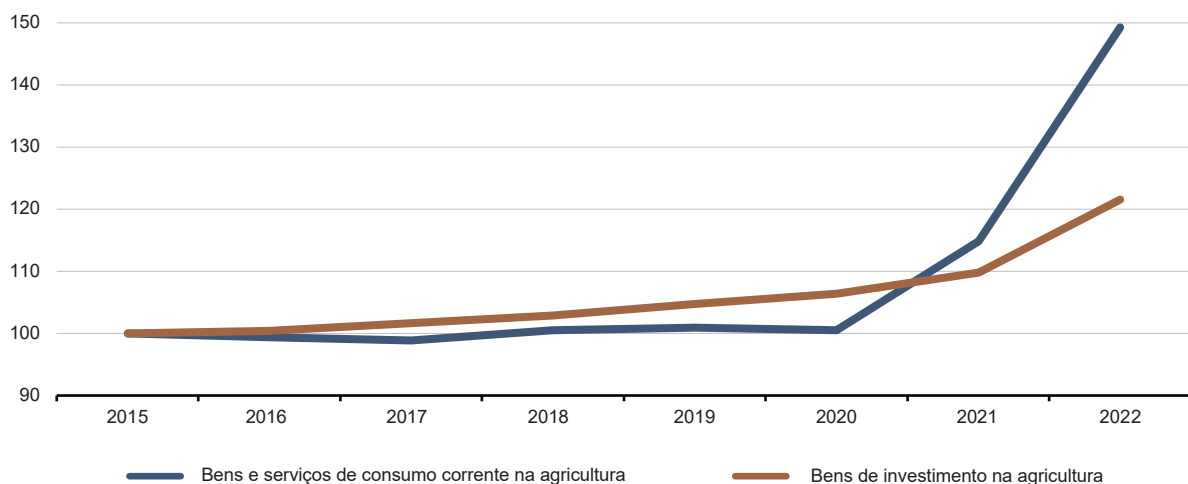
FONTE: INE, I. P., Estatísticas de Preços dos Produtos Agrícolas

Os produtos que mais contribuíram para a evolução positiva no índice de preços da produção vegetal foram as plantas forrageiras (+83,8%), a batata (+46,1%), as plantas industriais (+42,6%), os cereais (+41,0%), o leite (+35,7%), os hortícolas frescos (+21,8%) e o azeite (+21,1%).

Estes aumentos foram consequência tanto da continuação do aumento de preço dos fatores de produção como os adubos, a energia e os transportes, reflexo da situação no mercado internacional, provocada pela guerra na Ucrânia, como das situações climáticas adversas, com altas temperaturas e baixa humidade.

Para alguns produtos, como o azeite, a quebra de produção nos principais países produtores causou um aumento do preço.

FIGURA 9.3  
Índices de Preços dos meios de produção na agricultura  
Base (2015 = 100)



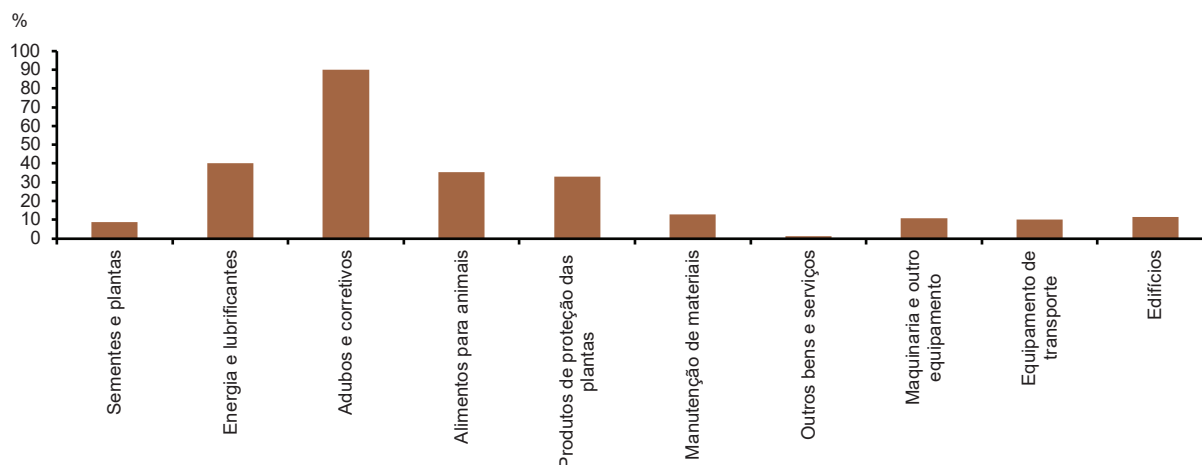
FONTE: INE, I. P., Estatísticas de Preços dos Produtos Agrícolas



No índice de preços da produção animal, os produtos que mais contribuíram para a evolução verificada foram os ovos (+54,9%), o leite (+35,7%), as aves de capoeira (+28,8%) e os suínos (+24,0%).

Na produção animal os aumentos registados nos preços dos alimentos para animais e na energia, assim como fatores de natureza sanitária que ocorreram na Europa (surto de gripe aviária, com conseqüente mortalidade dos efetivos) determinaram o crescimento dos preços no produtor.

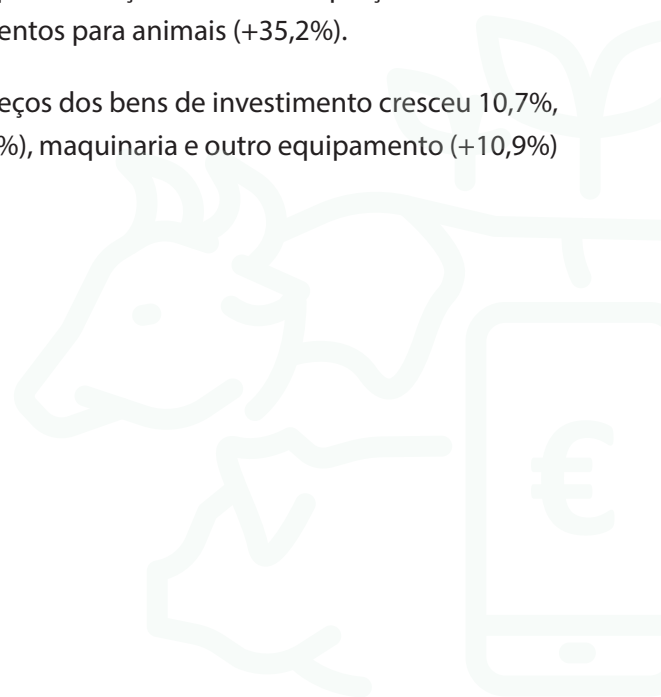
FIGURA 9.4  
Variação 2022/2021 nos Índices de Preços dos meios de produção na agricultura



FONTE: INE, I. P., Estatísticas de Preços dos Produtos Agrícolas

Em 2022, quando comparado com o ano anterior, o índice de preços dos bens e serviços de consumo corrente na agricultura teve uma variação de +30,0%, causada, principalmente, pela evolução do índice de preços dos adubos e corretivos (+89,9%), da energia e lubrificantes (+40,2%) e dos alimentos para animais (+35,2%).

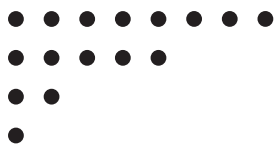
Em 2022, e também comparando com o ano anterior, o índice de preços dos bens de investimento cresceu 10,7%, devido, principalmente, às evoluções registadas nos edifícios (+11,3%), maquinaria e outro equipamento (+10,9%) e equipamento de transporte (+10,0%).





10

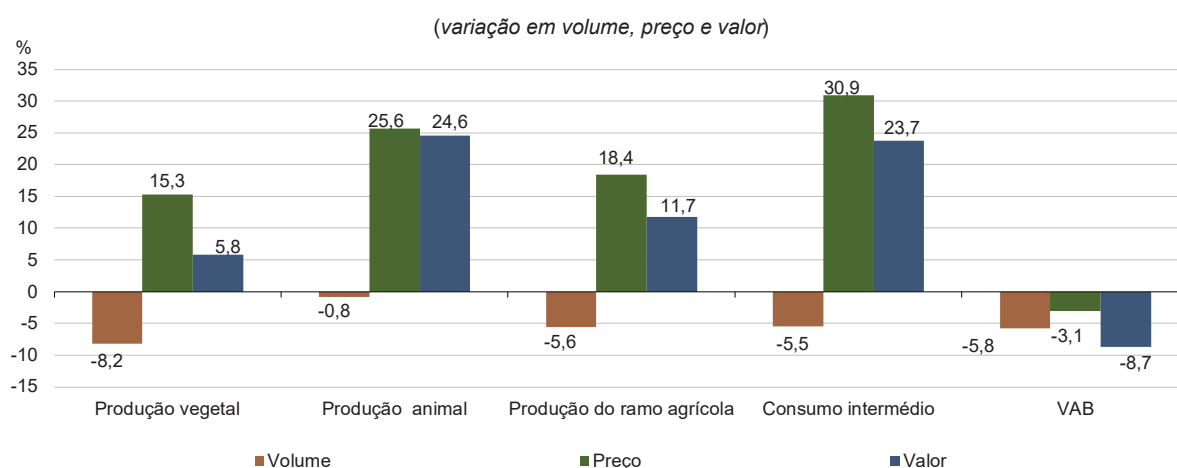
CONTAS ECONÓMICAS  
DA AGRICULTURA



De acordo com a segunda estimativa das Contas Económicas da Agricultura (CEA) para 2022, elaborada com dados disponíveis até 30 de março 2023, o Rendimento da atividade agrícola, em termos reais, por unidade de trabalho ano (UTA), registou um acentuado decréscimo (-11,7%). A redução nominal do Valor acrescentado bruto (VAB) (-8,7%) foi determinante nesta evolução, uma vez que os Outros subsídios à produção terão aumentado (+3,8%) e o Volume de mão de-obra agrícola (VMOA) diminuído (-1,6%).

A redução do VAB, em termos nominais, resultou de um aumento do Consumo Intermédio muito superior ao aumento da Produção do ramo agrícola (+23,7% e +11,7%, respetivamente). Em termos reais, observou-se um decréscimo menos acentuado do VAB (5,8%), refletindo as reduções em volume da Produção (-5,6%) e do Consumo Intermédio (-5,5%).

FIGURA 10.1  
Produção do ramo, Consumo intermédio e VAB em 2022



FONTE: INE, I. P., Contas Económicas da Agricultura; Base 2016

O acréscimo nominal da Produção vegetal (+5,8%) resulta do efeito conjugado de uma diminuição em volume (-8,2%) e de um aumento dos preços de base (+15,3%). Com exceção dos frutos e do vinho, a generalidade dos produtos vegetais registou crescimentos em valor.

A Produção Animal registou um ligeiro decréscimo em volume (-0,8%) e um acentuado aumento dos preços de base (+25,6%), resultando num acréscimo nominal de 24,6%, para o qual contribuíram, fundamentalmente, os bovinos (+16,1%), os suínos (+22,3%), os ovinos e caprinos (+8,0%), as aves (+29,8%), o leite (+28,3%) e os ovos (+64,0%).

O crescimento nominal pronunciado do Consumo Intermédio (+23,7%) resultou fundamentalmente de uma expressiva subida dos preços (+30,9%), atenuada por uma redução em volume (-5,5%). Para esta evolução foram determinantes os crescimentos em valor dos alimentos compostos para animais (+37,4%), da energia (+32,4%) e dos adubos e corretivos de solo (+37,2%).





# CONTAS ECONÓMICAS DA SILVICULTURA



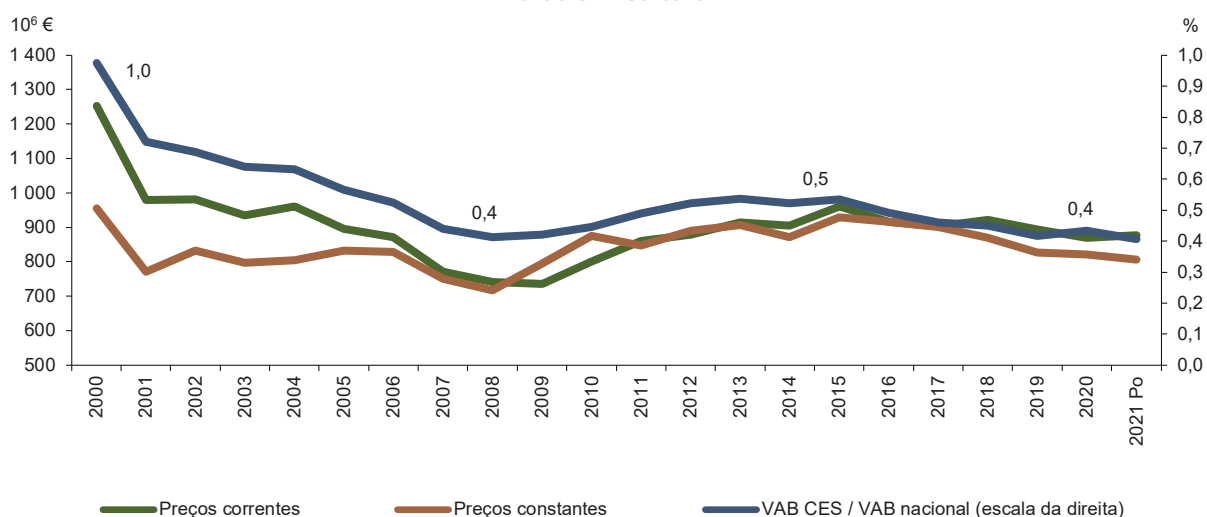
Em 2021, o VAB da silvicultura decresceu 1,8% em volume, mantendo a tendência decrescente observada desde 2015. Esta evolução em termos reais foi determinada pelo efeito conjugado de um decréscimo da Produção (-0,7%) e um acréscimo do Consumo Intermédio (+1,5%).

Em termos nominais, o VAB registou um ligeiro aumento em valor (+0,7%), o que não sucedia desde 2018. O crescimento da Produção, de 1,6%, foi atenuado pelo aumento do Consumo Intermédio (+3,3%). O peso relativo do VAB da silvicultura na economia nacional manteve-se em 0,4%.

A cortiça e os serviços silvícolas e de exploração florestal foram determinantes na evolução negativa da produção em termos reais (0,7%), com decréscimos em volume de 14,7% e 2,5%, respetivamente.

A produção de Cortiça manteve, em 2021, a tendência de decréscimo em volume registada desde 2018 (14,7%), enquanto em termos nominais a redução foi mais expressiva (17,4%). Os preços também diminuíram, em resultado da menor qualidade da cortiça (3,2%).

FIGURA 11.1  
VAB da silvicultura



FONTE: INE, I.P., Contas Económicas da Silvicultura; Base 2016

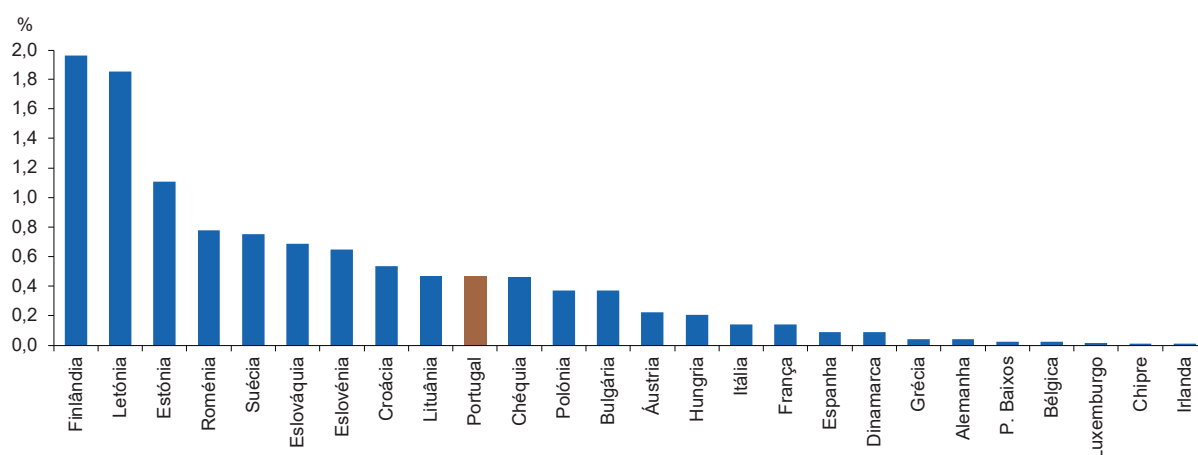
O aumento nominal da produção (+1,6%) refletiu o acréscimo da produção de madeira (+12,1%), que moderou o efeito dos decréscimos das produções de cortiça (-17,4%) e de serviços silvícolas e de exploração florestal (-1,4%).

Em 2021, os valores de produção da madeira para tritar e para serrar aumentaram 9,5% e 21,0%, respetivamente.

Em termos estruturais, verifica-se que a madeira para tritar se manteve como o produto com maior importância relativa desde o período 2005-2009, atingindo 41,4% em 2021.

Em 2020, comparativamente com os restantes Estados Membros (EM), Portugal situava-se em 10º lugar em termos de peso relativo do VAB da Silvicultura e exploração florestal no VAB nacional (0,4%).

FIGURA 11.2  
VAB da Silvicultura/VAB nacional por EM (2020)



FONTE: Eurostat, Contas Nacionais







# CONCEITOS

## produção vegetal

**ano agrícola** - o período de tempo em que se realizam as operações culturais necessárias à produção agrícola e que se inicia a 1 de novembro do ano n-1 e termina em 31 de outubro do ano n.

**exploração agrícola** - unidade técnico-económica que utiliza fatores de produção comuns, tais como: mão-de-obra, máquinas, instalações, terrenos, entre outros e que deve satisfazer obrigatoriamente as quatro condições seguintes: 1) produzir produtos agrícolas ou manter em boas agrícolas e ambientais as terras que já não são utilizadas para fins produtivos; 2) atingir ou ultrapassar uma certa dimensão (área, número de animais, etc.); 3) estar submetida a uma gestão única; 4) estar localizada num lugar determinado e identificável.

**culturas forrageiras** - culturas destinadas ao corte para dar ao gado e que são colhidas antes de completarem o seu ciclo vegetativo (maturação), de modo a serem melhor digeridas pelos animais. Podem ser consumidas pelo gado em verde, depois de conservadas como feno ou silagem ou secas ao sol ou desidratadas artificialmente.

**culturas permanentes** - culturas que ocupam a terra durante um longo período e fornecem repetidas colheitas, não entrando em rotações culturais. Não incluem os prados e pastagens permanentes. No caso das árvores de fruto só são considerados os povoamentos regulares, com densidade mínima de 100 árvores, ou de 45 no caso de oliveiras, figueiras e frutos secos.

**culturas temporárias** - culturas cujo ciclo vegetativo não excede um ano (as anuais) e também as que são ressemeadas com intervalos que não excedem cinco anos (morangos, espargos, prados temporários, etc.).

**cultura temporária principal** - cultura que proporciona maior rendimento sob o ponto de vista económico, quando na mesma parcela de terreno se fazem sucessivamente várias culturas no mesmo ano agrícola. Por convenção, sempre que exista uma associação de matas e florestas com culturas temporárias, estas últimas serão as principais; na associação culturas temporárias e permanentes as primeiras são consideradas sempre secundárias.

**pastagens permanentes** - plantas, semeadas ou espontâneas, em geral herbáceas, destinadas a serem comidas pelo gado no local em que vegetam, mas que acessoriamente podem ser cortadas em determinados períodos do ano. Não estão incluídas numa rotação e ocupam o solo por um período superior a 5 anos.

**leguminosas secas para grão** - leguminosas cultivadas para colheita do grão após maturação completa, quer se destinem à alimentação humana ou à alimentação animal.

**lagar de azeite** - estabelecimento industrial destinado à produção de azeite a partir das azeitonas.

**azeite virgem** - azeite obtido a partir do fruto da oliveira unicamente por processos mecânicos ou outros processos físicos, em condições que não altere o azeite, e que não tenha sofrido outros tratamentos além da lavagem, da decantação, da centrifugação e da filtração, com exclusão do azeite obtidos com solvente, com adjuvantes de ação química ou bioquímica ou por processos de reesterificação e qualquer mistura com óleos de outra natureza.

## produção animal

**produção indígena bruta (carnes)** - produção líquida acrescida do saldo do comércio internacional de animais vivos (exportação - importação), convertido a peso carcaça.

**produção líquida (carnes)** - produção correspondente ao abate de animais realizado dentro do território nacional e aprovado para consumo, para cujo cálculo não se entrou em linha de conta com a proveniência dos animais abatidos (produzidos internamente ou importados).

**aviário de multiplicação** - aviário que se destina à produção de ovos para incubação destinado à produção de aves de capoeira quer de rendimento (produção de ovos para consumo ou de carne) quer de multiplicação. Em determinados períodos, os ovos postos nestes aviários podem ser desviados, em quantidade variável, para consumo alimentar, por não interessar à produção do dia.

**aves do dia** - aves com menos de 72 horas e que ainda não foram alimentadas e destinadas aos aviários de produção e multiplicação.

**ovos de incubação** - ovos produzidos pelas aves de capoeira e destinados a serem incubados.

**miudezas das aves** - as vísceras das aves usadas como alimento, compreendendo a cabeça e as patas quando separadas da carcaça.

**matadouro** - estabelecimento aprovado e licenciado pelas entidades competentes para a execução de abates e preparação de carcaças das espécies (bovina, ovina, caprina, suína, equina, aves, leitões e espécies abrangidas na designação de caça de criação) destinadas ao consumo público ou destinadas à indústria.

**carne aprovada para consumo público** - carne que tenha sido inspecionada e aprovada sem qualquer limitação e que tenha sido marcada de acordo com a legislação em vigor.

**carcaça** - corpo de qualquer animal abatido após ter sido sangrado e preparado conforme a espécie.

**peso limpo de carcaça** - peso em frio do corpo do animal de abate depois de esfolado, sangrado, eviscerado e depois da ablação dos órgãos genitais externos, das extremidades dos membros ao nível do carpo e do tarso, da cabeça, da cauda, dos rins e das gorduras envolventes dos rins, assim como do úbere (ver peso limpo da carcaça de cada espécie de gado abatido).

**peso limpo da carcaça dos bovinos** - peso, a frio, do corpo do animal abatido, depois de sangrado, esfolado, eviscerado e depois da separação dos órgãos genitais externos, das extremidades dos membros ao nível do carpo e do tarso, da cabeça, da cauda, das gorduras envolventes dos rins e do úbere, bem como dos materiais de risco específicos.

**peso limpo da carcaça dos caprinos e ovinos** - peso em frio do corpo do animal abatido, depois de sangrado, esfolado, eviscerado e depois de cortada a cabeça (separada ao nível das articulações occipito-atloidea), os pés (cortados ao nível das articulações carpo-metacárpicas ou tarsometatársicas), a cauda (cortada entre a 6ª e 7ª vértebras caudais), o úbere e os órgãos genitais. Os rins e as gorduras envolventes dos rins fazem parte da carcaça.

**peso limpo da carcaça dos suínos** - peso em frio do corpo do animal abatido depois de sangrado e eviscerado e depois da separação dos órgãos genitais externos, dos rins, das gorduras envolventes rins e banha. O toucinho do lombo, a cabeça, os pés e a cauda fazem parte da carcaça.

**peso limpo da carcaça dos equídeos** - peso em frio do corpo do animal abatido depois de sangrado, esfolado e eviscerado, despojado da pele e de todos os órgãos internos com exceção dos rins e gordura envolvente, depois de desprovidos da cabeça, extremidades locomotoras e cauda.

**miudezas do gado abatido** - a carnes frescas não incluídas na carcaça, mesmo quando estando presas a esta pelas suas ligações naturais. Inclui a cabeça com ou sem língua, pulmões com a traqueia, coração, diafragma, esófago, estômago, intestinos (tripa), fígado, baço, pâncreas, epiplons, mesentério, órgãos genito-urinários, (exceto rins, verga e útero), extremidades locomotoras e cauda.

**reses ou animais de talho** - animais domésticos, destinados à alimentação humana, das espécies bovina, ovina, caprina, suína e equina, cujas carnes são vendidas sob a designação comercial, respetivamente de vaca, vitela, vitelão e novilho, de carneiro ou borrego, de cabra ou cabrito, de porco ou leitão e de cavalo.

**boi** - bovino macho castrado, que não seja considerado vitelo.

**novilha** - bovino fêmea não parida, que não seja considerado vitelo.

**novilho** - bovino macho inteiro, que não seja considerado vitelo.

**vitelão** - bovino, macho ou fêmea, com idade superior a 8 meses, mas inferior ou igual a 12 meses.

**vitela** - bovino, macho ou fêmea, com idade inferior ou igual a 8 meses.

vaca - bovino fêmea que já pariu.

vaca leiteira - bovino fêmeas que já tenha parido e cujo leite seja exclusiva ou principalmente vendido ou consumido pela família do produtor (inclui as vacas leiteiras de refugio).

outras vacas - compreende as vacas aleitantes (incluindo as de refugio) e as vacas de trabalho.

ovelha - ovino fêmea que já pariu. Inclui-se no conceito as borregas destinadas à reprodução e as ovelhas de refugio.

borrega coberta - fêmea da espécie ovina coberta pela primeira vez.

cabra - caprino fêmea que já pariu. Inclui as cabras de refugio.

chiba coberta - fêmea nova coberta pela primeira vez, da espécie caprina.

equídeos - animais domésticos da espécie "Equus", mais vulgarmente designados por cavalos. Esta designação abrange também outras espécies como o burro e a zebra e cruzamentos como a "mula" ou o "macho".

porcas reprodutoras - suínos fêmeas com um peso vivo igual ou superior a 50 kg e mais que já pariram e as não paridas, mas destinadas à reprodução (exceto as porcas de refugio).

porcos de engorda - suínos machos e fêmeas não reprodutores com peso vivo igual ou superior a 20 kg.

varrasco - suíno macho reprodutor com mais de 50 kg de peso vivo, que efetue regularmente a cobrição.

leitões - suínos machos e fêmeas com peso vivo inferior a 20 kg.

produção de leite - inclui a totalidade do leite produzido: entregas à indústria, vendas diretas e leite utilizado na exploração agrícola (destinado à alimentação animal exceto o mamado diretamente pelas crias, autoconsumido e transformado em produtos lácteos).

leite cru - leite que não tenha sido aquecido a uma temperatura superior a 40°C., nem submetido a um tratamento de efeito equivalente.

## produção florestal

matas e florestas - superfícies cobertas com árvores ou arbustos florestais, incluindo choupais, quer se trate de povoamentos puros (com uma só espécie), quer de povoamentos mistos (com espécies diversas), bem como os viveiros florestais localizados no interior das florestas e que se destinam às necessidades da exploração (com ou sem culturas sob coberto).

matas e florestas sem culturas sob coberto - superfícies cobertas com árvores ou arbustos florestais, incluindo choupais, quer se trate de povoamentos puros (com uma só espécie), quer de povoamentos mistos (com espécies diversas), bem como os viveiros florestais localizados no interior das florestas e que se destinam às necessidades da exploração.

**floresta** - terrenos dedicados à atividade florestal. Estão incluídos os povoamentos florestais, áreas aridas de povoamentos florestais, áreas a corte raso e outras áreas arborizadas.

**floresta natural** - floresta de espécies indígenas, maioritariamente “laurissilva”, regenerada naturalmente, que não está exposta a ações ou intervenções humanas e cujos processos ecológicos não estão significativamente afetados.

**povoamento florestal** - áreas ocupadas por um conjunto de árvores florestais crescendo num dado local, suficientemente homogêneas na composição específica, estrutura, idade, crescimento ou vigor, e cuja percentagem de coberto é no mínimo de 10%, que ocupa uma área no mínimo de 0,5 ha e largura não inferior a 20m.

**áreas de corte raso** - extensões de terreno com área  $\geq 5\ 000\ m^2$  e largura  $\geq 20\ m$  de uso florestal, anteriormente ocupado por floresta e que, devido ao corte de árvores, está ocupado com cepos, ou com solo temporariamente nu. Os cortes podem ser rasos, se existir um corte simultâneo de todas as árvores, ou salteados ou sucessivos quando apenas algumas árvores são cortadas.

**outras áreas florestais** - outras áreas não consideradas em povoamentos nem em corte raso. Inclui “Outras áreas arborizadas” e áreas de “floresta natural”.

**outras áreas arborizadas** - extensões de terreno com área mínima de 0,5 ha e largura  $\geq 20\ m$ , que tenham um grau de coberto entre 5 e 10% e onde se verifica a presença de espécies florestais que na maturidade atingem porte arbóreo ou em que se verifique a presença de espécies florestais comum grau de coberto  $\geq 10\%$ , mas que, devido às condições em que vegetam, não conseguem atingir os 5 m de altura na idade adulta ou ainda, as áreas onde vegetem espécies florestais de porte subarbóreo como por exemplo o medronheiro e carrasco.

**incêndio florestal** - combustão não limitada no tempo nem no espaço e que atinge uma área florestal.

**ocorrência (de incêndio florestal)** - incêndio, queimada ou falso alarme que origina a mobilização de meios dos bombeiros.

**reacendimento** - reativamento de um incêndio, depois de este ter sido considerado extinto. A fonte de calor é proveniente do incêndio inicial. O reacendimento é considerado parte integrante do incêndio principal (a primeira ignição observada não depende de qualquer outra área percorrida pelo incêndio).

**áreas aridas de povoamentos** - extensões de terreno com área  $\geq 5\ 000\ m^2$  e largura  $\geq 20\ m$  anteriormente ocupado por floresta e que, devido à passagem de incêndio, está ocupado com cepos, troncos de árvores carbonizadas ou vegetação carbonizada.

**áreas percorridas por incêndios florestais** - área com povoamentos florestais ou inculta, atingida por um incêndio.

**produção de madeira** - diz respeito ao volume sólido ou ao peso da produção total dos produtos. Inclui a produção de produtos que podem ser imediatamente consumidos na produção de outro produto (pasta de papel, que pode ser imediatamente convertida em papel como parte do processo contínuo). Exclui a produção de folheados usados para a produção de contraplacados no mesmo país. A unidade de reporte é o metro cúbico sólido sem casca (em volume) no caso da madeira serrada ou das aparas ou dos resíduos ou dos painéis de madeira e toneladas métricas no caso do carvão, pasta e produtos de papel.

**quantidade de madeira removida** - toda a madeira removida com ou sem casca. É um agregado que inclui a lenha, a madeira para serrar e folhear (toros) e para triturar (rolaria) e outras madeiras redondas industriais.

**madeira para triturar (redonda e partida)** - madeira redonda em bruto, exceto toros, para a produção de pasta, painéis de partículas ou de fibras. Esta madeira pode ser contabilizada com ou sem casca e pode estar na forma de madeira redonda ou partida.

**outra madeira redonda industrial** - madeira redonda industrial (madeira em bruto) exceto toros para serrar e folhear e/ou triturar. Inclui madeira redonda que será usada para estacas, postes, vedações, etc.

**lenha** - quantidade de madeira redonda removida para ser consumida nesse estado (para aquecimento, para cozinhar) ou para ser utilizada como matéria-prima para a obtenção de carvão.

**aparas e estilhas** - madeira que foi deliberadamente reduzida a pequenos pedaços durante a transformação de outros produtos de madeira e é apropriada para a produção de pasta de madeira, painéis de partículas e de fibras, para uso como combustível ou outro. Exclui as estilhas de madeira vindas diretamente da floresta porque já foram contabilizadas como madeira para triturar.

**madeira serrada** - madeira que foi produzida tanto com madeira redonda nacional ou importada, serrando longitudinalmente ou por um processo de quebra da madeira com uma espessura superior a 5 mm (com pequenas exceções). Inclui pranchas, travessas, vigas, tábuas, esteios, pedaços de madeira, ripas, caixotes e caixas.

**carvão vegetal** - madeira carbonizada por combustão parcial ou pela aplicação de calor a partir de fontes externas.

**contraplacado** - placa de madeira constituída pela sobreposição de três, cinco ou mais folhas de madeira, e pequena espessura, dispostas com as fibras cruzadas entre si, que se grudam e se submetem seguidamente à pressão hidráulica em prensas.

**folheados** - finas folhas de madeira de espessura uniforme, descascadas, cortadas às fatias ou serradas. Inclui madeira usada para o fabrico de material de construção laminado, mobília, contentores, etc.

**cortiça virgem** - cortiça proveniente de partes de árvores nas quais é a primeira vez que se extrai cortiça.

**cortiça secundária** - cortiça proveniente de partes de árvores nas quais é a segunda vez que se extrai cortiça.

**cortiça de reprodução** - cortiça proveniente de partes de árvores nas quais é a segunda vez ou seguintes que se extrai cortiça (inclui a cortiça amadia, secundária, bocados de amadia e refugo cru).

**cortiça amadia** - cortiça proveniente de partes de árvores nas quais é a terceira vez ou seguintes que se extrai cortiça.

**gema (resina)** - é um produto de secreção própria das resinosas, que serve para proteger e conservar estas árvores. O pinheiro bravo é a espécie em que normalmente, entre nós, se pratica a resinagem.

**pasta de papel** - material fibroso preparado de rolaria para triturar, resíduos de madeira, partículas ou resíduos por processo mecânico e/ou químico para produção de papel, cartão, painel de fibras ou outros processos celulósicos. A unidade de reporte é a tonelada métrica em peso seco ao ar, isto é com 10% de humidade (90% sdt).

**pastas químicas ao sulfato (ou kraft)** - pasta produzida pelo cozimento de estilhas de madeira num recipiente pressurizado na presença de um licor de hidróxido de sódio (soda). Esta pasta pode ser branqueada ou crua.

Os usos finais são muito numerosos, sendo a pasta branqueada utilizada em particular para papéis de usos gráficos, tissues e cartolinas. A pasta crua é utilizada geralmente para liner, para cartão canelado, papéis de embrulho, papéis para embalagem (sacos), envelopes e outros papéis especiais não branqueados.

**pastas químicas ao sulfito** - pasta produzida pelo cozimento de estilhas de madeira num recipiente pressurizado na presença de licor de bissulfito. Os usos finais incluem papel de jornal, papéis de escrita, tissues e papéis de uso doméstico e sanitário. Esta pasta pode ser branqueada ou crua.

**painel de fibras** - painel produzido a partir de fibras de madeira ou outros materiais lenhoso-celulósicos. Inclui painéis de fibras que são pressionados para ser lisos e produtos de painéis de fibras moldados. Subdivide-se em painel de fibras duras (densidade > 0,8 g/cm) e MDF (painel de fibras de média densidade -  $0,5 < \text{densidade} \leq 0,8 \text{ g/cm}^3$ ).

**painel de partículas** - painel produzido a partir de pequenos pedaços de madeira ou outros materiais lenhoso-celulósicos juntos por um aglutinante orgânico com um ou mais agentes (calor, pressão, humidade, etc.).

**papéis para embalagem** - inclui materiais para caixa, papéis para embalagem, outros papéis e cartões principalmente para embalagem e outros papéis e cartões (para fins industriais e especiais).

**papéis para usos domésticos e sanitários** - incluem uma larga gama de tissues e outros papéis para a higiene utilizados em casas de habitação ou instalações comerciais e industriais.

**papéis para usos gráficos** - inclui papel de jornal, papéis não revestidos de pasta mecânica, papéis não revestidos de pasta química e papéis revestidos.

## agricultura e ambiente

**limite máximo de resíduos (LMR)** - concentração máxima autorizada do resíduo de um pesticida no interior e à superfície de géneros alimentícios ou de alimentos para animais.

**produtos fitofarmacêuticos** - substâncias que se destinam a proteger os vegetais ou os produtos vegetais contra todos os organismos prejudiciais ou a impedir a sua ação. Ex: acaricidas, inseticidas, fungicidas, herbicidas, etc.

**fumigante de solo** - líquido volátil para combate de fungos, bactérias, insetos, nemátodos ou infestantes do solo.

**fungicida** - substância ou preparado que destrói os fungos ou impede o seu desenvolvimento.

**herbicidas** - produtos químicos, que, pela sua variedade e poder seletivo, atuam nas ervas daninhas procurando não prejudicar o normal desenvolvimento das culturas.

**inseticidas e acaricidas** - substâncias ou preparados usados para controlar e combater insetos e ácaros.

**nematocida** - substância ou preparado usado para combater nemátodos.

**óleo mineral** - hidrocarboneto usado para combater insetos, ácaros e infestantes ou como adjuvante.

**fertilizante** - substâncias utilizadas (adubos e/ou corretivos) com o objetivo de direta ou indiretamente melhorar a nutrição das plantas.



**adubos** - fertilizantes que pela sua natureza e pelo teor em um ou vários nutrientes se destinam a melhorar as produções agrícolas, por rapidamente disponibilizarem os nutrientes para as plantas.

## indústrias alimentares, das bebidas e do tabaco

**transformação industrial** - quantidades de produtos utilizados na fabricação de um produto derivado alimentar, para o qual existe um balanço específico.

**utilização industrial** - emprego que inclui as quantidades de produtos utilizados pela indústria para fabricação de outros não destinados à alimentação humana ou animal, nomeadamente os consumidos pela indústria dos químicos, da cerveja, do álcool, etc.

**alimentação animal** - quantidades de produtos utilizados na alimentação animal direta e/ou consumidos na fabricação de alimentos para animais (rações).

**leite para consumo** - leite destinado ao consumo humano, cru ou submetido a um tratamento pelo calor (pasteurizado, esterilizado e UHT).

**leite gordo ou inteiro** - leite submetido, numa empresa de tratamento de leite, pelo menos a um tratamento pelo calor ou a um tratamento de efeito equivalente autorizado, e cujo teor natural de matérias gordas seja igual ou superior a 3,5% ou cujo teor de matérias gordas tenha sido regulado a 3,5% no mínimo.

**leite meio gordo (ou parcialmente desnatado)** - leite submetido, numa empresa de tratamento de leite, pelo menos a um tratamento pelo calor ou a um tratamento de efeito equivalente autorizado, e cujo teor de matérias gordas tenha sido regulado a um valor que vai de 1,5% no mínimo a 1,8% no máximo.

**leite magro (ou desnatado)** - leite submetido, numa empresa de tratamento de leite, pelo menos a um tratamento pelo calor ou a um tratamento de efeito equivalente autorizado, e cujo teor de matérias gordas tenha sido regulado a um valor que vai até 0,3%, no máximo.

**leite fermentado (ou acidificado)** - leite caracterizado por ser um produto acidificado pelo ácido láctico e por escassas quantidades de outros compostos orgânicos, igualmente ácidos, produzidos por bactérias típicas; como consequência deste processo acidificação as proteínas do leite coagulam e precipitam-se dissociando-se posteriormente em aminoácidos. As bactérias lácteas fermentam uma parte da lactose do leite produzindo ácido, bem como outros açúcares.

**leites em pó** - produto pulverulento, obtido diretamente, por eliminação da água do leite, do leite parcialmente desnatado, do leite magro ou de uma mistura destes com ou sem nata e cujo teor de humidade seja inferior ou igual a 5%, em massa, do produto final.

**nata** - produto obtido do leite através da concentração da sua matéria gorda e que apresenta um teor de matéria gorda superior a 10% do peso do produto.

**soro de leite** - subproduto do fabrico do queijo ou da caseína através da ação dos ácidos, do coalho e/ou de processos físico-químicos.



**bebidas à base de leite** - produtos líquidos que contenham, pelo menos 50% de produtos lácteos, incluindo os produtos à base de soro de leite. Inclui o leite vitaminado, os leites achocolatados, o leite com aditivos ou aromatizado, etc..

**queijo** - produto fresco ou curado, de consistência variável, obtido por coagulação e dessoramento do leite ou do leite (total ou parcialmente desnatado, mesmo que reconstituído), assim como da nata, do leite com aditivos e a mistura de alguns ou de todos estes produtos, (incluindo lactosoro), sem ou com adição de outros géneros alimentícios.

**queijo fundido** - produto obtido a partir de um ou vários tipos de queijo, submetidos a fusão emulsionante, sem ou com adição de outros géneros alimentícios, podendo ou não ser esterilizado. Inclui as preparações à base de queijo fundido.

**manteiga** - produto butiroso obtido exclusivamente do leite de vaca ou da sua nata, com ou sem adição de sal e/ou culturas lácteas, apresentando-se sob a forma de uma emulsão sólida e maleável, com teor de matéria gorda igual ou superior a 80 % e inferior a 90%, com teor de humidade máximo de 16% e de matéria seca desengordurada de 2%. Inclui a manteiga com ervas, especiarias ou aromas.

**leitelho** - subproduto do fabrico da manteiga, obtido após batida ou butirização em contínuo da nata e separação da fração gorda sólida, que embora possa ser utilizado na alimentação humana, é quase sempre utilizado na alimentação de suínos ou de vitelos.

**óleo** - gordura líquida extraída de substâncias animais, minerais e ou vegetais de numerosas espécies usadas como alimento, matéria-prima industrial, combustível, lubrificante, etc..

**vinho (sem certificação)** - vinhos destinados ao consumo humano que não se enquadra nas outras designações existentes, cumprindo com as disposições nacionais e comunitárias em vigor.

**vinho com denominação de origem protegida (DOP)** - designação comunitária adotada para designar os vinhos com Denominação de Origem aos quais é conferida proteção nos termos estabelecidos na regulamentação e que integram um registo comunitário único.

**vinho com indicação geográfica protegida (IGP)** - Designação comunitária adotada para designar os vinhos com Indicação Geográfica aos quais é conferida proteção nos termos estabelecidos na regulamentação e que integram um registo comunitário único.

**vinho com indicação de casta** - vinho sem indicação geográfica, que mediante o cumprimento de determinados requisitos pode utilizar na rotulagem o ano de colheita e/ou as castas utilizadas na sua elaboração.

## balanço de aprovisionamento

**balanço de aprovisionamento** - síntese de informação estatística, através da qual se quantificam, para um dado produto ou agrupamento de produtos alimentares, todos os fluxos ocorridos ao nível da exploração agrícola nacional e/ou ao nível do mercado. Equivale ao estabelecimento de um equilíbrio recursos/emprego em dados físicos.

**grau de autoaprovisionamento** - coeficiente, traduzido em percentagem, dado pela razão entre a produção interna (exclusivamente obtida a partir de matérias primas nacionais) e a utilização interna total; mede, para um dado produto o grau de dependência de um território, relativamente ao exterior (necessidade de importação) ou a sua capacidade de exportação.

## balança alimentar

**capitação** - consumo médio expresso em quilogramas ou litros/habitante, durante o período de referência, tomando para base do seu cálculo a população residente no território a meio ou no fim do ano, consoante o período de referência observado.

**capitação edível** - valor que se obtém por aplicação de um coeficiente percentual (parte edível de um produto), variável consoante o produto alimentar ou bebida, sobre a capitação bruta que é definido segundo a Tabela de Composição de Alimentos Portugueses.

**consumo humano** - emprego que corresponde às quantidades de produtos consumidos pela população residente, quer sob a forma de produto primário, consumido nesse estado, quer sob a forma de produto industrializado, convertido a primário, durante o período de referência.

## preços na agricultura

**preço de aquisição de meios de produção** - Preço pago pelo agricultor (correspondente à última fase de comercialização), na aquisição de meios de produção, excluindo subsídios e descontos, e incluindo impostos, exceto o IVA dedutível.

**preço no produtor** - preço de compra ao agricultor/ produtor ou preço de primeira venda pelo agricultor/ produtor, à saída da exploração agrícola/unidade produtiva, excluindo subsídios ao produto e incluindo prémios de qualidade (sempre que existam) e impostos, exceto o IVA dedutível.

## contas nacionais e regionais

**ramo de atividade** - um ramo de atividade agrupa as unidades de atividade económica ao nível local que exercem uma atividade económica idêntica ou similar. Ao nível mais pormenorizado de classificação, um ramo de atividade compreende o conjunto das UAE locais inseridas numa mesma classe (4 dígitos) da NACE Rev.1 e que exercem, por conseguinte, a mesma atividade, tal como definida na NACE Rev.1.

**contas económicas da silvicultura** - representam um quadro sistemático, harmonizado e o mais completo possível da atividade silvícola, de modo a permitir a elaboração de rubricas e de indicadores, num sistema coerente e harmonizado de contas. Disponibilizam, com periodicidade anual, informação a nível nacional sobre o comportamento dos agregados macroeconómicos fundamentais na área da silvicultura.

**produção do ramo silvícola** - conjunto de todos os empregos da produção provenientes das explorações silvícolas (silvicultura, exploração florestal e atividades de serviços relacionados), incluindo os intraconsumos.

**contas económicas da agricultura** - representam um quadro sistemático, harmonizado e o mais completo possível da atividade agrícola, de modo a permitir a elaboração de rubricas e de indicadores, num sistema coerente e harmonizado de contas. Disponibilizam, com periodicidade anual, informação a nível nacional sobre o comportamento dos agregados macroeconómicos fundamentais na área da agricultura.

**produção do ramo agrícola** - conjunto de todos os empregos da produção provenientes das explorações agrícolas (produção vegetal, produção animal, serviços agrícolas e atividades secundárias), incluindo os intraconsumos.

**produção utilizável** - quantidade disponível para a eventual utilização dentro e fora da agricultura, resultante do processo de produção e durante o período de referência, após a dedução das perdas de colheita e de transporte do campo para a exploração agrícola e das destruições efetuadas no próprio campo.

**vendas (saídas da agricultura)** - emprego que compreende os quantitativos de produtos escoados para o mercado pelos produtores agrícolas ou outros, com exclusão das quantidades usadas em autoconsumo, os intraconsumos, as variações de existências e as perdas na exploração.

**intraconsumo** - conjunto de produtos agrícolas com origem na própria agricultura e aí utilizados como meios de produção (ex.: sementes e plantas, alimentos para animais, ovos para incubação, etc.).

**variação de existências** - diferença entre o valor existente de bens adquiridos ou produzidos pela unidade estatística de produção no fim e no início do período de referência, considerando a sua regularização.

**excedente líquido de exploração ou rendimento misto** - saldo contabilístico que corresponde ao rendimento que as unidades geram pela utilização dos seus ativos de produção. É obtido retirando ao rendimento de fatores as remunerações dos assalariados. O excedente líquido de exploração avalia o rendimento da terra, do capital e do trabalho não assalariado. É o saldo da conta de exploração, que indica a distribuição do rendimento entre os fatores de produção e o setor das administrações públicas.

**consumo aparente** - total de recursos disponíveis para serem utilizados no mercado interno (inclui eventuais perdas e stocks).

**consumo de capital fixo** - o consumo de capital fixo representa a depreciação verificada, no decurso do período considerado, pelo capital fixo em resultado da utilização normal e da obsolescência previsível, incluindo uma provisão para perdas de bens de capital fixo na sequência de prejuízo acidentais seguráveis.

**consumo intermédio** - o consumo intermédio consiste no valor dos bens e serviços consumidos como elementos de um processo de produção, excluindo os ativos fixos, cujo consumo é registado como consumo de capital fixo. Os bens e serviços podem ser transformados ou utilizados no processo produtivo.

**formação bruta de capital fixo** - a formação bruta de capital fixo engloba as aquisições líquidas de cessões, efetuadas por produtores residentes, de ativos fixos durante um determinado período e determinadas mais valias dos ativos não produzidos obtidas através da atividade produtiva de unidades produtivas ou institucionais. Os ativos fixos são ativos corpóreos ou incorpóreos resultantes de processos de produção, que são por sua vez utilizados, de forma repetida ou continuada, em processos de produção por um período superior a um ano.

**indicador A** - a variação anual do Rendimento da Atividade Agrícola corresponde ao “Indicador A” (Variação anual, em %, do Rendimento dos fatores, deflacionado, por Volume de mão-de-obra agrícola total). Foi determinado com base em informação disponível até 31 de janeiro de 2019.

$$\text{Indicador A} = \frac{[(\text{Rendimento de Fatores ano n}/\text{deflador do PIB})/\text{VMOA ano n}]}{(\text{Rendimento de Fatores ano n-1}/\text{VMOA ano n-1})} = \frac{[(2922,65/101,38 \times 100)/244,72]}{(2868,42/243,90)} \times 100 - 100 = +0,2\%$$

**juros** - nos termos do instrumento financeiro acordado entre um mutuante e um mutuário, os juros são o montante a pagar pelo segundo ao primeiro ao longo de um determinado período de tempo sem reduzir o montante do capital em dívida.

**outros impostos sobre a produção** - são todos os impostos em que as empresas incorrem pelo facto de se dedicarem à produção, independentemente da quantidade ou do valor dos bens e serviços produzidos ou vendidos. Podem ser devidos por terrenos, ativos fixos ou mão-de-obra empregada no processo de produção ou em certas atividades ou operações.

**outros subsídios à produção** - os “outros subsídios à produção” recebidos por unidades produtivas residentes em consequência da sua atividade produtiva são subsídios não ligados à quantidade ou ao valor dos bens e serviços produzidos ou vendidos.

**remuneração dos assalariados** - as remunerações dos assalariados definem-se como o total das remunerações, em dinheiro ou em espécie, a pagar pelos empregadores aos assalariados como retribuição pelo trabalho prestado por estes últimos no período de referência.

**rendimento dos fatores** - indicador económico que permite medir a remuneração de todos os fatores de produção que deram origem à Produção do Ramo. Esta variável é calculada subtraindo ao valor acrescentado líquido a preços de base, os outros impostos sobre a produção e somando os outros subsídios à produção.

**rendimento empresarial líquido da agricultura** - saldo contabilístico obtido adicionando ao excedente líquido de exploração os juros recebidos pelas unidades agrícolas constituídas em sociedade e deduzindo as rendas (isto é, rendas de terrenos e parcerias) e os juros pagos. Mede a remuneração do trabalho não assalariado, das terras pertencentes às unidades e do capital. É semelhante ao conceito, usado na contabilidade das empresas, de lucro corrente antes da distribuição e dos impostos sobre o rendimento. Embora o rendimento empresarial líquido não seja habitualmente calculado para os ramos de atividade, é geralmente possível calculá-lo para o ramo agrícola, pois pode se determinar a parte dos juros e das rendas ligada exclusivamente à atividade agrícola (e às atividades secundárias não agrícolas).

**transferências de capital** - são transferências, em dinheiro ou em espécie, efetuadas pelas administrações públicas ou pelo resto do mundo a unidades de produção, para lhes permitir financiar, na totalidade ou em parte, o custo de aquisição de ativos fixos ou indemnizar os proprietários de bens de capital que tenham sido destruídos por atos de guerra, catástrofes naturais ou perdas excepcionais devidas a causas externas à unidade de produção.

**unidade de trabalho ano (UTA)** - unidade de medida equivalente ao trabalho de uma pessoa a tempo completo realizado num ano medido em horas (1 UTA = 240 dias de trabalho a 8 horas por dia).

**valor acrescentado líquido** - valor acrescentado bruto deduzido do consumo de capital fixo (de bens de equipamento, edifícios, construções e plantações agrícolas).

**valor acrescentado bruto (VAB)** - corresponde ao saldo da conta de produção, a qual inclui em recursos, a produção, e em empregos, o consumo intermédio, antes da dedução do consumo de capital fixo. Tem significado económico tanto para os setores institucionais como para os ramos de atividade. O VAB é avaliado a preços de base, ou seja, não inclui os impostos líquidos de subsídios sobre os produtos.

**volume de mão-de-obra-agrícola (VMOA)** - equivale ao trabalho efetivamente aplicado na produção de produtos agrícolas e das atividades não agrícolas não separáveis das unidades agrícolas que compõem o Ramo. Por definição, pode ser dividido em Assalariado e Não Assalariado e é expresso em unidades trabalho ano (UTA). A UTA corresponde à prestação, medida em tempo de trabalho, de uma pessoa que efetua, a tempo inteiro e durante todo o ano, atividades agrícolas numa unidade agrícola.

# PESOS E MEDIDAS

Produtos	Unidade	Equivalência
		kg
<b>Animais de açougue</b>		
- Vitelos	unidade	(a) 154,4
- Novilhos	»	(a) 293,8
- Bois	»	(a) 337,1
- Vacas	»	(a) 263,3
- Novilhas	»	(a) 215,6
- Caprinos	»	(a) 6,1
- Equídeos	»	(a) 163,1
- Ovinos	»	(a) 10,5
- Suínos	»	(a) 64,5
<b>Animais de capoeira</b>		
- Coelhos	unidade	(a) 1,2
- Frangos	»	(a) 1,4
- Galinhas	»	(a) 2,0
- Patos	»	(a) 2,7
- Perus	»	(a) 10,3
- Pombos	»	(a) 0,2
<b>Diversos</b>		
- Azeite	hectolitro	91,66
- Azeitonas	»	65,00
- Ovos	milhar	62,00
- Vinho	hectolitro	100,00
<b>Leite inteiro de:</b>		
- Cabra	litro	1,035
- Ovelha	»	1,038
- Vaca	»	1,031
<b>Madeiras</b>		
- Azinho	m <sup>3</sup>	1.070,00
- Castanho	»	580,00
- Choupo	»	470,20
- Criptoméria	»	270,00
- Eucalipto	»	800,00
- Faia	»	720,00
- Nogueira	»	680,00
- Pinheiro bravo	»	530,00
- Pinheiro manso	»	580,00
- Sobreiro	»	803,00
<b>Caça</b>		
- Coelhos	unidade	(b) 0,800
»	»	(a) 0,560
- Lebres	»	(b) 1,600
»	»	(a) 1,120
- Perdizes	»	(b) 0,400
»	»	(a) 0,340

(a) Peso limpo (b) Peso sem tripas

# FATORES DE CONVERSÃO

Produtos	Unidade	Equivalência aproximada
<b>Animais de açougue</b>		
- Bovinos	- 1 kg de peso vivo	- 0,59 kg de peso limpo
- Caprinos	- 1 kg » »	- 0,40 kg de » »
- Equídeos	- 1 kg » »	- 0,55 kg de » »
- Ovinos	- 1 kg » »	- 0,40 kg de » »
- Suínos	- 1 kg » »	- 0,75 kg de » »
<b>Animais de capoeira</b>		
- Coelhos	- 1 kg de peso vivo	- 0,60 kg de peso limpo
- Galináceos	- 1 kg » »	- 0,75 kg de » »
- Patos	- 1 kg » »	- 0,70 kg de » »
- Perus	- 1 kg » »	- 0,75 kg de » »
<b>Caça</b>		
- Coelhos	- 1 kg de peso vivo	- 0,60 kg de peso limpo
- Lebres	- 1 kg » »	- 0,60 kg de » »
- Perdizes	- 1 kg » »	- 0,80 kg de » »
<b>Cereais</b>		
- Arroz	- 1 kg de arroz em casca	- 0,70 kg de arroz descascado
- Centeio	- 1 kg em grão	- 0,76 kg de farinha
- Cevada	- 1 kg »	- 0,66 kg de »
- Milho	- 1 kg »	- 0,91 kg de »
- Trigo	- 1 kg »	- 0,80 kg de »
<b>Frutas secas</b>		
- Amêndoa	- 1 kg de amêndoa em casca	- 0,225 kg de amêndoa descascada
- Amendoim	- 1 kg » amendoim em casca	- 0,73 kg » amendoim descascado
- Avelã	- 1 kg » avelã em casca	- 0,73 kg » avelã descascada
- Noz	- 1 kg » noz em casca	- 0,73 kg » noz descascada
<b>Laticínios</b>		
- Leite	- 1 l de leite de vaca	- 0,12 kg de leite em pó
- »	- 1 l » » » » desnatado	- 0,08 a 0,09 kg de leite em pó
- »	- 1 l » » » » »	- 0,36 kg de leite condensado a 65%
- »	- 1 l » » » » »	- 0,04 kg de manteiga
- »	- 1 l » » » » »	- 0,08 kg de queijo curado de vaca
- »	- 1 l » » » ovelha	- 0,14 a 0,17 kg de queijo curado de ovelha
- »	- 1 l » » » cabra	- 0,12 kg de queijo curado de cabra
<b>Diversos</b>		
- Azeite	- 1 l de azeite virgem	- (100 - $\frac{2n+2}{100}$ ) de azeite refinado 100 (n - grau de acidez)
- Azeitonas	- 1 kg de azeitona	- 0,16 l de azeite
- Cana sacarina	- 1 kg » cana sacarina	- 0,07 kg de açúcar
- Chá	- 1 kg » folhas verdes	- 0,24 kg de chá
- Cortiça	- 1 kg » cortiça	- 0,60 kg de granulado
- »	- 1 kg » »	- 0,36 kg de aglomerados de isolamento
- »	- 1 kg » »	- 0,80 kg de aglom. de revest. e compostos
- Tabaco	- 1 kg » tabaco verde (planta)	- 0,56 kg » tabaco verde (folha)
- »	- 1 kg » » » (folha)	- 0,10 kg » » seco

## OUTRA INFORMAÇÃO DISPONÍVEL

- Preços e índices de preços mensais no produtor de alguns produtos agrícolas (output);
- Preços e índices de preços mensais dos meios de produção na agricultura (input);
- Produção de azeite segundo o tipo de lagar e sistema de extração;
- Produção de pintos do dia;
- Reses abatidas e aprovadas para consumo, segundo as espécies, por meses.



[www.ine.pt](http://www.ine.pt)

ISBN 978-989-25-0647-0

Ano de edição 2023



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA  
STATISTICS PORTUGAL